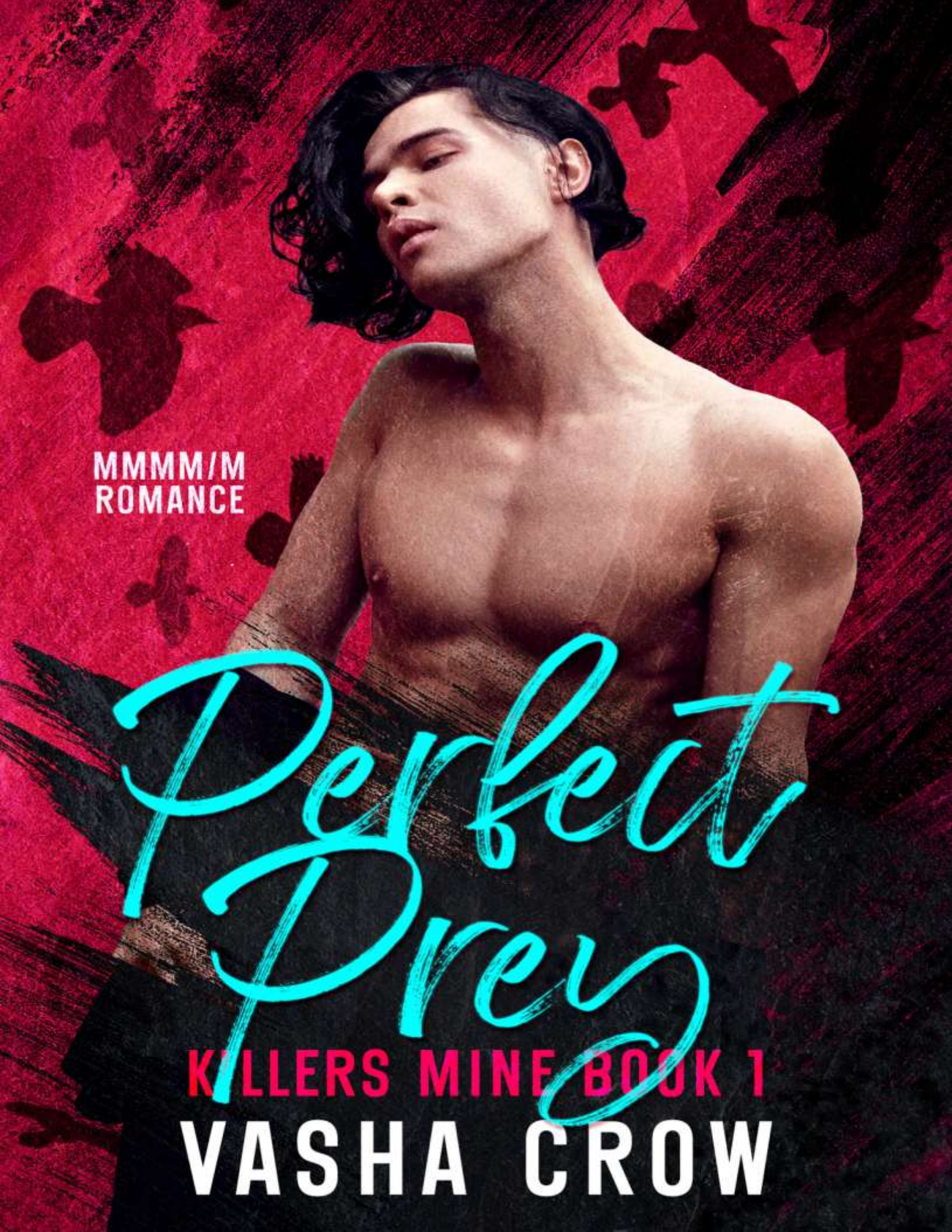

MMMM/M
ROMANCE
Perfect Prey
KILLERS MINE BOOK 1
VASHA CROW

Alquimista Dos Livros

# Killers MINE

VASHA CROW

## Perfect Prey

**Eles têm duas coisas em comum: assassinato e *eu.***

Darius. O profissional.

Bishop. O vigilante.

James. O sobrevivente.

Holden. O psicopata.

Então há Kit. A casca vazia. O pássaro quebrado.

Kit não sabe por que esses quatro assassinos o querem. Por que eles estão obcecados por ele. Mas a partir do momento em que ele entra na cena do crime, não há como escapar dos desejos deles – ou dos dele.

**Perfect Prey é um romance de harém MMMM/M. É o primeiro livro de Killers Mine, uma série contínua sobre Kit e seus novos namorados assassinos. Espere encontros de assassinos, dispositivos de rastreamento e escolhas de moda questionáveis.**

**Killers Mine também é publicado em série no Kindle Vella. Perfect Prey cobre a primeira temporada completa.**

Darius

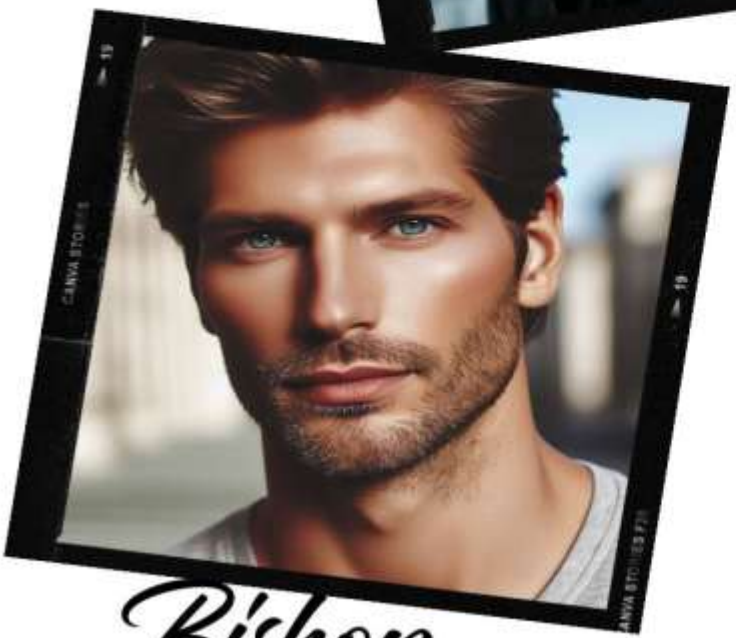


James Zhou

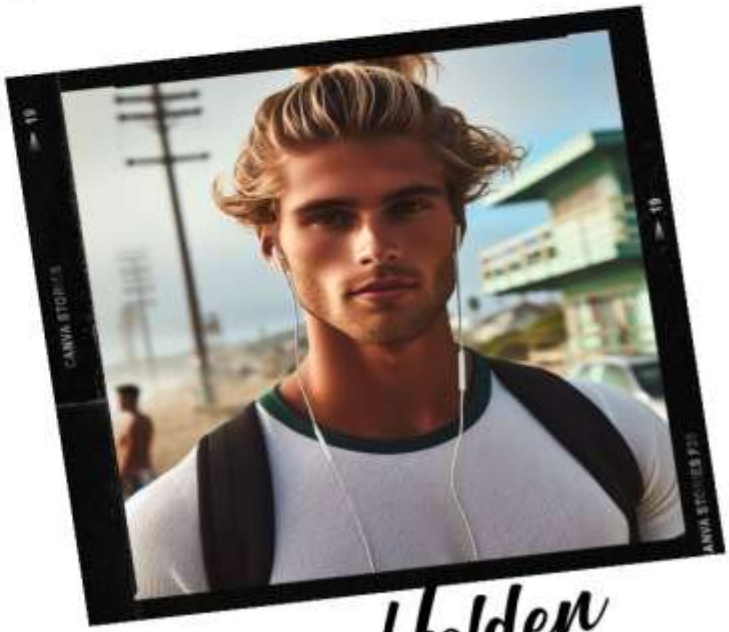




Kit



Bishop



Holden

# NOTAS DE CONTEÚDO

Este livro não é uma história realista ou instrutiva. Haverá humor, irreverência, más decisões e más soluções em relação a temas pesados. Esses caras deveriam estar em terapia. Ou prisão. Eles não irão para terapia ou prisão.

Nenhum dos personagens pretende ser uma representação ampla de doenças mentais do mundo real. São personagens fictícios com traços individuais e fictícios.

Este livro inclui ou faz referência a: sequestro, abuso, álcool e outras drogas recreativas, crimes contra crianças, armas de fogo, assassinato, abuso de autoridade policial, violência, automutilação e suicídio.

Embora existam referências a agressão sexual, inclusive de menores, não há agressão sexual nas páginas. Também não há agressão sexual entre Kit e seus interesses românticos.

# AVISO

- ✓ Prestigie o autor comprando a obra original ou deixando resenhas positivas nos locais apropriados para tal.
- ✓ O Alquimista dos Livros ressalta que; a tradução desta obra é feita de forma amadora, sem fins lucrativos com o mero intuito de entretenimento, sendo está sujeita a erros, como em qualquer outro GT. Enfim, não somos uma editora e não temos os meios ou equipe necessária para garantir uma tradução, revisão, diagramação e todos os meandros necessários pra compartilhar um trabalho impecável e exigidos dentro dos padrões de profissionais – o que não o somos-. O compartilhamento desta obra é tolerável desde que;
- ✓ 1: as pessoas que o compartilhem tenham consciência que não podem e não devem obter ganhos monetários pelas mesmas.
- ✓ 2: divulgações e resenhas em meios aos quais o autor tenha acesso devem ser feitas em inglês e lembrando; citando que leu a obra original, NÃO A TRADUÇÃO DE GT.
- ✓ 3: Em casos da compra de direitos autorais, o livro deve ser removido de circulação pelo próprio ADL e ademais – ou seja - GDs parceiros.
- ✓ 4: Preserve o grupo, mantendo os livros para vocês, lembrando-se sempre que ISTO é trabalho voluntário e ilegal, não importa a boa vontade do GT ainda é pirataria. Por que, se não obtemos os direitos autorais por vias legais sobre as obras, não temos direitos sobre elas ou seus autores.

# 1

## Eu não quero nada.

Kit acordou na banheira.

Sua cabeça doía, mas isso não era novidade. Sua boca tinha gosto de algodão mofado e seco, e suas pernas doíam de tanto se enrolarem naquele espaço apertado – o que também não era novidade. Ele costumava dormir na banheira quando tio Ed dava festas, porque nunca sabia que idiota bêbado decidiria desmaiar em seu quarto.

Tio Ed incluído. Ed pode não ter sido o verdadeiro tio de Kit, mas Kit não estava interessado em foder nenhum dos amigos do papai. Pelo menos a porta do banheiro tinha fechadura.

O silêncio total, entretanto? A falta da música terrível de Ed tocando para acordar os vagabundos e expulsá-los de casa? A falta de gritos?

Isso era definitivamente novo.

Kit ficou de joelhos e depois deixou cair os braços na beirada da banheira por um momento. A porcelana fria era agradável.

Ele precisava encontrar outro lugar para ficar em breve. Talvez sair da cidade. Ele estava na casa do tio Ed há alguns meses – três? quatro? – e as pessoas estavam ficando muito amigáveis e muito más ao mesmo tempo. Os caras que queriam entrar seus jeans apertados e os caras que achavam que ele poderia saber demais sobre seus esquemas criminosos idiotas. Alguns deles eram os mesmos caras. Melhor fugir antes que ele causasse problemas.

Talvez amanhã.

Mas tinha sido *talvez, amanhã* nas últimas três semanas também. A motivação de Kit estava escassa atualmente. Ficar com Ed era fácil, porque

Ed nunca o expulsaria. Ed era uma das duas pessoas que sabiam o nome antigo de Kit – o outro era o cara que fez a nova identidade de Kit.

Kit ficou de pé com um suspiro e esticou os braços para cima. Sacudiu as pernas. Seus joelhos estavam rosados de tanto pressionar contra a lateral da banheira, as marcas claramente visíveis através dos buracos proeminentes em sua calça jeans preta.

Ele se inclinou sobre a pia para tomar um gole de água, limpando a boca com as costas das mãos. Pescando um pouco de, provavelmente, ibuprofeno no armário de remédios, mas guardando os comprimidos no bolso em vez de engoli-los. Se ele não comesse primeiro, eles apenas o fariam sentir-se mal.

É muito bom ter paz e sossego pela manhã, ele refletiu enquanto amarrava o cabelo preto em um rabo de cavalo curto. De acordo com a tela quebrada do telefone, já eram 9h. Alguém deveria estar acordado.

Mas não. Estava um silêncio extasiante.

Talvez todo mundo ainda estivesse desmaiado. Kit poderia tomar o café da manhã antes que alguém tropeçasse em seu caminho.

Esfregando os olhos para tirar o sono, Kit saiu do banheiro. Seu quarto – o quarto de hóspedes do tio Ed, cheio de caixas de equipamentos quebrados do hábito de DJ amador do homem – estava exatamente como ele o deixou na noite anterior. Se alguém caísse em sua cama, já teria a decadência de cair fora.

As janelas do corredor do andar de cima não tinham cortinas, então o sol da manhã o cegava parcialmente. Estremecendo, Kit protegeu os olhos.

— Isso não deveria ser permitido, — ele murmurou para o sol.

O sol não respondeu. Continuou brilhando. Ofuscante. Inconveniente.

Tão distrativo que Kit, em seu torpor de ressaca, quase pisou na poça de sangue.

Ele parou bem a tempo, a sola do sapato pairando mais de alguns centímetros acima da poça. Perto o suficiente para que o contorno do sapato refletisse na superfície vermelha escura. Kit deu um passo para trás, levantando o olhar para seguir o sangue até sua origem natural:

Uma poça maior de sangue, sob o corpo sem vida de um homem.

Mais sangue respingava nas paredes. Outros pedaços de matéria que a mente de Kit evitou identificar. As manchas eram chocantemente vermelhas contra a parede branco-acinzentada.

O coração de Kit bateu dolorosamente. Uma vez. Uma explosão de medo antes que o choque o entorpecesse.

*Ele me encontrou*.

Mas isso era impossível. *Ele* ainda estava na prisão e esse não era seu estilo.

Então o cheiro bateu. Na maior parte mijo. Sobretudo mascarado pelo cheiro habitual de bebida e maconha da casa do tio Ed. Mas o cheiro da morte também estava lá. O menor sabor no ar.

Este homem morreu recentemente. Kit se aproximou o suficiente para olhar o rosto do homem. Desconhecido, o que restou dele: queixo caído e língua pendurada sob a testa arruinada. Sua cabeça estava muito baixa no chão. A parte de trás de seu crânio foi estourada, quebrada com um ferimento de saída.

*Devo verificar o pulso?*

*Devo ligar para o 911?*

Pensamentos absurdos desapareciam assim que chegavam. Como se o subconsciente de Kit quisesse encenar uma paródia das reações normais. Mas agora, tudo em que ele conseguia pensar era em ir embora.

Com o estômago revirando, Kit voltou para seu quarto. Pegou sua bolsa carteiro debaixo da pia. Armado com todos os seus bens mundanos – menos a merda espalhada sobre o fato de que ele não estava disposto a perder tempo para se recompor – ele voltou para o maldito corredor.

Ele passou pelo cadáver sem surtar. Desceu as escadas, mas teve que parar no meio do caminho, agarrando-se ao corrimão quando a tontura o atingiu. Atravessou a sala suja e chegou à cozinha antes de parar novamente.

A visão de Kit deve estar embaçada de choque. Reflexos do sangue do morto lavavam o mundo de vermelho.

Não. Era *mais* sangue pintando o chão. Ele serpenteava como um rio pela cozinha, dividindo-se e reunindo-se em inúmeras afluentes. O fluxo era alimentado pelas montanhas de corpos, tombados contra armários e caídos de cadeiras. Tio Ed, contra o forno. Macaroni Jeff, com o cérebro espalhado na frente da geladeira.

Um homem até sentou-se ereto na mesa da cozinha, apoiado como...

Não.

Aquilo não era um cadáver. Era um homem vivo, sentado à mesa da cozinha, percorrendo a tela do telefone com os dedos enluvados.

O tempo parecia dilatar-se. Kit teve tempo demais para observar o homem antes que seu corpo respondesse ao sinal desesperado de recuar.

O homem sentado à mesa tinha um perfil bonito. Um nariz forte, apenas uma pitada de barba ao longo da mandíbula. Talvez com trinta e poucos anos. Branco, com um bronzeado claro e ondas suaves de cabelo castanho. Ele usava uma jaqueta escura, jeans claros e botas resistentes.

Uma arma estava na mesa à sua frente.

O sapato de Kit rangeu levemente quando ele recuou.

Ainda concentrado no telefone, o homem sentado à mesa disse: — James, eu disse para você não... — Ele encontrou os olhos de Kit. — Você não é James, — ele disse calmamente. Em um movimento fluido, seu telefone tintilou na mesa.

E a arma dele apontou diretamente para a cabeça de Kit. O homem destravou a segurança e Kit engoliu em seco.

Oh Merda.

Os olhos do homem eram de um azul brilhante e chocante. Kit se concentrou estupidamente nesse fato, como se quisesse protegê-lo do terror. Seu coração bateu dolorosamente novamente, o medo rompendo sua névoa familiar e entorpecida.

Claro, porra. Foi a primeira vez em anos que Kit realmente sentiu alguma coisa, e foi um terror de enfraquecer os joelhos.

— Eu não sou James, — Kit respondeu, parecendo muito distante. — Eu só vou deixar você com isso.

Olhos Azuis se levantam. Ele mudou sua arma para um punho com as duas mãos. Não é o tipo de homem que sacrifica a eficiência pelo estilo, claramente. — Você não vai a lugar nenhum, — disse ele, ainda perfeitamente calmo. E então...

Nada.

O silêncio do homem tinha uma qualidade semelhante a um trovão iminente. Uma antecipação opressiva consumindo toda a sala.

Kit esperava morrer no próximo segundo. Em vez disso, os momentos se estendiam num limbo sem fim. Olhos Azuis não parecia ter pressa em

matá-lo. Talvez ele estivesse apenas brincando com Kit. Dando tempo a Kit para absorver o resto da cena.

Reconheceu alguns amigos do tio Ed entre os corpos. Caras que ele se deprimia junto nos interlúdios drogados entre as festas. Alguns caras ele evitava. Nenhum deles era boa pessoa, mas isso não tornava melhor vê-los amassados e quebrados no chão daquele jeito.

A atenção de Kit voltou-se para tio Ed. A pequena e profunda cratera em seu têmpora deixou bem clara a causa de sua morte. Igual aos outros. A mesmo que Kit, dependendo de como fossem os próximos momentos.

Meia dúzia de corpos. Meia dúzia de tiros na cabeça. Se Olhos Azuis fosse o responsável, ele era um excelente atirador.

Mas o mais assustador de tudo era a expressão de total calma no rosto de Olhos Azuis. Seu olhar penetrante parecia atravessar o exterior irregular de Kit até os cantos mais danificados de sua alma.

Finalmente, Olhos Azuis disse: — Você não está com medo.

— Estou com muito medo, — disse Kit. Exceto que ele não tinha mais certeza se isso era verdade. Seus joelhos ainda estavam fracos, as palmas das mãos ainda frias. Seu coração ainda estava martelado com muita força. Mas talvez fossem apenas ecos. Talvez seu medo estivesse desaparecendo novamente, em qualquer abismo que sepultava o resto de suas emoções.

— Você quer morrer? — Olhos Azuis perguntou.

Morrer seria perder. Me render. Mas havia um outro lado nessa pergunta, e Kit vinha evitando *essa* resposta há muito tempo.

— Eu não quero nada.

Olhos Azuis inclinou a cabeça. Uma mecha de cabelo castanho e macio caiu sobre sua testa. — Interessante.

— O que você é, o terapeuta mais estranho do mundo? — Kit olhou ao redor, resistindo à vontade de apontar. *Nenhum movimento repentino* era provavelmente a melhor política no momento. — Você fez tudo isso?

— Quem é você? — Olhos Azuis perguntou em vez de responder.

— Kit Byron. — Não adianta esconder meu o nome dele. Provavelmente. — Seja lá o que quer que isso for, não estou envolvido em nada disso. Ou com qualquer um deles.

— Eu serei o juiz disso.

— Uh. OK.

Olhos Azuis se aproximou, sua arma ainda apontada para a cabeça de Kit. Havia três metros manchados de sangue entre eles, mas Kit praticamente podia sentir o calor dele enchendo a cozinha.

Ele era pelo menos uma cabeça mais alto que Kit, e duas vezes mais largo, os músculos apareceram mesmo sob a jaqueta volumosa. Olhos Azuis nem precisava da arma para ter Kit sob seu controle total.

Um novo arrepio de emoção percorreu a espinha de Kit. Uma espécie muito diferente de medo inerente. Todos os seus instintos estúpidos lhe diziam para se submeter à criatura mais forte.

— Não se preocupe, — disse Olhos Azuis. — Eu não vou te matar ainda. Gosto de ter um pouco mais de informação antes de matar pessoas.

— Prefiro que você acabe logo com isso do que fazer jogos estúpidos, — respondeu Kit, tentando igualar se a calma do homem.

— Fofo, — disse o homem. — Como é que entrou?

— Pela porta.

— Estamos desmontando este lugar há uma semana e contabilizamos todas as entradas e saídas. Você não deveria estar aqui.

— Então estou aqui há duas semanas. — Kit não conseguia se lembrar da última vez que saiu de casa, então isso parecia certo. Talvez mais perto de um mês?

— Duas semanas na casa de Ed Addersen. — O homem passou os olhos pelo corpo de Kit mais uma vez. As conclusões que ele tirou foram inconfundíveis. — Que porra você está fazendo na casa de Ed Addersen há duas semanas?

Qualquer que seja. Deixe-o tirar suas conclusões. Kit ergueu o queixo. — Isso importa?

— Acho que não.

Seus brilhantes olhos azuis passaram por trás do ombro de Kit, e foi então que Kit percebeu o objetivo dessas perguntas estúpidas.

Olhos Azuis estava ganhando tempo.

Um novo conjunto de passos silenciosos parou logo atrás de Kit. Um novo corpo quente preencheu o espaço ao seu redor. E o toque de um novo homem passou pela bochecha de Kit.

— Que adorável, — ronronou o recém-chegado. Seus dedos nus traçaram a linha da mandíbula de Kit, roçando tentadoramente perto do canto dos lábios. Ele se inclinou, sua presença avassaladora e seu hálito quente no ouvido de Kit. — Você encontrou uma gracinha.

— Você deve ser James, — disse Kit, com a voz trêmula. Com um sinal físico de nervosismo que ele não conseguia sentir.

Supostamente, James riu. O som ressoou na parte posterior do cérebro de Kit em uma bagunça de instintos confusos. — Você tem falado demais, parceiro. Você também se apresentou ou está jogando toda a responsabilidade sobre mim?

— Não toque nele — disse Olhos Azuis friamente, embora Kit sentisse alguma emoção mais profunda escondida por baixo desse ato.

— Ooh, se sentindo protetor? — James riu. — Você mal conhece o garoto.

Olhos Azuis revirou os olhos. — Você está espalhando DNA por todo o rosto dele.

Os dois homens estavam calmos demais para o massacre que os cercava, o que assustou Kit mais do que qualquer outra coisa. Com seus comportamentos calmos, Kit não conseguia prever suas ações. James poderia torcer seu pescoço a qualquer momento. Olhos Azuis poderia puxar o gatilho.

Os corpos sangrando no chão da cozinha eram aterrorizantes. Mas Kit pelo menos sabia como lidar com eles. Ele não tinha ideia de como lidar com esses dois assassinos.

Mais uma vez, Kit não tinha certeza se a reviravolta em seu estômago era medo ou excitação. Uma adrenalina que ele não sentia por causa de nenhuma droga nos últimos meses.

Ele engoliu em seco, com a garganta seca. — Vamos apenas ficar aqui?

— Garoto inteligente. Provavelmente não deveríamos. — James traçou seu queixo novamente. Os dedos nus desceram para acariciar o ritmo rápido do pulso de Kit. Ele se inclinou mais perto, o calor dele inundando o corpo de Kit. — Nós o matamos, Bishop?

Olhos Azuis – Bishop, aparentemente – baixou a arma. — O que você acha?

— Sério? — James parecia encantado. — Você nunca se importa com o que eu penso.

Com a arma abaixada, a mão de James apertou o pescoço de Kit. Não sufocando. Pressão suficiente para empurrar Kit para trás, prendendo-o ao lado da porta da cozinha. Pressionado contra a parede, sua bolsa carteiro torcida desajeitadamente entre eles, Kit ergueu os olhos para ver James pela primeira vez.

Um homem bonito do Leste Asiático, com o cabelo escuro penteado para trás em pontas desgrenhadas na testa. Bem-apessoado, com sobrancelhas pontudas e covinhas claras emoldurando seu sorriso malicioso. Ele tinha mais ou menos a mesma altura de Bishop, pelo que Kit sabia, e igualmente bem constituído.

Ao contrário de Bishop, James definitivamente não estava olhando para a alma de Kit. Seu olhar escuro e voraz praticamente despindo o moletom e a regata de Kit, sua atenção rastejando pelos buracos nos jeans apertados de Kit.

— Uau, ele é gostoso desse ângulo também. — James se dirigiu a Bishop, embora seus olhos nunca deixassem o rosto de Kit. — Seria uma pena matar uma coisa tão bonita.

Oh. Era disso que se tratava?

Kit engoliu em seco, sem desviar o olhar. Como se fosse um teste para saber se ele iria recuar ou não. Seu pulso acelerou com uma espécie de esperança doentia. A doce rebelião de deixar outro homem profaná-lo.

Ele sabia como jogar esse jogo, embora com os amigos do tio Ed e os lugares onde ele dormia antes ele sempre conseguia sair antes de ir muito fundo. Tudo promessa, sem dor.

Apenas uma promessa pode não ser suficiente desta vez. Mas é melhor ser fodido do que morto.

Kit inclinou a cabeça. Baixou os olhos. — É isso que você está procurando? Deixe-me chupar você e depois me deixe ir? — Kit mordeu o lábio por apenas um segundo, depois forçou seu rosto a dar aquele meio sorriso que sempre funcionava para ele. — Não parece um mau acordo para mim.

James se concentrou na boca de Kit. — Você é cheio de surpresas. — Ele inclinou a cabeça na direção de Bishop. — E meu amigo ali?

Kit olhou para a expressão ilegível de Bishop. — Seu amigo pode assistir se quiser.

— Chega de besteira, — Bishop rosnou. — James, pare de brincar com o garoto. Garoto, pare de preencher cheques que você não pode descontar. Você não vai quer nada com esse cara.

Kit piscou, desequilibrado pela mudança repentina no jogo. Quase... não. Ele não poderia ficar desapontado.

Talvez um pouco insultado.

James suspirou dramaticamente. — Você não é divertido, Bishop. Diga-me se você não está duro pra caralho agora. Certo? — Ele se afastou, deixando o pescoço de Kit gelado na ausência de seu toque. — A adrenalina sempre te anima, assim como eu. Lembra-se daquela vez...

— James, — Bishop disse bruscamente. — Você nem sabe quantos anos ele tem.

— Oh. Certo. — James virou-se para Kit. — Quantos anos você tem, *babe*?

— Vinte e dois, — Kit disse por reflexo. Isso era o que dizia sua identidade falsa, e Smith fez as melhores falsificações do mundo. Pelo menos, de acordo com Smith.

— Viu? — James disse com um sorriso. — Totalmente fodível.

Mas o olhar severo de Bishop não vacilou. — Quantos anos você realmente tem? Não vou tirar vantagem de você.

Kit ficou olhando. Por que diabos isso importava? — Dezenove.

— Ainda fodível, — disse James, imperturbável.

Bishop revirou os olhos e pegou uma mochila do chão. Jogou-a por cima do ombro e aproximou-se dos outros dois. — Precisamos sair daqui. — Ele olhou para Kit. — Você vai ficar quieto ou precisamos amordaçar você?

— Eu não irei dizer nada. — O olhar de Kit perscrutou o de James, que olhava para ele com uma fome intensa. E Bishop, que olhava para ele com uma curiosidade menos acalorada, porém mais perigosa. — Eu não irei à polícia. Eu não direi nada. Eu não quero nenhum problema.

James riu, mas foi Bishop quem respondeu. — É claro que você não vai à polícia. Você vem conosco.

Oh.

Ali estava. O terror novamente. Atingiu Kit como uma estaca de gelo no coração, e ele não conseguiu responder. Não conseguia respirar. Kit sentiu isso com uma fascinação distante. Ao seu redor, rios de sangue pareciam balançar e fluir. Uma maré crescente para levá-lo embora.

Ele precisava correr agora, porque seguir esses dois monstros até um segundo local era uma péssima ideia.

Mas suas pernas não respondiam. Sua visão ficou vermelha e seus joelhos dobraram.

Kit deslizou para o chão, incapaz de fugir dos dois homens que se aproximavam dele.

# 2

## Bom menino.

A preocupação deixou Bishop de joelhos. Por precaução manteve a mão na arma. Esse garoto poderia ser qualquer coisa – suspeito, testemunha ou vítima – e Bishop odiava a incerteza. Atrás dele, James andava de um lado para o outro e praguejava.

— Ei. Garoto. — Bishop afastou a longa franja da testa de Kit para vê-lo melhor. — Kit. Você está comigo?

O rosto de Kit estava branco como gelo, seus lábios incolores. Seus olhos eram surpreendentemente verdes em contraste com a palidez, mas vidrados com um tom quase desmaiado. Ele piscou uma vez, duas vezes.

Então ele estremeceu. Tentou empurrar-se para trás. Com a parede atrás dele, não havia para onde ir.

Provavelmente um bom sinal, concluiu Bishop. Porra, esta operação foi uma bagunça.

— Dê-me minha bolsa, — ordenou Bishop.

— Porra, isso é tão fodido, — James sibilou atrás dele, ecoando os pensamentos de Bishop. — Quem é ele? Porquê ele está aqui?

A mochila pousou ao lado de Bishop.

— Não importa agora. — Havia algo sobre o jovem. Algo que Bishop queria passar algum tempo desmontando. Mas ele não tinha tempo para isso agora. Ele agarrou Kit gentilmente, mas com firmeza, pelo queixo – o garoto estava fraco e assustado demais para revidar. — Os policiais estarão aqui em breve e tudo o que encontrarão serão cadáveres. Quantos eles encontrarão depende de você. Você vai se divertir mais vindo conosco, entendeu?

Com a outra mão, Bishop vasculhou sua bolsa até encontrar o que procurava.

Kit estremeceu novamente. — Eu entendi.

— Bom menino, — disse Bishop, e prendeu a algema no pulso esquerdo de Kit. Kit mal teve tempo de recuar antes que Bishop prendesse o outro pulso também. Havia algo imensamente satisfatório na visão do aço frio brilhando duramente em torno de ossos estreitos.

— Eu disse que entendi, — Kit protestou. Então mordeu o lábio, com aquele olhar tímido que ele já havia tentado com James. Sua voz era muito mais suave quando ele acrescentou: — Eu serei bom.

— Eu sei que você será. — Bishop deu um tapinha em sua bochecha, ignorando a forma como o convite de Kit agitou seu sangue. — Você vai ser muito cooperativo. Estou apenas lhe dando alguns adereços extras, para ajudá-lo. James, pegue a fita. Quanto tempo nos resta?

James reapareceu ao lado de Bishop, agitando um telefone rápido demais para que Bishop pudesse ler a tela. — Cinco minutos. Qual é o plano? — Ele pegou a fita adesiva da bolsa e arrancou uma tira.

Os olhos de Kit se arregalaram, mas ele não lutou quando James passou-a sobre sua boca. Outra onda daquela estranha satisfação estalou dentro de Bishop. Como se masturbar pela manhã. Como colocar uma bala num crânio que merecia. Algo sobre ver Kit amarrado e amordaçado, sob seu controle, parecia *certo*.

Afastando a distração, Bishop agarrou o braço de Kit e o levantou. Kit cambaleou e apenas o aperto de Bishop o manteve em pé. Segurar Kit foi tão fácil – ele era trinta centímetros mais baixo que Bishop, com uma fragilidade de pássaro.

Não há tempo para um plano. O que significava que Bishop tinha que recorrer ao básico habitual: controlar o tempo e controlar a cena.

— Você cuida da limpeza, — disse ele a James. — Vou levá-lo e dar um jeito nisso.

— Eu deveria levá-lo, — disse James, não de uma maneira casual suficiente. — Tenho um prédio próximo.

Bishop não se dignificou com uma resposta. — Envie uma mensagem quando terminar.

— Filho da puta ganancioso, — James murmurou.

Mas Bishop já estava tirando Kit da cozinha e atravessando o fedorento mausoléu da casa.

Ele conduziu Kit pelo beco. Despreocupados com a vigilância – eles encontraram a maioria das câmeras próximas já destruídas pela gangue de Addersen quando investigaram o local pela primeira vez. O transmissor de James cuidava de todo o resto, e parte do trabalho de limpeza de James envolvia pegar o transmissor em si.

Bishop puxou o moletom de Kit pela cabeça e agarrou-o pela nuca, mantendo a cabeça baixa enquanto o empurrava para frente. Não havia câmeras, mas ele não precisava de nenhuma testemunha para ele guiar um cara com fita adesiva na boca.

— Você está indo muito bem, — Bishop disse calmamente. — Quase lá.

Kit fez um barulho minúsculo e abafado.

O modesto sedã cinza de Bishop estava estacionado no final do beco, e colocar Kit no carro foi fácil. Bishop afivelou o cinto de segurança desajeitadamente sobre os braços amarrados de Kit, depois observou atentamente enquanto ele dava a volta para o lado do motorista – mas Kit

não fez nenhuma tentativa de escapar. Apenas o observou, com aqueles grandes olhos verdes.

Como esmeraldas. Não apenas a cor, mas a profundidade. Uma beleza fria e sem vida.

Fragmentos ficaram na mente de Bishop enquanto ele se afastava.

---

O pânico de Kit diminuía e diminuía, alternando com uma estranha excitação. Ele estava mais fodido do que pensava, se essa experiência fosse algo além de totalmente aterrorizante. Mas não tão fodido quanto Bishop, que falou tão gentilmente enquanto algemava e amordaçava Kit. Que chamou Kit de *bom menino* quando o sequestrou.

Não havia muito trânsito esta manhã. Talvez tenha sido um fim de semana. Kit não conseguia se lembrar. Ele tentou se aconchegar mais confortavelmente no assento, mas estava amarrado de maneira muito desajeitada, com o cinto de segurança nos pulsos algemados e a bolsa enrolada em uma coxa. Cada vez que se movia, sentia o olhar de Bishop.

O sol ainda estava muito brilhante. Kit nunca conseguiu tomar o café da manhã ou engolir o ibuprofeno. Ele provavelmente deveria ficar de olho ao redor, mas em vez disso abaixou a cabeça, evitando a luz do sol penetrante.

Talvez depois de dez minutos de viagem desconfortável, Bishop quebrou o silêncio. — Quase lá. — Como se pudesse ouvir a pergunta silenciosa de Kit, acrescentou: — Estamos indo para minha casa.

Ótimo. O covil do assassino.

— Ainda não decidi o que fazer com você, — continuou Bishop. — Mas eu não vou te machucar.

Kit engasgou com uma risada por trás da fita que coçava.

Cinco minutos depois, eles reduziram a velocidade em frente a uma casa baixa de dois andares no subúrbio. O tão chamado setembro ainda não estava totalmente presente nos pátios xeriscapeados [1] hoje. Bishop estacionou na garagem mais limpa que Kit já tinha visto. Quando a porta da garagem desceu, Bishop inclinou-se sobre o console.

Kit se encolheu, o pulso disparando, até perceber o que Bishop estava fazendo: removendo a fita adesiva.

Sim por favor. Ele ficou imóvel enquanto Bishop a tirava da boca, embora não pudesse deixar de franzir os olhos por causa da dor. As luvas de Bishop desapareceram. Não estava mais preocupado com o DNA, aparentemente.

— Você não está preocupado que eu grite? — Kit perguntou, embora o tom áspero em sua voz tornasse isso uma ameaça bastante vazia.

— Grite o quanto quiser, — Bishop respondeu uniformemente. — O isolamento acústico aguenta.

Não era necessário isolamento acústico. Kit permaneceu em silêncio enquanto Bishop o guiava para dentro de casa, uma mão larga e firme contra suas costas. Bishop era realmente injustamente alto.

Kit esperava ser arrastado para um porão ou algo assim. Acorrentado a um radiador. Em vez disso, Bishop empurrou-o para uma cozinha limpa e comum e sentou-o a uma mesa de vidro.

[1] Forma de paisagismo que reduz a forma de irrigação ao mínimo, se utiliza plantas como cactos e que retém pouco líquido.

Tudo bem, então Bishop refez as algemas, enrolando a corrente atrás dos raios das costas da cadeira, para que Kit não pudesse escapar sem arrastar a cadeira com ele. Essa parte correspondia às expectativas de Kit para um assassino/sequestrador perturbado.

Assim como Bishop, sentado do outro lado da mesa e olhando.

Um relógio pendurado ao lado da geladeira. Um padrão de raio de sol, os ponteiros em forma de raios de sol clicando de número em número. O tick estava quieto. Incessante. Esmagadoramente no silêncio.

Kit durou sete minutos. — Bem? Você decidiu o que fazer comigo?

— Sim, — disse Bishop, e saiu da mesa. Tirou algo de uma gaveta e outra coisa de uma sacola que Kit não conseguia ver.

— O que vai ser? — Kit se endireitou o melhor que pôde com os pulsos amarrados atrás dele. O metal beliscou sua pele. — Estupro, assassinato, tortura por afogamento? Já estou com fome o suficiente, morrer de fome seria mais fácil.

— Nenhuma das acima. — Bishop jogou dois itens na mesa entre eles. — Vou te contar a verdade.

— Se isso é algo do tipo "Posso te contar, mas depois terei que te matar", não quero ouvir. — Kit sentiu uma estranha sensação de pressão por parte de Bishop. Como se houvesse consequências iminentes das quais ele não estava ciente. Como se sua vida dependesse de suas ações nos próximos momentos.

Bishop abriu a carteira primeiro e a empurrou. A carteira de motorista era fácil de ler em sua capa plástica.

— Meu nome é Matthew Bishop. Aposentei-me da Polícia de San Corvo há cinco anos. Desde então, tenho trabalhado como investigador particular.

Ele tirou um cartão de visita da carteira e abriu o segundo item sobre a mesa. Um distintivo da polícia.

Kit desviou o olhar da informação. — Eu te disse. Não quero saber de nada.

— Tarde demais. — Bishop circulou ao redor da mesa e colocou a mão no ombro de Kit. Seu aperto foi enganosamente suave através das roupas de Kit, e o toque permaneceu na pele de Kit mesmo depois que ele a soltou. — Você viu meu rosto – você já sabe demais.

Bishop saiu da sala por um momento, com o som de armários destrancando e fechando. Quando voltou, colocou uma pasta grossa sobre a mesa, mas ainda não a revelou. — Vou explicar quem sou e o que faço. O que você fará com essas informações dependerá de você.

Isso tinha que ser algum tipo de jogo doentio. Kit de repente sentiu falta de James, com seu inconfundível olhar malicioso e toque confiante e possessivo. Os desejos de James eram claros. Simples. Muito mais fácil de lidar do que qualquer merda que Bishop estivesse fazendo.

— Prometo que não irei à polícia, — disse Kit, e provavelmente era até verdade. Ele não queria se envolver em uma investigação. Ele não queria ser uma *testemunha*. Melhor permanecer anônimo, passar despercebido, encontrar outra gangue de merda para sugar, ir de festa em festa até...

Qualquer que fosse o objetivo final.

Kit já estava começando a esquecer o cheiro de sangue. As memórias do tio Ed e dos outros corpos estavam confusas. Ele poderia empurrá-los de lado e ignorá-los. Ele poderia deixar tudo de lado. Ele ficaria bem.

Bishop continuou, não se intimidando com os protestos de Kit. — Normalmente, meu trabalho significa investigar disputas de bairro e perseguir cônjuges traidores. Rastreando quem quer que seja há muito

perdido. Mas alguns dos meus clientes estão desesperados. — Seus olhos eram como gelo. — Realmente desesperados. Quando o sistema de justiça falha, sou o último recurso.

— As pessoas contratam você para matar pessoas? — Kit perguntou, curioso apesar de suas melhores intenções.

— Nem sempre concordo. Nem todos os casos terminam em bala. Isso faz parte do serviço que ofereço: sou o juiz e o júri. Eu tiro essa decisão das mãos dos meus clientes. Ajuda-os a dormir melhor à noite.

O relógio ensolarado marcou mais meio minuto, enquanto Kit reprimia sua pergunta.

*E você? Como você dorme à noite?*

— Os caras que você matou hoje faziam parte de um trabalho? — Kit quase escorregou e disse *Tio Ed*. Poucas pessoas o chamavam assim, e se Bishop estava matando os amigos de Ed, ele não queria dar a impressão de que conhecia Ed Addersen.

Bishop bateu na pasta. — Quanto você sabe sobre Ed Addersen?

— Ele me deixou dormir depois de uma festa, e eu simplesmente fiquei por lá. Isso é tudo.

O olhar de Bishop percorreu desconfortavelmente o corpo de Kit novamente. — Você pode ter sorte de termos aparecido naquele momento. Ele não era o tipo de traficante divertido, e eu não mato homens só por venderem maconha para estudantes do ensino médio. Traficando foi exatamente como ele conheceu as crianças.

O estômago de Kit se revirou. Ele não sabia disso, mas não ficou surpreso.

Bishop bateu na pasta novamente. — Você pode ter sido velho demais para ele, no entanto. Posso lhe mostrar o arquivo ou você pode acreditar na minha palavra.

— Eu não preciso ver isso, — Kit respondeu calmamente. Havia um limite para o que ele poderia empurrar de volta de uma só vez.

Como se confirmasse que tinha certeza, Bishop fez uma pausa, mas não o pressionou. — Matei muitas pessoas desde que deixei a polícia e todas elas mereceram. — Bishop recostou-se na cadeira. — Até onde eu sei, você não merece isso. Então, vou deixar você ir.

Kit olhou nos penetrantes olhos azuis de Bishop. E percebeu que ele estava errado. A vida em jogo hoje não era a dele. Era do Bishop.

A carteira de motorista. O distintivo. Bishop estava dando a Kit tudo que ele precisava para denunciá-lo.

Desta vez, Kit foi o juiz e o júri.

Os pulsos de Kit ardiam nas algemas e sua cabeça parecia leve e flutuante. — Você está realmente me deixando ir.

— Estou realmente deixando você ir. — Bishop deu um sorriso sarcástico. — Em uma semana.

— Como é que é?

Bishop levantou-se. — Posso oferecer meu pescoço para o laço, mas não o de James. Ele tem seu próprio fardo para carregar e seu caminho ainda não acabou. Não espere chegar a lugar nenhum gritando com ele: uma semana é tempo mais que suficiente para ele se proteger, e os advogados dele farão da sua vida um inferno.

— Eu não vou gritar, — Kit retrucou. — Apenas me deixe...

Ir? Ir aonde?

Ele dificilmente poderia voltar para a casa do tio Ed agora. Porra. Esta foi a ressaca mais insana de sua vida.

— Tudo bem, — disse Kit. — Hora da festa do pijama. O que acontece depois?

Bishop foi para trás dele e destravou a algema – apenas do pulso direito. Seu toque foi suave contra a pele machucada de Kit, enviando sinais confusos e inesperados que provocaram cócegas nos nervos de Kit. Gentil, mas não gentil. Ele manteve a algema no pulso esquerdo de Kit, prendendo a outra na cadeira.

Bishop se inclinou, sua voz estranhamente tranquilizadora no ouvido de Kit: — O próximo passo é o café da manhã. Estou morrendo de fome e aposto que você também. Você prefere ovos mexidos ou omeletes?

— Mexidos, — Kit respondeu reflexivamente, antes que os fatos do assunto se reafirmassem violentamente em seu cérebro. O que ele estava fazendo, recebendo café da manhã de um assassino? — Espere!

Bishop fez uma pausa no caminho para a geladeira – e o estômago de Kit se revirou, bocejando de fome.

Ok, sim. Ele estava morrendo de fome.

— Lembre-se de lavar as mãos, — foi tudo o que Kit acabou dizendo. Ele não queria sangue nos ovos mexidos.

---

Bishop deixou Kit acorrentado à cadeira por uma hora depois do café da manhã, enquanto trancava todas as saídas e as áreas mais sensíveis da casa. Ele não sabia o que Kit decidiria fazer com as revelações do dia.

Provavelmente Kit também não sabia ainda. Ele passou por uma grande provação – nas mãos de Bishop.

Com certeza, quando Bishop finalmente o tirou das algemas e lhe deu rédea solta na sala de estar, Kit não tentou escapar. Ele apenas se enrolou em um canto do sofá e adormeceu, como um pequeno animal perdido que se abrigava onde podia.

Este não era o caminho que Bishop queria. Ele deixou a polícia para *evitar* ferir civis. Se ele estava ficando arrogante o suficiente para cometer um erro, talvez fosse melhor se Kit o entregasse. Bishop já havia destruído sua carreira por causa de seus princípios antes. Talvez também destrua o resto de sua vida.

Bishop ainda tinha muita coisa em sua lista de tarefas pós-assassinato. Mas em vez disso, ele apagou as luzes. Fechou as cortinas, envolvendo a sala na escuridão. Acomodou-se na poltrona ao lado do sofá. Perto o suficiente para tocar Kit, se ele quisesse.

Mas ele não o fez. Ele apenas ouviu a respiração fraca do garoto enquanto desbloqueava o telefone e abria o aplicativo de mensagens. A última mensagem de James esperou sem resposta.

***James:*** *Haha por semana??? Preciso de uma hora, no máximo, para esclarecer tudo. Você só quer ficar com ele por uma semana, não é???*

***James:*** *Você age com princípios e justiça, mas é um idiota doentio. Como você ousa tirar vantagem daquele menino doce e inocente?*

***James:*** *Então, como ele está? Compartilhar é cuidar, mande fotos*

Bishop ignorou as insinuações flagrantes.

***Bishop:*** *Você precisará de três dias para esclarecer suas coisas e o resto da semana para verificar meus clientes como combinamos. Eu estou*

*assumindo a responsabilidade por isso, e eu mesmo o levarei ao SCPD[2] se ele quiser cantar, mas não vou levar meus clientes comigo.*

A resposta chegou quase instantaneamente.

***James:*** *Você é tão certinho haha. Não se preocupe, eu cuido disso.*

***Bishop:*** *Obrigado.*

**Ele hesitou. Olhou novamente para a forma adormecida de Kit, coberta de sombras no sofá. O garoto dormia com os joelhos bem dobrados, o cabelo caindo no rosto. Seu moletom estava torto, expondo as linhas finas e pálidas de seu ombro e braço na penumbra.**

Bishop abriu outro contato e enviou uma nova mensagem.

**Bishop**: Se você estiver livre esta semana, poderia fazer uma busca por alguém chamado Kit Byron? Não estou 100% certo da ortografia.

A resposta veio rapidamente: *Claro. Novo caso?*

*Sim*, Bishop respondeu, depois desligou o telefone.

Ele não percebeu a princípio, na adrenalina da cena do crime. Ele atribuiu seu intenso fascínio aos grandes olhos verdes de Kit, aquela mistura inebriante de vulnerabilidade cansada. A beleza nítida de Kit e a autoflagelação do próprio Bishop por enredá-lo descuidadamente nessa bagunça.

Mas depois de meio dia de observação, Bishop teve certeza de que aquilo era mais do que fascínio.

Kit parecia muito familiar. Bishop já o tinha visto em algum lugar antes.

---

[2] Departamento de Polícia de San Corvo.

# 3

## Calor ou fome

Kit acordou com um zumbido persistente. Por um momento, esqueceu onde estava: ele abriu os olhos, pronto para xingar o tio Ed por fazer qualquer merda quando o sol ainda estava alto e Kit queria dormir.

Mas o ambiente imediatamente o lembrou de sua situação perigosa. Ele estava em uma sala de estar bem arrumada, enrolado em um sofá antigo e confortável – o covil de um assassino.

Seu olhar turvo de sono pousou na mesa de centro de madeira lascada, que agora continha um sanduíche de queijo grelhado e um tubo de pomada. Em seguida, atravessou a sala, onde Bishop estava empunhando uma furadeira na janela.

A voz de Kit ficou presa em sua garganta seca. Ele se endireitou no sofá, com os joelhos dobrados à sua frente. Quando o zumbido parou, ele perguntou: — Há algo errado com a janela?

Bishop olhou para trás. — Estou consertando ela para que você não possa escapar. Já tranquei a cozinha, então me diga se o sanduíche está frio. Eu vou esquentar para você.

Kit ficou olhando, desequilibrado pela lógica bizarra.

Uma sanduíche. Uma oferta. Se isso, então aquilo. Fazer uma coisa para evitar outra. Tudo perfeitamente sensato, desde que se aceitasse que o objetivo era manter Kit em cativeiro por uma semana — e alimentá-lo. Bishop parecia não ver nenhuma contradição entre trancar as janelas e aquecer o sanduíche de Kit.

A menos que o sanduíche também fizesse parte dos jogos doentios de Bishop.

— Está drogado? — Kit perguntou.

A furadeira voltou a funcionar. — Só há uma maneira de descobrir.

Kit colocou os pés no chão. Testar as portas provou que Bishop estava certo: a cozinha estava trancada. A porta da frente também. E o que Kit pensou ser um corredor. As escadas estavam livres, mas Kit as ignorou por enquanto e tentou as janelas.

A primeiro já estava parafusada. E a segunda. A terceira-

Bishop o agarrou pelo antebraço, sua mão larga circulando completamente os ossos de Kit. O forte calor atraiu o pulso rápido de Kit para a superfície de sua pele.

— Ainda não terminei com esta, — disse Bishop calmamente.

Kit engoliu em seco, tonto de calor ou fome ou algo próximo o suficiente para temer que ele pudesse justificar isso com esse nome. — Você é Insano.

Bishop soltou seu braço e o empurrou para longe da janela. — Você se sentirá melhor depois de comer seu sanduíche.

Kit voltou à mesa de centro e pegou o tubo de pomada. — Para que serve isso?

— Seus pulsos, — respondeu Bishop, e retomou a perfuração.

A mão de Kit tremeu com a pomada. Ele olhou para baixo e só agora viu as marcas vermelhas em volta dos pulsos. Sentiu a ardência da pele esfolada onde ele havia puxado as algemas. Ele pensou em ser teimoso. Rejeitando os gestos idiotas de gentileza. Como se Bishop pudesse amenizar sua culpa alimentando Kit e cuidando de suas feridas.

A teimosia se transformou em vazio. Kit sentiu apenas uma inquietação entorpecida.

No final, seus pulsos doeram. Ele esfregou a pomada nas feridas enquanto observava Bishop selá-lo dentro de casa.

Então ele comeu seu sanduíche. E ele nunca iria admitir isso, mas ele realmente se sentiu melhor depois.

---

Três dias depois, o cativeiro de Kit não era muito diferente de ficar na casa do tio Ed. Exceto que Kit dormia acorrentado a uma cama em vez de na banheira. E não havia pessoas barulhentas todas as noites. Só ele e Bishop. E sim, Bishop olhava para ele, aqueles penetrantes olhos azuis acompanhando cada movimento de Kit.

Mas o homem ainda não tinha feito nada com Kit.

Kit estava livre para andar pelas escadas, exceto pela cozinha e pelo escritório de Bishop. E pelas escadas, exceto pelo quarto de Bishop. Bishop apenas o acorrentou para dormir e nas raras ocasiões em que ele deixou Kit sozinho.

No entanto, Bishop pegou o telefone de Kit e não o deixou chegar perto de nada conectado à internet. Brutal. Então, Kit ficou deitado no chão lendo melhorias para casa em revistas domésticas, entre o divagamento e o nada.

— Você gosta de pizza? — Bishop perguntou do sofá. O teclado do laptop clicou, provavelmente digitando algum tipo de manifesto de vigilante.

— Gosto de não ser mantido como refém de assassinos, — disse Kit.

Bishop não respondeu. Ele continuava fazendo isso: ignorando as zombarias de Kit. Isso fazia com que Kit se sentisse mais confortável em fazê-las e mais tolo ao mesmo tempo.

O silêncio permaneceu e a estúpida revista ficou borrada diante dos olhos de Kit. — Sem calabresa. Quero molho barbecue, se eles tiverem.

— Anotado. — Bishop digitou em seu laptop. Então ele continuou no mesmo tom normal: — Vou precisar algemar e amordaçar você quando o entregador aparecer.

— Tanto faz, — Kit murmurou. — Psicopata de merda.

Ele pegou Bishop desviando o olhar com um leve sorriso.

Trinta minutos depois, Kit estendeu o pulso esquerdo. Ele não estava exatamente ansioso pelo bondage[3]. Ele estava ansioso pelo momento do aprisionamento. As pontas dos dedos rombudos de Bishop roçaram a pele avermelhada de seus pulsos. O cheiro e o tamanho de Bishop o cercavam completamente.

Kit preferia lembrar que era prisioneiro de Bishop. Os momentos em que Bishop não conseguia fingir o que diabos estava fingindo pelo resto do tempo. Kit não resistiu quando o metal frio mais uma vez envolveu seu pulso esquerdo.

Bishop enrolou a corrente em uma das barras verticais do corrimão da escada e prendeu-a no pulso direito. Kit teve que se virar desajeitadamente enquanto Bishop pegava uma bandana – e a porra da fita adesiva novamente.

— Isso está limpo? — Kit perguntou.

— Abra a boca, — respondeu Bishop.

---

[3] Prática de conter e submeter um indivíduo com cordas, correntes, algemas, etc. Muito comumente usado no BDSM.

Kit suspirou e obedientemente abriu a boca para Bishop enfiar a bandana. Estava limpa, provavelmente, mas parecia horrível em sua boca. Muito seca, muito grande. Torcendo o rosto, Kit imediatamente tentou cuspir.

Bishop manteve a mandíbula de Kit no lugar e selou os lábios com uma tira de fita adesiva. Então outra.

Com lágrimas ardendo em seus olhos, Kit fez o possível para encará-lo.

Bishop se endireitou, elevando-se sobre Kit. Ele traçou a borda da fita contra a bochecha de Kit, enviando estranhas sensações de formigamento através da corrente sanguínea de Kit. — Eu não me importo que você seja obediente, — Bishop disse suavemente. — Mas eu me preocupo com você. Você seria tão bom assim para alguém pior do que eu?

Que merda.

A indignação explodiu dentro de Kit. Como Bishop conseguia dizer algo assim, quando a boca de Kit estava selada e ele não conseguia responder?

Exceto, por que Kit queria responder? Ele deveria ser capaz de ignorar isso. Ignorar Bishop. Ignorar tudo.

Kit não podia ignorar nada quando estava amarrado e amordaçado assim.

Porra. Talvez Bishop lhe desse um pouco de vodca para acompanhar a pizza, se ele pedisse com doçura.

Antes que Bishop pudesse dizer qualquer coisa estranha, a campainha tocou. Bishop fechou a porta entre a sala e o hall de entrada ao sair, mas Kit ainda podia ouvir a conversa na porta da frente. Ele deslizou para sentar-se

na escada, apoiando a cabeça no pequeno corrimão, e ouviu seu captor conversar com a entregadora.

Bishop parecia tão normal conversando com outras pessoas. Um pouco rude, mas a mulher riu de algo que ele disse e agradeceu pela gorjeta.

A porta se fechou e Bishop levou as caixas para a cozinha antes de retornar para Kit. Ele arrancou a fita adesiva primeiro, trazendo uma nova ardência aos olhos de Kit. Seus dedos roçaram os lábios de Kit enquanto ele tirava a bandana da boca. — Como você está se sentindo?

Kit recusou-se a dignificar isso com uma resposta, muito ocupado fazendo caretas e esticando o queixo.

Então a campainha tocou novamente – e logo após a campainha, uma batida estrondosa na porta.

— Eu não acho que isso seja a pizzaria, — Bishop murmurou, deixando Kit algemado à grade. Desta vez, ele deixou a porta entre a sala e o hall de entrada aberta e, quando Kit se virou, viu Bishop espiando pelo olho mágico da porta da frente.

Bishop praguejou, olhou para Kit e abriu a porta. — Este não é um bom momento, — ele retrucou para quem estava lá fora.

Definitivamente não era a pizzaria com quem ele foi tão gentil um minuto atrás.

Uma voz masculina mais profunda respondeu, com polidez de aço. — Então divirta-se, a menos que queira uma conversa estranha com seu HOA[4] sobre eu sangrando na sua varanda. Isso realmente arruína os valores das propriedades.

[4] Associação de Proprietários de Casas.

— Cristo. — Bishop passou a mão pelos cabelos e Kit se viu gostando da consternação do homem. — Tudo bem, entre, mas vá direto para a porra da cozinha.

Ele abriu a porta e fez o visitante entrar. O recém-chegado era um homem negro alto, mais ou menos da mesma altura de Bishop. Uma camisa de botão cinza sob medida aderia aos ombros largos. Ele teria uma aparência perfeita, o tipo de profissional que sempre insinuava Kit quando ele ia a cafeterias muito legais — só que o estranho estava segurando o paletó no braço esquerdo.

A manga estava encharcada de sangue.

— Qual é o seu problema hoje? — O estranho perguntou. — Não há simpatia pelos feridos? Eu só preciso de suturas. Tive que trocar de carro, deixei minha bolsa no…

O estranho encontrou os olhos de Kit. Seu olhar varreu a figura de Kit acorrentado ao corrimão, a confusão transformando-se em choque em seu rosto.

Então suspeita. — Bishop, — disse o homem, em voz baixa e contida. — Que porra é essa?

— Darius, — Bishop começou, mas parou quando Kit se mexeu na escada – as algemas tilintando audivelmente em seus pulsos.

Foda-se isso.

Erguendo o queixo, Kit encontrou o olhar de Darius e disse: — Ele está me mantendo aqui contra a minha vontade.

Darius esperou pela piada. Uma risada. Uma dica de que Bishop de repente estava muito mais interessado em bondage e roleplay do que Darius lhe deu crédito. O cara sempre pareceu tão baunilha para um ex-policial vigilante.

Mas não houve piada. Apenas um garoto branco e magrelo algemado na escadaria de Bishop, com marcas vermelhas nos pulsos, sob as mangas largas do moletom. Círculos escuros sombreados sob seus olhos.

— Explique isso, — Darius disse friamente.

Ele conhecia o trabalho de Bishop. Muito melhor que o de Darius. Bishop matou pelos seus clientes, mas também matou pela justiça. Seu próprio sentimento distorcido de remorso, como se cada bala certeira fosse mais um passo em direção à redenção.

Darius simplesmente matava por dinheiro e não sentia nenhum remorso.

Matar pessoas era uma coisa. O rapto e a tortura também não estavam fora de questão, pelo preço certo, embora Darius pudesse dar-se ao luxo de ser exigente quanto ao seu trabalho agora. Não como quando ele começou, jogando cada dólar que podia no abismo das dívidas de sua mãe. Ele até ajudava às vezes nos casos de Bishop. A versão de Darius do trabalho de caridade pró bono.

Mas que porra Bishop estava fazendo, trazendo uma responsabilidade para sua própria casa assim?

Bishop colocou-se entre Darius e as escadas. Entre Darius e o refém. — Vou explicar na cozinha.

— Quem é ele? Você o trouxe para sua casa? — Darius gesticulou para a sala de estar, depois sibilou de dor, lembrando-se do ferimento à bala. A

manga encharcada grudava-se desconfortavelmente no braço. — Isso é uma coisa de escravo sexual? Quem você pensa que é, seu...

— Termine essa frase e você se arrependerá, — Bishop rosnou, com o rosto duro.

Darius olhou para ele, tentando ler a verdade nos olhos do homem. Misturada à velha dor estava uma nova incerteza.

— Com certeza, porra. — A voz calma assustou Darius, atraindo sua atenção de volta para a figura encolhida na escada. O jovem caiu contra a grade. — Você é outro dos amigos psicopatas dele, não é?

Outro. Então o garoto já havia conhecido James.

— Algo assim, — Darius respondeu.

Sangue escorria com um suave tap-tap no chão de madeira.

— Vou explicar, — disse Bishop. — Mas posso consertar você primeiro?

— É melhor que isso seja bom. — Darius deu uma última olhada no refém antes de seguir Bishop até a cozinha.

A exaustão ao chamar Darius de psicopata. A vulnerabilidade naqueles grandes olhos verdes. Era uma combinação que Darius acharia difícil de esquecer.

# 4

## Posso dormir aqui esta noite?

Vinte minutos depois, Kit ouviu a porta da garagem abrindo e fechando. O homem atraente e sangrento – outro amigo psicopata de Bishop, aparentemente – foi embora sem que Kit o visse novamente. Kit não ficou surpreso que o homem demonstrasse não se importar com sua situação. Bishop foi muito cuidadoso. Ele não deixaria ninguém entrar em casa se eles realmente tivessem a chance de arruinar seus planos.

Quaisquer que fossem seus planos.

— Quem era ele? — Kit perguntou quando Bishop voltou para destravar as algemas.

Bishop guardou as algemas e a chave no bolso e virou os pulsos de Kit com as mãos calejadas. Seus polegares roçaram as marcas rosadas que circundavam os pulsos de Kit como pulseiras. Não tão cru quanto na primeira noite. — Você está aprendendo a não lutar tanto.

A pele de Kit formigou sob o toque de Bishop. — Parece muito inútil, sim.

— Não era ninguém com quem você precisasse se preocupar, — Bishop finalmente respondeu. — Ele parece legal, mas não se deixe enganar. Ele é perigoso.

— Olha quem está falando, — Kit murmurou.

Bishop levantou Kit e o soltou assim que Kit ficou firme. Ele parecia ter uma noção estranha das habilidades físicas de Kit. — Vamos, a pizza está na cozinha.

Kit estava comendo sua terceira fatia de pizza de frango com molho barbecue quando o telefone de Bishop tocou. Bishop olhou para a tela e depois para Kit por um momento antes de digitar sua resposta. Então ele continuou comendo sua própria pizza contaminada com calabresa.

Depois que terminaram de comer. Bishop pegou o prato de Kit e disse:
— Você pode ir embora amanhã de manhã.

Kit congelou.

Bishop foi até a pia e começou a enxaguar os pratos. *Que filha da puta responsável*, Kit pensou estupidamente. Bishop era a melhor governanta com quem Kit viveu desde o pai.

— Faz apenas quatro dias, — disse Kit. — O que mudou?

Bishop colocou os pratos na máquina de lavar louça. — James trabalha rápido. Por quê? Você quer ficar?

— Vá se foder, — Kit retrucou. Havia uma verdade recortada na piada casual de Bishop.

Não que Kit quisesse ficar. Ele não queria ser mantido em cativeiro por um assassino psicopata comedor de calabresa. Mas Kit disse a verdade quando conheceu Bishop, cercado por rios de sangue e montanhas de corpos.

Kit não queria nada.

E ele não tinha ideia de para onde ir a partir daqui.

Ele não ia entregar Bishop. Isso provavelmente fazia de Kit uma pessoa horrível, mas tio Ed e sua gangue também eram pessoas horríveis. Kit não teria coragem de relatar suas mortes. Para servir como testemunha. Estar envolvido.

Ser conhecido. Ser encontrado.

Estar perdido era muito mais fácil.

Bishop encheu a máquina de lavar louça com sabão e fechou-a. Apertou alguns botões e ela ganhou vida. Kit observou, atordoado, enquanto Bishop abria a geladeira e tirava uma lata de cerveja para si.

— Avise-me se quiser que eu te dê uma carona para algum lugar pela manhã. — Bishop abriu a lata, completamente calmo, como se não estivesse dizendo a Kit para destruí-lo. — A estação, o ponto de ônibus, onde quer que seja.

Kit colocou os pés no chão.

O primeiro lugar onde conheceu Bishop foi na cozinha. Dessa vez, Kit ficou congelado, o gosto de sangue enchendo seus pulmões enquanto Bishop caminhava em sua direção. Desta vez, Kit caminhou em direção a Bishop, com os pés descalços muito quietos contra o azulejo. Como se ele não estivesse realmente lá.

Parando perto o suficiente para tocar Bishop, ele olhou para aqueles penetrantes olhos azuis. Kit encontrou o que procurava: no momento em que o olhar de Bishop pousou em seus lábios. Sua garganta.

— Quero uma cerveja, — disse Kit, pegando a lata de Bishop. Seus dedos não se tocaram.

Bishop deixou que ele ficasse com ela. Abriu uma lata nova para si mesmo.

Pensamentos estúpidos e planos ainda mais estúpidos giravam enquanto Kit levava a cerveja para a sala. O líquido frio o acordou com um choque.

Esqueça querer coisas. Agora, ele precisava sobreviver. Não precisava ser prático.

Não precisava de um lugar para ficar.

Kit não conhecia mais ninguém na cidade e, supondo que recebesse a carteira de Bishop de volta, ela estaria quase vazia. Ele poderia roubar de Bishop. Inferno, Bishop era bastante estranho, ele provavelmente daria dinheiro a Kit se ele pedisse. Kit poderia pegar um ônibus até outro amigo de um amigo e encontrar um lugar para pousar por uma ou três noites.

Mas então?

Com a sorte de Kit, com o tipo de gente que conhecia, ele provavelmente acabaria no meio de outra cena de crime. Desta vez bancando a vítima em vez de testemunha.

Visões brilhavam, desvaneciam-se como polaroides mal expostas. Meninos com cabelos escuros, olhos verdes e profundos hematomas pretos em volta da garganta.

Marcas de unhas.

Kit se aninhou no sofá e bebeu o resto da cerveja, uma decisão cristalizando em sua mente. Ficar na casa de Bishop seria melhor do que ir embora. Mas ele precisava dar a Bishop um motivo para mantê-lo.

Felizmente, Kit sabia ser persuasivo.

Mas o plano incrível e infalível de Kit encontrou um pequeno obstáculo logo no início: Bishop não o algemou naquela noite.

Tomando lentamente sua segunda cerveja, Kit esperou enrolado no sofá até perceber que Bishop não voltaria para baixo. O relógio passava da meia-noite e Bishop já estava na cama.

Com a cabeça leve e flutuante, seja por causa da cerveja ou do distanciamento nervoso, Kit vagou pela casa escura.

Ele havia trocado favores sexuais por coisas de que precisava antes. Uma punheta por uma maconha. Um boquete por três semanas no lugar que ele ficou antes do Tio Ed, até que a namorada do cara saiu da cidade e ele

começou a querer mais de Kit. As acomodações não valiam o preço: o apartamento tinha cupins.

Este lugar era legal. Sem cupins. Havia algo estranhamente fascinante em Bishop também. Kit não se importaria de pagar um preço mais alto por mais disso.

Ele sabia onde ficava o quarto de Bishop, embora nunca tivesse entrado lá antes. Esta noite, estava destrancado. A luz do corredor revelou Bishop na cama, de costas para Kit.

Kit não se permitiu hesitar, com medo de perder a coragem. Ele evitou um cesto de roupa suja transbordando e uma caixa de papelão lacrada perto da cômoda enquanto se dirigia para a cama de Bishop. Antecipação e nervosismo guerreavam por sua atenção. Ele empurrou as duas coisas de volta. Não se tratava de como ele se sentia.

Ele tinha um objetivo. Não eram necessárias para atingir o objetivo. Era isso.

Mas ele ainda congelou quando Bishop virou-se para encará-lo, com uma expressão ilegível na escuridão. — Precisa de algo? — Bishop murmurou.

A resposta de Kit ficou presa em sua garganta. Engolindo em seco, ele se aproximou da cama. Tocou a beirada do colchão, feliz por a escuridão esconder sua palidez. Ele sentiu frio e um pouco de nervoso, mas tudo bem. Ele iria se divertir ou fingir que estava bem. — Nada de mais. Só estou um pouco cansado de dormir sozinho.

— O que você quer dizer com isso? — Bishop perguntou, uma tensão estranha em sua voz. Ele estava meio sentado nos travesseiros, um predador esperando nas sombras pelo próximo movimento de sua presa.

Kit apoiou o joelho na beira da cama. Ainda sem tocar em Bishop, mas o calor do homem maior permeava os cobertores. — Vamos, — Kit murmurou. — Você sabe o que eu quero dizer.

Bishop não o tinha parado ainda, então Kit rastejou até a cama. Ele se ajoelhou ao lado do corpo reclinado de Bishop e estendeu uma mão – depois a retraiu.

— Posso dormir aqui esta noite? — Kit perguntou.

Bishop sentou-se, seu corpo aparecendo na escuridão. Sombras mergulhavam e curvavam-se sobre seu peito e ombros nus. Suas respirações misturadas encheram a noite, e as sombras ficaram pesadas ao redor dos membros de Kit, mantendo-o no lugar enquanto Bishop tocava sua bochecha.

Seus lábios.

— Você quer ser fodido esta noite? — Bishop perguntou, o grunhido em sua voz vibrando diretamente através dos instintos mais básicos de Kit. Provocando um curto-circuito em todos os seus medos e planos até que tudo o que restou foi o zumbido da luxúria.

Com essa frase – sim. Sim, Kit estava querendo ser fodido esta noite.

Mas essa afirmação morreu em seus lábios. O momento de luxúria passou e Kit ficou sem palavras, tremendo ligeiramente sob a mão de Bishop.

Todo o fôlego fugiu do corpo de Kit enquanto o mundo girava ao seu redor. A cama balançou e, de repente, Kit estava deitado de costas, os pulsos presos acima da cabeça com um aperto de ferro. Bishop pairou sobre ele, sua presença avassaladora.

A pulsação de Kit disparou quando Bishop se inclinou. Com a barba por fazer raspando a bochecha de Kit, Bishop sussurrou no ouvido de Kit: — Acho que não.

Kit lutou instintivamente, mas Bishop o segurou com facilidade. A diferença de tamanho entre eles era visceralmente clara. As mãos de Bishop em volta dos pulsos eram mais restritivas do que as algemas jamais foram. Nada que Kit fizesse poderia comover Bishop.

— Você está com medo, — disse Bishop.

Havia coisas piores do que ficar com medo. — Eu não estou.

— Isso não foi uma pergunta. — O calor dele cercou Kit. — Eu sei qual é o gosto do medo.

A respiração de Kit ficou presa. — Você está enganado. Se você não vai me foder, me deixe ir.

— Não até que você me diga por que está realmente aqui.

— Você é estúpido? — Kit exigiu. A indignação queimou o medo frio. Tudo o que Kit queria abrir mão era de seu corpo – nada de importante.

Sem verdades. Sem explicações.

Bishop riu. — Você não tem senso de autopreservação, não é?

— Você não tem ideia, — Kit retrucou, os pulsos torcendo inutilmente contra as mãos de Bishop. — Pare de agir como se você pudesse me ler. Você não me conhece de jeito nenhum.

— Então me explique, — disse Bishop, com um sorriso perigoso em sua voz. — Finja que sou estúpido.

Kit caiu para trás, sem tentar mais lutar. Ele não queria brigar, como se isso fosse ajudar de qualquer maneira. Ele estava muito cansado, muito estressado, muito sobrecarregado com o quanto estava sentindo depois de meses de dormência.

Sim, Kit estava com medo. Mas ele sabia como viver com medo. — Achei que era bastante óbvio. Foda-me. Se você puder.

O aperto de Bishop foi ajustado para segurar os pulsos de Kit com apenas uma mão. O outro desceu para cobrir a garganta de Kit. Os dedos pousaram em seu pulso acelerado. — Claro que eu poderia. Seria fácil.

— Esse é o problema? — Kit riu. — Eu poderia lutar.

— Só se eu deixar. — O aperto de Bishop não aumentou no pescoço de Kit. Apenas mudou. Um lembrete, não uma ameaça.

A consciência de quão facilmente Bishop poderia estrangulá-lo ainda era estimulante. Não, assustador. Kit deveria estar aterrorizado.

— Diga a verdade agora, — disse Bishop. — Nós dois sabemos que você não quer isso. Por quê você está aqui?

Foda-se.

Kit suspirou, completamente submisso e imóvel. Olhando por cima do ombro de Bishop, ele confessou: — Você disse que parou de me manter como refém. Mas não tenho outro lugar para ir.

O aperto de Bishop aumentou e depois afrouxou o pescoço de Kit. — Você está tentando trocar sexo por um lugar para ficar.

Novamente, não é uma pergunta.

Kit fechou os olhos. Acontece que ele não estava vazio demais para sentir vergonha, afinal. — Achei que você estivesse interessado. Claramente, eu interpretei você mal.

— Você não tem ideia de como me interpretou mal, — disse Bishop enigmaticamente. Ele soltou os pulsos de Kit e sentou-se, deixando Kit frio e descoberto na cama. — Durma aqui se quiser, mas estou indo para o sofá.

Kit ficou de pé. — Fique com sua cama idiota, — ele murmurou, e recuou antes que Bishop pudesse dizer mais alguma coisa.

Ele meio que esperava que Bishop o agarrasse enquanto ele fugia. Para sair da escuridão e arrastá-lo de volta. Mas ele chegou ao quarto de hóspedes intocado e sozinho.

Porra.

Porra, porra, porra.

Kit fechou a porta, dividido entre a humilhação, o alívio e a preocupação.

Obviamente, Bishop iria expulsá-lo pela manhã. Kit teve sorte de não estar na rua agora, no meio da noite, depois daquele erro de julgamento.

Porra. Ele realmente pensou que Bishop estava a fim dele. Mas claramente os interesses de Bishop se estendiam apenas a brincar e ameaçar Kit. Algum tipo de bondage psicoplatônica. Bishop não queria mais nada de Kit, e Kit era um idiota por pensar o contrário.

Ninguém jamais iria querer Kit tanto quanto *ele*. E mesmo ele não queria Kit o suficiente.

Tanto faz. Kit se enrolou na espaçosa e vazia cama de hóspedes, sem se preocupar em se enfiar sob os cobertores. Valeu a pena tentar. Ele apenas teria que encontrar outro lugar para ficar. Ele sempre conseguiu antes.

---

Bishop esperou até ouvir a porta do quarto de hóspedes ser fechada antes de cair de volta na cama. Seu coração batia forte com o coquetel de instintos que exigiu toda a sua força de vontade para suprimir.

Alcançando seu pênis dolorido, ele esfregou-se através de sua boxer enquanto sua mente girava em espiral.

Que porra Kit estava pensando, rastejando na cama de Bishop e se oferecendo como um pequeno presente vulnerável?

Se Bishop fosse uma pessoa pior, ele não teria hesitado.

Do jeito que aconteceu, Bishop quase cedeu. Por um momento, ele não quis mais nada além do que acreditar na oferta de Kit. Para virá-lo e tomá-lo. Devagar. Para quebrá-lo até que ele chorasse de prazer.

Exceto que Bishop não podia ignorar o quão errada a pequena farsa de Kit parecia. Cada movimento do menino era uma performance vazia. Retratando a sedução, sem querer de verdade.

Bishop era muitas coisas. Um assassino, por mais que se vestisse com o conceito de justiça. Um sequestrador, depois desta semana. Mas para sorte de Kit, Bishop não era um estuprador. Se Kit estava trocando sexo por um lugar para ficar, Bishop não queria participar disso.

Mas agora que Kit se foi, os desejos de Bishop eram um segredo conhecido apenas por ele e pela escuridão. Que mal havia em fingir?

Ele se acariciou através da boxer, torcendo o polegar sobre a glande. Em vez disso, imaginei a mão de Kit sobre ela, muito menor, mais frágil. Kit seria tão fácil de quebrar, mas Bishop não iria querer fazer isso da maneira mais fácil.

Bishop aprenderia cada pedaço de Kit enquanto ele se fraturava.

E Bishop tinha a sensação inegável de que havia mais para aprender. Esta não foi a primeira vez que Bishop sentiu que algo estava errado nas reações de Kit. Como se ele estivesse se filtrando por alguma ideia teórica de como uma pessoa deveria se comportar.

O contato de Bishop ainda não retornou nenhum resultado em sua busca por Kit Byron.

Na escuridão, as coxas de Bishop flexionaram. Fricção e necessidade ferviam em seu sangue. Ele se lembrou de enfiar a bandana entre os lábios finos de Kit, sentindo-a esticar-se ao redor de seus dedos. A memória evoluiu, até que não eram apenas os dedos de Bishop enfiados na boca de Kit. Até que Kit engasgou com o pau de Bishop, forçando o comprimento entre aqueles lindos lábios rosados. Quão grande seria sua boca, como sua mandíbula doeria. Como seus olhos se estreitariam e ficariam vermelhos, à beira das lágrimas.

Bishop passou a mão pelos cabelos, apertando-os em punho, e imaginou que, em vez disso, estava segurando Kit pelos cabelos.

A lembrança das lágrimas ameaçadoras de Kit levou Bishop ao limite.

Depois, Bishop ofegou irregularmente. Ele não estava disposto a expulsar Kit para a rua, se era isso que preocupava Kit. Mas uma coisa era certa: Kit não poderia ficar aqui por muito mais tempo. A força de vontade de Bishop só se estenderia até certo ponto.

# 5

## Não se preocupe, não vou matar você ;)

Descansando com os pés sobre a mesa com tampo de vidro, James folheou uma pasta em seu telefone. As imagens eram uma mistura de capturas de tela e fotografias, cada uma bem identificada na parte inferior.

Uma digitalização de uma carteira de motorista. Um relatório sobre uma acusação de dirigir embriagado de uma criança de seis anos. Um mapa. Fotos de uma rua suburbana. Sete fotos do mesmo homem, tiradas de diferentes ângulos e distâncias, às vezes parcialmente obscurecidas por cercas ou folhagens – cada uma claramente tirada sem o conhecimento do sujeito. Uma foto profissional de um homem branco, sorridente e de cabelos grisalhos, na casa dos cinquenta anos.

Um roteiro de viagem que coloca o homem em São Corvo em uma viagem de negócios na próxima semana.

James folheou novamente as fotos tiradas discretamente. Este investigador particular não era tão bom quanto Bishop, que nunca lhe teria enviado fotos tiradas através de uma cerca de arame.

Mesmo assim. Isso foi bom o suficiente. Outra corrida na escada que levaria James ao seu objetivo.

James olhou através das paredes de vidro de seu escritório, reprimindo um sorriso para os profissionais bem pagos colados em seus próprios computadores. O sol estava se aproximando do meio-dia sobre a cidade brilhante. James deveria sair em breve, para que ninguém se sentisse obrigado a trabalhar durante o almoço só porque o diretor ainda estava no escritório.

A San Corvo Security não era a única empresa de James, mas era a que ele mantinha mais diretamente sob seu controle pessoal, em memória de sua mãe. As outras eram, em sua maioria, apenas investimentos. Investimentos úteis. O dinheiro de sua família era tudo que James tinha deles, então ele poderia muito bem aproveitar ao máximo.

Seu telefone está com uma ligação do Cara Enforcado..

James apertou um botão e as janelas de seu escritório mudaram lentamente de cor, ficando mais escuras e azuis. Agora, ele ainda conseguia ver o exterior, mas ninguém mais conseguia ver o interior. Seu assistente sabia ler lábios – o que James geralmente achava conveniente, mas não quando alguns de seus amigos estavam ligando.

Depois que as janelas mudaram, James atendeu o telefone. — Faz muito tempo que não conversamos, Darius.

Darius Fontaine, uma das pessoas mais irritantes que James conhecia, não perdia tempo com gentilezas. — Você sabia que Bishop está mantendo um escravo sexual?

— Claro, — James respondeu, antes que seu cérebro se recuperasse. — Espere aí. Não há nenhuma chance de Bishop transar com ele. Bishop está transando com ele? Isso não é justo, ele disse que eu não poderia…

Houve uma pausa. O som fraco do tráfego na linha de Darius.

— Ele não está mantendo Kit como escravo sexual, — disse James, com mais confiança do que sentia. — Apenas um refém comum, para ser libertado... quando quiser. Não se preocupe com isso.

— Onde vocês o pegaram? — Darius perguntou. Ele estava no viva-voz enquanto dirigia.

Interessante que Darius estivesse tão interessado. James brincou com uma caneta. — O que Bishop disse a você?

— Estou perguntando a você, não a Bishop.

— Minha resposta é qualquer coisa que Bishop lhe disse. — James desligava o computador enquanto falava, juntando suas coisas. — Você não receberá nada diferente de mim, a menos que me diga por que deseja saber.

Depois de um momento, uma risada rouca veio da linha. — Você não é tão burro quanto costumava ser.

— Ah, estou lisonjeado.

— Não fique.

— Ei, escute, — disse James. — O que você vai fazer na segunda-feira?

— Isso é confidencial.

— Você não é divertido, — disse James, e desligou.

Saindo de seu escritório, James acenou para seu assistente, que saberia que o carro seria trazido para ele quando chegasse ao andar térreo. James contemplou o itinerário de viagem de seu próximo alvo enquanto descia de elevador.

Havia uma reserva de almoço para amanhã. James poderia facilmente providenciar uma reserva por conta própria, mas pareceria mais natural se ele tivesse um encontro. Alguém que não ficaria surpreso se o bufê sangrasse. Se Darius não tivesse livre, talvez Bishop estivesse disposto a desempenhar o papel.

Ou talvez...

---

Kit estava preparado para seu despejo, mas quando desceu as escadas na manhã seguinte, Bishop não foi encontrado em lugar nenhum. As

fechaduras extras da porta da frente e da garagem desapareceram. Kit poderia destrancá-las e sair a qualquer momento.

Em vez de sair, Kit continuou inspecionando a casa. A maioria das portas estava destrancada – ele podia entrar ou sair por qualquer porta da casa, exceto o quarto de Bishop, o escritório de Bishop e o sótão.

Encontrou a primeira evidência da presença de Bishop na cozinha. Um meio bule de café ainda estava quente sobre o balcão. Ao lado da panela estava a carteira de Kit e seu celular conectado a uma tomada.

Então, era assim que a liberdade parecia. Meio anticlimático.

Kit serviu café em uma caneca preta e dourada do Departamento de Polícia de San Corvo — a maior caneca da cozinha de Bishop e, portanto, a favorita de Kit. Ele mexeu muito açúcar e depois sentou-se de pernas cruzadas à mesa da cozinha com o café e seu celular, que fazia muita falta.

Totalmente carregado, ligado. Nenhuma nova notificação.

Exceto quando Kit desbloqueou o telefone e abriu suas mensagens de texto, havia uma série de mensagens dos últimos dias – todas marcadas como lidas, embora ele obviamente não tivesse conseguido lê-las.

Bishop ou James ou quem quer que tenha lido suas mensagens, e eles não se importaram o suficiente para esconder isso de Kit.

— Malditos idiotas, — Kit murmurou, levando a caneca gigante aos lábios com as duas mãos. Ele não conseguia reunir a indignação apropriada. De todas as coisas que fizeram com ele, ler suas mensagens era realmente a menor coisa.

Além disso, o telefone tinha apenas um ano e um número novo. Não havia nada de importante nisso.

Ele folheou os textos que havia perdido. Apenas amigos de conhecidos, pessoas que saberiam que ele estava na casa do tio Ed, mas não foram

cúmplices o suficiente dos crimes de Ed para justificar uma sentença de morte de Bishop.

*Você ouviu que a casa do Ed foi baleada? Que merda*

*Você ainda estava com o Ed? O que aconteceu?*

Kit os ignorou, mais interessado em conferir quais vídeos importantes de gatos ele havia perdido nos últimos cinco dias. Mas antes que ele pudesse abrir qualquer outro aplicativo, seu telefone tocou. Uma notificação *push* apareceu na parte superior da tela, de um contato desconhecido.

***Sexy:*** *Ei babe, venha almoçar comigo amanhã. Eu te pego às 13h*

**Kit definitivamente não se lembrava de ter salvo esse número em seu telefone.**

Quem diabos era Sexy?

Kit conseguia contar com uma mão o número de pessoas que o chamavam de "babe" recentemente – começando e parando com um único dedo médio.

Ele colocou os pés na cadeira da cozinha e tomou um gole de café. A tela do telefone não estava mais quebrada, ele percebeu depois de dois minutos olhando para o telefone. E depois de três minutos, ele respondeu.

***Kit:*** *oi James*

***Sexy:*** *Aww, você se lembrou de mim! Andei pensando em você ;)*

As sobrancelhas de Kit se ergueram com a resposta quase instantânea. Ele não conseguia nem começar a pensar em como responder antes de James mandar uma mensagem novamente.

***Sexy:*** *Não se preocupe, não de uma forma assustadora ;)*

A memória do toque de James passou pela pele de Kit. Dedos longos traçando sua mandíbula. Uma palma larga acariciando suavemente sua garganta. O calor se acumulou na barriga de Kit. Com o tempo e a distância – tempo insuficiente, distância insuficiente – o pano de fundo sangrento daquele momento parecia menos importante. Sangue e carne espalhados pelo chão de cerâmica. O cérebro de Macaroni Jeff deslizando pela frente da geladeira. Nada disso importava agora.

O que importava era aquele momento de conexão. Entendimento. James queria Kit e deixou isso bem claro. Sem jogos ou besteiras.

***Kit:*** *não quero saber se o que você achou foi assustador se não for isso*

***Sexy:*** *Haha, você é tão engraçado. Isso é o que eu gosto em você*

***Sexy:*** *Ok, há outras coisas que gosto em você…*

Tudo bem, Com alguns jogos e besteiras. Kit corou, o calor em seu rosto não era inteiramente devido ao café. Ele abraçou a caneca contra o peito, sentindo-se como um estudante do ensino médio flertando com sua paixão entre as aulas. Esse tipo de sentimento agitado e envergonhado. Pelo menos o que Kit imaginou que seria. Ele não estava pensando em paixões quando abandonou.

Talvez Bishop estivesse certo. Talvez Kit não tivesse senso de autopreservação, afinal. Porque ele mandou uma mensagem de volta para James.

***Kit:*** *onde você vai me levar para almoçar*

***Sexy:*** *É uma surpresa!*

***Sexy:*** *Não se preocupe, não vou te matar ;)*

Revirando os olhos, Kit não fez James esperar por uma resposta dessa vez.

***Kit:*** *o fato de você ter que dizer isso é preocupante*

***Sexy:*** *Hahaha*

***Sexy:*** *Você tem alguma alergia?*

***Sexy:*** *Você precisa de roupas novas? Posso enviar um assistente para levá-lo às compras hoje à noite*

Kit revirou os olhos novamente, estranhamente se divertindo com a combinação de confiança dominadora, consideração e promessas pouco convincentes de James de não matá-lo.

Sim. Bishop estava certo. Nenhum senso de autopreservação.

***Kit:*** *sem alergias. Eu tenho roupas. se você me mandar uma mensagem de novo hoje, o almoço está cancelado*

**Um momento depois, seu telefone tocou novamente. Mas não foi uma resposta. Apenas um sinal de positivo casual reagindo à última mensagem de Kit.**

Kit riu apesar de si mesmo. Afinal, James sabia quando desistir.

Deixando o telefone de lado, Kit encheu sua caneca com café e açúcar enquanto pensava. Ele só tinha algumas mudas de roupa na bolsa e estavam todas sujas. É hora de descobrir a máquina de lavar roupa de Bishop. Esperançosamente ele não inundaria o lugar.

Ou talvez esperançosamente ele inundaria. Cai bem a Bishop por tê-lo envergonhado na noite anterior.

Kit tinha a sensação de que Bishop não ficaria feliz por ele concordar em almoçar com James, e isso tornava tudo ainda melhor. Talvez tenha sido por isso que ele concordou. Só para irritar Bishop.

Não poderia ser porque Kit estava curioso para saber o que James estava planejando. Não poderia ser porque ele se lembrava do calor do toque de James.

Não poderia ser porque Kit ansiava pelo beijo das chamas nas pontas dos dedos dele.

---

Kit mal viu Bishop naquela noite. O que foi bom. Kit não queria falar com Bishop e, felizmente, Bishop também não parecia querer falar com ele. Na manhã seguinte, Bishop havia sumido novamente quando Kit acordou por volta das onze.

Depois de tomar banho no banheiro de hóspedes de Bishop, Kit mexeu no cabelo no espelho – até perceber o que estava fazendo.

Ele olhou para si mesmo. Pele pálida, ossos afiados. Olhos verdes que nem sempre pareciam os dele. Ele era o mesmo garoto estranho e inútil que sempre foi, e aqui estava ele.

Preparando-se para um encontro com um assassino.

— Esqueça Bishop. — Kit ergueu a mão para cobrir os olhos de seu reflexo. O espelho combinava com seu sorriso amargo. — *Você* odiaria isso, não é?

Às 12h55, a campainha tocou.

Kit serviu-se de um copo de água. Enxaguou o gosto de café da boca e cuspiu na pia antes de caminhar lentamente até a frente da casa.

Um buquê de rosas brancas o recebeu na porta. Cada pétala orvalhada brilhava com a luz do sol. Pelo menos vinte flores, quase tão brancas quanto o sorriso de James ao oferecer o buquê a Kit.

— Ei, *babe*. Bishop está por perto?

Kit olhou James de cima a baixo. Principalmente para cima – James era trinta centímetros mais alto que os 1,60m de Kit. Seu cabelo preto estava casualmente penteado para trás e ele usava uma camiseta simples e jeans escuro. Mas Kit tinha a sensação de que a roupa casual de James custava um pouco mais que a dele.

— As flores são para Bishop? — Kit perguntou, inclinando a cabeça.

James riu, revelando suas covinhas. — Elas são para você. A menos que você fique com ciúmes se eu disser que são para Bishop. Então elas são para ele.

— Não quero saber de nada que você e Bishop façam juntos, — disse Kit, mesmo enquanto sua imaginação disparava na velocidade da luz. Lembrou-se dos comentários de James na casa do tio Ed. Ficando duros ao matar. Precisando desabafar.

Bishop e James alguma vez transaram depois de matar pessoas juntos?

Kit não deveria querer saber disso.

— Sério, Bishop está aqui? — James perguntou, passando por Kit e entrando na casa. — Preciso de um vaso para as flores.

Eles não conseguiram encontrar um vaso, então se contentaram com uma panela. Depois, James levou Kit até o carro-

Uma limusine preta, estacionada na rua de Bishop. Uma mulher de meia-idade parou de passear com seus chihuahuas para ficar boquiaberta no canto seguinte. Ela estava com o telefone na mão e Kit se perguntou se ela estava enviando mensagens de texto para os amigos ou postando no aplicativo do bairro.

Um passeio bastante chamativo para um assassino. Kit olhou para a limusine. — Onde diabos vamos almoçar?

— Temos uma reserva no Fêter, — disse James enquanto a motorista abria a porta. Ele conduziu Kit para dentro com uma mão presunçosa nas costas. O toque queimou a camisa fina de manga comprida de Kit. — Local agradável, não deve estar muito lotado. Tem certeza de que não é alérgico a nada? Posso ligar antes. Bem, Carla vai ligar.

Kit empoleirou-se no meio do banco confortável. O couro era macio sob as palmas das mãos. A motorista – Carla, uma mulher morena e atarracada cuja blusa rosa de seda de alguma forma combinava com seu corte de cabelo e tatuagens – fechou a porta atrás de James. A fechadura da porta fez um clique dentro do coração de Kit.

James sentou-se em frente a Kit, seu olhar era nada menos que predatório. Mas sua voz estava totalmente normal quando ele deu um tapinha no assento ao lado dele. — Venha sentar perto de mim. Você quer água? Refrigerante? Estou guardando o vinho para depois do almoço.

A boca de Kit ficou seca. — Eu não preciso de nada.

James não insistiu. Apenas ficou sentado com o braço apoiado no encosto do banco enquanto a limusine começava a se mover. — Então, como Bishop tem tratado você?

Ele não invadiu o espaço de Kit, mas sua presença era avassaladora. Os joelhos deles estavam separados por apenas alguns centímetros.

Kit encolheu os ombros. — Muito bem, considerando toda a coisa de refém. Foi você quem olhou meu telefone?

— Sim. — James sorriu, nem mesmo tentando negar.

— Por quê? — Kit mexeu nas mangas compridas. Ele não tinha nada importante em seu telefone, mas isso não mudava o quão estranho era. Quão ofendido e assustado ele deveria estar com a violação da sua privacidade.

— Alguns motivos, — disse James. — Eu precisava limpar seus registros de localização do mês passado, caso alguém investigue você.

Kit nem tinha pensado nisso. Claro. Seu DNA estava agora em uma cena de assassinato em massa. Pelo menos ele não estava sozinho – muita gente tinha DNA na casa do tio Ed.

James continuou. — Também enviei todas as suas conversas com Ed Addersen e seus associados para Bishop.

A repulsa tomou conta de Kit, trazendo à tona os arquivos que ele se recusou a olhar. — Você achou que eu poderia estar envolvido nisso?

— Bishop me pediu para verificar.

— Você teria me matado se eu estivesse envolvido? — Kit perguntou.

— Bishop é bastante intenso em relação a toda a questão da justiça, — disse James. — Não faço ideia do que ele teria feito. Mas não se preocupe – você é muito jovem e fofo para morrer. Eu teria simplesmente sequestrado você dele mais cedo, para sua própria proteção.

A limusine parou em um sinal vermelho e Kit contemplou a porta enquanto seu pulso martelava na garganta. Talvez este fosse um bom momento para saltar da limusine.

O pé de James avançou, até que seu lindo sapato de couro esfregou o interior do tênis surrado de Kit. Mesmo abafada pelo sapato, a fricção formigou no arco do pé de Kit.

Ele permaneceu onde estava, acorrentado por seus próprios instintos terríveis.

James continuou, assinalando violações descontroladas de privacidade em seus dedos. — De qualquer forma, fiz uma pesquisa por palavra-chave em suas outras mensagens, verificando se havia criminosos, policiais ou ex-namorados que eu precisava eliminar. — Ele fez uma pausa para lançar uma

piscadela para Kit. — Procurei outros aplicativos de mensagens. Então instalei um programa meu que impedirá que você seja hackeado por qualquer outra pessoa com intenções impuras. — James deixou cair as mãos nos joelhos, sorrindo. — Por fim, carreguei US$ 1.000 no saldo da sua loja de aplicativos.

Kit o encarou. — Você fez o quê?

— Verifique se você não acredita em mim.

Obviamente, James estava brincando. Ele pode muito bem ter dito que inocência estava escrita no teto. Mas Kit se viu tirando o telefone do bolso de qualquer maneira, forçado a se mexer levemente no banco para tirá-lo do jeans apertado. — Você está brincando comigo, — disse Kit enquanto deslizava para o aplicativo certo.

— Estou absolutamente brincando com você, — disse James. — Mas esta parte é verdade.

Era. O saldo da app store do Kit deveria ser de US$ 8,43. Agora eram US$ 1.008,43.

A mão de Kit tremeu ligeiramente ao redor do telefone. As peças se encaixavam, estranhas e familiares, numa forma que fazia sentido.

Eventualmente, Kit perguntou: — O que você quer em troca?

Ele já estava preparado para se vender esta semana de qualquer maneira.

O espaço entre eles diminuiu quando James se inclinou para frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos. — Eu quero muitas coisas, mas isso é independente. O dinheiro é uma compensação por invadir sua privacidade. Se você concordar em me fornecer suas informações bancárias, eu lhe darei muito mais, porque Bishop e eu o incomodamos terrivelmente. Além do mais.

Os olhos escuros de James se fixaram diretamente na alma machucada de Kit. Como se ele estivesse procurando por algo. Como se ele tivesse encontrado. Sua palma desliza quente sobre o joelho de Kit.

— Eu não preciso de dinheiro para conseguir o que quero de você, preciso?

# 6

## Pelo menos me pague o almoço primeiro, idiota.

James estava perto o suficiente para contar os cílios escuros de Kit. Cada partícula de sombra em seus olhos verde-floresta. A respiração de Kit foi cativante. A menor palavra de James provocou uma reação tão forte no menino, que seria fascinante o suficiente.

Kit recostou-se no assento de couro, erguendo o queixo. — Pelo menos me pague o almoço primeiro, idiota.

A resposta acertou em cheio o último prego da obsessão de James.

Kit era perfeito. Totalmente perfeito. James queria Kit desde o momento em que o viu, só porque Kit parecia tão bonito no meio de um banho de sangue. Mas a maneira como Kit podia desmoronar, atordoado, e então se recompor novamente – aquela compostura de boneca escondendo medo e excitação.

James tinha que tê-lo. Mas ele poderia ser paciente. Persiga sua presa.

Compre o almoço para ele.

O resto da viagem foi tranquila. Kit vagou pela limusine, olhando tudo, enquanto James ficou parado observando Kit.

A camisa de mangas compridas pendia solta de seu corpo magro, oferecendo apenas dicas de sua figura. Os jeans apertados pretos eram ótimos, no entanto. Quase pintado, com rasgos e buracos mostrando vislumbres tentadores de pele pálida. James podia facilmente imaginar aquelas coxas finas enroladas em seus quadris.

Restringir seu presente a um valor simbólico na conta da App Store de Kit foi a decisão certa. James pretendia primeiro abastecer Kit com US$

10.000 mais razoáveis, mas decidiu jogar com calma. Ele não queria sobrecarregar o garoto.

Aparentemente, James e Kit tinham definições diferentes de "quantidade simbólica".

É meio alarmante o quão longe apenas US$ 1.000 poderiam levá-lo com Kit. James precisava acostumar Kit a imensas quantias de dinheiro, para não ser tão facilmente influenciado por homens com carteiras menores.

---

— Estou malvestido? — Kit perguntou quando eles entraram no restaurante. James continuou descrevendo-o como um local fofo, mas desde as decorações espelhadas douradas até os garçons de gravata-borboleta preta, Kit não ficaria surpreso se custasse US$ 1.000 só para entrar pela porta.

Isso pode ser uma pechincha para James, no entanto.

James apenas colocou uma mão confiante nas costas de Kit, guiando-o para frente. — Não se preocupe. Você está perfeito.

Kit penteou o cabelo desajeitadamente atrás da orelha enquanto a recepcionista cumprimentava James efusivamente. — Por aqui, Sr. Zhou.

— Obrigado, Holly, — James disse com um sorriso. Ele manteve o braço em volta de Kit enquanto Holly os conduzia pela sala.

O lugar era grande, mas não estava lotado. O dobro de mesas caberia no espaço, e tudo estava escondido em cantos isolados, cercado por plantas suspensas e lustres. Algumas pessoas acenaram para James enquanto passavam. Kit se preparou para um exame minucioso, mas ninguém ficou olhando para ele por muito tempo.

James só soltou Kit quando Holly puxou os assentos para eles. Assim que ela saiu, Kit acusou: — Você é famoso ou algo assim?

— Não famoso. Apenas rico. — Quando Kit olhou, impressionado com a distinção, James suspirou. — Herdei muito dinheiro e possuo alguns negócios. Eu invisto em outros. Minha influência é principalmente local, mas quem consegue fazer uma reserva aqui sabe quem eu sou.

O garçom chegou com os cardápios e Kit abriu o seu, preocupado que listasse um monte de coisas que ele não conseguisse pronunciar. Em vez disso, eram principalmente… saladas, pizzas e hambúrgueres?

Tudo o que diabos "desconstruído" significava.

— Moderno, não é? — James fez uma careta. — Peça o que quiser. Você quer algo para beber?

— Somente água.

James sorriu. — Eu também. Tenho alguns negócios importantes para cuidar hoje.

Kit ergueu os olhos pensativamente, mas ainda não questionou isso. Este lugar foi uma escolha estranha para James levá-lo. Claro, James parecia querer impressioná-lo com dinheiro – e Kit não podia dizer que não estava funcionando – mas pelo pouco que sabia sobre James, seus interesses seriam melhor atendidos com jantares e bebidas em casa.

Talvez pulando a parte do jantar.

Talvez pular bebidas também.

Este ambiente muito público e formal, onde a mão de James nem havia passado pelas costas de Kit, não combinava com o Modus Operandi do homem.

Depois que os aperitivos chegaram, Kit escolheu batatas fritas trufadas que certamente não valiam o preço do cardápio. — Então, do que se trata? Não me diga que é apenas um encontro.

— Nunca é *apenas* um encontro. — James piscou. — Não quando é você. Mas essa é uma pergunta justa. Que tal isso? Como também quero te conhecer melhor, vamos jogar um jogo.

— Cristo, — Kit murmurou. — Deixa para lá.

— Será um jogo divertido, — disse James com confiança. — Vou fazer perguntas e, para cada uma que você responder, você também poderá me fazer uma pergunta. Juro responder de forma verdadeira e completa. Embora eu possa guardar alguns detalhes de locais menos visíveis.

— Detalhes?

O sorriso de James era sombrio. — Tenha cuidado com o que você pergunta.

Kit mordeu o interior do lábio. — Entendi. Vamos jogar.

Mas é claro que James não ficou satisfeito com esses termos. — Cada vez que você não responde, eu recebo algo de você.

— Cristo, — Kit murmurou novamente. — Como o quê?

O olhar de James subiu lascivamente para cima e para baixo no corpo de Kit. Kit sentiu como se não estivesse vestindo nada em vez da camisa. — Apenas um beijo. Não é pedir muito, não é?

Ah, que bom. Isso foi melhor do que muitas opções. Dependendo das perguntas que James fizer, Kit pode estar pagando muitas multas.

A primeira pergunta de James foi fácil, no entanto. — Você é virgem?

— Não. — Kit mergulhou as batatas fritas no aïoli. — Quantas pessoas você matou?

James riu, descaradamente. — Uau, pessoal. Deixe-me pensar. — Ele contou algumas rodadas nos dedos, olhando para cima como se estivesse imerso em pensamentos. — Contando meus três na semana passada no trabalho de Bishop, doze.

Kit acreditou nele. Realmente acreditou nele. O número deveria assustar Kit. Ele deveria se levantar e ir embora.

Mas mais uma vez, ele não o fez.

James se inclinou. — Formulei mal minha primeira pergunta. Lábios como os seus, você obviamente chupou pau. Mas você já teve um pau na bunda?

As bochechas de Kit esquentaram. — Não. — Mais dele se aqueceu ao olhar nos olhos de James. — Quem mais você matou e por que os matou?

James apontou para ele. — São duas perguntas. Para a primeira, posso fornecer uma lista detalhada quando não estivermos em um bom restaurante. Já a segunda.. — Seu rosto de repente ficou sombrio. Melancólico. — Quando tiver oportunidade, procure Evelyn Zhou online. Soletra-se z-h-o-u. Cada morte é mais um passo mais perto dos homens que assassinaram ela, seu marido e suas filhas. — Ele encolheu os ombros. — Ou é um favor para Bishop.

Kit não esperava ver tanta dor nos olhos de James. Sua própria garganta se apertou em resposta, e ele estava prestes a pedir desculpas quando o terrível sorriso de James retornou.

— Minha vez de fazer duas perguntas. — James olhou para Kit com avidez. — Bishop te fodeu?

A recente rejeição doeu na memória de Kit. — Não.

O sorriso de James se alargou. — Segunda pergunta. Se eu lhe dissesse para se mover para a cadeira ao meu lado, para que eu pudesse te masturbar aqui mesmo na mesa, você concordaria?

A respiração de Kit engatou. O olhar de James queimava como se fosse um toque em cada pedaço visível de sua pele. A luxúria nua era avassaladora. Intoxicante. Os jeans de repente desconfortável, Kit nem sequer considerou recusar-se a responder. Ou mentir. James não acreditaria em uma mentira.

— Sim, — Kit disse calmamente.

Valeu a pena, pela expressão de espanto no rosto de James – seguida por um deleite voraz. — Droga, *babe*. Eu tinha certeza que ganharia um beijo com essa.

Corado, Kit tomou um gole de água. — Não é minha culpa que você esteja fazendo perguntas fáceis. Como você e Bishop se conheceram?

Eles pararam enquanto o garçom chegava com o prato principal. Quando eles ficaram sozinhos novamente, James respondeu: — Nós dois estávamos rastreando o mesmo bandido de colarinho branco. Bishop foi gentil o suficiente para me deixar interrogar o cara antes que ele terminasse seu trabalho. Peguei seu cartão de visita e o contratei para encontrar meu próximo alvo. Isso foi há cerca de quatro anos.

Ele disse isso tão casualmente como se eles tivessem se conhecido no campo de golfe.

Kit nunca jogou golfe, no entanto. Talvez isso envolvia mais do que assassinatos do que ele imaginava.

— Ok, vou parar de incomodar você. Isso virá mais tarde. — James piscou descaradamente para seu hambúrguer de bacon desconstruído. — De onde você é?

Kit fez uma pausa. Terminou de mastigar a salada – a única coisa do cardápio que não estava "desconstruída". Baixou as mãos, para que James não pudesse vê-lo mexendo nas mangas, mas todos os seus medos e inseguranças pareciam ampliados. Como sua ansiedade refletida nos candelabros de roseta dourada.

— Sem comentários, — disse Kit.

Os olhos de James brilharam. — Você está jogando o jogo para mim, menino bonito?

Kit esfaqueou sua salada. — Essa é outra pergunta?

James apenas riu. E então – seu comportamento não mudou, mas seus olhos mudaram. De repente, sua atenção não estava mais totalmente fixada em Kit.

O que não deveria incomodar tanto Kit.

Ainda sorrindo, James disse: — Duas mesas à sua esquerda, há um homem de gravata roxa e vermelha. Olhe sutilmente, ou não olhe."

Kit se virou para examinar toda a sala, sem fazer contato visual com ninguém. Seu olhar varreu o homem mencionado por James. Cabelo prateado de meia-idade. Uma gravata listrada roxa e vermelha. Completamente comum.

— O que tem ele? — Kit perguntou, endireitando-se em seu assento.

James enfiou o garfo no hambúrguer desconstruído. Seu pé deslizou contra o de Kit debaixo da mesa, o simples toque enviando ondas de choque de excitação através de Kit. O sentimento agitado e sedutor se misturou de forma desconcertante com as próximas palavras de James:

— Eu vou matá-lo hoje.

# 7

## Isso é apenas para as câmeras.

Kit não pensou nem por um segundo que James estava brincando. — Que porra é essa?

Os olhos de James se curvaram em um sorriso. — Você vai tentar me impedir?

Deus. Porra. Caramba.

As paredes douradas e brancas do restaurante chique oscilavam em torno de Kit. Manter silêncio sobre um crime que já havia acontecido era uma coisa. Entregar Bishop não teria trazido o tio Ed ou sua gangue de volta à vida.

Sr. Gravata Vermelha e Roxa ainda estava vivo.

Mas Bishop tinha avisado Kit sobre os advogados assustadores de James, e James já estava gastando tanto dinheiro que era basicamente um superpoder, só para impressionar – ou foder com – Kit. Quantos recursos mais James poderia reunir para se manter fora da prisão? James era um assassino, de qualquer maneira. Ele nem precisava de dinheiro para se livrar de Kit, se Kit se colocasse em seu caminho.

Muitas razões para ter medo. Kit disse a si mesmo que era por isso que estava quieto. Covardia.

Não curiosidade.

O sorriso de James era perturbadoramente afetuoso. — Termine sua salada, menino bonito.

Kit revirou os olhos, mas obedeceu. Ele meio que esperava que James sacasse uma arma a qualquer momento, mas preparar-se para matar alguém

era mais silencioso do que isso. Quando terminaram de dividir o que parecia ser uma pilha de ar cristalizado e açúcar, como uma colmeia em miniatura de algodão doce, James pegou o telefone e enviou uma mensagem de texto.

Um minuto depois, o Sr. Gravata Vermelha e Roxa pediu licença e saiu pelos fundos do restaurante.

Cinco minutos depois, James pagou a conta e conduziu Kit na mesma direção. Sua mão quente e forte envolveu completamente a de Kit.

— Onde estamos indo? — Kit perguntou nervosamente.

James se aproximou quando passaram por uma garçonete. Disse no ouvido de Kit, alto o suficiente para que a garçonete certamente ouvisse: — Vamos ao banheiro. Preciso de um pouco de privacidade para o que quero fazer com você.

A orelha de Kit esquentou. Ele não sabia se James estava dizendo a verdade, estabelecendo um álibi ou ambos.

Kit também não sabia qual resposta ele preferia.

Duas portas os levaram além da cozinha movimentada até um corredor tão silencioso que seus passos ecoavam. À esquerda havia uma porta com janela para a cozinha. À direita havia uma série de armários e dois banheiros. No final do corredor havia uma porta sob uma placa de saída de emergência.

Kit não pôde deixar de olhar para as câmeras brilhando nos cantos do teto.

Um telefone tocou alto o suficiente para fazer Kit pular. James parou no meio do corredor e pegou o telefone. — Olá, Bishop. Como está indo sua segunda-feira?

O pulso de Kit acelerou quando James se afastou das câmeras em direção a Kit. A resposta de Bishop foi inaudível.

— Não se preocupe, ele está comigo, — James disse alegremente. — Estamos em um encontro.

Houve um longo silêncio, no qual o rosto de Kit esquentou e o sorriso de James se aprofundou.

— Por que você é tão estranho quando é sobre ele? — James perguntou. — Tudo bem, vou colocá-lo na linha. Aqui, *babe*. Diga a Bishop que você está vivo.

Kit pegou o telefone reflexivamente e pressionou-o, ainda quente pelo toque de James, em seu ouvido. Ele lambeu os lábios secos. — Você está com saudades de mim?

Silêncio do outro lado, até que Bishop suspirou. O som era baixo, mas tão nítido que Kit praticamente podia sentir seu cabelo se mexendo com a respiração do homem. Como se Kit estivesse pressionado entre os dois, Bishop atrás dele e James na frente dele, com Kit muito fraco ou estupidamente imprudente para escapar.

— Fique seguro, ok? — Bishop disse eventualmente, sua voz rouca ecoando por Kit.

— Tanto faz, — Kit respondeu, inexpressivo, e devolveu o telefone para James – mesmo enquanto ele tentava não cambalear com essas palavras simples. O corredor totalmente branco se fechou ao seu redor, e ele não ouviu o que James disse antes de desligar.

Fique seguro.

Kit não conseguia se lembrar da última vez que alguém disse algo assim para ele.

As pontas dos dedos de James sob seu queixo tiraram Kit de seu torpor. — Ei, — James murmurou, e deu um passo à frente. Sorrindo gentil e

confiantemente para Kit, até que Kit se pressionou contra a parede fria. — Você não precisa me beijar agora.

A cabeça de Kit inclinou-se para trás para encontrar os olhos de James. Ele se esforçou para processar as palavras, em total desacordo com os movimentos de James. Tensão e calor zumbiam entre eles. — O quê?

A outra mão de James pousou na cintura de Kit. — Isso é apenas para as câmeras.

O pânico tomou conta de Kit, antes que ele percebesse o que James queria dizer. Câmeras de segurança Ninguém estava olhando para eles, tirando fotos de Kit. As câmeras de segurança estavam bem.

O polegar de James traçou o osso do quadril de Kit através de sua camisa fina, toda pressão e fricção provocantes. A um suspiro dos lábios de Kit, James disse: — Toque-me de volta. Só por um segundo.

Ambas as mãos caíram nos quadris de Kit agora, cada movimento imprimindo nos nervos hipersensíveis de Kit.

— Eu sou seu álibi? — Kit perguntou, pouco mais que um sussurro, e James apenas riu.

Então sua risada desapareceu, substituída por um murmuro apreciativo quando Kit tocou seu peito. Kit deslizou as palmas das mãos pelo peito de James. Quanto custou a camisa? Como seria, arranhado e enrugado sob as unhas de Kit? Músculos sólidos se moviam a cada respiração de James. Quando Kit tocou o pescoço de James, ele encontrou uma pulsação tão rápida quanto a sua, sob a pele bronzeada e dourada de James.

James não estava tão calmo quanto parecia. Nervosismo? Temor? Excitação?

O pulso acelerado de James era por Kit ou pelo assassinato que ele estava prestes a cometer?

— Isso é suficiente? — Kit perguntou, e ficou estupidamente desapontado quando James disse: — Perfeito.

James o puxou para um banheiro – um quarto individual branco e simples, claramente não destinado a clientes ricos. Assim que a porta se fechou, James se separou de Kit e começou a digitar em seu telefone.

— Eu preciso que você fique aqui por quinze minutos. Não há câmeras no banheiro, e estou repetindo as câmeras do corredor agora, para parecer que ainda estamos lá.

Kit encostou-se no balcão de granito frio. — Você hackeou as câmeras? Como isso funciona?

— Eu possuo a San Corvo Security. Eu instalei essas câmeras, não há necessidade de hackear. — James guardou seu telefone no bolso. — Voltarei quando terminar de entrevistar aquela escória.

— Onde você está indo? — Kit perguntou, tentando não parecer nervoso. Ele estava sentindo muito isso esta semana. Nervosismo. Incerteza. Ele não tinha certeza se isso era algo ruim, depois de meses mal sentindo alguma coisa.

— Aquela porta no final do corredor leva a uma escada que leva a uma garagem subterrânea. O canalha do dia está esperando lá depois de receber uma mensagem urgente de um associado. — James piscou. — Tudo que você precisa fazer é esperar aqui, e eu virei buscá-lo quando terminar. Se alguém perguntar, você gozou duas vezes e meu pau é enorme.

Ele não esperou pela resposta de Kit antes de sair pela porta.

Todo o peso de Kit estava apoiado no balcão. A borda doeu. Ele se abraçou, tentando acalmar seus pensamentos o suficiente para decidir o que fazer.

Não era tarde demais para parar com isso.

Não era tarde demais para escapar.

James não estava mais ao lado de Kit, aumentando sua adrenalina com ameaças e tentações. Espinhos afiados e pétalas brancas e macias. James não conseguiria impedir Kit de chamar a polícia. De sair correndo por aquela porta e estragar tudo.

Em vez disso, depois de um momento, Kit pegou o telefone e procurou o nome Evelyn Zhou.

**Massacre de San Corvo! Magnata dos negócios e família assassinados**

Kit passou pelas primeiras manchetes sensacionalistas nos resultados da pesquisa e clicou em um artigo com aparência menos tabloide. Mesmo sem a narração ofegante do tabloide, os detalhes eram horríveis.

*A famosa empresária sino-americana Evelyn Zhou (43) foi assassinada em sua residência em San Corvo na noite de quinta-feira. Seu marido, o artista Patrick Zhou (42), e suas filhas Crystal (17) e Iris (12) também foram mortas. O filho James Zhou (14) sobreviveu ao ataque. As autoridades ainda procuram pistas, segundo o Chefe do Departamento de Polícia de San Corvo…*

Não havia fotos, mas uma descrição vívida da cena do crime que abrangia vários quartos e o jardim da frente. Kit demorou-se, enjoado, a ler a nota de que a polícia só encontrou James, de catorze anos, escondido num armário seis horas depois de terem chegado ao local.

Mordendo o lábio, Kit procurou artigos mais recentes.

Um ano depois. *Uma vigília foi realizada no aniversário de…*

Dois anos depois. *As autoridades ainda estão buscando pistas sobre…*

Cinco anos depois. *O descendente sobrevivente da família Zhou assassinada anunciou uma recompensa maior por qualquer informação que leve a…*

Sete anos depois. *James Zhou assumirá o cargo de sua falecida mãe, anunciou o conselho de administração da San Corvo Security, após uma disputa tumultuada entre…*

Dez anos depois. *Uma vigília foi realizada no aniversário de…*

Do começo ao fim, os detalhes permaneceram inalterados. Uma família foi massacrada e ninguém sabia quem era o responsável. Vigílias foram realizadas. Informações das autoridades procuradas.

James foi o único que mudou. Ele cresceu. Ele acumulou poder. Ele herdou o legado de sua família – e muito, muito mais.

A mão de Kit apertou seu telefone e ele olhou para as paredes brancas do banheiro do restaurante.

A família de James foi assassinada há quatorze anos. Pelo que Kit sabia, as autoridades não tinham mais respostas do que no dia do massacre. James tinha vinte e oito anos agora, de acordo com o artigo mais recente que Kit encontrou, o que significava que ele passou metade da vida sem qualquer informação sobre o assassinato de sua família.

Exceto pelas informações que ele mesmo reuniu.

Uma dor antiga e estranha surgiu nos pulmões de Kit. Uma ausência na qual ele raramente pensava, porque era parte integrante dele há tantos anos.

Kit não sabia o que aconteceu com sua própria mãe. Ela se foi quando ele tinha dois anos. Ele não sabia o nome verdadeiro dela e só conhecia o rosto dela pelas fotos que viu muito mais tarde.

Se ele soubesse, se fosse algo assim, ele se tornaria um caçador como James?

Ou Kit continuaria correndo, como a presa que sempre foi?

— Eu não quero uma bagunça tanto quanto você, — disse James ao homem à sua frente. O peso da pistola estava quente na palma da mão enluvada, o cano pressionado contra a têmpora do alvo. A outra mão enluvada segurava a garganta do homem. — Esta camisa é nova e eu tenho um encontro.

O estacionamento era escuro e cavernoso, carros caros estacionados ao lado de armários e caixas de suprimentos.

O homem estremeceu contra James. — Vou te dar tudo que puder. Por favor. Não sei tanto quanto você pensa que sei.

— Claro, você apenas cuida dos pagamentos do seguro, — disse James suavemente. Suas informações diziam que não era verdade, mas o alívio obscureceria a cabeça do homem. — Quão perto você consegue me levar no topo?

— Eu nunca conheci o Rei Rato. Não conheço ninguém que... ah. Porra.

A alegria pulsava nas veias de James. O Rei Rato. James nunca tinha ouvido esse nome antes. — Conte-me algo novo, — disse James, abusando da sorte, embora o tempo estivesse quase acabando. — Eu não quero o Rei Rato. Dê-me outro nome, qualquer nome, e não atirarei. Você estará de volta lá em cima a tempo da sobremesa.

James não esperava conseguir mais nada, e esta já foi uma reunião muito produtiva. O Rei Rato era um novo nome para procurar. Talvez alguém estivesse tentando preencher o vácuo de poder deixado pela ausência do Viper.

Mas o alvo de hoje era um covarde, aparentemente, e ele tinha mais para contar.

— Melissa Vespers, — disse o homem. — Ela me diz quais pedidos devo desviar.

— Obrigado. — James soltou a garganta do homem. Arma mantida firme, ele recuou e esperou.

O homem caiu no chão de concreto, contorcendo-se e engasgando com a própria garganta inchada.

James disse a verdade sobre não atirar, mas mentiu sobre a sobremesa. Ele já havia enfiado a pequena agulha envenenada no pescoço do homem.

Triunfo e adrenalina percorreram o corpo de James. Com o sangue esquentando, ele guardou a arma no coldre e se dirigiu para as escadas.

Seu par estava esperando por ele e era hora de comemorar.

# 8

## Cada má ideia só o excita mais.

Kit jogou água no rosto dele. Esfregou o rosto com as mangas, evitando o próprio olhar vermelho no espelho – até ouvir vozes de mulheres no corredor.

Com o coração na garganta, Kit pressionou-se contra a porta. Ele reconheceu Holly, a recepcionista, dizendo: — Há uma peça reserva na garagem do térreo. Já volto.

Kit congelou. A garagem era onde James estava. James disse que voltaria em quinze minutos, mas eram apenas dez. Se Holly fosse lá agora, o que ela encontraria?

O que apareceria nas imagens de segurança do corredor?

Será que James a machucaria?

Ela entregaria James?

Kit não parou para pensar em nenhuma das opções. Entre o toque quente de James e a dor fria em seus olhos, Kit já havia decidido que não iria entregar James. Ele já era cúmplice e o próximo passo foi muito mais fácil do que Kit jamais teria pensado.

Ele não podia permitir que Holly chegasse à garagem.

Kit parou apenas o tempo suficiente para bagunçar o cabelo, até parecer ainda mais desgrenhado. Saindo do banheiro, ele não teve que fingir seu nervosismo ofegante e desconfortável.

Com certeza, Holly estava virando a esquina, quase ao alcance das câmeras que James havia ligado. Ela pareceu surpresa ao ver Kit.

— Com licença, esta é uma área exclusiva para funcionários, — disse Holly com a testa franzida.

— Sinto muito, não fazia ideia. — Kit torceu as mãos. Ele olhou em volta e não viu mais ninguém. — Vou contar ao Sr. Zhou isso imediatamente.

Ela se endireitou. — O Sr. Zhou está com você?

— Ele está, hum. No banheiro. Escute, você poderia me fazer um grande favor? — Este foi um plano estúpido. Um plano fenomenalmente estúpido. Mas pelo menos Kit não teve que fingir sua total humilhação. Kit afastou o cabelo da testa, sentindo-a notar seu cabelo bagunçado, seu rosto úmido, suas roupas amarrotadas. — Senhor. Zhou me pediu para ver se havia alguma, hum. Vaselina, ou tipo, azeite ou algo que eu possa pegar emprestado na cozinha?

— O quê? Por que você... — Os olhos de Holly se arregalaram.

Kit abaixou a cabeça, o rosto esquentando. — Por favor, isso é tão embaraçoso.

— Certo, hum. Bem, isso é muito, hum. Mas é para o Sr. Zhou, então. Espere aqui e voltarei em um minuto. — Seus saltos bateram no chão de cerâmica

Kit caiu contra a parede, aliviado. Com o rosto ainda em chamas, ele enviou a James uma mensagem de texto rápida.

***Kit:*** *espere até eu dizer para você voltar. Você também me deve*

James respondeu imediatamente com um emoji de beijo.

De alguma forma, isso acalmou os nervos de Kit. Toda a dor, o pânico e o constrangimento se fundiram em algo mais caloroso. Kit era o único naquele salão vazio e cheio de ecos, mas não estava sozinho.

Felizmente, Holly não disse nada quando voltou com uma garrafa de azeite. Ela nem sequer fez contato visual, apenas entregou a garrafa a Kit e

foi em direção à cozinha. Kit foi até o banheiro, colocou a garrafa no balcão e mandou uma mensagem para James avisando que estava tudo bem.

Momentos depois, a porta se abriu. James parecia o mesmo de quando saiu – suas roupas perfeitamente arrumadas, seu cabelo perfeitamente despenteado – exceto pela fome em seus olhos, sua chama escura alimentada por um calor voraz. Sua presença encheu a sala e, de repente, não houve espaço algum entre eles.

A mão de James deslizou por trás do pescoço de Kit, puxando-o para perto. Toda a força do corpo de James pressionou contra Kit. O pênis de James estava duro contra o estômago de Kit, tão claro como se não houvesse camadas de roupa entre eles. O hálito quente agitou o cabelo de Kit. Passando por seus lábios como um fantasma.

Mas foi Kit quem enterrou as mãos nos cabelos de James e o arrastou para um beijo.

James pegou sua oferenda e acendeu as brasas em um inferno. Ele estava por toda parte, despertando todos os nervos de Kit. Seu toque reivindicou o pescoço de Kit, seus quadris, deslizando para cima e para baixo nos braços de Kit. Batimentos cardíacos acelerados, foi tudo o que Kit pôde fazer para resistir às chamas.

Ele abriu a boca e James o devorou. Sua língua passou ao lado da de Kit, atrás dos dentes, explorando cada canto de sua boca.

Emocionante. Simples. Verdadeiro. Kit precisava disso.

James se afastou, os lábios úmidos e o peito arfante. Ele esfregou o polegar no lábio inferior de Kit. — Você é cheio de surpresas.

— Você não tem ideia, — Kit respirou, e tentou puxar James de volta para baixo.

James apenas deu-lhe um leve beijo. — O relógio está correndo. Vou acabar com você no carro. — Ele piscou e tirou o telefone do bolso. — Só consertando as câmeras e... o que é isso?

Ele apontou para o azeite no balcão.

A excitação de Kit diminuiu com o constrangimento. — Nosso álibi, — ele disse estupidamente. — A recepcionista ia descer, então eu a interceptei e, hum. Eu disse que você estava no banheiro comigo e que me mandou pedir...

James olhou incrédulo. — Você pediu lubrificante à recepcionista?

Kit encolheu os ombros, impotente. — Sim? Não consegui pensar em um plano melhor.

James deu um beijo entusiasmado na testa de Kit. — Você é incrível, — disse ele com seriedade, depois pegou o óleo.

Kit cobriu o rosto enquanto James despejava um pouco do óleo no vaso sanitário e dava descarga. — Você... correu tudo bem?

Com o assassinato. Com a caça.

— Sim, — James respondeu facilmente. — Mas, como Bishop sempre diz, o trabalho não acabou só porque o cara morreu. Saia do caminho. — James derramou um pouco de óleo no balcão e depois limpou com uma toalha de papel que jogou na lata de lixo. — Devo gozar no balcão também, para perícia?

— Isso é necessário? — Kit perguntou.

— Não. — James deixou a garrafa, lavou as mãos e depois arrumou as roupas. Depois despenteou o cabelo de Kit. — Vamos parecer devidamente pervertidos para nossa grande saída.

Kit fez uma careta para ele. — Eu já pareço bastante bagunçado.

— Não está bagunçado o suficiente. — James bagunçou o cabelo novamente. — Vou consertar isso na limusine.

Carla estava com a limusine esperando lá fora. Como prometido, James foi até Kit assim que a porta se fechou.

Kit se jogou no beijo enquanto caía no banco de couro. Seu corpo se esfregou contra James sem qualquer intervenção de seu cérebro, e seus dedos se enredaram no cabelo macio de James. A mão de James subiu pela camisa de Kit, espalhando-se por sua barriga nua.

Preso e cercado pelo corpo e cheiro de James, Kit sabia que cada parte disso era uma má ideia. James era arrogante. Apavorante. Rico, poderoso, nove anos mais velho que Kit.

James matou um homem há quinze minutos, com as próprias mãos prendendo Kit ao couro.

Mais uma vez, Kit teve a prova de que estava muito mais fodido do que jamais imaginou. Cada má ideia só o excita mais.

A limusine começou a se mover. Quando James mordeu o lábio inferior de Kit, Kit engasgou e arqueou-se.

— Deus, você tem um gosto ainda melhor do que eu pensava, — James murmurou contra seus lábios. Ele se apoiou, os olhos brilhando. — Então, você é cúmplice de assassinato agora. Como é isso?

— Deixe-me pensar, — disse Kit, atordoado pelo poder do contato visual de James.

— Sem pressa. — James desceu para dar beijos no pescoço de Kit.

Kit inclinou a cabeça para trás, todo o seu corpo cantando com os novos hematomas. — Mais fácil do que eu esperava. Só há uma coisa. — Ele olhou para o teto, esperando que a divisória entre o banco do motorista e o carro principal fosse à prova de som. — Por que você confiou em mim?

James traçou as marcas que deixou com os lábios. Ele parecia contemplativo. — Não sei. Talvez eu realmente quisesse. Por que você ajudou?

Porque estar com James era emocionante. Porque James – assim como Bishop – fez Kit se sentir vivo pela primeira vez em anos. Porque talvez eles não fossem tão diferentes, James e Kit.

Kit ainda não estava pronto para abrir esses segredos para James. Ele pode nunca estar pronto. Então, tudo o que ele disse foi um eco. — Talvez eu realmente quisesse.

Rindo, James passou as mãos pelas laterais de Kit. Prendeu os quadris no assento de couro. — Falando em coisas que eu realmente quero fazer. Tenho pensado na sua boca desde que te conheci naquela maldita cozinha.

Excitação e antecipação aumentaram em Kit. — Que surpresa.

James balançou contra Kit. Seu pênis estava duro entre eles. — Deixe-me foder seu rosto, *babe*.

Havia algo no *desejo* na voz de James que transformou Kit em uma poça de excitação. Seus próprios jeans estavam tão apertados que doíam, mas Kit não queria se tocar ainda. Ele queria fazer tudo o que James lhe dissesse, para que pudesse continuar se sentindo assim.

— Sim, — Kit disse asperamente. — Ok.

James se afastou com um gemido. Ele caiu no banco de couro em frente a Kit e abriu as pernas.

Kit se endireitou, cada respiração rápida bombeando novo calor. Ele olhou para a paisagem em movimento através das janelas escuras, esperando que estivessem escuras demais para ver através delas. Não se importando tanto quanto deveria.

Ele deslizou de joelhos. O carpete era macio, mesmo onde os buracos da calça jeans expunham sua pele. Ele apoiou uma mão na coxa de James enquanto James desabotoava o cinto e abria o zíper da calça jeans. O peso grosso de seu pênis era claramente visível sob o jeans. A boca de Kit encheu de água em antecipação, e os olhos de James nunca deixaram os dele.

— Essa é uma boa aparência para você. — James pegou Kit pelo queixo, inclinando o rosto para cima. — Eu gosto de você de joelhos, olhando para mim. Você é tão fodidamente lindo.

O elogio tomou conta do rosto de Kit.

James tirou seu pênis e uma antecipação nervosa percorreu Kit. O pau de James era ainda maior do que parecia. Longo e grosso, com um bronzeado mais avermelhado que o resto dele. James arrastou a calça jeans e a boxer até os quadris e depois até os tornozelos, completamente desavergonhado na parte de trás da limusine.

— Você já fez isso antes, certo? — James olhou maliciosamente para ele.

— Claro." Kit tentou lançar um olhar arrogante, mas de alguma forma, ele ainda se sentia novo e incerto. Ele já tinha feito isso antes, mas nunca quis tanto. Reunindo toda a sua bravura, ele estendeu a mão para tocar o pênis de James.

Estava mais quente do que Kit esperava, a pele macia sobre a carne firme e cheia de sangue. Todo o corpo de James estremeceu ao menor toque. Kit acariciou James lentamente enquanto sua própria ereção pressionava necessitada e úmida dentro de sua cueca. Parte dele queria se tocar também, mas o resto queria dedicar cada grama de sua atenção a James.

— Porra, — James gemeu. — Bem desse jeito.

Kit quase não fez nada, mas aceitou o incentivo. Ele se ajoelhou e beijou a cabeça do pênis de James.

James tinha um gosto quente e almiscarado na língua de Kit. Até mesmo o roçar da pele em seus lábios parecia penetrar cada parte de Kit. Quase mais avassalador foi o calor das coxas musculosas de James prendendo-o ao seu redor. Kit estava completamente cercado, completamente à mercê de James.

Mas não indefeso. Não inútil.

— Porra, você faz tão bem. — James continuou falando, deixando Kit de castigo e tentando-o ao mesmo tempo. — Esses lindos lábios foram feitos para o meu pau, não foram, *babe*?

Kit estava no topo do mundo, do jeito que o menor movimento de sua língua poderia arrancar gemidos de prazer de James.

A mão de James afundou no cabelo de Kit. Não puxando, apenas segurando a cabeça de Kit no lugar. Kit iria tremer de antecipação.

— Você sabia que eu me masturbei para você outro dia? — James perguntou. — Eu me encostei na parede do chuveiro e fodi minha mão e fingi que era sua boca, sem mais nem menos.

Algo no calor e no prazer na voz de James, na obsessão sincera e arrogante, transformou a compostura de Kit em nada. Ele olhou para cima para encontrar os olhos de James enquanto colocava a cabeça do pênis de James em sua boca. Quente e pesado em sua língua.

James esfregou o polegar nos lábios esticados de Kit, momentaneamente silenciados.

Kit primeiro se moveu hesitantemente. Ele balançou a cabeça, a mandíbula esticada, enquanto pegava o máximo que podia do pênis de

James – apenas metade dele. Suas bochechas afundaram enquanto ele chupava.

Quando a mão de James apertou seu cabelo, Kit choramingou. Não de dor.

— Deus, você é perfeito, — disse James, com os olhos brilhando. — Posso ser um pouco mais bruto?

# 9

## Adoro ver você tão desesperado por mim.

*Bruto* parecia mais atraente do que Kit pensava ser possível. Afastando-se do pênis de James, Kit lambeu o gosto de seus lábios. — Sim, — ele disse entrecortado. — Você pode ser mais bruto.

O sorriso de James era afiado. — Continue olhando para mim. Esse olhar em seus olhos é tão quente. — Sua mão apertou o cabelo de Kit, enviando arrepios de dor e prazer pelo couro cabeludo de Kit. — Bata na minha coxa se precisar de mais ar. Agora, abra a boca como um bom menino.

Com o coração batendo forte, Kit abriu a boca enquanto James arrastava a glande para frente.

Chega de explorações cuidadosas e hesitantes. Chega de beijos rápidos e suaves. Tudo o que Kit precisava fazer era se ajoelhar enquanto James o puxava para frente e para trás em seu comprimento escorregadio.

Tudo o que Kit pôde fazer foi manter a boca aberta o suficiente. A cabeça do pênis de James atingiu o fundo de sua garganta e Kit engasgou, os olhos ardendo.

Seu próprio pau ainda estava dolorosamente duro.

Kit não tinha energia para se tocar, nem coordenação. Todo o seu corpo tremia enquanto James fodia sua boca como um brinquedo indefeso. Tudo isso enquanto derramava elogios doces e sujos nos ouvidos ardentes de Kit.

Os elogios açucarado era quase mais difícil de suportar do que as metidas ásperas em sua boca, a ardência em seu cabelo.

— Olhe para mim, Kit, — James ofegou de repente.

Kit olhou para cima, com lágrimas nos olhos e saliva manchando seus lábios, enquanto James enfiava uma última vez em sua garganta e derramava.

Um fluido viscoso ficou preso na parte de trás de sua língua com cada pulsação do pênis grosso de James. Em excesso e muito repentino para Kit engolir a princípio, e o sabor dominou toda a sua boca. Somente quando James o puxou para longe de seu pênis amolecido Kit conseguiu engolir.

Ele gritou, surpreso, quando James o puxou para seu colo. O polegar de James esfregou os lábios molhados de Kit, e os olhos de James estavam ainda mais vorazes do que antes.

Kit ofegou, tonto de excitação no abraço de James.

— Deus, eu nunca quero sair da sua boca, — James murmurou. — Mas agora é a sua vez, menino bonito.

James beijou Kit lentamente, com confiança, e Kit decidiu que afinal não precisava respirar. Quando Kit se inclinou de corpo inteiro para o beijo, James se abaixou entre eles.

O ângulo devia ser estranho, e James mal conseguia segurá-lo, mas Kit estava tão duro e tão perto que ele não se importou. James nem sequer tentou desabotoar a calça jeans, apenas esfregando-o através da calça. Sua mão era tão grande, tão quente através do tecido. Alguns momentos de fricção contra seu pênis vazando eram tudo que Kit precisava.

— James, — Kit choramingou durante o beijo. — Eu não vou durar.

— Eu não quero que você dure. — A mão livre de James acariciou as costas de Kit. O pescoço dele. — Eu quero que você goze com seu jeans apertado para mim, como uma virgem desesperada. Adoro ver você tão desesperado por mim. Você quase gozou só de chupar meu pau, não foi?

Kit não podia negar isso. Ele não queria negar isso. Mas ele nunca admitiria que foi o som da voz presunçosa de James em seu ouvido que o levou ao limite. Kit gozou com um pequeno gemido abafado, balançando-se desesperadamente contra a palma da mão de James.

James murmurou mais alguma coisa em seu ouvido. Kit não conseguiu entender todas as palavras. Algo sobre "bom" e "perfeito" e outras palavras que realmente não se aplicavam a Kit. Ele gostava delas de qualquer maneira.

Kit desabou, pressionando a testa contra a clavícula de James. Ele se sentia vazio, no bom sentido. Estranhamente relaxado.

E ele sabia o que precisava fazer a seguir.

Há duas noites, Kit foi expulso da cama do Bishop. Entre James e Bishop, Kit não sabia qual deles ele tinha mais medo. Qual o atraiu mais magneticamente, contra todo o bom senso.

Mas havia uma franqueza reconfortante em James. Mais fácil do que o comportamento quente e frio de Bishop. A maneira como Bishop olhou como se quisesse Kit e depois o afastou. A forma como Bishop acorrentou Kit à escada e depois disse-lhe para ficar seguro.

— Como foi isso? — James perguntou, ainda incrivelmente presunçoso.

— Muito bom, — Kit disse sem fôlego. — Posso morar com você?

— Claro, você... espere, o quê? — Uma surpresa incomum coloriu a voz de James. Ele empurrou o rosto de Kit pela testa até que seus olhos se encontraram. — Isso está se movendo um pouco rápido demais.

O coração de Kit bateu forte, preparado para a rejeição novamente. Estava tudo bem. Ele descobriria outro lugar para morar. Só que, se James

estivesse disposto, isso seria muito mais fácil. — De repente você tem problemas com as coisas indo rápido demais?

— Não, — James disse rapidamente. — Mas eu sou um assassino arrogante e babaca. Você é um jovem legal e normal. Insisto que você explique por que deseja se mudar. — James piscou. — Meu pau realmente tem um gosto tão bom?

Contorcendo-se ligeiramente no colo de James, Kit decidiu contar a verdade. — Porque não tenho outro lugar para ir. Não tenho emprego e estou com pouco dinheiro. Você tem tanto dinheiro que eu não me sentiria mal em roubá-lo até poder pagar o aluguel em outro lugar.

— Que porra é essa? Você já quer se mudar? — James apertou a bunda de Kit. — Uma coisa de cada vez, *babe*.

— Isso é um sim? — Kit saiu do colo de James e sentou-se no banco oposto.

— Isso é um sim, — disse James, arrumando a calça jeans de volta.

O alívio inundou Kit. Ele ficou lá sentado enquanto James pegava um compartimento, tirando um rolo de lenços umedecidos. Ele jogou um para Kit e começou a limpar as próprias mãos.

— Isso não significa que eu estou namorando você ou algo assim, — Kit disse enquanto se limpava.

James seguiu todos os seus movimentos. — Claro que não. Quero me esforçar para seduzir você.

— Ótimo, — Kit disse fracamente. — Posso pagar o aluguel ou encontrar outro lugar, eu acho, assim que encontrar um emprego.

Os olhos de James se curvaram em um sorriso. — Sem pressa. Tenho muito dinheiro para manter um namorado troféu ao lado.

— Não somos namorados, — disse Kit, embora a palavra o fizesse sentir-se todo sentimental e caloroso por dentro. Deus, ele estava um desastre emocional depois de gozar.

— Claro que não, — James disse presunçosamente, e se inclinou para frente. Ele apoiou uma mão na coxa de Kit e beijou uma respiração fraca e choramingada dos lábios de Kit. — Estamos na casa de Bishop. Quer empacotar suas coisas?

Tonto com o beijo, Kit nem percebeu que a limusine parou. Ele espiou pelas janelas e, com certeza, eles estavam estacionados na rua de Bishop.

James verificou seu telefone. — Carla mandou uma mensagem dizendo que nos abandonou. Bishop a convidou para entrar para assistir ao jogo das Baleias Diabólicas enquanto ela esperava.

Alguns minutos depois, Kit seguiu James pela passarela de Bishop. Carla saiu de casa quando eles se aproximaram, ignorando seu chefe, mas acenando levemente para Kit.

Kit acenou de volta, sentindo-se um pouco culpado, mas ela parecia completamente imperturbável.

Na porta, Bishop apareceu, com ar de lobo esperando nas sombras. Seu corpo largo preenchia a porta e seus penetrantes olhos azuis eram ilegíveis. Algo no olhar de Bishop deixou Kit hiperconsciente de seu cabelo bagunçado e de seus lábios avermelhados. O esperma secando desconfortavelmente em sua cueca.

Ele limpou todo o cuspe do rosto?

O que Bishop pensava dele agora?

Bishop não disse nada até que todos estivessem no saguão. Ele fechou a porta da frente e perguntou a James, com a voz baixa e tensa: — Você o matou?

Certo. O assassinato provavelmente era mais importante do que o boquete.

— Sim, — disse James, sem recuar. — Você vai fazer disso um problema?

Bishop apenas cruzou os braços e olhou. Os dois pareciam crescer, duas presenças masculinas guerreando pelo controle da sala. Kit ficou ao mesmo tempo nervoso e curioso sobre como isso iria acabar.

Nervoso, curioso e muito pequeno.

James quebrou o silêncio primeiro. — Ele vai morar comigo. Estamos aqui apenas para pegar as coisas dele.

A expressão de Bishop não mudou, mas Kit teve a estranha sensação de que Bishop estava desapontado. O que não fazia sentido. Bishop foi quem disse a Kit que ele estava livre para ir em primeiro lugar.

— Você vai? — Bishop perguntou a Kit.

Kit passou a mão pelo cabelo. — Sim, — disse ele, quebrando o contato visual como um covarde. Ele avançou em direção às escadas. — Vou pegar minhas coisas.

Ele escapou antes que qualquer um deles pudesse dizer alguma coisa. James e Bishop poderiam ter qualquer confronto machista por conta própria.

# 10

## Kit não pertencia a ele.

Alguma parte estúpida e imprudente de Bishop ansiava por agarrar o braço de Kit enquanto ele subia as escadas. Prenda-o contra a parede. Contra o chão. Acorrente-o novamente à grade, para impedi-lo de sair. Mas Bishop sabia melhor do que isso.

Kit não pertencia a ele.

Então, Bishop deixou Kit desaparecer escada acima, enquanto enfrentava James.

— Você vai tentar me impedir? — James sorriu. — Eu sei que você o quer, mas você teve sua chance.

Bishop olhou James de cima a baixo, contemplando. Havia o típico sorriso arrogante de James. Seu cabelo estava um pouco menos desgrenhado que o de Kit, e a camiseta esticada sobre os ombros estava amassada. Bishop poderia facilmente imaginar dedos finos apertando o tecido.

James chupou Bishop uma vez, depois de um trabalho. Dois anos atrás, Bishop ajudou James a rastrear um traficante de drogas cujo nome apareceu na investigação de James. O parceiro de negócios do homem quase os pegou, e o alívio elevou sua adrenalina a níveis eufóricos. Bishop sabia exatamente o quão intenso e exigente James poderia ser. Beijos mordazes. A fome em seus olhos quando ele caiu de joelhos.

Arrogante. Motivado. Tão motivado que, às vezes, Bishop se preocupava com o quão longe a vingança de James o levaria. Foi por isso que Bishop manteve contato, no início, antes que sua relação de trabalho se

aprofundasse em uma amizade irregular. Ele queria ficar de olho em James, caso James fosse longe demais.

Mas James tinha princípios. James ainda estava focado. Ele nunca se tornou complacente, como Bishop já foi.

— Não importa o que eu quero, — disse Bishop. — Eu não vou impedir você. Só quero ter certeza de que ele ficará bem. Sinto-me responsável por envolvê-lo em nossas besteiras.

Os ombros de James relaxaram com a aquiescência de Bishop. Como se ele precisasse da permissão de Bishop. — Eu não vou machucá-lo. A menos que ele peça.

— Eu não quero saber, — disse Bishop, embora parte dele realmente quisesse saber. Ele queria saber exatamente o que James fez com Kit naquela limusine enquanto esperava com Carla. Tudo o que Bishop pôde fazer foi evitar imaginar o lindo rosto de Kit vermelho de êxtase. Aqueles grandes olhos verdes vidrados de prazer.

Há poucos momentos, as bordas dos olhos de Kit estavam um pouco vermelhas. Seus lábios também estavam mais vermelhos que o normal. Só por beijar, ou ele havia chupado James?

Não havia dúvida de que seu cabelo escuro e sedoso estava todo emaranhado pelos dedos de James.

James não era tão sutil e conivente quanto Bishop. Ele não teria a intenção de machucar Kit, mas nem sempre perceberia toda a extensão de sua vantagem sobre Kit. Estaria Kit fazendo o mesmo acordo que tentou fazer com Bishop? Trocando seu corpo pela aparência de segurança?

Bishop não tinha o direito de interferir. Tudo o que ele disse foi: — Certifique-se de dar a ele um quarto próprio.

— Ele não vai dormir em seu próprio quarto, — James disse com um sorriso perigoso.

Bishop tentou evitar imaginar mais. — Eu não me importo onde ele dorme. Apenas dê a ele seu próprio espaço, caso ele precise se esconder. Ele precisa disso.

James perdeu seu sorriso arrogante. Ele disse calmamente: — Eu sei. Darei a ele um maldito apartamento se ele aceitar. — Depois de um momento de solenidade, James sorriu novamente. — Ainda vamos jantar no próximo mês?

Ele disse isso assim que Kit desceu as escadas, com sua bolsa carteiro pendurada no ombro. O coração de Bishop se apertou um pouco, percebendo que tudo que Kit parecia possuir estava naquela bolsa.

Bishop ainda não havia descoberto nada na verificação de antecedentes. E ele ainda achava errado perguntar pessoalmente a Kit. Como se o frágil pássaro fosse quebrar se Bishop fizesse a pergunta errada.

— Nós iremos jantar, — disse Bishop, e acenou para que saíssem de sua casa.

---

Kit se preparou para - ele não tinha certeza do que, na verdade, enquanto Carla os levava de volta. Ele esperava mais tentação, mais beijos. Mas James se acomodou na limusine e disse que precisava trabalhar um pouco. Durante todo o trajeto para casa, ele fez exatamente isso. Digitando em seu telefone, enquanto a tensão de Kit diminuía lentamente.

Na verdade, ele cochilou e, quando acordou, eles estavam parados em um bairro tranquilo. A noite aprofundou o céu e as árvores encobriram o caminho. Kit tirou a bochecha do assento de couro e se endireitou.

— Há quanto tempo estamos aqui? — Ele perguntou, indisposto, mas estranhamente relaxado.

— Você parecia fofo dormindo, — James respondeu, o que significava que já fazia um tempo. Ele bagunçou o cabelo de Kit e saiu da limusine. — Entre, você pode escolher um quarto.

A casa de James ficava longe de qualquer estrada, cercada por círculos de paredes, árvores e xeriscapes. A casa em si era toda de estuque creme e azulejos vermelhos, com mosaicos azuis e verdes cercando cada janela ampla. Por dentro era simples. Pisos escuros e tetos cavernosos.

— Você mora aqui sozinho? — Kit perguntou, olhando em volta. Era um lugar grande e nem mesmo a personalidade de James conseguia preenchê-lo completamente.

— Não mais, — James disse com uma piscadela, e passou a mão pela cintura de Kit. Ele puxou Kit para si com delicadeza e, com a mesma delicadeza, deu um beijo nos lábios virados de Kit.

Os pulmões de Kit estavam apertados quando James se afastou. A fome brilhou nos olhos de James, mas ele não fez mais nada. Apenas continuou conduzindo Kit para a mansão enorme e sem alma. Ele não estava brincando sobre deixar Kit escolher um quarto, dando a Kit a escolha de três quartos totalmente mobiliados. Kit escolheu aquele com vista para a frente, com velhos instintos aparecendo.

Então James o deixou sozinho para se instalar.

Kit largou a bolsa na cama e se aninhou no assento da janela. Ele observou a estrada enquanto o sol se punha e sua mente se esvaziava.

Sozinho. Mas de alguma forma, o espaço e a consideração o envolveram calorosamente.

Perto da meia-noite, o silêncio tornou-se excessivo. Kit roubou sobras de comida da cozinha por volta das oito e explorou mais alguns cômodos antes de se retirar para seu quarto. Ele estava fodidamente exausto depois do dia que teve, depois das semanas que teve, mas não iria adormecer. Não sozinho.

Seus pensamentos eram muito altos, ampliando cada lembrança em passos. Uma porta quebrada. Um arrepio no pescoço. Ou pior: o silêncio.

Normalmente Kit recorreria a ajuda química. Ou apenas andar pela sala até que ele não conseguisse ficar em pé. Mas esta noite, seus pés o levaram pelo corredor, até o raio de luz que jorrava de uma porta aberta.

O quarto de James era o cômodo mais vivo que Kit já vira na casa até então. Enorme, ainda com traços de decoração profissional, mas lotado de uma escrivaninha, uma mesa de jantar repleta de papéis e cadernos na janela saliente, um sofá repleto de roupas descartadas. Bagunçado. Escuro. Uma única lâmpada brilhava ao lado da cama enorme, onde James estava sentado, ainda trabalhando.

Ele usava calças de dormir de flanela vermelha e nada mais. Um tablet brilhava, apoiado em seu joelho dobrado, e a luz iluminava cada ondulação de seu abdômen. Bordas de tatuagem pretas e vermelhas curvadas ao longo de seus braços.

James olhou para cima e encontrou os olhos de Kit.

Os pensamentos de Kit eram muito altos, mas ficaram presos em sua garganta. Ele não conseguiu dizer nada enquanto os olhos de James percorriam seu corpo. Kit estava vestindo uma camiseta e boxers, e suas pernas nuas se esquentaram como se mãos fortes e confiantes estivessem traçando cada centímetro dele.

— Deite-se na cama, — disse James eventualmente, voltando-se para o que quer que estivesse na tela. — Vou apagar a luz em breve.

A gratidão percorreu o corpo de Kit. A ordem facilitou tudo. Ele não precisaria perguntar. James nem sequer olhou para ele, embora a consciência do homem fosse ainda mais calorosa do que os lençóis entre os quais Kit deslizava.

— Qual é a da tatuagem? — Kit perguntou.

Os lábios de James se curvaram. Em resposta, ele se inclinou para frente. Suas costas eram um pôr do sol vermelho e laranja, com chamas e penas rodopiantes. Kit teve que se aproximar para ver a fênix inteira voando nas costas de James. Asas abertas para abraçar os braços e ombros de James. A cauda descia, as penas mais longas desaparecendo sob a cintura de James.

— Até onde vai? — Kit perguntou.

James afundou de volta no travesseiro. Tocou o queixo de Kit. — Se você quiser descobrir, não vamos dormir tão cedo.

— Deixa para lá. — Kit torceu o nariz e se jogou no travesseiro, enquanto James ria.

Kit se enrolou de lado, com as mãos debaixo do travesseiro e observou James até que suas pálpebras ficassem pesadas demais para permanecerem abertas.

Ele ainda não estava dormindo quando a luz se apagou e os lençóis farfalharam. Mas ele não estava acordado o suficiente para se mover quando o corpo quente de James se aproximou do dele. Kit decidiu, sonolento, que não se importava com o que James fizesse, desde que James não esperasse que ele se esforçasse.

A respiração pairava sobre sua bochecha. Mas foi isso. Eles adormeceram sem se tocar.

Darius aceitou a cerveja de Bishop, esperando que seu desconforto não estivesse aparecendo. Bishop era melhor em ler as pessoas do que a maioria dos homens que Darius conhecia – mas Darius era mais difícil de se ler do que a maioria das pessoas. Útil em sua profissão.

— Acho que aquele garoto não está mais aqui, já que você me deixou passar pela porta. — Darius não tinha certeza do que encontraria quando passou por aqui, e foi por isso que ele apareceu com apenas quinze minutos de antecedência por mensagem de texto. Ele tinha uma desculpa boa o suficiente, espero.

Bishop sentou-se na poltrona em frente a Darius. Um jogo de futebol americano universitário foi silenciado na TV, Baleias Demoníacas vs. Galinholas. Bishop parecia mais cansado do que o normal. A barba por fazer sombreava seu queixo. — Eu deixei você entrar da última vez, não foi? Mas sim, ele foi embora.

— Não está acorrentado no seu porão? — Darius perguntou, e riu quando Bishop o olhou feio. — Vamos lá, é uma pergunta justa.

Especialmente considerando que a única lembrança pessoal de Darius sobre Kit Byron é aquele pulso com ossos de pássaro envolto em aço frio. Olhos verdes assustados e furiosos.

Bishop evitou o olhar de Darius. — Ele não é da sua conta.

Porra, Bishop estava abalado com esse garoto. Darius tinha visto Bishop em todos os tipos de situações, de mal a pior, e nunca tinha sido tão evasivo antes.

— Ele me viu sangrando no seu chão, — disse Darius. — Isso é da minha conta.

Bishop inspirou e depois expirou, liberando a tensão. — Ele não vai falar. Se ele fizer isso, serei o primeiro a ser atacado. Como está seu braço?

O desvio não foi sutil, mas Darius deixou que Bishop o fizesse. Fazer muitas perguntas sobre Kit dispararia o alarme de Bishop. — O braço está bom. Terei outra cicatriz marcante quando sarar. Lembre-me de lhe dar uma parte do meu bônus, como agradecimento por me consertar.

Bishop tomou um gole de cerveja. — Não se preocupe com isso.

— Eu lhe devo uma bebida, então. Não discuta, — Darius disse. — Negócios, agora. Você ouviu alguma coisa sobre o Viper recentemente?

Ele ficaria chocado se Bishop tivesse ouvido falar. O Viper costumava ser o líder criminoso mais poderoso da região, mas sua influência diminuiu nos últimos quinze anos e decaiu para quase nada nos últimos cinco. Alguns rumores até especularam que ele estava morto.

Bishop inclinou a cabeça. — Nada do SCPD. Eu não perguntei, no entanto.

— Não pergunte. Só se acontecer de você ouvir alguma coisa, eu apreciaria um aviso — disse Darius. — Pode estar relacionado a um trabalho. Pode não estar.

— Claro, — disse Bishop, e então eles ficaram em silêncio. Depois de alguns minutos, ele ativou o jogo. As Galinholas estavam à frente por três.

Darius bebeu sua cerveja e tentou não se sentir um merda. Bishop era uma das poucas pessoas em quem Darius confiava tanto para sua vida quanto para sua carreira. Ele tinha princípios – impressionantes para um ex-policial. Fez Darius querer ser um pouco mais criterioso sobre seu próprio trabalho.

E era por isso que Darius não gostava de mentir para ele. Seu trabalho atual não tinha nada a ver com o Viper.

# 11

## Até seus pulmões doerem

Kit não esperava que James estivesse dizendo a verdade sobre toda aquela coisa de seduzi-lo adequadamente. E ele não esperava que James cooperasse com a insistência de Kit de que não estavam namorando.

Mas na semana seguinte, tudo o que James fez foi beijá-lo, quando ele saísse para o trabalho ou voltasse para casa.

Ok. *Beijo* parecia um eufemismo, quando James o devorava do jeito que ele fazia, queimando Kit até os ossos com cada toque exigente. Fazendo Kit doer toda vez que ele se afastava.

Ainda assim, relaxar pela mansão era bom. Confortável.

Talvez muito confortável. Certa manhã, Kit acordou com tanta coceira e falta de ar que mal conseguiu evitar se agarrar aos próprios braços. James notaria as marcas. A dor não ajudou de qualquer maneira.

Kit enfiou o rosto no travesseiro, inalando o cheiro de James, até seus pulmões doerem. Então ele rolou para fora da cama.

Ele precisava verificar o site, só para ter certeza de que tudo estava como deveria estar. Mas ele não iria fazer isso em um dispositivo que James pudesse verificar.

James ainda estava lá embaixo tomando café da manhã no sofá quando Kit desceu. Quando Kit se aninhou em uma poltrona próxima com café, James falou antes que Kit pudesse dizer qualquer coisa. — Vamos ter um encontro hoje à noite.

Kit tomou um gole de café açucarado. Ele nunca comia muito no café da manhã e, ao contrário de Bishop, James não era insistente em alimentá-lo. — Claro. Qual é o plano?

James sempre tinha um plano. — Eu não estava pensando em nada sofisticado. Apenas um filme em casa, talvez um pouco de vinho. Pipoca.

Kit ficou olhando. — É isso?

— Muito discreto? — James foi até o braço da cadeira de Kit, sorrindo para ele. — Posso conseguir ingressos para a sinfonia, se você preferir.

— Discreto é bom, — Kit disse apressadamente. — Parece tão... normal. No nosso primeiro encontro, fui cúmplice de assassinato.

— Eu faço outras coisas na minha vida, — protestou James. — Eu trabalho, jogo videogame, saio com meus amigos e coleciono coisas bonitas. — Ele levantou o queixo de Kit com as pontas dos dedos. — Podemos encontrar alguém para matar se você quiser algo mais emocionante. Tenho certeza de que Bishop tem alguns casos ativos nos quais podemos ajudar.

— Que fofo, — Kit disse, inexpressivo.

As covinhas de James brilharam. — Eu só quero fazer você feliz, *babe*.

Kit abaixou a cabeça para esconder o riso. Porra, isso foi uma merda. — Um filme parece bom. Eu não me importo com o normal. — Ele não teve muito disso em sua vida. — Oh, posso pegar uma carona até o shopping? Queria sair um pouco de casa, talvez comprar algumas roupas novas.

James inclinou a cabeça, o sorriso congelado, como se estivesse pensando em acorrentar Kit à cama. Ou como se ele estivesse prestes a perguntar por que Kit realmente queria ir ao shopping.

Mas se James viu alguma decepção no rosto de Kit, ele não reagiu. — Claro, *babe*. Vou deixar você no caminho para o trabalho.

Kit derreteu-se contra a porta do carro, flexível sob o beijo demorado de James. Mãos fortes cavaram padrões nos quadris de Kit, como se assinassem o nome de James com hematomas. Com o sangue esquentando, Kit ficou tentado a esquecer a viagem de compras e cair no banco de trás.

Embora talvez uma vaga de estacionamento mais remota fosse melhor, a menos que eles quisessem uma acusação de indecência pública.

James se afastou, esfregando o polegar no lábio inferior de Kit. Ele tirou uma carteira do bolso e entregou a Kit. — Este cartão tem muito dinheiro. A senha é 2223. Compre o que quiser, mas há uma condição.

Kit ficou olhando. — Qual é a condição? — Ele não precisava disso – ele já tinha muito dinheiro de James. Mas ele estava curioso.

James sorriu e baixou a voz. — Compre algo novo para vestir no nosso encontro hoje à noite, — ele sussurrou contra o ouvido de Kit. — Sua escolha. Seja uma camiseta nova, uma minissaia fofa, uma calcinha fio-dental rendada ou algo chato como meias. Qualquer que seja. Apenas algo que sei que você estará vestindo para mim.

Kit lambeu os lábios para cobrir seu interior, derretendo-se com o tom possessivo. Ele ergueu o queixo e tentou parecer indiferente. — Ótimo. Eu precisava de meias novas de qualquer maneira.

James riu, roubou outro beijo e o deixou no shopping.

Era um típico shopping ao ar livre do sul da Califórnia, amplo e com vários níveis o suficiente para que Kit tivesse que verificar um dos mapas para se orientar.

A primeira coisa que ele fez foi comprar um smoothie. Banana com manteiga de amendoim. O copo de plástico gelado ameaçou entorpecer seus

dedos quando ele o levou para um banco. Bem ao lado de uma fonte, a fonte estava desligada para economizar água, então Kit apenas recostou-se no banco e observou todas as pessoas ao redor.

Estar perto de pessoas era estranho sem um serial killer pairando atentamente sobre seu ombro. Kit não conseguia se lembrar da última vez em que ficou sentado em público. Uma manhã perfeita de céu azul.

Ninguém prestou atenção em Kit.

Agora seria um bom momento para escapar, se ele quisesse. Não seria fácil, não com James controlando metade das câmeras de segurança de San Corvo e do resto da região. Mas se Kit sacasse algumas centenas de dólares em dinheiro, ele poderia se livrar do telefone e do cartão de débito, talvez mudar sua aparência o suficiente em um camarim para enganar um pouco qualquer observador e pegar um ônibus para fora da cidade.

Ele poderia.

Ele não queria, o que era estranho.

Será que James iria atrás dele se ele fugisse? Essa incerteza mais do que manteve Kit enraizado no banco, bebendo seu doce smoothie. Kit não era mais um prisioneiro. Talvez.

Tomando outro gole, Kit mandou uma mensagem para James.

***Kit:*** *que sabor de smoothie eu comprei?*

A resposta foi muito rápida.

***Sexy:*** *O sabor não aparece na fatura de crédito.*

***Sexy:*** *Venha para o escritório, deixe-me provar seus lábios para verificar.*

***Kit:*** *haha*

Sem surpresa, Kit guardou o telefone. James estava observando seus recibos e talvez também estivesse rastreando a localização de Kit. Tudo bem. Kit só precisava ter cuidado.

Ele teve muito tempo para pensar nos últimos dias. Todo aquele sono e perambulação pela grande mansão vazia o deixava ansioso, o que era ruim. E confortável, o que era muito pior. Kit não podia se dar ao luxo de ser complacente. Não há necessidade de verificar.

Ele tirou o resto das compras do caminho primeiro. Novas roupas. Carregador de telefone sobressalente. Um mini tablet, que ele poderia usar ou vender mais tarde, se quisesse. Um saco de balas de maconha. Era estranho comprar em um dispensário moderno, em vez de usá-los com os esquisitos nas festas em casa.

Kit hesitou do lado de fora de uma loja de lingerie, olhando para toda a seda e renda lá dentro. Quase não havia mechas pretas e vermelhas. A menção casual de James a uma calcinha rendada ecoou – mas no final, corado, Kit foi a outra loja para atender ao pedido de James.

Uma hora depois, com as tarefas concluídas, Kit estava na biblioteca a um quarteirão de distância. Ele se inscreveu para obter um novo cartão de biblioteca com o nome de Matthew James, usando o endereço de Bishop. O código postal de James pode ser muito visível. Provavelmente um exagero em termos de cautela, mas Kit sentiu como se todos o estivessem observando. Como se todos, desde o bibliotecário até os outros clientes, soubessem o que Kit estava fazendo lá.

Mantendo a cabeça baixa, como se não estivesse pulando nas sombras, Kit escolheu um livro aleatoriamente na nova estante de fantasia. Então ele pegou um computador aberto e fez login com suas novas credenciais de usuário.

Seus dedos tremeram ao digitar o URL familiar. O site localizador de detentos da Califórnia olhou para ele, com suas conhecidas isenções de responsabilidade e pop-ups de acessibilidade.

Kit clicou na tela que desejava. Respirou fundo, mas não conseguiu diminuir a nevasca que circulava em seus pulmões. Insira um nome.

Os resultados foram nítidos em preto e branco, os mesmos de sempre. Nada mudou. Tudo estava bem.

Papai ainda estava apodrecendo na prisão, onde ele pertencia.

Os ombros de Kit se soltaram, a tensão saindo com uma expiração suave. O resto da biblioteca se infiltrou ao seu redor, substituindo um zumbido silencioso que ele nem notara se apoderando dele. Ele não tinha certeza do que motivou a intensa necessidade de verificar a localização do filho da puta. Ele não precisou fazer check-in há meses — desde seus primeiros dias na Califórnia, quando cruzar a fronteira levou sua ansiedade ao auge.

Talvez James e Bishop fossem os culpados. Kit não se sentia tão entorpecido como sempre desde que os conheceu. Havia muito terror, raiva e tensão sexual. Isso era ruim, provavelmente. Sentir era perigoso.

Ou era bom. A dormência manteve Kit estagnado por muito tempo. Quantas semanas ele passou dizendo a si mesmo que estava prestes a sair da casa do tio Ed, a qualquer momento, antes que Bishop e James tomassem essa decisão por ele?

Agarrando-se às vozes e passos suaves ao seu redor, aos pôsteres brilhantes de livros infantis e às fileiras de estantes, Kit fechou a guia, limpou o histórico do navegador e saiu da sessão do computador de Matthew James. Com a sacola de compras e o livro nas mãos, ele se dirigiu para a frente da biblioteca.

Felizmente, havia um quiosque de auto-checkout. Kit não teria que conversar novamente.

Exceto que uma voz leve e amigável soou atrás dele. — Ei, estou relendo essa série. O que você achou do primeiro livro?

Kit girou, a adrenalina aumentando. Ele não tinha ouvido ninguém se aproximar, mas esse cara estava perto o suficiente para tocá-lo. Perto o suficiente, Kit teve que recuar um passo para olhar para cima e *para cima*, para seu rosto.

O cara apenas sorriu, parecendo não notar a reação extrema de Kit. Ele era tão alto quanto James, cerca de trinta centímetros mais alto que Kit, e transmitia uma vibração descontraída de surfista. Sua massa de cabelo loiro ondulado estava puxada para trás em um coque, acentuando as linhas fortes e magras de seu rosto.

Pela camisa da SCU[5] e pela mochila pendurada no ombro, coque masculino provavelmente era um estudante universitário. Apenas alguns anos mais velho que Kit, no máximo.

E ele ainda estava sorrindo, imperturbável por Kit olhando para ele como um idiota. O cara tinha dito alguma coisa, não tinha?

— O quê? Hum. — Kit olhou para o livro em sua mão. Ele nem tinha lido o título quando o pegou, apenas querendo uma explicação de por que estava na biblioteca, caso James estivesse rastreando sua localização. — Eu não sabia que esse era uma sequência.

Porra. Por que ele era tão estranho? Ele estava realmente fora de prática conversando com pessoas que não eram assassinas?

---

[5] Universidade de San Corvo, Califórnia.

Homem de Coque apenas riu. — Eu faço isso o tempo todo. Espere. — Ele piscou e pegou um livro do carrinho de devoluções próximo. — Aqui está o primeiro. Acabei de trazê-lo de volta.

— Hum. Obrigado. — Kit prendeu a sacola de compras no cotovelo para poder pegar o livro. Seus dedos não se tocaram.

Por que Kit estava tão consciente de que seus dedos *não* se tocaram? Por que a atenção do Homem de Coque parecia tão com a luz do sol, aquecendo sua pele e ardendo em seus olhos?

— Se nos encontrarmos novamente, você terá que me dizer o que pensa, — disse o Homem de Coque, com os olhos franzidos em um sorriso. — Vejo você por aí.

Então ele estava caminhando para as portas da frente. Kit ficou olhando para ele por um longo tempo antes de perceber que o caixa estava aberto.

Estranho, Kit refletiu enquanto fazia o check-out. Que legal. Ele não conseguia se lembrar da última vez que teve uma conversa tão casual e de baixo risco com alguém. Talvez ele nem tivesse feito papel de bobo.

Bem legal, sim. Era assim que você deveria conhecer pessoas. Falando sobre livros em uma biblioteca. Não ser sequestrado no meio de um massacre.

Kit suspirou, exasperado com seus próprios pensamentos estranhos e melancólicos. Normal era para outras pessoas. Kit era fodido demais para um cara legal e normal como o Homem de Coque.

Ele colocou os livros na sacola de compras e se dirigiu para a saída – até que uma prateleira de jornais chamou sua atenção.

Uma manchete específica no jornal. Uma palavra específica no título.

Morto.

Kit avançou. Resistiu à vontade de olhar em volta e ver se alguém o estava observando. Isso era sobre o cara que James matou no encontro deles? Uma estranha calma tomou conta de Kit, sua mente se separando da reviravolta em seu estômago. Ele mal pediu detalhes a James. Apenas o suficiente para ter a garantia de que a polícia não iria questionar o companheiro de almoço anônimo e malvestido de Sr. Zhou.

Ele provavelmente deveria ver o que outras pessoas estavam dizendo sobre isso.

Mas quando pegou o jornal, Kit descobriu que o Sr. A Gravata Vermelha e Roxa merecia apenas um pequeno artigo. Na primeira página, mas abaixo da dobra. A manchete era sobre outro incidente inteiramente:

ESTUDANTE SCU MORTO NO CAMPUS

Ignorando o artigo da Universidade de San Corvo, Kit folheou o artigo sobre o Sr. Gravata Vermelha e Roxa. A morte do restaurante ainda não foi resolvida, e o detetive da Polícia de San Corvo na entrevista nem revelou se considerava homicídio ou não.

Kit largou o jornal e voltou ao shopping.

Com a cabeça inclinada para mandar uma mensagem para Carla pedindo uma carona, algo capturou sua visão. Um movimento refletido na vitrine de uma loja desapareceu antes que ele pudesse olhar para cima. A paranoia formigou em sua nuca.

Não havia razão para suspeitar que ele estava sendo vigiado. Não havia razão para ninguém observá-lo. Mas ele poderia evitar sentir-

— Ei! É Kit, certo?

Kit se virou ao ouvir a voz profunda e familiar. Muito perto dele. O que houve com todo mundo se aproximando dele hoje? Ele levou um momento para lembrar o nome do homem, embora o tenha reconhecido

imediatamente. Darius. Kit só o tinha visto por alguns minutos na casa de Bishop, mas ele reconheceria aquele glorioso queixo marrom em qualquer lugar. Aquela facilidade de movimento confiante, livre da camisa de botão laranja-creme.

Kit também se lembrou do que Bishop dissera sobre Darius. *Ele parece legal, mas não se deixe enganar. Ele é perigoso.*

— O que você quer? — Kit perguntou, tentando não olhar em volta muito obviamente. Eles estavam em uma área de menor tráfego do shopping, entre uma loja de calçados e uma vitrine vazia e fechada com tábuas. Público, mas não público o suficiente.

A atenção de Darius estava totalmente voltada para ele, com intensidade palpável. — Precisamos ter uma conversa. Em algum lugar privado. — Seus lábios se curvaram. — É pessoal.

O gelo inundou as veias de Kit e sua respiração ficou superficial. A ilusão de normalidade foi destruída.

Darius sabia?

O que papai fez, o que papai era, que era tudo culpa de Kit...

Kit procurou no rosto de Darius as reações habituais. Pena. Nojo. Fascínio doentio. Em meio ao seu torpor, ele pensou que Darius quase pareceu surpreso com sua reação. Mas Kit não conseguia prestar muita atenção nisso, assim como não conseguia prestar muita atenção à mão larga e quente que se fechava em torno de seu braço.

Darius o conduziu sem resistência até o beco entre a sapataria e a vitrine vazia.

Os instintos de Kit não estavam completamente fodidos, no entanto. Ele saiu do seu torpor quando Darius abriu uma porta lateral da loja vazia, cravando os calcanhares e tentando se livrar do aperto de Darius.

Foi então que o cano da arma pressionou entre as omoplatas de Kit.

# 12

## Você quer me matar?

A consciência de Kit voltou totalmente ao presente. Ele podia sentir seus dedos novamente. Ele não conseguia respirar.

Ele estava quase grato à arma por acordá-lo.

— Seja bonzinho, — Darius disse. — Isso pode ser apenas uma conversa. Você decide.

— Entendido, — Kit disse fracamente.

Quando Darius apertou seu ombro e empurrou, Kit obedeceu às instruções silenciosas e se aprofundou no prédio abandonado, cada passo mecânico.

Ele não conseguia gritar. Ele poderia tentar fugir por tempo suficiente para usar o telefone. James sem dúvida poderia rastrear sua localização facilmente, a menos que Darius tivesse acesso ao mesmo equipamento de interferência que James e Bishop. Porra, Kit estava perdendo a cabeça.

A pior parte era não saber sobre o que isso se tratava. Se Darius estivesse mirando em *Kit Byron* – ou em outra pessoa.

Suas únicas conexões físicas com Darius eram a mão quente que rodeava seu ombro e o metal implacável da arma, mas a presença do homem o mantinha amarrado da cabeça aos pés. Cada movimento que Kit fazia estava completamente sob o controle de Darius até chegarem a um escritório vazio.

Darius o empurrou para o meio da sala, esperando na porta enquanto Kit cambaleava para frente.

— Coloque sua bolsa no chão devagar e sente-se na cadeira, — Darius ordenou, e acendeu as luzes meio queimadas do teto.

Kit não sabia dizer que tipo de loja era aquela. Tudo o que restou no escritório foram algumas cadeiras no canto, e uma delas foi arrastada para o centro da sala. Arrastada para Kit. Darius planejou isso com antecedência.

A busca superficial e malsucedida de Kit por qualquer coisa que pudesse usar como arma foi mais porque ele percebeu que deveria fazer isso, e não por qualquer esperança real de revidar.

A julgar pela forma como aquela camisa profissional deslizava sobre os ombros poderosos, pela confiança absoluta em cada movimento de Darius, Darius nem sequer precisava da arma para manter Kit exatamente onde ele queria.

Kit largou a sacola de compras e sentou-se na cadeira. Seus nervos aumentaram quando a posição o tornou ainda menor do que antes.

— Obrigado, — Darius disse calmamente, e baixou a arma. — Agora vamos conversar.

A arma baixada não aliviou em nada os nervos de Kit. Cada partícula de poeira brilhava como uma arma no escritório abandonado. Cada sombra esconde um perigo secreto.

Darius não tinha fechado a porta, mas sua presença na porta era o suficiente para ser um cadeado. Ou uma cerca elétrica.

O silêncio filtrou-se através da poeira e das sombras, até que o medo de Kit deu lugar ao aborrecimento. Ele foi sequestrado. De novo. Ele realmente precisava liderar a conversa fiada?

— Então, fale, — disse Kit, tão calmo e nada sarcasticamente quanto conseguiu. Ele sabia que era melhor não provocar psicopatas com armas. —

O que é tão importante que você não poderia simplesmente pedir meu número a Bishop?

Ops. Isso saiu um pouco sarcástico.

Darius não reagiu à atitude de Kit, o que foi um mau sinal. Ele apenas ficou ali parado como uma estátua de bronze escuro, todos os ângulos perfeitos e uma intensidade deslumbrante. Os tipos sensatos e ilegíveis eram os piores.

Então, a postura de Darius mudou sutilmente. O foco intenso suavizou-se e seus ombros relaxaram. Ele quase não se moveu, mas com um único suspiro ele se livrou de sua aura predatória. — Desculpe pela produção, — ele disse, a voz profunda como dedos gentis acariciando atrás das orelhas de Kit. — Eu precisava ficar sozinho com você.

Os dedos de Kit cravaram-se em suas coxas. — Por quê?

A resposta de Darius foi igualmente gentil: — Porque alguém me contratou para matar você.

---

Do ponto de vista de Darius, a surpresa nos olhos de Kit parecia genuína – assim como a imediata e protetora curvatura. A ligeira mudança de postura, os dedos dos pés pressionando o chão, prontos para se lançar da cadeira. Os olhos de Kit não permaneceram na arma, para onde a maioria das pessoas continuaria olhando se tivessem medo de levar um tiro, mas no rosto e nos ombros de Darius.

Isso fazia parte do raciocínio de Darius por trás de toda essa produção dramática. Ele precisava de uma leitura melhor sobre Kit Byron. As

informações sobre esta situação eram escassas e seu alvo era sua pista mais forte.

Não foi preciso muita pesquisa para descobrir que o garoto estava morando com James agora. Demorou um pouco mais para perceber que Kit não parecia mais um prisioneiro. Ele estava ficando com James por vontade própria. Ou pelo menos ele não estava tentando escapar. Mas ele não tinha saído da casa de James até hoje.

Esta operação foi mais apressada do que Darius preferia, mas ele tinha um voo para pegar esta tarde para outro trabalho. E ele não tinha certeza de quando teria outra chance de ficar sozinho com Kit sem que James ouvisse. Ele aprendeu muito com esse momento.

A surpresa de Kit: ele não esperava um golpe contra si mesmo.

Postura de Kit: ele estava acostumado a ser ameaçado.

Mas Darius não sabia o que pensar da próxima pergunta de Kit. Não *quem* ou *por quê* ou implorando por misericórdia. Com uma voz frágil e gelada, Kit perguntou: — Você quer me matar?

Os próprios desejos de Darius não tinham nada a ver com isso. — Esse é o meu trabalho.

— Não foi o que eu perguntei. — Kit respirou fundo e levantou-se lentamente, com as mãos meio levantadas ao lado do corpo. As mangas do moletom caíram em volta dos pulsos finos. — Esqueça o trabalho. Esqueça o dinheiro. Você quer me matar?

Darius inclinou a cabeça, o interesse crescendo. — Isso importa?

— É a única coisa que importa, — Kit disse, com uma intensidade tão silenciosa que o pulso de Darius acelerou.

Darius deveria estar pedindo para Kit se sentar novamente. Ele sabia que não deveria deixar um alvo controlar seus próprios movimentos. Mas

cada fibra dele queria ver como as asas de Kit iriam bater nesta jaula. Ele se inclinou na porta, com a arma quente na mão, e escutou.

— Se for apenas um trabalho, — disse Kit. — Se for apenas dinheiro, posso dizer que meu novo namorado assassino é extremamente rico. Ele também é extremamente movido por vingança. Seja qual for o pagamento do seu empregador, James pagará o dobro – ou ele irá matá-lo se você continuar com isso. Ele provavelmente também está rastreando meu telefone, porque é um psicopata possessivo, então sabe onde estou.

Namorado? Isso era interessante.

— Eu poderia contar algumas histórias tristes. Uma verdadeira merda humanizadora. Eu tenho muitas, e algumas podem até ser verdade. — Kit tocou o zíper do moletom, torcendo os lábios, e então começou a deslizar lentamente a roupa pelos ombros. — Ou eu poderia te chupar, ou algo assim. Minha bunda provavelmente não vale o que eles estão pagando a você, mas talvez se fizermos algumas rodadas, ela irá corresponder.

Darius era um profissional. Ele matou dezenas de pessoas ao longo dos anos, mas não tinha ouvido toda a música e dança de ameaça, suborno e súplica desde que chegou às grandes ligas. Desde que ele se mudou para a cobertura, mortes sofisticadas, em vez das execuções brutas de merda nas ruas em que começou. Quando Darius conseguia um emprego, o alvo nunca tinha a chance de implorar por sua vida.

Havia algo diferente nisso, no entanto. Kit caminhou em direção a ele, levantando o queixo quando ele se aproximou, então aqueles lindos olhos verdes permaneceram fixos em Darius. A pele fina sob a gola da camisa implorava pelo toque de Darius, e sua voz estava mais exausta e desbotada do que aterrorizada.

— Se você realmente quer me matar, — Kit disse. — Eu sei que nenhuma ameaça, suborno ou boquete convencerá um homem que

realmente *quer* me matar. — Sua mão pairou na frente do peito de Darius, os dedos posicionados como se ele estivesse prestes a tocar – então caiu. — Então, diga-me se estou desperdiçando fôlego ou não.

E naquele instante, Darius entendeu.

Por que Bishop estava obcecado por esse garoto. Por que James estava obcecado. Se eles sentissem algo parecido com o que Darius sentia naquele momento – se Kit alguma vez olhasse para eles com olhos assim, cada ângulo dele era um convite afiado-

Darius tocou a ponta da mandíbula de Kit. Kit não vacilou. Nem mesmo quando os dedos de Darius percorreram seu pescoço, traçando linhas suaves e os lindos hematomas azuis. As sombras dos lábios de James. O sangue de Darius se acumulou mais abaixo em seu corpo, o pênis inchando enquanto ele imaginava os hematomas quando ainda estavam frescos, ainda brilhando pela pressão da língua de James.

— Eu não quero matar você. — Darius provavelmente não deveria estar pensando no delicioso contraste entre seus tons de pele. Quais das ferramentas e brinquedos de Darius ficariam melhor em Kit. Não era profissional. — Eu nunca pretendi.

— Ótimo, — Kit disse, inexpressivo. — Então qual vai ser? Suborno? Ameaça? Boquete?

A mão de Darius caiu da garganta de Kit. — Você se oferece para chupar todos que ameaçam matá-lo?

Era para ser apenas mais uma frase de brincadeira mórbida, combinando com o tom de Kit. Mas toda a cor desapareceu do rosto de Kit.

Branco como giz, Kit tropeçou para trás, mas se recuperou antes que Darius pudesse decidir se deveria apoiá-lo. — Não. Eu não. — Kit recuou

para trás da cadeira. Sua voz parecia normal. Muito normal. Controlada. — O acordo acabou agora, não estou com humor.

Parte de Darius queria pressionar Kit para obter mais informações, mas Kit obviamente queria espaço. Darius recolocou a trava de segurança em sua arma e se abaixou para colocá-la no coldre de tornozelo. Não era o seu favorito, mas ele não estava usando jaqueta hoje.

— Você não precisa fazer um acordo comigo, — Darius disse. — Vou fazer mais algumas perguntas e depois ligar para Bishop e contar o que está acontecendo. Ele e eu neutralizaremos a ameaça.

Kit olhou fixamente. Então ele virou a cadeira e sentou-se de costas. Encostou os antebraços no topo. — Você nunca iria me matar.

— Menino inteligente.

Kit apenas olhou furioso. — Então sobre o que foi toda essa besteira?

— Eu precisava falar com você a sós e precisava que você soubesse o quão séria é a ameaça, — disse Darius. — Foi muito fácil ficar sozinho com você. Você precisa ter mais cuidado.

— Cristo, — Kit murmurou. — Você é quase tão melodramático quanto James.

Darius riu, surpreendendo a ele e a Kit. Ele manteve um sorriso. — Aceitei o trabalho para evitar que contratassem mais alguém. Mas James, Bishop e eu temos um acordo. Não aceitamos trabalhos que infrinjam o território uns dos outros.

— Eu não sou território de Bishop. — Kit liberado. — Ou de James.

Engraçado. Kit realmente acreditava nisso. Claro, Bishop também negaria se Darius perguntasse. Mas Darius tinha visto a maneira como o homem agia em relação ao garoto.

Kit esfregou o rosto, afundando-se mais confortavelmente na cadeira. — Quem lançou a oferta?

— Não sei. — Darius afastou-se da porta para se apoiar na parede. Kit poderia sair correndo se quisesse agora. — Essas coisas geralmente são anônimas.

Kit realmente revirou os olhos com isso. — Você também não sabe o por quê, imagino.

— Eu esperava que você pudesse me ajudar com isso, — disse Darius. — Você tem algum inimigo? Você se envolveu em algo perigoso nos últimos anos?

— Tente as últimas semanas com James e Bishop. — Kit encolheu os ombros. — Talvez seja um caso de identidade trocada. Tem certeza de que eles queriam Kit Byron?

— Tenho certeza. Eles me deram seu nome e o endereço de Addersen.

Kit encolheu os ombros novamente. — Então não há ninguém em quem eu possa pensar. Ninguém que faça sentido.

Darius esperou, mas Kit não disse mais nada. Apenas tocou em uma faixa de cabelo em volta do pulso.

— Vou te dar meu número, e você pode me ligar se pensar em alguma coisa, — Darius disse eventualmente. — Posso deixar você onde quiser agora, depois ligar para Bishop e-

— Não. — Kit endireitou-se na cadeira, a determinação fortalecendo sua voz. — Não conte a Bishop ou a James sobre isso.

Esquisito. Alarmante. — Se há uma oferta contra você, James deveria saber. Ele pode proteger você.

— Você já aceitou o contrato, — disse Kit. — Você tem um prazo?

— Ainda não. Ainda estamos negociando os termos e eles não sabem que eu sei onde você está hospedado. Eles esperam que eu leve mais tempo para localizá-lo.

As mãos de Kit apertaram as costas da cadeira. — Se você tivesse mais tempo, poderia- eu preciso saber quem está por trás do ataque, antes de contarmos a James ou Bishop. — Sua cabeça abaixou, o cabelo caindo sobre seu rosto. — Eu preciso controlar isso.

Darius se desvencilhou da parede e se aproximou lentamente. Kit olhou para o lado, como se não tivesse visto Darius. Darius se agachou e só quando tocou a bochecha de Kit é que Kit estremeceu e olhou para ele.

Ainda muito pálido, mas determinado.

Darius deveria concordar com as exigências de Kit, então agir pelas costas de Kit e contar a Bishop e James de qualquer maneira. Darius não tinha nenhuma obrigação com esse garoto e tinha muitas perguntas sem resposta.

— Tudo bem, — Darius disse em vez disso, e ele estava falando sério, com um pavor crescente e emocionante.

---

Kit abriu a boca e depois fechou. Ele esperava mais discussões. — Tudo bem?

O toque de Darius era quente em seu rosto, perdurando mesmo depois que Darius se afastou. Havia uma atenção calma e completa na expressão de Darius. Estranhamente reconfortante. Kit se sentiu visto, de uma forma que não doeu. Ele se sentiu ouvido.

E ele ficou tão aliviado que esse ataque parecia ser para Kit Byron, não para outra identidade, que ele nem estava bravo com Darius por toda essa produção.

— Será nosso segredo, até que você diga o contrário, — disse Darius, pescando o telefone no bolso. — Você poderia me dar seu número? Avisarei você quando tiver mais informações.

Kit digitou seu número nos contatos de Darius. — Ótimo. Eu vou, hum. Avisarei se eu pensar em alguma coisa.

— Obrigado. — Darius pegou o telefone de volta e sorriu. Ele parecia bem sorridente, com humor confiante em todos os ângulos brilhantes de seu rosto. — Então, novo namorado assassino, hein?

O rosto de Kit esquentou. — Não diga a ele que eu o chamei assim.

O sorriso de Darius se alargou. — James não contestaria que ele é um assassino.

— Não, a parte do namorado. — Kit cobriu os olhos. — Eu nunca irei ouvir o fim disso.

# 13

## Espaço pessoal

Tudo o que Kit pôde fazer foi agarrar os ombros de James e gemer enquanto James fazia hematomas em seu pescoço. Preso entre o corpo quente e duro de James e a ilha fria da cozinha atrás dele, seu sangue ferveu em uma elevação bem-vinda. Eles mal trocaram duas palavras desde que James chegou em casa e interrompeu a busca de Kit por outra caneca de café.

— Você não deveria tomar cafeína tão tarde, — James murmurou em sua pele machucada.

— Eu estava cansado, — Kit protestou sem fôlego.

James riu. — Não se preocupe. Em vez disso, vou mantê-lo acordado a noite toda.

Foi um dia longo e maldito. Compras ao sol. A pesquisa de presidiários mentalmente exaustiva. Tentando parecer normal enquanto conversava com o loiro gostoso da biblioteca.

Ser sequestrado sob a mira de uma arma. De novo.

Pelo menos esse sequestro acabou rapidamente. Embora, quando James enfiou a mão com confiança por baixo da camisa, traçando fogo contra a barriga de Kit, Kit ficou surpreso por se sentir quase culpado por toda a situação.

Como se ser sequestrado por outro assassino sexy fosse de alguma forma ser infiel a James. O que era uma loucura. Por um lado, eles nunca discutiram exclusividade e Kit não teria concordado com isso de qualquer maneira. Eles não estavam namorando, apenas... Seja lá o que isso fosse.

Por outro lado, mais importante, ficar sob a mira de uma arma não era traição.

Certo?

Talvez Kit devesse se sentir culpado por esconder o ataque de James. Darius estava certo ao dizer que James provavelmente deveria saber. Se alguém estivesse atrás de Kit, James poderia facilmente ser pego na situação. A necessidade de Kit de controle sobre a narrativa era egoísta. Irresponsável. Mas ele não pôde evitar.

Ele prometeu a si mesmo severamente que se alguma coisa mudasse, ele diria alguma coisa. Por enquanto, porém, ele não queria interromper o encontro noturno com o tipo errado de assassinato.

Havia sacolas plásticas para viagem do outro lado da ilha de granito. James não cozinhava muito para si mesmo – entre seus negócios e sua busca por vingança, ele não tinha muito tempo livre para isso. Um chef vinha uma vez por semana para preparar refeições para montar mais tarde, e no resto do tempo James comia fora ou fazia pedidos.

— O que tem para o jantar? — Kit perguntou enquanto James apertava sua bunda através da calça jeans.

— Além de você? — James murmurou em seu ouvido, depois mordeu o lóbulo.

Kit se contorceu. — Posso conviver com a questão do assassinato, mas o canibalismo é um limite rígido.

— Droga. Terei que revisar meus planos para esta noite. — James bateu no nariz e piscou.

Borboletas percorreram o estômago de Kit. Ele estava ficando viciado no modo como James nunca parava de tocá-lo. Com as mãos de James sobre ele, Kit não conseguia pensar em mais nada. Não conseguia sentir mais nada,

mas ele tinha que sentir. Ele não poderia ficar entorpecido assim e não sentia tanta falta como o quanto poderia imaginar.

— Você está bonito hoje. Comestível, — James respirou em seu ouvido. — O que você está vestindo para mim?

Kit inclinou-se instintivamente para ele e depois se afastou. Ele olhou James de cima a baixo. — Você, hum. Você está bonito também.

— Eu sempre pareço bonito. Embora eu admita, não sou realmente meu tipo.

Era carente. Embaraçoso. Mas Kit não pôde evitar entrelaçar os dedos atrás do pescoço de James. Passando as mãos pelos bíceps de James. — É mesmo? Qual é o seu tipo?

Os polegares de James fizeram círculos perversos ao redor dos ossos do quadril de Kit. — Eu gosto de jovens minúsculos de um metro e meio...

— Um metro e sessenta, — Kit insistiu.

— Isso é ok também. — James afundou a mão no cabelo de Kit. "Um metro e *sessenta*, o tamanho perfeito para brincar. Cabelo comprido o suficiente para agarrar e pele que aguentará meus hematomas por dias. Além do encantador hábito de mudar de assunto. — James se inclinou, não perto o suficiente para beijar Kit. Sua mão apertou o cabelo de Kit, mantendo-o no lugar quando ele tentou diminuir a distância entre eles. — O que você está vestindo para mim, *babe*?

Kit lambeu os lábios e empurrou. James mal obedeceu e recuou, seu olhar percorrendo a camisa larga da banda de Kit e o moletom cinza solto, até os dedos dos pés cobertos de meias.

— Você teve algumas boas ideias, — disse Kit, reprimindo um sorriso. — Minissaia... calcinha fio-dental rendada... meias...

James riu e cutucou os dedos dos pés de Kit com os próprios pés descalços. — Hum, sexy. Tudo isso para mim?

Kit mexeu os dedos dos pés e debateu, depois olhou para James através dos cílios. — Na verdade, há um pouco mais.

Porra, ele nunca iria superar a maneira como James olhava para ele. Kit sustentou seu olhar enquanto enganchava os polegares na cintura e deslizava o moletom para baixo. Com cuidado, para não arrancar as meias também.

Foi meio hilário, meio viciante a maneira como os olhos de James se arregalaram.

As novas meias de Kit se estendiam até o meio da coxa, deixando alguns centímetros de pele nua entre a parte superior das meias e a bainha de sua camisa enorme. As meias eram azul meia-noite, salpicadas de redemoinhos de pequenas estrelas douradas brilhantes, além de estrelas amarelas maiores.

Cada grande estrela foi legendada com as palavras: Espaço Pessoal.

Algo de que James obviamente nunca tinha ouvido falar.

James acariciou a pele nua das coxas de Kit, entre a borda das meias e a barra de sua camisa longa. O toque leve causou arrepios por todo o corpo de Kit, e seu pênis inchou sob sua cueca apertada.

— Esqueça o jantar, — James ronronou. — Irei começar pela sobremesa.

Kit quis dizer que as meias eram mais uma piada do que qualquer outra coisa. Elas eram fofas. Engraçadas. Mas pelo jeito que James estava olhando para ele, Kit poderia muito bem ter ido à loja de lingerie, afinal. Ele não podia imaginar que James pareceria mais faminto.

Tudo o que Kit pôde fazer foi se contorcer, com a respiração acelerada, enquanto James deslizava a cueca pelos joelhos até o chão, tomando cuidado para não puxar as meias compridas para baixo com ela. Ele chutou a calça de moletom e a cueca para longe, então facilmente pegou Kit no colo e o sentou na ilha.

Kit sibilou para o granito frio debaixo de sua bunda, antes de James puxá-lo para um beijo ardente e perturbador. O sangue pulsava cada vez mais quente, e as mãos de James cravaram-se em suas coxas. As pontas dos dedos deslizaram sob a borda das meias.

Um celular tocou no balcão ao lado de Kit.

James olhou sem tirar as mãos das coxas de Kit. — Veja de quem é, — James ordenou, então voltou a beijar e morder o ombro de Kit por cima da camiseta.

Tonto de excitação, Kit pegou o telefone de James.

— É uma foto do… Rope Guy[6]? — Kit estreitou os olhos. — A foto não aparece na tela de bloqueio.

— Oh, é só o Darius. Ele pode esperar.

Kit saiu de sua névoa. Ele não tinha percebido que Darius e James trocavam mensagens de texto. E parecia um pouco estranho pensar em ser mantido sob a mira de uma arma por Darius enquanto James beijava seu corpo vivo.

Mas também…

— Por que você o salvou como Rope Guy?

Isso fez James parar, seu olhar estreito e ilegível cobrindo todo o corpo de Kit. Suas mãos percorreram as costas de Kit, por baixo da camisa, de alguma forma mais ilícita e excitante do que apenas tocar a pele descoberta.

---

[6] Vilão de desenho animado da série Wordgirl (A Garota Supersábia).

Em vez de responder, James perguntou: — Hipoteticamente, como você se sente em relação ao sexo a três? Esse é um limite rígido como o canibalismo?"

— O quê? — Kit congelou, tentando organizar seus pensamentos além do toque perturbador de James.

Ménage à trois? Ele definitivamente fantasiou sobre isso antes. Ele definitivamente já assistiu pornografia a três antes. Definitivamente, leu sobre sexo a três – e mais – erótico antes. Todo mundo não fazia?

Mas Kit realmente não tinha pensado nisso como algo que faria na vida real. Chegar tão perto de um homem era tão novo e avassalador, e ele ainda nem tinha feito anal com James.

Ele não esperava que James mencionasse algo assim. O cara era tão agressivo, alfa, com toda a maldade e ordenando que ele saísse para um almoço de "cúmplice de assassinato". Esse tipo de cara geralmente não gostava de compartilhar. Mas se James estivesse interessado... Kit não podia negar que a ideia tinha algum apelo.

A cautela quase o fez recuar. Mas uma imagem passou pela sua mente. James atrás dele, segurando-o. Segurando os braços, enquanto os dedos grossos de Darius levantavam seu queixo.

A ideia de estar cercado. Desamparado. Entre dois assassinos terríveis, em vez de apenas um–

Kit lambeu os lábios e o sorriso malicioso de James se aprofundou.

— Esse não é um limite rígido, — disse Kit, com cuidado. — Dependendo da situação. E das pessoas.

Ele não queria se apressar. Não é um sim definitivo. Ele mal conhecia Darius – ok, ele também mal conhecia James – mas definitivamente não era um não.

— Cristo, você é tão perfeito. — James agarrou Kit em outro beijo profundo e contundente, sua língua quase tocando o fundo da garganta de Kit. Então ele se afastou, tocou no telefone e o largou. Ele ligou audivelmente no viva-voz, discando para Rope Guy.

Kit mal teve tempo de processar quando o toque de James voltou para suas coxas. — Mãos no balcão, — James rosnou. — Não as mova até que eu diga.

A ordem percorreu os nervos de Kit. Com o pau dolorosamente duro por baixo da camisa, Kit apoiou as mãos atrás dele no balcão.

— James, o que você está-

A ligação foi completada e a boca de Kit se fechou.

— E aí? — Darius perguntou, sua voz quase distorcida na linha.

— Ei, Grande D, só queria conversar. — James empurrou a camisa de Kit até a barriga. O pênis de Kit latejava, rosado e pingando entre suas coxas pálidas.

Houve uma pausa antes de Darius perguntar. — Estou no viva-voz?

— Sim, — James disse descaradamente. — Diga oi para Kit, — acrescentou ele-

Enquanto seu polegar acariciava a parte inferior do pênis de Kit.

Kit choramingou. Cada toque tentador era leve como uma pena e quente como uma fornalha. James puxou o prepúcio para trás enquanto a respiração de Darius engatava na linha.

— James, — Darius disse. — Que porra você está fazendo?

Inclinando-se para que cada palavra vibrasse no pescoço nu de Kit, James respondeu: — Estou preparando a sobremesa.

As mãos de Kit ficaram tensas contra o balcão de granito. Puta merda, isso estava realmente acontecendo? Eles estavam fazendo sexo por telefone com o homem que o manteve sob a mira de uma arma hoje cedo?

James tocou a base de seu pênis, logo acima de suas bolas. — *Babe*, diga oi para Darius.

Kit não conseguiu esconder a tensão em sua voz. — Um oi?

Qualquer resposta foi abafada pelo coração acelerado de Kit quando James soltou seu pênis e traçou a dobra da parte interna de suas coxas. As pontas dos polegares mal roçaram as bolas de Kit, fazendo-o gemer levemente.

Darius praguejou. — Eu perguntaria se estou interrompendo alguma coisa, mas foi você quem me ligou.

James beijou o pulso acelerado de Kit, provocando outro gemido. — Você me mandou uma mensagem e comecei a pensar, deveríamos brincar juntos.

Darius não respondeu por um tempo, e a antecipação de sua resposta foi tão provocadora e insuportável quanto os toques muito gentis de James. Uma porta bateu ao longe e passos soaram. Então Darius disse: — Kit, você ainda está aí?

— Sim, — Kit disse sem fôlego. Como se ele fosse para qualquer lugar agora.

— Você quer que eu desligue? — Darius perguntou.

Kit congelou, todas as respostas possíveis evaporaram de seus lábios.

James riu baixo. — Porra, cara, você não estaria perguntando se pudesse ver o rosto dele agora. O menino bonito está sedento por isso.

Outra porta se fechou, mais silenciosamente. — Estou falando com Kit.

Foi gentil da parte de Darius dar-lhe uma saída, mas Kit quase se ressentiu de ter sido questionado. Ele não queria ter que tomar essas decisões. Desesperado de excitação, Kit só queria fazer tudo o que James e Darius lhe dissessem para fazer. A surpresa e a emoção fizeram parte da correria.

Mas havia um ponto em que Darius não conseguia ver seu rosto e o quanto ele estava realmente interessado nisso. Kit se forçou a dizer: — Não me importo. Hum. Isto é, hum. Tudo bem.

A risada de Darius encheu a cozinha, e James riu e mordeu o queixo de Kit.

— Tudo bem, hein? — James perguntou.

— Quero dizer, tenho certeza que Darius tem coisas melhores para fazer do que... — O que eles estavam fazendo? Isso era sexo por telefone?

— Eu só estava pensando, — disse James.

— Nunca é um bom sinal. — Darius parecia estar andando de novo, seus passos ecoando. — O que ele está vestindo?

Kit estremeceu de excitação quando James respondeu. — Uma camiseta larga e meias. Nada mais. Ele está sentado no balcão da minha cozinha e parece delicioso. Eu mal toquei nele, e ele mordeu tanto o lábio que ficou todo vermelho. — James gentilmente puxou o lábio inferior de Kit entre os dentes – algo que Kit nem percebeu que estava fazendo. — Mas não era por isso que eu estava ligando.

Darius bufou. — Tudo bem, e o que era tão importante que você teve que interromper o tempo com seu novo namorado?

— Ele não é meu-

Toda a mão de James se fechou em torno do pênis de Kit e o torceu em um gemido estrangulado e sem palavras. — Bem. — James parecia muito

composto enquanto desvendava a consciência de Kit através de seu pau. — Você me mandou uma mensagem e Kit perguntou por quê – mãos no balcão, *babe* – Kit perguntou por que seu nome é Rope Guy no meu telefone.

Darius gemeu. — Porque você tem um fetiche estúpido por apelidos.

James passou as duas mãos pelas laterais de Kit, empurrando a camisa para cima do torso. Kit se sentiu ainda mais exposto do que se estivesse totalmente nu. Com a camisa levantada até o peito e as meias cobrindo-o até o meio da coxa, o tecido emoldurava o resto do corpo para os olhos apreciativos de James.

— Não é estúpido. Eu sou engraçado, — disse James. — Kit, eu sou engraçado?

Ele chupou com força o mamilo de Kit em sua boca, então a resposta de Kit, — Hilário, — soou mais estrangulada do que sarcástica.

James enfiou a camisa de Kit na boca e disse: — Morda isso, — então continuou brincando com os mamilos de Kit enquanto conversava com Darius. — Então, ele perguntou, e isso me fez pensar, você deveria fazer sua coisa de bondage de anime com ele.

Kit cuspiu sua camiseta. — Seu o quê? — ele exigiu, enquanto Darius repetia: — Meu o quê

— Sua coisa de bondage de anime, — James repetiu como se eles fossem estúpidos. — Você sabe, com cordas, acrobacias e nós sofisticados.

Durante a pausa que se seguiu, Kit imaginou todos os hentai que já assistiu. Cada desenho de tentáculo que ele já viu nas profundezas da Internet. O bondage de anime pode incluir muitas coisas. Darius assistia anime? James?

— Shibari[7], — Darius disse eventualmente. — Você quer dizer shibari.

Oh. Shibari era ok.

O pau de Kit se contraiu. Shibari era mais do que bom.

— Exatamente o que eu disse. — James roubou um beijo profundo de Kit, deixando-o atordoado e ofegante. — Meu Kit ficaria tão lindo todo amarrado como um presentinho, não ficaria?

Houve uma pausa irregular e acalorada entre todos eles. A pura possessividade na voz de James era tão intrusiva quanto a mão circulando seu pênis.

Então Darius ronronou: — Ele estava lindo da última vez que o vi amarrado.

Kit gemeu tão forte que quase engasgou, seu pênis pulando na mão de James. Ele se lembrou das algemas em seus pulsos, sendo observado por Darius e Bishop. A maneira como Bishop o algemava sempre fazia Kit se acalmar, como se não houvesse mentiras entre eles quando Kit estava amarrado no lugar.

— Ele gostou disso, — disse James, baixo e quase boquiaberto. — Droga, você deveria vê-lo.

Darius gemeu. — Envie uma foto.

— Sem fotos, — Kit disse bruscamente. Mas ele não teve tempo de realmente sentir o medo por trás daquele limite, porque James beijou-o novamente, esfregando o mamilo através da camiseta. A fricção provocou eletricidade por todo o seu corpo, até onde James ainda acariciava seu pênis com firmeza.

— Sem fotos, — James concordou, meio abafado contra seus lábios.

---

[7] Verbo japonês que significa literalmente amarrar ou ligar. É uma expressão que ficou muito famosa a partir do século XX, quando começou a ser utilizada para contexto ou fins eróticos.

— Ele terá que me ver pessoalmente na próxima vez, — disse Kit, sem perceber totalmente o que estava dizendo.

Até que James fez uma pausa e murmurou: — Ele terá?

Kit piscou para James, sentindo-se subitamente inseguro. Parecia a coisa mais natural do mundo de se dizer, mas seria demais convidar outro homem para se juntar a eles pessoalmente? Porra. Kit estava concordando com isso, e James foi quem ligou para Darius em primeiro lugar. Tudo o que Kit pensava antes sobre eles não serem namorados de verdade e não concordarem em ser exclusivos era verdade.

Mas também não era verdade, de certa forma.

Ofegante, Kit nem notou suas pernas enroscadas em meias nos quadris de James, enquanto James invadia seu espaço pessoal. Kit sabia profundamente que estava prestes a ter algo com James. Eles tinham uma conexão. Não era apenas físico. A generosidade impulsiva e egoísta de permitir que Kit fosse morar com ele tão rapidamente. O desejo direto. A paixão e dedicação que James dedicou à sua carreira, aos seus amigos, à sua busca por vingança – porra, Kit até admirava a maneira como James assassinava pessoas.

O que diabos havia de errado com ele?

Um terapeuta teria um dia cheio se Kit se sentisse seguro o suficiente para ser honesto com um. Quaisquer que fossem seus problemas, Kit queria que a paixão e a atenção de James se voltassem para ele, machucadas em sua pele, assim mesmo.

Havia algo real aqui. Pelo menos Kit esperava que fosse real. Ele esperava poder aproveitá-lo sem arruinar nenhum deles.

E ele não queria perder a chance brincando com outras pessoas.

Mas por mais louco que fosse, ele também sentia uma conexão com Darius. Mais recente, mais experimental, mas não menos real. Darius o encontrou machucado e acorrentado ao corrimão da escada de outro homem e, na vez seguinte, o sequestrou sob a mira de uma arma.

Então conversou com Kit. Ouviu ele. Darius fez Kit se sentir mais no controle do que há muito tempo. Mesmo quando Darius conteve Kit. Mesmo quando Kit estava tecnicamente impotente, incapaz de escapar, Darius concordou com as exigências de Kit sobre esconder o ataque.

Sem nem saber por quê.

E foda-se. Kit tinha olhos. O homem era gostoso. Todo aquele poder bruto preenchendo ternos perfeitamente ajustados e aqueles olhos intensos – uma intensidade totalmente diferente da de James. Onde James era fogo, Darius era gelo. Kit não tinha certeza de como escolheria entre eles se fosse necessário.

Agora, pelo menos, ele não precisava.

— Você quer um ménage, *babe*? — James perguntou, um sorriso iluminando seu rosto deslumbrante. — Estou topo. Darius, o que você acha?

Em vez de uma resposta, houve um som rasgado e áspero, depois um grito abafado e agudo.

Definitivamente não era a voz de Darius.

— Você está com alguém? — Kit exigiu, atordoado. Ele deveria estar com ciúmes? Mortificado por alguém poder ouvir-

Um tiro abafado cortou a linha.

# 14

## O fio da navalha da excitação e do medo

Kit congelou no fio da navalha da excitação e medo, e a mão de James parou em seu pênis.

Por um instante, James pareceu tão preocupado quanto Kit, mas sua voz estava firme quando perguntou: — O que foi isso?

— Nada, — Darius disse, calmo como sempre. — Só fazendo hora extra. Conte-me mais sobre esse ménage. Você quer a boca dele ou estaremos nos revezando na bunda dele?

O alívio tomou conta de Kit ao som da voz de Darius, seguido rapidamente pelo prazer. Darius estava bem, e James voltou a masturbar o pau de Kit, duro e escorregadio.

Alívio e prazer de alguma forma imaculados pelo choque de que Darius acabou de matar alguém.

Cada emoção intensa e confusa fluía em cascata pelas veias de Kit enquanto James habilmente o levava ao limite. Kit arqueou-se para trás, com a visão apagada, e gozou por toda mão de James.

Seu peito pesava, cada respiração era arrastada com dificuldade de seus pulmões. O orgasmo o deixou tenso e solto ao mesmo tempo. Totalmente esgotado e instável.

James murmurou algo ininteligível e Darius respondeu com algo que Kit também não conseguiu entender. Sua mente flutuou para longe, circulando em algum lugar ao redor do teto abobadado. A mão de James estava em seu próprio jeans agora, movendo-se inconfundivelmente, seus

olhos escuros e intensos e fixos em Kit enquanto Darius falava com ele durante seu próprio orgasmo.

— Sim, parece que fodemos com Kit, — James estava dizendo quando Kit finalmente voltou à conversa. — Vamos conversar depois. Faça isso novamente. Podemos negociar a bunda dele.

— Os lances começam em um milhão. — Kit finalmente tirou as mãos do balcão e circulou os pulsos.

Darius riu na linha. — Certo. Não pense que não posso pagar- não importa, preciso ir.

A linha ficou silenciosa e a cozinha parecia vasta e vazia ao redor deles.

Os nervos se contorceram em Kit. Ele estava começando a se sentir desconfortável, sentado meio vestido no balcão com esperma esfriando em sua pele. — Ele está... ele está bem? Você sabe quem ele…

James deu um beijo na bochecha de Kit e foi até a pia. — Darius está bem, e é melhor você não saber o resto. Ele é ético o suficiente para Bishop, o que é mais do que suficiente para mim.

Ele voltou para Kit com um pano de prato molhado e começou a limpá-lo. Kit pensou em tirar a toalha dele, mas seus braços demoraram a obedecer aos seus comandos.

— Você está bem? — James perguntou de repente.

Kit se sentou no lugar e deslizou do balcão. Seus pés com meias deslizaram um pouco no piso, mas James o segurou firmemente em pé.

Ele acabou de gozar depois de ouvir Darius assassinar alguém.

Franzindo os lábios, Kit organizou seus pensamentos. — Estou bem. — Ele vestiu a cueca, mas James roubou sua calça jeans, então ele desistiu de usar calças pelo resto da noite. — Isso é o que está me deixando estranho, eu acho. Por que estou bem com tudo isso?

James ficou imóvel por um momento, o olhar sombrio e ilegível. Então ele bagunçou o cabelo de Kit e o beijou novamente. — Pergunte ao Bishop. Ele é melhor com toda a questão da moralidade. Tudo o que vou dizer é que não me importo com o quão fodido você é, eu acho que você é sexy assim.

Kit riu apesar de tudo e deixou James guiá-lo para jantar e ver um filme no sofá. Um encontro chocantemente normal enquanto Kit revirava tudo em sua cabeça.

Ele não disparou com o tiro em si, certo? Foi apenas uma estranha coincidência de tempo?

Apenas uma coisa estranha de adrenalina. Tudo bem.

---

Duas semanas depois, Kit se viu no enorme espelho de James e parou. Porra. Ele não iria se incomodar em esconder o chupão no pescoço – mas quando diabos James mordeu seu cotovelo?

Ele cutucou o hematoma inconfundível. Ele deveria vestir uma camisa de manga comprida? Bishop notaria? Bishop se importaria?

Por que Kit deveria se importar se Bishop se importaria?

— Obviamente eu não dou a mínima, — Kit informou ao seu reflexo. Então ele amarrou novamente seu rabo de cavalo curto e desceu as escadas.

Bishop já estava aqui para o jogo das Baleias Diabólicas. Kit o ouviu entrar enquanto se preparava. Ok, fingindo se aprontar. Na verdade, ele só queria ler mais um capítulo do livro da biblioteca.

Eles deveriam ter feito isso há alguns dias, mas Bishop teve que remarcar. Aparentemente, ele e James se encontravam semi-regularmente para assistir esportes (não é uma coisa de Kit) e tomar algumas cervejas

(definitivamente uma coisa de Kit). Kit mencionou que pareciam encontros de adultos estranhamente saudáveis – ou apenas encontros – considerando seus outros hobbies.

James apenas riu. — Bishop começou isso como uma desculpa para compartilhar informações sobre os casos. Fui eu quem acrescentou o jantar e a cerveja, porque já tenho reuniões de negócios chatas e sóbrias no escritório.

— E os esportes?

— Não me lembro como isso aconteceu, — admitiu James. — Acho que às vezes é bom sair com pessoas que nos entendem.

Agora, Kit seguia as vozes familiares até a cozinha, onde James estava tirando os pratos e Bishop estava bebendo uma garrafa de cerveja-

Apoiado no balcão, exatamente onde Kit falou ao telefone com Darius.

A memória congelou Kit no exato momento em que Bishop olhou para ele, olhos azuis brilhantes tão penetrantes como sempre. O instante seguinte pareceu mais longo do que realmente foi, enquanto Bishop catalogava cada centímetro de Kit, desde as marcas em seu pescoço até os buracos em sua calça jeans e o esmalte preto em seus dedos dos pés descalços.

— É bom ver você, — disse Bishop, perfeitamente composto. Ele parecia bem. Jeans desgastados e uma camisa de flanela enrolada até os cotovelos. A barba por fazer sombreava seu queixo.

— Oi. — Kit foi direto para a geladeira e pegou sua própria cerveja. — Ei, James, onde está o– obrigado.

James pegou a cerveja de Kit e a abriu para ele, em vez de entregar-lhe o abridor de garrafas. — Agradeça-me mais tarde, *babe*.

Seus dedos se tocaram quando Kit pegou sua garrafa de volta e, por um segundo, ele pensou que James iria beijá-lo. Mas James apenas sorriu e voltou a procurar os talheres.

Kit ergueu a garrafa num brinde. — Obrigado por me deixarem ficar no encontro noturno, rapazes.

Bishop riu. — Não tem de quê, garoto.

— Reuniões de negócios. Definitivamente são reuniões de negócios, — disse James. — Mesmo que não tenhamos negócios esta noite.

— Na verdade, nós temos. — Bishop tomou outro gole de cerveja e se encostou no balcão. Uma leve carranca apareceu em seu rosto, apenas por um momento. — Consegui um novo cliente esta semana.

— Quem é? — Kit perguntou. — Espere, provavelmente não devo perguntar sobre isso.

— Você pode perguntar o que quiser, — disse Bishop, fixando Kit com seus olhos penetrantes. — Porque quero que você ajude no caso dele.

---

Bishop pensou que odiaria ver James envolvendo um braço possessivo em volta da cintura de Kit. A visão de Kit se inclinando, já tão confortável com o toque. Em vez disso, ele estava apenas aliviado por Kit parecer estar bem. Aquela vulnerabilidade irregular, como uma boneca quebrada montada sem cola, pronta para desmoronar ao menor toque — Bishop não via mais isso em Kit.

Seu alívio não suavizou sua necessidade aguda pelo garoto. Seu desejo irracional.

Talvez fosse hipócrita da parte de Bishop ficar aliviado por Kit parecer seguro com James, quando Bishop era quem pretendia arrastá-lo de volta para o fogo.

— Ajudar com um caso? — Kit disse, com os olhos verdes brilhantes e intrigados. — Como eu estaria ajudando?

A habitual atitude despreocupada de James escureceu. Suas sobrancelhas se juntaram em uma carranca cautelosa. — Isso parece uma má ideia.

— Você nem ouviu ainda, — Kit apontou.

— Eu não preciso, — disse James. — É perigoso se envolver nessas coisas.

A cozinha ficou em silêncio. Kit se afastou do braço de James, juntando-se a Bishop e olhando fixamente para James.

— O quê? — James perguntou com um encolher de ombros.

Inacreditável. Bishop revirou os olhos. — Você o levou para uma operação. Você o levou com você em sua orgia de assassinatos de vigilante e está reclamando de algum trabalho básico de detetive particular? Este será um trabalho braçal de rotina. Apenas um passo acima de preencher documentos.

— Não é uma orgia, — James murmurou, passando a mão pelo cabelo. — Mas tudo bem, você pode ter razão.

Kit inclinou a cabeça. — Eu nunca preenchi documentos antes. Isso poderia ser divertido. Dependendo dos documentos, eu acho.

— Você nunca preencheu documentos? — James perguntou.

— E você já? — Kit rebateu, olhando claramente para os jeans de marca de James e para o relógio desnecessariamente caro – especialmente desnecessário já que ele sempre verificava a hora em seu telefone.

Todo o corpo de James estremeceu.

Bishop riu, indo em direção à sala. — Ele participou de um reality show de CEOs disfarçados de baixo orçamento há alguns anos. Eles o obrigaram a fazer todo o trabalho pesado por uma semana. Você deveria procurar o episódio dele.

Kit se iluminou com interesse, uma luz perversa em seu sorriso. Tão diferente do espectro de olhos mortos que Bishop encontrou pela primeira vez na cozinha manchada de sangue de Ed Addersen.

A confiança infatigável de James voltou. — Claro que deveria. Eles me convenceram a fazer uma cena sem camisa, não que isso fosse relevante para o conceito do programa. Eu estava em boa forma naquele ano.

— Espere, onde vocês estão indo? — Kit perguntou, parando na porta da cozinha. Bishop e James já estavam na sala.

James colocou a sacola de comida na mesinha de centro. — Pro sofá?

Kit torceu o nariz. — De jeito nenhum, isso é muito bagunçado para comer no sofá.

— Eu não me importo com meu sofá, — James disse, franzindo a testa. — Por que você se preocupa com meu sofá?

Kit imediatamente desviou os olhos e pegou a comida. — Nenhuma razão. Eu simplesmente gosto de estar limpo.

James começou a rir. — Posso simplesmente comprar um sofá novo. Podemos ter um sofá para comer e um sofá para sexo.

Bishop gemeu e pegou os talheres. — Eu voto para comermos à mesa, se vocês estiverem fazendo sexo no sofá, — disse ele, seguindo Kit.

Então Kit e James congelaram, fazendo contato visual culpado.

Bishop praguejou baixinho.

— A mesa está segura, — disse Kit, corando até a ponta das orelhas. — Por hora. A propósito, espere até depois de comermos antes de me contar sobre os assassinatos. A menos que sejam assassinatos realmente nada horríveis.

Os assassinatos no campus não eram horríveis. Bishop esperou até que a maior parte da comida fosse retirada para colocar uma pasta sobre a mesa.

James pegou mais cerveja para ele e Bishop, enquanto Kit ainda estava trabalhando na segunda. Ele bebia bastante casualmente para um garoto de dezenove anos. Não corria para ter uma cara de merda como os idiotas que Bishop estava acostumado. Por outro lado, quando Bishop estava na polícia, ele só tinha que lidar com festas que saíam do controle. Amostra tendenciosa.

— Três estudantes da SCU foram assassinados no mês passado, — disse Bishop. — Victor Wang, Timothy Wellington e Marco Fernandez.

— Espere, — James interrompeu. — Achei que foram apenas dois.

Bishop passou fotos (desta vez, todos os três meninos mortos receberam retratos escolares bem definidos) para Kit. — O primeiro, Victor, foi originalmente pautado por um suicídio. Ele não foi vinculado publicamente aos outros, mas o SCPD está reabrindo seu caso, já que ele era amigo de Timothy.

Kit examinou as fotos em silêncio e solenemente, enquanto James se inclinava por cima do ombro.

— Quem contratou você? — James perguntou.

— Os pais de Timothy. Ele foi a segunda vítima.

— Aquele que foi mutilado depois de morrer, em vez de antes? — Kit perguntou, então encolheu os ombros quando Bishop olhou para ele interrogativamente. — Eu li um artigo. Bem, dei uma olhada em um artigo.

Bishop continuou. — Os Wellington estão frustrados com o ritmo da investigação. Eles acham que a morte do filho não recebeu atenção suficiente até que o terceiro corpo apareceu e chamou mais atenção do departamento. Eles provavelmente estão certos, mas não pela razão que pensam.

James se levantou e começou a limpar o resto da mesa, obviamente ainda ouvindo junto com Kit. Ele se movia com firmeza e calma, e Bishop poderia ser o único que notaria a tensão que o atravessava. A incompetência do Departamento de Polícia de San Corvo foi em parte o motivo pelo qual o massacre da família Zhou ainda não foi resolvido. O por quê James se vingou com as próprias mãos.

Na verdade, talvez Kit tenha notado a tensão de James também. Ele acompanhava os movimentos de James de vez em quando enquanto ouvia Bishop explicar.

— Timothy tinha vinte anos e era um aluno nota B. Ele tinha um histórico com a aplicação da lei. Embriaguez pública, destruição de propriedade e acusação de drogar um colega. Essa acusação não foi a lugar nenhum e não tenho os registros dela.

— Então, os policiais não gostavam dele? — Kit disse.

— Ele os irritava com uma frequência impressionante para alguém que só foi transferido no segundo ano, — Bishop fez uma careta. — Mas isso não tem muito a ver com a investigação do assassinato. Demorou para começar porque o SCPD é incompetente e preguiçoso.

Bishop tinha amigos na polícia, ou pelo menos pessoas com quem tomava uma cerveja. Mas, como organização, a inação tóxica retardou tudo o que era complicado, mais do que uma parada rotineira no trânsito. Correr suavemente significava não balançar o barco. Os oficiais queriam assumir a responsabilidade pelos sucessos, mas não queriam trabalhar duro para chegar lá.

Bishop gostava de imaginar que ele já teria deixado a polícia, mesmo sem o incidente com Archie. Mas talvez isso fosse uma ilusão sobre o tipo de homem que ele queria ser.

— O SCPD começou a levar tudo a sério depois que Marco apareceu, porque há muita atenção do público sobre eles. Mas os Wellington ainda não estão satisfeitos com a forma como foram conduzidos os primeiros dois dias após a morte do filho.

— O que eles querem que você faça? — Kit perguntou.

— Este é um caso normal de PI, — disse Bishop. — Não é um caso de execução. Pelo menos, não enquanto ainda estiver ativo no SCPD.

Em casos normais, Bishop entregava informações críticas às autoridades. Seus velhos amigos da polícia que ainda o respeitavam, mesmo que nem sempre fosse mútuo. Eles confiavam que ele não falaria com a mídia e, em troca, não atrapalhariam. Cooperação normal e jurídica.

O vigilantismo foi o último recurso de Bishop. Mesmo que às vezes ele quisesse pegar a arma mais cedo. Eliminar os pesadelos burocráticos com uma bala.

— Vou conduzir uma investigação paralela, — explicou Bishop. — Fale com os amigos de Timothy, procure qualquer pista que surgir, o de sempre.

— Isso parece interessante, — disse Kit. — Mas não tenho certeza de como poderia ajudar.

— Comecei a conversar com os amigos de Timothy na semana passada e não deu certo. — Bishop engoliu o resto da cerveja. — Eles são universitários que bebem demais e escondem aquecedores ilegais em seus dormitórios. As primeiras entrevistas policiais os assustaram e eles não vão confiar em mim. — Bishop apontou sua garrafa de cerveja vazia para Kit. — Você, por outro lado.

Kit recostou-se na cadeira. — Provavelmente bebo demais, mas nunca tive um aquecedor.

Uma porta de armário bateu na cozinha. James encostou-se na porta, os olhos ilegíveis. — Você quer que ele interrogue as pessoas? Isso é um muito mais que preencher papéis.

— Quero que ele me dê nomes, — disse Bishop. — Descubra quem pode conhecer alguém que conhece alguém que sabe alguma coisa, e então eu cuidarei das entrevistas.

— Isso é besteira, — disse James, no mesmo momento em que Kit disse: — Posso ver as fotos da cena do crime?

Arrepios percorreram a espinha de Bishop ao ver a expressão nos olhos de Kit. Em branco, frio. Cauteloso, vazio. Kit empoleirou-se na beirada da cadeira como um pássaro, com as garras cravadas na beira de um penhasco, decidindo se iria cair.

— Mostre-me, — Kit disse calmamente.

Bishop puxou o próximo conjunto de fotos da pasta e deslizou-as para Kit.

# 15

## Algo quebrou você.

Bishop não conseguiu ler a expressão de Kit enquanto olhava as fotos. A primeira vítima, Victor, foi encenada como uma overdose. Havia um silêncio sombrio em suas fotos – seu colega de quarto o encontrou na cama, os cobertores emaranhados em seus membros que não se debatiam mais.

A segunda vítima, Timothy, estava num armazém. Sem camisa, sua carne morta esculpida em padrões aparentemente aleatórios. A iluminação era amarela, fazendo o sangue parecer mais marrom do que vermelho.

O terceiro, Marco, também estava em seu dormitório. Nenhum colega de quarto, então o infeliz RA foi quem o encontrou. O que restou de Marco foi mais sangue do que carne. Ele havia lutado e seus dedos estavam faltando.

— O autor está escalando, — disse Bishop.

— Ou experimentando. — Kit voltou para o segundo conjunto de fotos. Seu rosto estava muito pálido, mas ele manteve o foco. — Ele ainda não sabe do que gosta.

Os olhos de Bishop permaneceram no pulso de Kit. — Talvez.

Kit ergueu os olhos da violência espalhada diante dele. — Estou dentro.

— Kit, — James disse bruscamente. Eles se entreolharam em um diálogo silencioso, até que James relaxou visivelmente. Só por um momento antes que seu sorriso arrogante voltasse. James se inclinou sobre a mesa e tocou o queixo de Kit, levantando seu rosto. — Você deveria negociar, *babe*.

Bishop está pedindo para você trabalhar. Você deveria perguntar o que ele está lhe oferecendo em troca.

Bishop revirou os olhos. — Eu o pagarei, é claro.

Kit se animou, livrando-se do alcance de James. — Como um trabalho?

— Claro, — disse Bishop. — Suponho que você vai querer que eu pague por baixo da mesa.

— Sim, não posso usar minhas redes sociais, — Kit disse casualmente. — Isso é legal, eu nunca tive um emprego antes. A menos que você conte passear com os cachorros dos meus vizinhos quando eu estava... O quê?

Aí.

Houve aquele tremor de vulnerabilidade enquanto Kit repetia suas próprias palavras em sua cabeça. Ele se encolheu e não olhou nos olhos de Bishop.

Uma rachadura na máscara de Kit e Bishop ficou fisgado novamente. Ele não tinha chance de ficar contente assistindo Kit brincar de namorado feliz com James.

Ele precisava cravar os dedos nessas rachaduras, quebrar Kit e encontrar a verdade em seu coração.

Mas Bishop não tinha o direito de fazer de Kit um projeto. Ele não tinha direito à verdade de Kit. Então tudo o que ele disse foi: — Então já é hora de você conseguir seu primeiro emprego.

Kit olhou para baixo e embaralhou as fotos em uma pilha organizada.

James pulou da mesa. — Deixe a louça. Vou colocar o jogo.

Kit desejou que James se entregasse a alguma possessividade machista agora. Mas quando Bishop perguntou: — Ei, posso falar com você lá fora? — James apenas acenou para eles e foi para a cozinha.

A curiosidade superou sua cautela, Kit seguiu Bishop até o pátio da frente. Árvores cercavam a propriedade, uma tela de privacidade que era o único vício de paisagismo de James que precisava de muita água. O restante de sua propriedade foi xeriscapeado com pedras e plantas nativas. Estrelas perdidas brilhavam no alto. Eles não estavam longe o suficiente da cidade para cobrir toda a galáxia.

Kit ainda estava descalço, o concreto frio e áspero sob seus pés. — O que você quer?

Bishop parecia maior na escuridão, as luzes do pátio mal o tocavam. — Eu queria ter certeza de que você está bem aqui com James.

Kit fez uma careta. — Estou bem. Você quer detalhes?

A boca de Bishop se curvou – como se ele pudesse ver através do desvio defensivo de Kit. O idiota ficou ali parado, quieto. Esperando Kit por para fora.

Maldito Cristo. Funcionou.

Kit deveria ter calçado sapatos para poder chutar o degrau da frente ou os tornozelos de Bishop ou algo assim. — Eu disse que estou bem. James não está se aproveitando de mim. Na verdade, estou me aproveitando dele. — Kit riu sem humor. — Por que você se importa?

O olhar de Bishop caiu abaixo do queixo de Kit. Para os hematomas severos que sombreavam seu pescoço. Apenas por um momento. Como se Bishop não estivesse destinado a olhar.

Os batimentos cardíacos de Kit aceleraram.

— Você é interessante, — foi tudo o que Bishop disse, mas parecia uma confissão.

Kit se abraçou. A noite estava fria demais para sua camiseta. — Como sou interessante?

— Você terá que me contar. — Bishop enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta. Sua presença era mais quente que o ar ao redor deles. — Um amigo procurou você na semana em que você ficou comigo.

Kit ficou tenso, então forçou seus ombros a relaxarem na próxima respiração. — James rastreou meu telefone também. Vocês são paranoicos. Você encontrou algo?

— Nada, — disse Bishop. — Kit Byron não existe. Você tem a identidade há pelo menos um ano, mas não consegui encontrar quem a fez para você. Geralmente eu posso.

Kit olhou furioso, tentando julgar se Bishop estava dizendo a verdade ou não. Ele realmente não encontrou nada ou estava apenas fingindo para obter mais informações de Kit? Era impossível dizer. O homem apenas o observou com aquela expressão extasiada e atenta. Como se Kit fosse um quebra-cabeça para resolver.

Não, não era um quebra-cabeça. Um crime para resolver.

Então, novamente, era assim que Bishop sempre olhava para Kit. Nada mudou, o que significava que Bishop provavelmente não tinha encontrado o nome verdadeiro de Kit.

— Isso é tudo que existe, — Kit disse eventualmente. — Nada. Meu passado não importa. Isto é o que você irá conseguir.

— Acho que ele importa muito. — As próximas palavras de Bishop foram cuidadosas. — Acho que algo aconteceu com você. Algo quebrou você. E você não vai consertar isso correndo.

O peito de Kit se contraiu como se Bishop lhe tivesse dado um soco no esterno.

Ele estava bem. Ele estava bem até que Bishop disse que ele estava quebrado, e Kit lembrou que era verdade.

Por um segundo, Kit ficou tentado a falar. Contar tudo a Bishop. Sobre o papai. Sobre sua infância *idílica*. Sobre o garoto que Kit nunca mais quis ser.

O segundo passado.

Porque Kit sabia dolorosamente que, uma vez que abrisse a maldita boca, não haveria como fechá-la novamente. A confissão nem sempre curava. Ninguém estava sendo ferido pelo silêncio de Kit, exceto o próprio Kit. Então, ele cerraria os dentes e continuaria correndo. Não importa o quanto aquele olhar distorcido e simpático nos olhos de Bishop doeu.

Além disso, Bishop claramente entendeu mal a situação.

— Você está errado, — Kit disse calmamente. O frio permeou todo o seu ser, mas não doeu. Parecia certo. — O que quer que você pense que aconteceu comigo, você está errado.

— Não acho que esteja errado, — disse Bishop. — Não é o cerne da questão. Essas marcas de garras em seu pulso não são de James, são?

— Vá se foder, — Kit retrucou. Seus punhos se apertaram, os braços ainda cruzados sobre o peito. — Pare de agir como se você visse tudo. Você não está certo. Você não me conhece, porra. Eu não quero falar com você, porra.

Bishop olhou, claramente surpreso pela explosão, que foi... boa. Kit se sentiu bem. Energizado. Como acordar de novo. Melhor do que cravar as unhas na pele.

Ele respirou fundo, preparando-se para gritar outra coisa. Qualquer coisa. Provavelmente imprudente. Mas a porta da frente se abriu.

— Que porra está acontecendo? — James colocou a mão no ombro de Kit. O peso estava chocantemente quente, fixando Kit no lugar. — Kit, volte para dentro. Você não está usando sapatos. — Ele olhou para Bishop em seguida. — Você deveria ir embora.

Em vez disso, Kit ficou onde estava, apoiando-se no calor de James.

Um olhar ilegível passou pelo rosto de Bishop. — Vejo você por aí, — disse ele, calmo demais, e desceu a passarela.

— Espere, Bishop, — gritou Kit, surpreendendo a todos, inclusive o próprio Kit.

Bishop fez uma pausa e virou-se, meio iluminado pelas luzes do pátio.

Kit engoliu em seco. — Ainda quero ajudar com o caso.

Um leve sorriso cruzou o rosto de Bishop. — Eu vou te ligar.

Horas depois, depois que James deu uma lambida em Kit até ele gozar duas vezes e depois foder seu rosto até ele chorar, eles se enrolaram juntos no sofá. James perguntou: — Por que você quer ajudar no caso de Bishop?

Kit aninhou-se mais perto do peito de James, sua bochecha grudada na pele nua de James. Atordoado e fodido, zen, toda a ansiedade desapareceu dele. Se Kit soubesse que sexo era tão bom para aliviar o estresse, ele teria encontrado um namorado há muito tempo.

Não que James fosse seu namorado.

— Gosto da ideia de ajudar as pessoas. — Kit fechou os olhos. — Além disso, acho que sei exatamente por onde começar.

# 16

## Holden

Holden só pegou os dedos de Marco porque o idiota conseguiu arranhar seu braço. O desespero rompeu a pele da camisa de manga comprida de Holden. Havia todos os tipos de fibras e células da pele sob as unhas da mão direita de Marco, e Holden não queria perder tempo limpando isso. Ele era um assassino, não uma manicure.

Assassino. Essa palavra ainda passava por ele, boa demais para ser verdade. Ele estava pensando nisso há tanto tempo. Sonhar e planejar. Painéis de humor motivacionais em sua mente.

Às vezes Holden esquecia que havia matado pessoas. Ele estaria apenas cuidando do seu dia, fazendo anotações em sua aula de ciência forense ou estudando no pátio ou espreitando a lavanderia em busca da única secadora que funcionava no prédio.

Então, uma palavra ouvida, um lampejo vermelho ou apenas um *sentimento* o lembraria. Todas as vezes, Holden pensava que certamente todos ao seu redor veriam sua alegria.

Mas ele sempre foi bom em esconder suas emoções. Essa conquista encantadora foi só dele.

Se Holden quisesse continuar vivendo seu sonho, ele não poderia ser pego. Então, as unhas de Marco eram um problema. A solução mais fácil foi cortar-lhe os dedos.

Holden começou com o dedo indicador da mão direita de Marco. Aquela com a qual Marco o arranhou. Passar a lâmina pela segunda junta foi difícil. Poderia ter sido mais fácil cortar todos eles de uma vez,

conseguindo com mais golpes ali. Notas para mais tarde. Mas Holden conseguiu. O dedo médio era um pouco mais fácil e, no dedo anelar, ele estava realmente pegando o jeito do desmembramento em pequena escala.

O mindinho foi ainda mais fácil, porque Marco havia desmaiado, então Holden não precisou se preocupar com os braçadeiras se soltando.

Ele não tinha certeza se alguma parte de seu DNA estava sob o polegar direito de Marco, mas ele também retirou isso para garantir.

Depois cada dedo na mão esquerda do Marco, porque era divertido.

Agora, sentado em uma linda mesinha de café ao ar livre, bebendo seu chá verde boba, Holden estava feliz por ter pegado os dedos de Marco. Não apenas pelas questões práticas – embora ele estivesse bastante orgulhoso de sua improvisação naquele momento. Mas depois de raspar a carne e ferver os ossos dos dedos, eles deram ótimos souvenirs. A maioria deles ele guardava em uma jarra no porão de seu apartamento, e às vezes – ok, na maior parte do tempo – ele carregava alguns com ele.

Holden relaxou na cadeira de metal frágil e enfiou a mão no bolso de sua calça jeans larga. Rolar os ossos entre os dedos deu-lhe uma sensação indescritível de satisfação. Ninguém mais no shopping sabia o que ele estava fazendo. A mãe afastando os filhos da loja de doces. O jovem casal discutindo em frente à loja de óculos de sol. Os estudantes e empresários disputando espaço nas mesas de cada cafeteria. A outra mãe percebeu claramente que deveria levar os filhos à confeitaria.

Acariciando os ossos dos dedos, Holden refletiu que, embora fosse bom tê-los, ele provavelmente não repetiria o ato. Ele ainda estava descobrindo o que gostava e, aparentemente, a tortura pré-morte não era sua praia. Isso foi uma surpresa, porque ele fantasiou sobre isso por muito tempo. Mas, assim como acontece com o sexo, alguns aspectos do

assassinato eram mais divertidos na fantasia do que na realidade. As complicações extras e a limpeza não valiam a breve diversão.

Timothy foi o que Holden mais gostou até agora. Esculpir o corpo e deleitar-se com sua conquista foi mais divertido sem se preocupar em ser interrompido por, bem, Timothy.

Mesmo que Holden quisesse tentar a mutilação pré-mortem novamente, ele não pegaria ossos de dedos da próxima vez. Ele não queria ter uma assinatura ou algo desajeitado.

Pessoas como aquele maldito investigador particular perceberam esse tipo de merda.

Holden sorveu seu boba. Ele precisava ficar calmo. Matthew Bishop pode ter pegado a primeira morte de Holden, mas isso não era motivo para ficar com raiva.

Holden tinha presas mais interessantes agora.

Ah, falando em presa.

Um carro caro e familiar parou no estacionamento próximo e uma figura magra e familiar desembarcou do banco do passageiro. Uma mão forte agarrou o jovem antes que ele pudesse ir longe, arrastando-o de volta para dentro do carro para...

Holden não conseguia ver exatamente. Sua imaginação preencheu as lacunas. Ele gostou da ideia de Kit sendo maltratado e beijado sem fôlego, mas odiava que fosse James Zhou quem estivesse fazendo isso.

Ele se levantou sem pressa, jogando a mochila no ombro. Jogar fora seu copo vazio de boba deu-lhe uma desculpa para se virar, para que Kit não pudesse ver seu rosto enquanto ele passava. Holden também se abaixou para amarrar um sapato, dando tempo ao carro caro para ir embora.

Pronto. Holden se endireitou, com as mãos nos bolsos, e seguiu Kit pelo shopping.

# 17

## Estou definitivamente, totalmente flertando com você.

Kit disse a James que sabia exatamente por onde começar a investigação. Mas depois de duas horas de viagem ao shopping, Kit teve que admitir para si mesmo que tudo o que tinha era o plano mais estúpido da história dos planos.

Ele conhecia exatamente um estudante da Universidade de San Corvo.

E por conhecer, Kit queria dizer que conheceu o cara por cinco segundos na biblioteca pública e o chamou mentalmente de Homem de Coque. Porque Kit nem sabia o nome do cara.

Apostar na biblioteca foi um fracasso em termos de casualidade, coincidentemente, encontrando o Homem de Coque. Mas a biblioteca tinha um quadro de avisos com folhetos para eventos da comunidade local. Kit pegou um folheto de uma vigília à luz de velas para Marco Fernandez, dobrou-o com cuidado e colocou-o no bolso. O evento estava marcado para a próxima semana e Kit provavelmente poderia encontrar algumas pessoas lá. Contanto que não houvesse muitos policiais à espreita com a mesma ideia.

Esperando na fila de uma cafeteria próxima com tema de joaninha, Kit traçou a borda do panfleto dentro do bolso. Houve vigílias como esta para a família de James. Por incontáveis meninos e meninas mortos, e pessoas que costumavam ser meninos ou meninas ou algo assim. Kit gostou da ideia das vigílias, talvez. Ele entendeu por que James não gostava: vigílias, velas,

orações e palavras sinceras nunca resolveram o massacre da família Zhou. Kit pensava em vigílias com uma espécie de inveja melancólica e culpada.

Se Kit tivesse morrido quando criança, apenas seu assassino teria feito vigília por ele.

Kit exalou, concentrando-se novamente no aqui e agora da estranha cafeteria joaninha. Até as paredes eram vermelhas com manchas pretas, e todos os baristas usavam aventais com estampas de joaninhas. O menu era confortavelmente básico, no entanto. Sem insetos no café com leite.

Ele deveria atribuir seu próximo mocha gigante e açucarado ao seu primeiro contracheque de investigação particular? Ou deixar seu namorado benfeitor, James, pagar por isso? Ou Kit poderia enviá-lo a Bishop como despesa comercial. Cada uma das opções tinha seu próprio apelo.

James poderia pagar por essa monstruosidade açucarada, Kit decidiu, e recitou seu pedido para Loretta, a barista gótica de olhos mortos e seu avental de joaninha.

— E uma dose extra de café expresso, — concluiu Kit.

— Isso é tudo, — disse Loretta, sem qualquer mudança na inflexão para indicar uma pergunta.

Kit olhou para a vitrine. — Posso pegar um croissant de chocolate também?

— Com certeza. — As unhas pretas em forma de garras de Loretta batiam no registro. — Deslize ou toque ou algo assim. Qual é o nome do pedido.

Antes que Kit pudesse responder ou tirar a carteira de peixe da calça jeans, alguém bateu em seu ombro. — Ei, deixe-me pegar isso para você.

Kit se virou e olhou para cima – bem para cima – para o homem que ele estava procurando. Camiseta universitária amarrotada, confere. Braços

muito bonitos e musculosos, confere. Cabelo loiro realmente excessivo preso em um coque, confere.

— O quê? — Kit perguntou brilhantemente, surpreso demais para lembrar o que o Homem de Coque havia dito.

— Deixe-me pagar isso para você, — disse o Homem de Coque, com os olhos franzidos em um sorriso. A expressão ensolarada era ofuscante.

Loretta bateu no balcão. — Quem está pagando deve se apressar. Temos outros clientes.

Na verdade não havia ninguém atrás de Kit e o Homem de Coque na fila.

— Claro, — Kit conseguiu dizer. — Se você quiser?

O Homem de Coque tira um cartão da carteira. — Incrível, porque eu definitivamente quero.

Na verdade, ele não piscou para Kit, mas essa vibração zumbiu no ar como se ele tivesse feito isso. Os ouvidos de Kit esquentaram com a intensidade daquela que não era realmente uma piscadela. Ele tentou se recompor enquanto o Homem de Coque pedia um café com leite caramelo para si e pagava os pedidos de ambos.

Quando Loretta perguntou um nome, ele respondeu: — Holden.

— Para o que foi aquilo? — Kit perguntou enquanto eles se moviam para o outro lado do balcão. — Quero dizer, obrigado. Eu deveria ter dito obrigado primeiro.

Uau. Kit realmente não estava acostumado a ficar tão perturbado por homens que não eram assassinos.

— De nada, — disse o Homem de Coque. Não, Holden. Seu nome era Holden. Ele ficou desleixado, casual, com uma mão no bolso. Moedas ou um chaveiro ou algo chacoalhava entre seus dedos, como se ele estivesse

nervoso. — Desculpe se eu assustei você. Fiquei muito animado quando reconheci você. Eu me senti um idiota por não ter perguntado seu nome da última vez.

— Você ainda não sabe meu nome, — Kit apontou.

Holden riu. — Ok, você terá que me ajudar com isso. Um mocha e um croissant duplos valem o seu nome?

— Não tenho certeza, mas vou lhe dar um desconto, — disse Kit. — Meu nome é Kit.

— Kit, — Holden repetiu. — Que fofo. Combina com você.

Kit realmente esperava que ele não estivesse corando. E que Loretta não estivesse ouvindo atrás do balcão, porque Kit estava prestes a tornar isso muito estranho. — Não sei dizer se você está flertando comigo ou não. Mas, só para garantir, eu provavelmente deveria dizer que tenho um namorado.

A expressão alegre de Holden não vacilou. — Estou definitivamente, totalmente flertando com você. — Sua mão escorregou para o bolso novamente. — O que significa que eu provavelmente deveria perguntar, o que você quer dizer com ter um namorado?

Kit encolheu os ombros. — Estou namorando um cara, mas não quero que ele fique cheio de si.

Os olhos de Holden mudaram. Aquele marrom quente de repente perfurou o frio, como uma sombra atravessada atrás deles. Um instante depois, a sombra desapareceu. Kit deve ter imaginado isso.

— Eu não pensei que você fosse um paquerador, — disse Holden, sorrindo.

— Isso é uma coisa ruim?

— É uma coisa boa, — disse Holden. — Você é interessante.

Kit encolheu os ombros novamente. — Eu ouço muito isso. — Quando as sobrancelhas de Holden se ergueram, Kit gemeu. — Isso soou muito idiota, não foi?

— Super idiota, — Holden concordou, mas ele disse que isso também era uma coisa boa. — Posso pegar seu número?

Foi a vez de Kit levantar as sobrancelhas. — Você não se importa com meu meio namorado?

— Não se você não se importar, — Holden respondeu imediatamente. — Só porque há um goleiro não significa que eu não possa marcar.

Kit riu, todo o seu constrangimento dissipado. — Isso foi terrível. Mas claro, me dê seu telefone.

Seus dedos se tocaram quando Holden entregou seu telefone desbloqueado. O calor da pele de Holden era tão natural, tão comum, que ameaçava penetrar na alma de Kit como uma faca. Ao inserir seu nome e número na lista de contatos, Kit estava hiperconsciente da presença de Holden aquecendo o ar ao seu lado.

Mesmo que Holden parecesse principalmente preocupado em observar o ritmo glacial de Loretta atrás do balcão.

— Aqui, — disse Kit, devolvendo o telefone.

Quando suas mãos se tocaram novamente, o olhar de Holden caiu para seus lábios. Apenas por um momento.

— Vou mandar uma mensagem para você, — disse Holden, depois verificou a hora na tela de bloqueio e praguejou. — Escute, preciso sair agora. Dê meu café com leite para o seu namorado. Por minha conta.

Desta vez, ele piscou. E Kit ainda estava sorrindo quando Holden saiu e Loretta gritou seu pedido.

O telefone de Kit tocou enquanto ele colocava tudo em uma mesa vazia. Ele largou tudo e sentou-se na cadeira de plástico vermelho brilhante antes que pudesse verificar a mensagem.

***Sexy:*** *Então, babe…. quão sério você estava falando sobre um ménage com Darius?*

Antes que Kit pudesse responder a James, outra mensagem chegou.

***Número desconhecido:*** *ei, aqui é o Holden ;)*

Então outro.

***Darius:*** *Qualquer bobagem que James acabou de mandar por mensagem para você, ignore-o. Ele está muito bêbado.*

Mordiscando seu croissant de chocolate, Kit olhou para o telefone. Como era a vida dele agora? Ele passou tantos anos evitando as pessoas. Assim que ele viu sua chance, ele saiu do mapa. Ele valorizava seu antigo entorpecimento, mantendo-o distante das pessoas, porque era mais fácil do que sentir qualquer coisa.

Talvez isso não fosse tão ruim. Kit mandou uma mensagem de volta para Darius primeiro.

***Kit:*** *então não quer mais me amarrar???*

***Darius:*** *Ok, acho que ele não está TÃO bêbado assim.*

Kit enfiou outro pedaço de croissant na boca e considerou sua próxima resposta – até que uma luz piscou no canto do olho. Rápido, como o flash de uma câmera. Kit se virou, quase caindo da cadeira, e viu–

Nada.

Os outros clientes da Ladybug Brews estavam sentados bebendo, comendo, estudando e trabalhando normalmente. Do lado de fora das

janelas, o tráfego de pedestres da tarde fluía como sempre. Música pop tranquila enchia as bordas do café, parecendo alta demais enquanto o coração de Kit batia forte à frente da batida.

Ele havia imaginado o flash.

Mesmo que fosse real, por que ele presumiria que era dirigido a ele?

Curvando-se, Kit examinou novamente seus colegas clientes do café. Quase todos eles estavam tocando e deslizando em vários dispositivos. Aquela garota de treze anos com aparelho pode estar gravando Kit em seu celular agora mesmo. Aquele homem com a criança dormindo em um carrinho poderia estar folheando fotos que já havia tirado de Kit. Aquela mulher indo em direção ao banheiro do café poderia estar saindo rapidamente agora que Kit a notou.

Alguém o estava observando. Kit não sabia quem era, e isso não fazia sentido, mas ele não conseguia afastar essa certeza profunda.

A paranoia estava presente em cada respiração que Kit respirava. Ele temia engasgar com isso. Ele queria correr e se esconder, mas mesmo isso era perigoso. E se ele fosse embora e alguém estivesse esperando lá fora? Pelo menos aqui, o ambiente público lhe dava alguma proteção.

Porra. Kit não conseguia pensar.

James e os outros idiotas que Kit continuava encontrando realmente afetaram sua compostura. O medo era uma das emoções que Kit tentava escapar.

Esse pânico foi realmente culpa deles. Talvez Kit devesse fazer disso um problema deles. Antes que pudesse pensar melhor, ele abriu uma mensagem em grupo com James e Darius.

***Kit:*** *lol, isso provavelmente não é nada. sinto como se alguém estivesse me observando.*

***Sexy:*** *o que há de errado?*

***Kit:*** *Provavelmente estou apenas sendo paranoico, mas vi o flash de uma câmera e não sei se era para mim.*

***Kit:*** *provavelmente não é nada*

Os pontos dançaram na tela como se James estivesse digitando, e então pararam. Em vez disso, recebeu uma ligação de Darius.

— Oi, — Kit respondeu calmamente. A empresária da mesa ao lado lançou-lhe um olhar feio.

— James está verificando sua localização agora, — disse Darius. Passos e portas se fechando soaram do seu lado. — Estamos indo pegar você.

— Ele está naquele lugar estranho com joaninhas, — James disse à distância.

— Você está na Ladybug Brews? — Darius perguntou.

Kit nunca ficou tão grato pelo obsessivo rastreamento de localização de James. Muito silenciosamente, para que a empresária esgotada não o matasse, Kit respondeu: — Sim.

As chaves do carro tilintaram. — Perfeito, — Darius disse. — Não saia do café. Estaremos aí em dez minutos.

A qualidade do som mudou, e a voz de James ficou mais alta agora que Darius o colocou no viva-voz. — Aquele shopping inteiro usa meus sistemas de segurança. — Mais alto e um pouco arrastado. Kit nunca tinha ouvido James realmente bêbado antes. Isso não pareceu atrasá-lo. — Estou entrando nas câmeras agora.

Apenas ouvir suas vozes já era reconfortante o suficiente para que a paranoia de Kit diminuísse. — Tenho certeza de que não é nada.

— Eu não me importo se não for nada, — disse James. — Não se mova, ok, *babe*? Eu posso ver você agora. Isso é um croissant de chocolate? Guarde um pouco para mim.

O carro deu partida e Darius assumiu o telefone. — Kit, vou desligar para que você possa prestar atenção ao que está ao seu redor. Envie uma mensagem de texto ou ligue se vir alguma coisa, mas não se preocupe. Estamos a dez minutos de distância e James está de olho em você.

— Obrigado, — Kit disse calmamente.

Quando a ligação terminou, seu medo tomou conta dele com força total.

# 18

## Isso estava tudo errado.

Kit embrulhou a metade restante do croissant no saco de papel e bebeu o mocha, principalmente porque segurar o copo evitava que suas mãos tremessem. O mocha acabou rápido demais, então ele bebeu o café com leite que Holden havia deixado para James também. A cafeína e o açúcar provavelmente não estavam ajudando, mas seus nervos já estavam tão fritos que não poderiam doer.

Porra. Kit nem sabia do que tinha medo – e talvez esse fosse o problema. Um dos amigos do papai? O ataque sobre o qual Darius lhe contou?

Ou pode ser algo relacionado ao trabalho de Bishop. Ou a busca de vingança de James. Talvez a pessoa errada o tenha visto com James.

Ir morar com James pode ter sido a coisa mais estúpida que Kit já fez. Quando Bishop o deixou ir, ele deveria ter fugido do estado.

Exceto que antes de Kit conhecer esses homens, ele nunca teve ninguém para pedir ajuda. Valia a pena correr o risco, porque saber que James e Darius estavam a caminho era a única coisa que mantinha Kit são.

Oito minutos depois, Darius mandou uma mensagem dizendo que eles estavam lá – mas que não era para se mover até que James mandasse. Kit teve que ficar sentado, com os dedos tamborilando na coxa porque faziam muito barulho na mesa, por mais três minutos até que James aparecesse.

James parecia mais desgrenhado do que normalmente numa tarde de segunda-feira. Definitivamente mais desgrenhado do que quando deixou

Kit no shopping naquele dia. Seu cabelo preto brilhante estava uma bagunça e seu rosto estava vermelho de álcool.

Mas ele ainda entrou na Ladybug Brews como se fosse o dono do lugar. Ele olhou brevemente para Kit, que queria pular em seus braços, mas Kit lembrou-se das instruções de Darius. Ele sentou-se obedientemente enquanto James dava uma volta pelo café.

Primeiro, ele pediu algo para Loretta. Então ele desviou para os fundos, onde ficavam os banheiros. Ele pegou seu café ao retornar e só então foi até a mesa de Kit.

— O que uma gracinha como você está fazendo em um lugar cafona como esse? — James perguntou, levantando o queixo de Kit com as pontas dos dedos gentilmente. Foi fofo. Tranquilizador. No entanto-

O cheiro do hálito de James distraiu Kit de todo o resto. — Por que você está bêbado? É tipo uma da tarde.

— Eu estava entediado, — disse James. — Vamos lá, vamos sair daqui.

— Certo. Isto é para você. — Kit empurrou o saco de croissants para James enquanto ele se levantava.

James olhou ao redor. — Segure para mim, sim? Quero uma mão livre.

Kit estremeceu, lembrando-se de repente do encontro deles no restaurante gourmet caríssimo. Foi o mesmo raro momento em que James não estava totalmente focado em Kit. Onde ele estava prestando atenção aos arredores porque o perigo poderia estar em qualquer lugar.

Enfiando o saco de croissants no bolso do moletom, Kit ficou ao lado de James. James podia estar bêbado, mas foi firme e casual quando saíram do café e se dirigiram ao estacionamento. Ele manteve uma mão leve na parte inferior das costas de Kit, e esse simples gesto protetor manteve Kit unido.

Um indefinido sedã azul estava parado no meio-fio. Kit esperava ser puxado para o banco de trás com James – o cara gostava de abraçar – mas em vez disso, James abriu a porta do passageiro da frente e gentilmente empurrou Kit para dentro.

Darius estava sentado no banco do motorista, examinando o estacionamento enquanto Kit entrava. Ele usava uma jaqueta verde desbotada, apesar do tempo quente. — Tudo está certo?

— Não sei, — disse Kit. — Quero dizer, sim. Sinto muito por fazer vocês virem aqui.

— Você não nos obrigou a fazer nada. É melhor prevenir do que remediar, já que... —Darius parou quando James deslizou para o banco de trás. — Você está bem aí atrás, James?

Colado ao telefone, James colocou o café em um porta-copos e afivelou o cinto de segurança com uma mão. — Estou folheando as imagens do CCTV. Ignore-me e dirija.

Algo se enrugou quando Kit se virou para olhar para ele. — Você quer o croissant?

— Sim por favor. Preciso absorver um pouco disso.

Kit jogou a sacola para ele e olhou para frente novamente.

— Minha casa é mais perto, — disse Darius, afastando-se do meio-fio.

James não respondeu, absorto na tela do telefone. Kit se aninhou em seu assento e baixou a cabeça, e a tensão de repente se dissipou de seu corpo. Seus pulmões doíam, sua respiração ainda era muito rápida. Suas mãos tremiam até que ele as prendeu entre os joelhos. Porra. O que era mais alarmante: alguém talvez o observando, ou o quão absolutamente incapacitado Kit estava com essa possibilidade?

Idiota fraco, patético e míope.

— Ei, — Darius disse calmamente enquanto saía do estacionamento. — Você fez a coisa certa ao nos enviar a mensagens de texto.

Sua atenção permaneceu no trânsito ao redor deles, mal olhando para Kit. Mas a profunda certeza em sua voz, a maneira relaxada como ele segurava o volante, sua confiança absoluta e tranquilizadora fizeram Kit relaxar também. Como se Darius fosse algum tipo de vela de incenso para meditação.

Se as velas de incenso de meditação fossem altas, escuras e sexy pra caralho.

— Obrigado. — Kit relaxou em seu assento, observando Darius e James pelo espelho retrovisor.

---

Kit não sabia muito sobre arquitetura, mas a casa de Darius provavelmente era cara. O elegante e discreto prédio de apartamentos estava localizado no coração de San Corvo. Darius manteve uma mão protetora no ombro de Kit enquanto subiam no elevador, enquanto James permanecia colado na tela do telefone.

O apartamento em si era confortável. Limpo. Madeira nua e cinza carvão e detalhes em ferrugem e azul-petróleo. Kit imaginou que um designer de interiores estivesse envolvido em algum momento, mas o lugar parecia muito mais habitado do que a mansão perfeita de James.

— Acho que o flash da câmera era um pai tirando uma foto de seu filho, — disse James. Ele havia perdido o rubor e a voz suavemente arrastada.

Darius deixou cair as chaves em uma tigela ornamentada perto da porta e tirou uma arma de debaixo da jaqueta. — Fique aqui, — disse ele, avançando e desaparecendo por um corredor.

Kit congelou. — Que porra é essa?

— Pelo menos, presumo que seja o filho do cara, — disse James. — Talvez ele tenha encontrado em algum lugar?

— Eu quis dizer a arma, não a criança!

— Oh, Darius está procurando intrusos. Não se preocupe, ele sempre faz isso. — Ignorando as instruções de Darius, James tirou os sapatos e foi para a sala.

Kit tirou os sapatos e o seguiu. — Você encontrou alguma coisa nas câmeras?

James se deixou cair no sofá cinza macio. — Sim, encontrei muitas pessoas olhando para você. Você é fofo pra caralho, sabia disso? Essa garota do ensino médio estava te observando.

— Ela provavelmente não está me perseguindo.

— Não pode ser muito cuidadoso, — James murmurou sombriamente, e estendeu a mão para puxar o pulso de Kit. — Venha aqui, *babe*.

— Tudo limpo — gritou Darius, quando Kit caiu meio em cima de James.

Algo nessas palavras de segurança e no contato repentino com o corpo de James desencadeou uma onda de calma. Ela caiu sobre Kit tão poderosamente quanto seu medo inicial, e ele se aninhou sob o braço de James. Aquela paranoia nervosa tornou-se distante, abafada, como se pertencesse a outra pessoa. Outra pessoa, uma vida passada. Havia uma quietude dentro de Kit agora, um tipo de silêncio diferente do entorpecimento que ele perseguia antes de conhecer James e o resto.

Algo como segurança.

James brincou com a manga do moletom de Kit. As imagens se moviam na tela do telefone, mas Kit não conseguia vê-las bem. — Voltei um pouco mais, — disse James. — Quem é esse cara com quem você está conversando na fila? Você conhece ele?

— Esse é Holden, — disse Kit. — O aluno da SCU de quem lhe falei. Ele saiu antes do flash da câmera.

— Eu realmente acho que o flash foi esse pai. Com base no ângulo, você pode estar no fundo da foto, então vou descobrir quem ele é e investigá-lo para estar seguro. E esse cara Holden. E esse estudante do ensino médio olhando maliciosamente para você. Mas não vejo mais nada de estranho.

Kit suspirou, ainda flutuando em sua recém-descoberta calma exausta. — Então, eu estava apenas sendo paranoico. Desculpe por ligar para vocês por nada.

— Você fez a coisa certa, — disse Darius, voltando do corredor. Ele tirou a jaqueta, revelando o arnês sobre a camiseta. A arma não estava mais apontada para ele, pelo menos, não que Kit pudesse ver. Darius sentou-se na poltrona em ângulo de frente para o sofá. —Especialmente dadas as circunstâncias.

— Que circunstâncias? — James perguntou, passando entre as imagens da câmera.

Certo. O ataque.

O que Kit disse especificamente a Darius para não contar a James.

Com a calma abalada, Kit ficou tenso sob o braço de James – e James estava muito sintonizado com cada movimento de Kit. Seu aperto no telefone aumentou, então ele o deixou de lado antes de se virar no sofá.

— De que circunstâncias ele está falando, *babe*?

O ressentimento e a culpa queimaram a adrenalina de Kit. Apertando os lábios, ele evitou os olhos de James. — Darius, não iremos falar sobre isso.

Kit foi muito claro: ele não queria contar a James ou Bishop sobre o contrato de sua vida até saber de quem era. Ele confiou na concordância de Darius com seus termos.

Darius suspirou e seu tom era simpático, mas firme. — Eu concordei na época, mas dado o que aconteceu hoje, James precisa saber. Ou você conta a ele ou eu contarei.

— Eu não gosto de como isso soa, — disse James, tenso ao lado de Kit.

Kit exalou bruscamente e foi até o canto do sofá. Ele precisava de espaço. Colocando os pés na almofada, ele passou os braços em volta dos joelhos. Suas mãos coçavam, ansioso para agarrar seus braços por baixo do moletom largo, mas ele se conteve. Por muito pouco.

Porque Darius estava certo, maldito seja.

— Tudo bem. Diga a ele, — disse Kit, sem vergonha de seguir o caminho do covarde. Afinal, Darius havia oferecido.

Darius assentiu. — James, não vou perder tempo dizendo para você ficar calmo. Apenas tente ouvir, certo?

— Eu realmente não gosto de como isso soa, — James disse, com a mandíbula tensa.

— Estou cuidando disso e está tudo bem, — Darius começou, o que Kit achou uma boa jogada. Muito menos perturbado do que a maneira como ele deu a notícia a Kit. — Alguém contratou um ataque contra Kit.

James congelou – e por um momento, o que passou por seu rosto não foi raiva, mas pura dor de medo. Tão afiado que cortou a alma de Kit. O arrependimento gelou suas veias. Kit nunca imaginou que James ficaria tão chateado.

Então a raiva de James venceu e ele se levantou. — Que porra é essa? Quem é esse? Quem aceitou o contrato?

— Ainda estou descobrindo quem está por trás disso, — disse Darius. — E claro, eu peguei. Estou prolongando as negociações para obter mais informações.

James olhou para os dois e então se virou para Darius. — Quando exatamente você aceitou um contrato com meu namorado?

— Cerca de duas semanas atrás. Contei isso a Kit e ele me pediu para não contar a mais ninguém até sabermos mais.

James se virou para Kit. — Por que diabos você faria isso? Você suspeitou de mim?

— Não, — Kit protestou, horrorizado que James pensasse isso. Suas unhas cravadas nas palmas das mãos.

James balançou a cabeça e voltou-se para Darius. Enquanto ele se continha falando com Kit, sua voz aumentou agora. — Por que diabos você concordaria com isso? Esta é a coisa mais estúpida que já ouvi.

Darius ficou de pé, com as mãos abertas em uma pose não ameaçadora. — Abaixe sua voz, James.

— Ficar quieto não vai me deixar menos chateado.

Parte de Kit também queria pular. Pegar a mão de James e apagar a situação. Mas Kit sucumbiu à maior parte dele, que via a raiva magoada de James como uma ameaça.

— Eu posso explicar, — Kit disse calmamente, enrolando-se no canto do sofá. Mas mesmo enquanto dizia isso, ele sabia que não era verdade. Tudo isso, e ele ainda não queria explicar.

— Vá em frente, — James retrucou. — Mal posso esperar para ouvir isso.

Porra. Isso estava tudo errado. Mesmo que Kit quisesse responder, ele não poderia. Todo o seu peito dói muito.

— James, — Darius disse calmamente. — Saia da sala por um minuto.

— Eu não vou a lugar nenhum, — James cuspiu.

Darius olhou para ele. — Saia da sala. Recomponha-se. Eu cuidarei de Kit.

James fechou os olhos. Seus ombros caíram e, quando ele abriu os olhos novamente, o fogo havia desaparecido deles. Ele estendeu a mão para Kit, depois fez uma careta e deixou cair a mão. Sem outra palavra, ele recuou ainda mais para o apartamento de Darius. Uma porta fechou-se firmemente no corredor.

Kit caiu contra o sofá, preso entre tantas emoções que não conseguia sentir nenhuma delas adequadamente. Seus olhos arderam, mas permaneceram secos. — Eu estraguei tudo, não foi?

Darius sentou-se na mesa de centro à sua frente. Ele preencheu o espaço tão solidamente como sempre, uma parede física entre Kit e o resto do mundo. — Mesmo que você tenha feito isso, não há problema em estragar tudo às vezes, — Darius disse, com a mesma firmeza tranquilizadora com que disse a James para sair da sala. — Eu acho que você é bom para James.

Kit piscou devido à sua agonizante autopiedade. — O que você quer dizer?

— Você não perceberia, porque obviamente não conhecia James antes de ele conhecer você. — Darius sorriu. — Ele sempre foi motivado. Muito motivado.

— Com a busca dos assassinos de sua família? — Kit perguntou.

— Com tudo. — O sorriso de Darius desapareceu. — Ele é emocional o suficiente para que eu não trabalhe diretamente com ele. Aceito trabalhos

para ele ou o coloco para ajudar com informações, mas não confio nele ao meu lado em campo. Mas há algo diferente nele desde que conheceu você. — Darius ergueu as mãos. — Não me interprete mal, ele também gosta de você. Mas nunca o ouvi falar tão normalmente sobre alguém antes.

Kit riu alto o suficiente para se assustar. Ele se desenrolou, as pernas balançando na beirada do sofá. — Eu conheci James em uma cena de crime. Então ele me levou para um encontro de assassinato. Então eu o chupei em sua limusine e pedi para morar com ele. Ele está rastreando meu telefone – isso depois de ler todas as minhas mensagens de texto. O que diabos há de normal nisso?

— Normal é relativo, — Darius admitiu, ajustando o arnês vazio em volta do ombro. — James nunca namorou ninguém seriamente antes. Ele saiu em alguns encontros. Ele definitivamente está dormindo por aí. Mas a coisa mais próxima que ele já teve de um relacionamento provavelmente fui eu, e talvez Bishop. Sua necessidade de vingança é uma grande parte de quem ele é, e ele não pode compartilhar isso com a maioria das pessoas.

Porra. Kit ficou tão impressionado com o quão novo, louco e assustador isso era para ele. Ele nunca tinha pensado que James poderia estar perdendo a cabeça também.

James compartilhou alguns de seus momentos mais sombrios com Kit, sem que Kit compartilhasse o mesmo. Exceto... talvez James não tivesse compartilhado muita coisa, afinal. Kit conhecia os fatos, mas a tragédia e a vingança eram mais do que fatos. James deu a Kit mais do que dava à maioria das pessoas, mas não tudo. Até hoje, Kit não tinha visto nenhuma rachadura em sua máscara confiante.

— Ele foi para casa por sua causa, — Darius continuou. — Não sei dizer se é adorável ou nojento. Ele me disse que outro dia fez café da manhã para você na cama.

— Porque ele me manteve acordado até as quatro da manhã tentando fazer sessenta e nove, — Kit disse distraidamente. — Não funciona. Ele é muito alto.

— James não me contou essa parte.

— Opa. — Kit torceu os dedos nas mangas do moletom. — O que mais ele te contou sobre mim?

— Ele me contou como você cheira bem no shampoo dele. — Darius esfregou o couro cabeludo mal barbeado, fazendo uma careta. — E como ele acha os seus dedos dos pés fofos.

Kit ficou olhando. — Você tem razão. Também não sei dizer se isso é adorável ou nojento.

— Ele me ligou para me dizer isso. Desliguei na cara dele. — Darius se inclinou para frente e apertou o ombro de Kit, seu aperto firme, quente e reconfortante, mas desapareceu no momento seguinte. — James está bem. Ele só precisa de um minuto para se acalmar. *Você* está bem?

# 19

## Dedos cegos traçaram a jugular de Kit.

— Estou bem, — respondeu Kit, o que provavelmente não era verdade. Ele ainda estava assustado por causa de nada. O flash de luz não foi nada, provavelmente. Então, ele ficou assustado por ter surtado e por ter contado a James sobre o ataque, e por causa do olhar angustiante de traição no rosto de James.

Mas ele estava melhor agora. Isso era bom o suficiente.

Darius não o pressionou. — Eu sei que você está guardando segredos, e está tudo bem. Todos nós temos segredos. Se você está se perguntando se deve ou não dizer algo, não há problema em esperar. Você não pode desdizer uma merda depois de dita.

Talvez fosse covardia da parte dele, mas Kit estava feliz por estar conversando com Darius agora. Não Bishop, que não deixaria Kit continuar fugindo. Ninguém precisava saber por que Kit odiava fotografias.

— Já passei por algumas situações que às vezes me deixam um pouco nervoso, — Kit disse finalmente. — É por isso que eu surtei hoje. Eles não são relevantes para este contrato, no entanto. Tenho certeza disso.

Darius apenas assentiu. — OK. Diga-me se alguma coisa mudar. Ainda estou conversando com o contato sobre o ataque. Eles não estão com pressa e estão sendo cautelosos quanto às opções de prova de conclusão. Então, ainda é sério, mas é não urgente. — Darius apertou o ombro de Kit, a mão larga afastando um pouco da tensão de Kit. — Mas até resolvermos isso, você não deveria sair sozinho.

Cada nervo do ombro de Kit formigou com o toque de Darius. — Sim. Vou falar com James sobre isso.

— Eu quero envolver Bishop também.

Kit resistiu instintivamente à ideia, mas hoje era uma prova clara de que ele não estava pensando racionalmente. Darius era o profissional aqui. Kit provavelmente deveria ouvir. — Se você acha que é melhor.

— Eu acho. — Os olhos escuros de Darius brilharam com seu sorriso. — Você já fez aulas de defesa pessoal?

Kit balançou a cabeça.

— Então James ou eu lhe ensinaremos alguns movimentos. Você já disparou uma arma?

— Eu não quero uma arma. Talvez uma faca? — Passar para sugestões práticas acalmou os nervos de Kit – quase tanto quanto a mão de Darius ainda em seu ombro. Depois da onda de paranoia, adrenalina, raiva e culpa, tudo o que restou a Kit foi um vazio. Uma necessidade. — Você provavelmente deveria me ensinar autodefesa. Não James. Ele vai se distrair.

A mandíbula de Darius ficou tensa, mas sua mão permaneceu gentil no ombro de Kit. Depois, sua garganta. Dedos cegos traçaram a jugular de Kit. Todos os lugares que tocavam ficavam quentes.

— Como você sabe que não vou me distrair também? — Darius perguntou suavemente.

A respiração de Kit engatou. — Eu não sei, — ele disse, fascinado pelas profundezas escuras nos olhos de Darius. — Você parece muito focado para mim.

A palma usada de Darius bateu contra a bochecha de Kit, e houve um longo e vazio momento. Todo o resto desapareceu. Sem medo ou segredos, Kit simplesmente existia.

Exalando com dificuldade, Darius quase se afastou, mas Kit agarrou sua mão para mantê-lo no lugar. Ele não estava pronto para desistir deste momento.

De perto, uma leve cicatriz era visível ao longo da mandíbula de Darius, a menor marca em sua rica pele morena. A barba por fazer sombreava suas bochechas, e o rosa de seus lábios implorava por um beijo. O homem era feito de contradição – não, contradição não. Equilíbrio. Robusto, mas macio. Brutal, mas silencioso. As diferentes partes dele existiam em harmonia mortal, e Kit queria provar essa estabilidade.

Darius riu. — Você é um problema, garoto.

— Isso é uma coisa ruim? — Kit perguntou.

Darius apenas suspirou, inclinou-se e beijou-o. Como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Enquanto os beijos de James eram emocionantes e estimulantes, Darius beijou Kit com satisfação. Conforto. Foi emocionante de uma forma diferente, e o coração de Kit cantou com uma sensação de segurança. Kit não precisava ser nem mais nem menos do que era neste momento, enquanto Darius assumia o controle.

Ele segurou Kit no lugar e abriu os lábios. O beijo foi superficial no início, mas ainda mais intenso pela antecipação. Seus lábios tinham um gosto tão bom quanto Kit imaginou. Kit teria choramingado se a língua de Darius não abafasse qualquer som que ele pudesse fazer.

As mãos de Kit vagaram por vontade própria, explorando os músculos firmes dos braços e ombros de Darius através de suas roupas. Colocar os braços em volta do pescoço de Darius parecia certo. Toda a tensão fugiu do corpo de Kit. Ele retribuiu o beijo da melhor maneira que pôde, seguindo o exemplo de Darius.

Ele não estava sendo infiel a James, porque isso era muito diferente. A mesma intensidade, o mesmo calor, mas satisfazendo uma necessidade profunda e diferente.

Quando Darius finalmente se afastou e pressionou suas testas, Kit fechou os olhos. Respirando pesadamente, ele saboreou o momento de paz.

— Obrigado, — Kit murmurou. — Eu precisava disso.

— Eu sei que você precisava. — Darius beijou sua testa e se afastou. A ternura de seu toque permaneceu mesmo quando eles se separaram.

Kit esfregou a cabeça, sentindo-se melhor agora. Ele poderia pensar com mais clareza, pelo menos. Beijar Darius o ajudou a descobrir o que precisava fazer com James – que ainda estava em algum outro lugar do apartamento de Darius. Sozinho. Sem ninguém para ajudá-lo, como Darius ajudou a estabilizar Kit.

— Eu deveria falar com James. — Kit mordeu o lábio. — Eu sei que ele disse que precisa de espaço, mas acho que ele está errado sobre isso.

Darius inclinou a cabeça. — Talvez você o conheça melhor do que eu. — Você quer que eu vá com você?

Kit respirou fundo e se levantou. — Sim. Por favor.

O quarto de Darius tinha a mesma atmosfera projetada, mas confortável, de sua sala de estar. Era mais arrumado que o quarto de James. Mais arrumado do que qualquer quarto em que Kit já viveu, na verdade. Havia um cesto de roupas ao lado da cômoda que, ao que tudo indica, Darius realmente usava.

Uma varanda com portas de vidro ocupava uma das paredes. A porta estava aberta e as cortinas blackout tremulavam com a brisa. Atrás delas estava James, os cotovelos apoiados no corrimão, o rosto voltado para o céu. Ele já havia alcançado algum nível de calma.

Muito ruim. Kit pretendia quebrar isso.

Deslizando para a varanda, Kit refletiu a posição de James. Cotovelos no corrimão, a poucos centímetros um do outro. A cidade estava movimentada lá embaixo, mas as nuvens moviam-se lentamente acima.

— Então, — Kit disse calmamente. — Por que você estava bebendo hoje?

---

Caramba. James esperava que Kit tivesse esquecido que estava bebendo – ou que tivesse acreditado na desculpa meia-boca de James. Outras desculpas frágeis desmoronaram em seus lábios, e ele as engoliu de volta.

James estava com raiva de Kit por esconder algo. Ele não era estúpido o suficiente para ignorar sua própria hipocrisia.

O ar frio bagunçou seus cabelos. Darius provavelmente estava no quarto atrás deles, porque apesar de Darius alegar que não queria se envolver nos negócios de James, ele às vezes era tão intrometido quanto Bishop. Mas lá fora, na varanda, bem acima das ruas repletas de pessoas, carros e luzes, o sangue brilhante de San Corvo bombeando em suas veias...

James e Kit eram as únicas pessoas no mundo.

Kit olhou para ele com uma calma séria. Seus brilhantes olhos verdes estavam tão hipnotizantes como sempre. Mesmo quando James se virou para olhar a cidade novamente, a pressão do olhar de Kit permaneceu pesada.

James desejou não estar sóbrio agora. — Hoje seria o trigésimo segundo aniversário de Crystal.

— Sua irmã, — Kit disse suavemente, depois de um momento. É claro que ele demorou um pouco para lembrar, porque James nunca falava sobre todos eles.

— Sim. Minha irmã mais velha. — James esfregou a mão no rosto. — Eu sempre penso nela como sendo mais velha que eu, sabe? Ela parecia tão madura. Ela sabia tudo. Mas agora estou mais velho do que ela jamais será.

Até mesmo Kit, que parecia tão jovem, era mais velho do que Crystal ou Iris jamais seriam.

Não havia nada de jovem em Kit quando James se virou. Apenas tristeza e algo tolo e desesperado como afeto. Essa mesma calma constante os ancorou juntos, e James queria conversar, pela primeira vez. Ele queria expor suas fraquezas a Kit – porque talvez essas não fossem fraquezas, afinal.

— Ela teria sido uma adulta com um emprego e talvez uma família. Ou ela teria abandonado a escola de artes e ainda estaria roubando o dinheiro da mamãe. — James agarrou-se ao corrimão, os nós dos dedos ficando brancos. — Ela poderia ter sido uma drogada e tudo bem. Ela merecia a chance de ganhar ou perder, voar ou cair. Viver.

— Ela era uma artista? — Kit perguntou.

— Isso era tudo que ela sempre quis fazer. Mamãe sempre disse que acabaria sendo uma solteirona com sete gatos. Acho que Crystal via isso como um objetivo, não como uma ameaça.

Kit se aproximou. Apenas o suficiente para que suas mãos mal tocassem o corrimão. — Desculpe.

— O aniversário de suas mortes é mais fácil, — admitiu James. — Eu posso lidar com a raiva. Os aniversários deles são os dias que me fodem.

O calor beijou a mão de James. A palma da mão de Kit deslizou sobre sua pele e seus dedos entrelaçam-se. James não percebeu o quanto estava com frio até que o calor de Kit o atingiu.

— Por que você não me contou? — Kit perguntou, cabeça baixa enquanto brincava com os dedos de James. — Posso ajudá-lo a beber durante o dia muito melhor que Darius.

— Talvez seja por isso. Gosto mais de você do que de Darius e não queria estragar o seu dia. — James riu, sabendo que era um mecanismo de defesa. — Eu não queria que você me visse fraco e triste.

Kit inclinou a cabeça contra o ombro de James. — Vá em frente da próxima vez. Será uma boa mudança do eu arruinar meu próprio dia.

James fechou os olhos, apertou ainda mais o corrimão e depois relaxou. Ele precisava desse conforto mais do que imaginava, mas não o merecia. Não depois de perder a paciência na sala de Darius.

Ele não merecia isso, mas nunca foi forte o suficiente para recusar o que Kit oferecia.

— Obrigado. — James afastou o cabelo da testa de Kit. Sem propósito. O vento soprou de volta em seus olhos e Kit torceu o nariz. — Me desculpe por ter gritado com você lá.

Kit franziu a testa. — Você realmente não gritou.

É, não. James não pretendia dar desculpas por seu comportamento e certamente não queria que Kit fizesse esse trabalho para ele. Qualquer que fosse a merda que Kit estava acostumado a suportar, não era assim que James lidava com os relacionamentos.

Não que James tivesse tido muitos. — Não importa. Se eu levantar minha voz com raiva de você novamente, quero que você me abandone.

— Estamos autorizados a discutir. — Kit suspirou quando James estreitou os olhos. — Não gosta, suprima suas emoções ou algo assim. Até eu sei que isso não é saudável. Confie em mim, irei embora se precisar. — Os lábios de Kit se franziram, como se ele estivesse reprimindo um sorriso. — A menos que você esteja me sequestrando ativamente naquele momento, eu acho.

James riu, o resto de sua tensão se dissipando. — Você sequestra um cara *uma vez* e ele usa isso contra você para sempre.

O sorriso de Kit se libertou. — Eu sou mesquinho assim.

Porra, ver Kit sorrindo foi um alívio. Saber que James ainda não tinha estragado tudo. Embora ele ainda pudesse, se não tomasse cuidado. Kit era tão sensível em relação aos rótulos. — Não que estejamos namorando ou algo assim, — disse James.

Ele esperava que Kit risse e se inclinasse para ele. Repreendesse-o com palavras duras ou beijasse-o com lábios macios, para que possam voltar ao equilíbrio.

Em vez disso, Kit balançou a cabeça, com uma luz feroz em seus olhos. — Não. É por isso que *preciso* me desculpar.

— Você não fez nada de errado.

— Eu também não fiz nada certo. — Kit arrastou James pelo pescoço, não para beijá-lo, mas para olhar diretamente em seus olhos. — Estamos namorando, — ele disse severamente. — Estamos juntos, somos namorados, como você quiser chamar. Chamei você de meu namorado na frente de Darius e Holden e basicamente de todo mundo, exceto você.

James não percebeu que havia agarrado Kit pela cintura – por baixo do moletom, apenas o tecido fino da camisa de Kit entre eles – até que Kit estremeceu em seu aperto.

— Só tenho medo de admitir que estou apegado a você. — Kit baixou os olhos. — Preocupar-se com as pessoas é assustador.

James tocou os lábios de Kit, depois sua garganta. Ele adorou a clara diferença de tamanho entre eles, e a forma como Kit apenas pressionou sua garganta com mais força contra a mão de James. O tipo de rendição que conquistou os dois. Uma marca de mordida desbotada se escondia sob a sombra do colarinho de Kit. James queria escurecê-la novamente.

— Essa é a coisa mais romântica que alguém já me disse, — disse James finalmente.

— Seus padrões são baixos.

— Meus padrões estão dimensionados proporcionalmente, — disse James com uma piscadela. — *Namorado*. O que mudou?

Kit entendeu. — Eu esperava que você ficasse bravo. Eu não esperava que você ficasse com medo. Isso me fez perceber o quão estúpido foi tentar esconder o ataque de você. Eu não queria você envolvido, mas se estivermos juntos, você já está envolvido.

— Super envolvido. — James beijou sua testa. — Vou querer muitos detalhes.

Kit assentiu. — Além disso, eu beijei Darius, e isso esclareceu algumas coisas. — Ele congelou, subitamente nervoso. — Hum, se estiver tudo bem?

James lambeu o lábio, fascinado demais pela repentina hesitação de Kit para pensar em pequenas coisas como ciúme. — O que você quer dizer com se está tudo bem? Se não estivesse tudo bem, você não teria o beijado de verdade?

Kit cutucou-o no peito. — Idiota.

James sempre teve algo para compartilhar, mas ainda esperava alguma pontada de ciúme na confissão. Ele gostava de compartilhar conexões

aleatórias, mas Kit era diferente. No entanto, tudo o que ele sentia agora era interesse.

Interesse e arrependimento por não ter estado lá para assistir.

Foi difícil sentir que alguém estava roubando Kit quando Kit se jogou emocionalmente em James como nunca fez antes. Quando ele estava aqui, pertencendo a James mais do que nunca.

— Tudo bem, — disse James, e Kit relaxou em seus braços. — O que exatamente beijar Darius esclareceu?

— Hum, que eu gosto dele. Bastante. — As orelhas de Kit começaram a ficar rosadas sob o cabelo despenteado pelo vento. — E que devo ser uma vagabunda gananciosa, porque gosto muito de você também. E que estou cansado de fingir que não me importo com nada.

James gemeu e mergulhou em um beijo sem fôlego. A boca de Kit ainda tinha gosto daqueles cafés com leite açucarados, e James queria bebê-lo completamente. Foi fácil quando Kit choramingou e se derreteu contra ele.

Ele teve que segurar Kit pelos cabelos para se libertar, ofegando contra os lábios molhados de Kit. Kit se contorceu, claramente, deliciosamente duro em seu jeans apertados.

— Estou feliz que você tenha descoberto isso, — disse James, irritado. — Porque eu quero você, esteja você fingindo ou não que não se importa. Quer você goste ou não de Darius. E se você é ou não uma vagabunda gananciosa. — Kit estremeceu com suas palavras, e James saboreou a aparência dele, já uma bagunça com o moletom escorregando do ombro. Então ele se inclinou para rosnar no ouvido de Kit. — Posso te foder agora, *babe*?

# 20

## É estranho foder na cama dele?

Todos os nervos de Kit chiaram com o pensamento. — Sim, você pode me foder. Mas não na varanda.

No segundo seguinte, os pés de Kit voaram do chão. Tudo cambaleou – mas mesmo surpreso, Kit instintivamente agarrou os ombros de James. Suas pernas se engancharam naturalmente nos quadris de James. James o segurou com apenas um braço sob sua bunda, e a força casual fez com que o calor se acumulasse na barriga de Kit. Seu pênis já estava meio duro contra o estômago de James.

A boca de Kit era mais alta que a de James neste ângulo. Ele beijou o sorriso dos lábios de James enquanto eles entravam. James segurou a nuca de Kit para amortecer seu crânio enquanto batia Kit contra a parede, beijando-o ainda mais forte.

Cercado, reprimido, preso e livre ao mesmo tempo. Kit não conseguia tocar o chão e mal sentia a parede sólida atrás dele. Tudo o que ele sentiu foi James o segurando.

Mordendo o lábio, James massageou a bunda de Kit através de seu jeans apertado. Kit gemeu – e lembrou-se de algo importante.

Arrancando a boca, Kit gritou: — Darius?

James piscou e depois olhou furioso. — James. O meu nome é James. Você pode ficar com Darius, mas não pode nos confundir.

Kit chutou a bunda de James sem sucesso. — Não, ele só estava... — Olhando por cima do ombro de James revelou um quarto vazio. — Achei que ele estivesse aqui.

— Ei, Darius! — James se virou para gritar. — Você quer assistir?

Silêncio.

James se afastou da parede, ainda carregando Kit com facilidade. O que significava que Kit não conseguia ver o que fez James rir a princípio. — Não, Darius fugiu, mas ele está nos dando sua bênção.

— O que você quer dizer? — Kit perguntou.

James o jogou na cama de Darius. Kit quicou no colchão e caiu bem ao lado de uma garrafa plástica e embalagens de papel alumínio.

— Ele preparou o lubrificante e os preservativos, — disse James, rastejando sobre Kit com um sorriso malicioso.

— Isso é muita consideração da parte dele, — Kit disse sem fôlego. Parte dele meio que desejava que Darius tivesse ficado por aqui. Assistindo, como James disse – ou mais do que assistir. Mas essa coisa com Darius ainda era nova, e Kit precisava desse momento de conexão apenas com James.

— É estranho foder na cama dele? — Kit engasgou quando James o puxou para tirar seu moletom.

— Eu não me importo se é estranho. — James fez um trabalho rápido nas roupas de Kit. Enquanto jogava cada item fora, ele beliscava e beijava a pele exposta e sensível de Kit. — Mas podemos foder no chão dele, ou na cadeira dele, ou contra a parede, se você preferir.

— A cama dele... ah... está ótima.

James tocou os lábios de Kit, totalmente concentrado. As pontas dos dedos permaneceram gentis enquanto ele fazia um hematoma constante e deliberado no pescoço de Kit. O local estava tão sensível que provavelmente já havia uma marca ali. Cada toque parecia certo. Tão perspicaz e bom que Kit não conseguia se concentrar o suficiente para pensar demais. Ele apenas se moveu de boa vontade enquanto James o virava de bruços.

— Eu quero foder você assim, — James disse com voz rouca. Ele acariciou as costelas de Kit com ambas as mãos, ao longo de seus braços, fechando em torno dos pulsos de Kit. Prendendo-os em cada lado da cabeça de Kit. — Eu quero que você se incline e chore por mim, o que você acha?

A respiração de Kit acelerou, úmida contra a colcha. Tudo era avassalador, os aromas de James e Darius misturando-se ao seu redor. A fricção contra seu pênis dolorido.

— Sim, — Kit disse, apenas no caso de James estar esperando por algum tipo de resposta de sua mente confusa de luxúria.

— Perfeito, — James ronronou, e soltou os pulsos de Kit para levantar seus quadris no ar.

A posição, de joelhos com o rosto na cama, deixou Kit totalmente indefeso e exposto. Kit ficou tenso, instintivamente nervoso, mas não teve tempo para duvidar. Uma tampa de plástico se abriu antes que dedos frios e úmidos deslizassem entre suas nádegas.

— Você tem a bundinha mais fofa. — James acariciou o lubrificante para cima e para baixo na fenda de Kit, evitando seu ânus, provocando. — Mal posso esperar para torná-lo meu.

As pontas dos dedos rombas massageavam em círculos, fechando-se em sua borda. Kit gemeu, empurrando para trás o máximo que podia nesta posição – mas James se abaixou para segurá-lo pelos cabelos. Seu aperto foi gentil, mas firme, e Kit afundou-se agradecido no controle.

James estava no comando. Isso era exatamente o que ambos queriam. O que era uma coisa boa, porque os dedos de James eram mágicos, e Kit já estava bagunçado demais para fazer mais do que tremer e vazar pré-gozo na colcha de Darius.

Porra. Se James não se apressasse, ele realizaria seu desejo de que Kit chorasse.

Como se fosse uma deixa, James deslizou um dedo pelo ânus escorregadio de Kit. A respiração de Kit engatou e ele não pôde evitar ficar tenso novamente. Esta não foi a primeira vez que James o tocou, mas a antecipação ainda de alguma forma fez com que parecesse mais. Por um momento selvagem, ele temeu que James pudesse parar.

Ele não deveria ter se preocupado.

— Você está nervoso, menino bonito? — James disse, tão sem fôlego quanto Kit. — Não há problema em ficar nervoso. Eu sei que tenho um pau enorme.

— Cale a boc–

James enfiou dois dedos e curvou-se *exatamente* na próstata de Kit. Tudo o que Kit pôde fazer foi choramingar em meio às faíscas de prazer. A colcha estava áspera e úmida sob seu rosto, e ele apertou os lençóis. O jeans descido de James arranhou a parte de trás de suas coxas enquanto os dedos de James se acomodavam em sua bunda.

Kit gemeu. Ele estava tão duro que podia sentir o batimento cardíaco em seu pênis, pulsando com cada impulso brutal em sua próstata. Todo o seu nervosismo desapareceu numa cascata de necessidade.

Isso seria tão bom se Kit já não tivesse sentido tanto hoje? Surpresa encantada ao ver Holden. Terror com o flash da câmera que provavelmente não era nada. Magoado por James, conforto por Darius, e agora esta conexão inegável.

Kit não esperava que sexo significasse tanto. Ele nunca estava se salvando para o momento certo. Não de propósito. Ele nem sequer se considerava virgem, considerando o quanto já havia feito.

Mas hoje era o momento certo ou a beira de um maldito precipício.

Seu próximo gemido foi quase um soluço. Ele estava tão perto. Somente quando James retirou os dedos Kit lembrou que James ainda nem tinha fodido com ele.

O rasgo da embalagem do preservativo foi alto, fazendo com que os pensamentos de Kit voltassem a ficar on-line.

— Precisamos disso? — Kit perguntou. — Você disse que estava limpo.

Rindo, James esfregou o polegar sobre o ânus escorregadio e sensível de Kit. — Não confie em um cara apenas quando ele diz que está limpo. Existem alguns homens muito maus por aí. Mas irei realmente usar isso porque, se não fizer isso, gozarei no segundo em que deslizar para dentro da sua bundinha perfeita.

A pressão contundente no ânus de Kit pontuou a declaração de James, distraindo Kit de qualquer resposta possível. Ele ficou tenso apesar de sua própria necessidade, seu corpo inteiro vibrando de desejo.

James beijou suas costas, depois se acomodou entre as pernas de Kit e empurrou.

Kit estava pronto, mas ele ainda engasgou com um gemido, oprimido quando James o empurrou centímetro por centímetro implacavelmente. Muito lenta e muito rápida ao mesmo tempo, a penetração pareceu durar para sempre. Exceto que os quadris de James já estavam pressionados contra a bunda nua de Kit. Ele estava totalmente sentado dentro de Kit, imóvel, mas isso não ajudou Kit a se ajustar. Como se James ainda estivesse empurrando mais fundo, remodelando Kit em torno do calor de seu pênis. A pele de Kit estava muito tensa, vibrando de necessidade e prazer.

James apoiou uma mão no colchão, a outra firme no quadril de Kit. — Você é muito melhor do que eu imaginava. Qual é a sensação, *babe*?

— Pare de procurar elogios, seu idiota, — Kit ofegou. — Sim, todos nós sabemos que seu pau é grande.

A risada de James abalou ambos, um estrondo íntimo que fez Kit choramingar. — Porra, eu te amo, — James disse...

Ambos congelaram.

# 21

## Você não vai fugir de mim.

Kit não conseguia respirar. Não. Não. Absolutamente não. Chamar James de namorado já era ruim o suficiente. Admitir que se importava quase o matou. Kit recusou-se a aceitar uma noção absurda e aterrorizante como *o amor*.

Não agora, quando sua alma ainda estava em carne viva, quando mesmo em meio ao pânico, ele estava praticamente vibrando com a necessidade do pênis de James. Porra, Kit precisava que James se movesse.

Amor. James não quis dizer isso. Foi um lapso de língua. Era impossível, e se Kit conseguisse pensar em seu estado hipersensível e vulnerável, ele se lembraria disso.

— Desculpe, — disse James, sem parecer nem um pouco arrependido. — Não tive a intenção de assustar você.

Kit conseguiu dar uma risada irregular. Falar era estranho assim, com o rosto enterrado na cama de Darius e sua bunda apertada no pênis de James. — Você sempre diz merdas estúpidas na cama. Estou acostumado a ignorar você.

James suspirou e se dobrou sobre ele, o movimento empurrando seu pênis ainda mais fundo dentro de Kit. A nova pressão tirou o fôlego dos pulmões de Kit enquanto James murmurava perto de seu ouvido. — Você sabe o quê? Eu não estou preocupado. — James segurou a nuca de Kit, acariciando seu cabelo solto. Segurando-o. A confiança esquentou na voz de James enquanto ele continuava. — Você é quente o suficiente para me deixar louco. Mas isso não é apenas conversa fiada e sem sentido. — James pontuou

suas palavras com um movimento de quadris, atingindo o interior sensível de Kit. — Você esteve me afastando esse tempo todo, certo, *babe*?

— Vá se foder, — Kit engasgou.

James se levantou e começou a se mover. Impulsos lentos e profundos. Controle constante e vertiginoso. — Você está fugindo de alguma coisa. Mas você não vai fugir de mim. Eu não dou a mínima para como você quer nos chamar. — Dedos firmes cravaram-se nos quadris de Kit enquanto James encontrava o ângulo perfeito para passar pela próstata de Kit. — Mas sim. Eu te amo, porra. Mesmo que você seja um pestinha sobre isso.

O prazer tomou conta das veias de Kit como o pavio de uma vela.

— Você nem me conhece. — Os olhos de Kit arderam. Seja pela força que o empurrou ou pelas palavras queimando seu coração, ele não sabia.

— Sim, eu conheço. — James diminuiu a velocidade e então parou dentro de Kit. Passando a mão pelo peito arfante de Kit, pela barriga. — Eu não conheço o seu passado, mas tenho você bem aqui. Agora mesmo. Porra, sou a última pessoa a falar sobre abandonar essa merda, mas agora? Este é você. Você é lindo pra caralho e vai gozar chorando no meu pau.

A mente de Kit derreteu, mesmo antes da mão de James fechar em torno de seu pênis. Ele sibilou, os olhos arregalados de prazer chocado, com a fricção escorregadia. A mão de James estava tão quente contra sua pele sensível, já uma bagunça molhada com seu próprio pré-gozo. Kit se moveu por instinto, tentando entrar no aperto elétrico, o que o fez apertar o pênis de James. A sensação ricocheteou por dentro e por fora.

O protesto brotou dentro de Kit – não contra James. Contra si mesmo. Por que James não deveria estar certo? Por que Kit não deveria ter isso? Um momento onde nada mais importava. Sem se esconder, sem correr. Um momento para ser nada mais nada menos que Kit, tendo seu cérebro fodido por um bilionário assassino estúpido o suficiente para se apaixonar por ele.

— Você está ouvindo, *babe*? — James ofegou no ouvido de Kit. Sua mão apertou o pênis de Kit, torcendo a cada movimento para cima. — Eu te amo. Nenhum dos seus joguinhos pode mudar isso.

— Tanto faz, — Kit conseguiu dizer entre suspiros – o mais próximo da rendição que ele poderia dar a James agora.

Talvez James realmente o conhecesse bem o suficiente. Porque James riu, encantado com a permissão relutante. — Esse é meu pestinha, — ele disse com carinho, enquanto arrancava um orgasmo que o consumia e arrepiava os dedos do corpo trêmulo de Kit.

Kit se arqueou contra James, partes dele ficando dormentes, depois incandescentes de prazer. Sua visão ficou turva. Ele estava muito exausto de felicidade para sentir se realmente estava chorando.

Então James plantou a palma da mão escorregadia em suas costas e sentou-se atrás dele. James ainda não tinha gozado. Ele ainda estava duro como pedra dentro do corpo trêmulo de Kit.

— Como foi isso, lindo? — James perguntou, e porra, essa arrogância presunçosa não deveria ser tão quente. — Minha vez agora.

Qualquer resposta de Kit foi perdida quando James começou a se mover novamente. Cada investida nos nervos supersensíveis de Kit era um prazer tão intenso que quase doía. Passaram-se apenas alguns segundos, mas o pênis de Kit tentou responder ao estímulo. Ele não podia, e em vez disso, a sensação rolou de novo e de novo, como se James estivesse fodendo sua alma. Implacável. Transcendente.

Como amor, uma palavra que parecia metal frio nos pulsos de Kit.

O que quer que James tenha dito, foi um absurdo. Conversa íntima exagerada. Mas quando James se enterrou dentro dele e depois o arrastou

de lado para cair no colchão, Kit permitiu-se fingir que o amor não era o sentimento mais perigoso do mundo.

— Ei, — Kit disse finalmente. — Deveríamos... trocar os lençóis antes que Darius volte?

James riu em seu cabelo. Seus braços eram pesados e sólidos. — Sem chance. Ficaremos abraçados por cinco minutos antes de eu sequestrar você de volta para minha casa para outra rodada. Darius pode lavar a roupa e explicar seu pequeno contrato de assassinato para Bishop.

— Uau, — Kit murmurou. — Você é o pior hóspede de todos os tempos.

James apenas riu de novo e o abraçou mais perto.

---

Kit esperava mais um interrogatório quando ele se sentou no banco do passageiro do carro de Bishop. Seja sobre o contrato de assassinato de Darius ou sobre o surto de Kit na cafeteria ou tudo mais, qualquer coisa sobre James.

Ele não tinha nenhum chupão agora. Nenhum visível, pelo menos. Mas Kit ainda sentia como se o toque de James estivesse pintado em néon por toda a sua pele. James tinha ficado em casa hoje, preso em uma teleconferência enquanto trabalhava em casa, mas Kit apostava cinco dólares que ele os estava observando partir através das câmeras externas.

Assustador ou reconfortante? Ambos, porque Kit não tinha senso de julgamento.

Mas Bishop apenas olhou para ele e perguntou: — Você sabe dirigir?

Kit dobrou uma perna no banco enquanto Bishop saía da garagem de James. — Não, eu apenas sou um aproveitador. Diga a James para pagar minha parte na gasolina.

Bishop deu um meio sorriso ao ouvir isso. Ele estava mais bem vestido do que Kit jamais o vira. Uma camisa azul de botões sob um blazer levemente amarrotado. O azul destacou seus olhos, e quando Kit inalou, ele sentiu o cheiro doce da loção pós-barba de Bishop.

A mudança foi desconcertante. Como um lobo em pele de cordeiro vestido com um casualidade bonita. Kit não pôde deixar de pensar que isso era como ser levado para um encontro. Exceto que ele foi pego na casa do namorado. E o homem que o pegou foi o cara que o rejeitou.

Não que Kit estivesse chateado com isso.

— Faça-o pagar pelas aulas de direção. — Bishop acelerou na estrada principal. — O transporte público é uma merda por aqui e você não quer ficar preso em uma emergência.

Kit inclinou a cabeça para trás contra o encosto, considerando. Ele não tinha certeza sobre estar sozinho em um carro com um estranho agora. E se seu instrutor de direção fosse um... Kit olhou para Bishop. Ok, e se seu instrutor de direção fosse um assassino pior e menos razoável do que Kit estava acostumado?

— Talvez o próprio James pudesse me ensinar, — disse Kit.

— Não recomendaria isso. — Bishop fez uma careta. — Ele não é um mau motorista. Ele simplesmente não é um bom exemplo.

— Quem deveria me ensinar em vez disso? — Kit perguntou.

O carro ficou em silêncio e, por mais que Kit respirasse superficialmente, tudo o que conseguia sentir era a presença de Bishop.

Houve uma mudança na tensão entre eles – como agora que Bishop não estava pressionando por respostas, Kit foi forçado a pressionar por sua vez.

— Vamos descobrir isso mais tarde. — Bishop apontou para a pasta perto dos pés de Kit. — Puxe isso para cima e vamos repassar o plano para hoje.

Sem saber se havia ganhado aquela conversa ou não — sem saber por que estava pensando na conversa em termos de ganhar ou perder — Kit fez o que Bishop disse.

Bishop estava certo. Eles estavam indo para a vigília à luz de velas de Marco Fernandez, e Kit precisava de um plano para acalmar o frio na barriga.

Kit sugeriu que Bishop o deixasse a alguns quarteirões de distância, para que não fosse óbvio que eles chegaram juntos. Bishop recusou categoricamente, dizendo que não era tão importante ser furtivo. Kit não fez parte da conversa, mas Bishop, James e Darius claramente concordaram em manter os olhos nele.

Meigo. Perseguidor, mas meigo.

Então, em vez de se separarem em quarteirões, Bishop parou no final do estacionamento para visitantes do campus e disse: — Aqui, pegue isto.

Suas mãos não se tocaram, mas a antecipação perdida ainda tremia no ar quando Bishop deixou cair algo na palma da mão de Kit. A moeda preta com borda de aço era mais pesada do que parecia. Kit virou-o. — O que é isso?

— Mantenha-o no bolso. — Bishop olhou para ele. — É um dispositivo de rastreamento.

Kit deveria ter previsto isso, dada a sua vida recentemente. — James já está rastreando meu telefone.

Bishop encolheu os ombros. — Ele não me deixou acessar seu aplicativo. Dessa forma, posso encontrar você mesmo se você deixar seu telefone cair.

Kit fingiu um suspiro, pressionando a mão no peito. — Seu monstro! Se eu estiver separado do meu telefone novamente, salve o telefone primeiro.

Bishop revirou os olhos. — Saia e se comporte.

— Veremos. — Mas Kit obedientemente enfiou o rastreador no bolso da calça jeans e partiu em direção ao centro do campus.

O tempo estava estranhamente cinzento e Kit ficou grato pela jaqueta nova que James havia comprado para ele. Mais ou menos como um casaco, mas com uma série de fivelas decorativas. Provavelmente era a peça de roupa mais cara que Kit já havia usado, mas parecia *ter* vindo de uma loja emo inútil, e era disso que Kit gostava nela. Muito atencioso e muito importante que James leve em consideração a falta de gosto de Kit.

A moeda de rastreamento pesava fortemente contra sua coxa. Mais uma ligação a este estranho e violento grupo de homens. Claro, Kit poderia jogar a moeda fora a qualquer momento. Mas ele não queria, e essa ligação psicológica pesava mais do que tudo.

Assustadoramente reconfortante. Assim como saber que Bishop estava em algum lugar atrás dele, seguindo e observando.

Kit não tinha passado muito tempo nos campus universitários antes. A Universidade de San Corvo parecia bastante próxima do que ele conhecia da televisão e do cinema: um súbito espaço aberto depois do movimentado centro da cidade. Os edifícios altos são provenientes de diversos legados arquitetônicos. Banners em todos os lugares retratavam estudantes bem-vestidos e sorridentes com citações sobre como estavam entusiasmados em mudar o mundo.

Encontrar a vigília foi fácil. Placas indicavam a Kit uma série de tendas montadas no pátio gramado. Ele se juntou ao fluxo de pessoas que seguiam naquela direção, sem saber se havia mais ou menos participantes do que esperava. Centenas, provavelmente, mas espalhadas pelo gramado, não pareciam tão numerosas.

A parte da luz de velas não aconteceria até o pôr do sol. Por enquanto, as pessoas ainda estavam instalando alto-falantes e microfones sob uma das tendas, e os voluntários do governo estudantil colocavam centenas de velas elétricas em outras mesas.

Kit contornou a multidão, observando de longe enquanto Bishop se juntava a um grupo sob uma das tendas. Os pais de Timothy, que contrataram Bishop, vieram apoiar a família de Marco. Kit encontrou os olhos de Bishop e começou sua missão: conversar com qualquer aluno solitário que encontrasse.

O alvo número um era uma jovem asiática com corte de cabelo curto, brincando com os encantos de seu telefone. Ela ficou no meio da multidão, parecendo perdida o suficiente para que Kit fosse capaz de superar seus nervos e parar ao lado dela.

— Ei, — Kit disse, tão sem jeito quanto temia. Ele apontou para o grande quadro de fotos de Marco em sua camisa de lacrosse. — Você conhecia ele?

Seu rosto se contraiu brevemente. — Ele estava na minha aula de astronomia. Ainda não consigo acreditar.

Foi muito fácil, assim como Bishop disse.

Quando Kit perguntou como ele deveria fazer com que as pessoas falassem com ele, Bishop explicou que as pessoas compareciam a eventos como esse porque não queriam sofrer sozinhas. A maioria queria conversar,

e os que não queriam falar deixariam isso bem claro. Tudo o que Kit precisava fazer era iniciar a conversa.

— O que eu digo se perguntarem quem eu sou? — Kit perguntou no carro. — Ou se eles querem saber por que estou lá?

— O que você acha que deveria dizer? — Bishop perguntou por sua vez.

Kit mordeu o lábio, pensando. — Direi apenas que estou aqui com um amigo, mas ele está conversando com outra pessoa agora.

Bishop não sorriu, mas sua aprovação foi clara e viciante. — Perfeito.

Kit nem precisou dar aquela explicação frágil para Joyce da aula de astronomia de Marco. Ela falou e falou sobre onde estava quando descobriu, sobre como as aulas tinham sido estranhas desde então. Sobre como às vezes ela esquecia que Marco havia sido assassinado, antes de se lembrar. E ela mal o conhecia, então quão pior deveria ser para...

Kit continuou murmurando — Sinto muito por sua perda, — quando Joyce começou a chorar.

Em seguida, ele conversou com um cara que apareceu porque achou que haveria comida de graça. Depois, um cara do time de lacrosse de Marco. Depois, uma garota que morava no mesmo andar que Marco no primeiro ano, mas não falava com ele há meses.

Fácil. Exatamente como o Bishop disse.

Então Kit avistou uma familiar cabeleira loira, alta no meio da multidão. Seu coração saltou, mas Holden não o notou a princípio. Ele estava muito ocupado conversando com outra pessoa – uma garota com um vestido vintage rosa, enxugando os olhos com lenços de papel.

Certo. Este foi um evento em memória de uma vítima de assassinato. Ficar animado para ver um cara em quem ele estava... interessado... provavelmente era inapropriado.

Também inapropriado: a pontada de aborrecimento de Kit quando a garota abraçou Holden. E o alívio de Kit quando ela saiu em direção às tendas principais, ainda enxugando os olhos.

Realmente, muito inapropriado. Especialmente porque Kit ainda estava olhando quando Holden olhou em volta e encontrou seus olhos.

Um sorriso apareceu como a luz do sol no rosto de Holden. Ele acenou e caminhou no meio da multidão em direção a Kit.

— Oi, — disse Holden, ainda sorrindo, embora mais calado do que o normal. — Eu não esperava ver você aqui.

Kit encolheu os ombros sob sua jaqueta nova. — Eu também não esperava ver você.

— Claro, você não esperava. — Holden piscou. — Se continuarmos nos encontrando assim, vou pensar que você está me perseguindo.

— Talvez eu seja. — Porra. Este não era o momento para flertar. Se Holden estava aqui, isso significava... — Você conhecia Marco?

A mão de Holden deslizou para dentro do bolso, brincando com moedas ou o que quer que ele tivesse lá. O gesto nervoso fez Kit se sentir culpado por perguntar, e Holden parecia um pouco distante quando respondeu. — Não muito bem. Minha amiga Soraya estava namorando com ele.

— Ah Merda. — A culpa de Kit se intensificou. — Isso deve ser horrível.

*Muito bem, idiota,* ele se repreendeu. *Seja estranho e tenha ciúmes de alguma garota de luto abraçando seu... conhecido totalmente normal e sedutor.*

Holden parecia alheio à depravação de Kit. — Sim, tem sido difícil para ela. — Um microfone tocou e as pessoas começaram a se mover em direção à tenda principal. A multidão empurrou Kit para mais perto de Holden, e Holden tocou levemente o ombro de Kit. — Parece que eles estão tirando fotos. Devíamos sair do caminho, a menos que você queira aparecer nos jornais.

Kit fez uma careta. — Não, obrigado.

— Ótimo, eu também não. Prefiro escrever artigos a estrelá-los. — Holden espalmou a mão contra a omoplata de Kit e empurrou-o para longe da multidão.

— O que você quer dizer com escrever artigos? — Kit perguntou.

Holden o conduziu em direção a uma fileira de árvores e bancos e sombras mais profundas. — Escrevi para o jornal da escola no ano passado. Eu larguei este ano, no entanto. Levava muito tempo.

O telefone de Kit tocou. Ele pescou e leu o texto recebido.

***Bishop:*** *Aonde você vai?*

Porra. Certo. Kit não deveria se afastar, por mais legal e normal que Holden fosse. E se um assassino fosse atrás de Kit e Holden também fosse pego na situação?

Bishop estava certo. O senso de autopreservação de Kit estava faltando. Havia algo tão desarmante em Holden. Ele fez Kit esquecer o quão fodida era sua vida.

Kit apontou para os bancos. — Vamos sentar.

— Claro, — disse Holden, e caiu no mais próximo. Com suas longas pernas, ele ocupava a maior parte do banco, mas não todo. Não até que ele inclinou a cabeça como se estivesse considerando cuidadosamente, e depois esticou deliberadamente o braço ao longo do encosto do banco.

OK. Então Kit não foi o único a ter pensamentos inadequados em uma vigília memorial. Por um longo e insano momento, ele pensou em sentar no colo de Holden.

Kit optou pela escolha contida, sentando-se ao lado de Holden e recostando-se em seu braço. A pressão contra os ombros de Kit era quente, mesmo através da jaqueta.

O telefone de Kit tocou novamente.

***Bishop:*** *bom*

A aprovação foi um tipo de calor diferente e irritante, deixando Kit totalmente despreparado para Holden ao perguntar: — Então, com quem você está aqui?

# 22

## Você não pode flertar comigo em uma vigília.

Depois de toda a preocupação de Kit em inventar uma boa história, Holden foi a primeira pessoa a fazer perguntas. Kit encolheu os ombros contra o braço de Holden. — Um amigo. Ele conhece a família.

— Um amigo, hein? — Holden brincou. — Ou aquele meio namorado?

Kit gentilmente deu uma cotovelada nas costelas de Holden. — Pare com isso. Você não pode flertar comigo em uma vigília.

— Isso não é justo. Você está sendo engraçado, mas provavelmente será rude se eu rir em uma vigília também. — Holden deu um suspiro exagerado. — Você está evitando a pergunta.

Kit revirou os olhos. — Não tem nada a ver com isso. Esse cara é realmente apenas um amigo.

Um amigo que sequestrou Kit, manteve-o em cativeiro durante quatro dias e recusou-se a dormir com ele. Esse tipo de amigo.

O corpo de Holden estava quente contra o frio da noite. Ele era tão grande, ocupando todo o espaço ao lado de Kit. Sua figura curvada e esguia tornava fácil esquecer o quão grande ele era até estar bem ao lado de Kit.

— É o cara conversando com o Sr. e a Sra. Fernández? — Holden apontou. — Se ele não conhece você, então é muito estranho que ele continue olhando para você.

Do outro lado do pátio, Bishop estava de fato conversando profundamente com os pais de Marco, mas não olhava para Kit.

— Sim, é ele.

— Ele parece um pouco velho para você. Tenha cuidado com caras assim, — disse Holden, embora não tivesse ideia de como isso era verdade. A idade de Bishop era o menor dos problemas.

— Ele é apenas um amigo, — repetiu Kit. Por alguma razão, Holden parecia cético, então Kit elaborou. — Na verdade, estou trabalhando para ele.

— Isso não torna as coisas melhores, — disse Holden, estranhamente sério. O que era bizarro. Holden nem pareceu muito incomodado quando Kit disse que tinha namorado. Agora ele estava alertando Kit para se afastar de Bishop com base em... quantos anos Bishop tinha? O quanto ele olhou para Kit, o que Kit realmente não acreditava, de qualquer maneira? Antes que Kit pudesse responder ao absurdo, Holden estalou os dedos. — Espere. Soraya mencionou ele. Ele é o investigador que os pais de Timothy contrataram, não é?

Caramba.

Holden mudou para encarar Kit, tirando o peso quente de seu braço. — Se você está trabalhando para ele, o que isso faz de você? Um investigador assistente ou algo assim?

Kit caiu para frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos. Tanta coisa para disfarçar. — Sim. Bishop está tendo problemas para conseguir que os alunos falem com ele.

— Então, ele trouxe você para nos pegar desprevenidos. Devo dizer que este Bishop é brilhante. Funcionou perfeitamente. — Holden riu. — Você esteve me interrogando esse tempo todo, detetive Kit?

Caramba, porra. Kit sabia que precisava de uma história melhor. Carrancudo, Kit mexeu em uma das fivelas de sua jaqueta. — Claro, e falhando espetacularmente.

— Porra, desculpe. — Holden tocou o ombro de Kit levemente, depois com mais confiança quando Kit não se afastou. — Eu não estava tentando tirar sarro de você. Eu estava tentando flertar de novo, porque você me faz querer ser incrivelmente inapropriado.

— Pare de tentar me fazer sentir melhor, — Kit murmurou.

— Por quê? Você tem medo de que funcione? — Holden puxou Kit de volta para baixo do braço novamente, pressionando-o firmemente contra seu lado. O calor repentino foi muito perturbador. — Diga-me por que você está aqui. Talvez eu possa ajudar.

A coisa secreta era apenas para que os alunos se sentissem confortáveis conversando com Kit. Holden claramente se sentiu muito confortável, mesmo que seu toque fácil dispersasse os pensamentos de Kit. Kit se viu respondendo com muito mais honestidade do que pretendia. — Bishop quer nomes de pessoas que conheceram as vítimas. Pessoas fora da lista básica de colegas de quarto e de equipe, que podem não querer falar com a polícia.

— Alguém que sabe alguma coisa?

— Ou eles conhecem alguém que conhece outra pessoa.

— Hum. — Holden traçou padrões sem rumo no braço de Kit. — Você poderia começar com Joyce Takahashi.

Kit ergueu os olhos e encontrou Holden contemplativo. — Joyce?

— Aquela garota com quem você estava conversando antes. — Holden apontou para a garota da aula de Astronomia de Marco. — Marco ficou com ela no último semestre.

Kit se endireitou. Ele estava interessado o suficiente para ignorar a admissão casual de que Holden o estivera observando antes. — Ele já estava namorando Soraya?

— Ele e Soraya começaram a namorar no primeiro ano. — Holden fez uma careta. — Então sim. Ele a traiu.

— Soraya sabe disso?

Holden suspirou e olhou para baixo, fios soltos de cabelo obscurecendo seu rosto. — Eu só descobri porque os encontrei se beijando na porra de uma escada. Eu ia contar para Soraya, porque ela merecia saber, mas aí Marco... aí eles o encontraram.

Mutilado em seu dormitório. Amarrado e amordaçado, sem as pontas dos dedos.

A simpatia surgiu dentro de Kit. Tantos pequenos fios de conexão cortados com uma única morte. — Isso é difícil.

— Não sei. É pior contar a ela ou manter isso em segredo? — Holden manteve a cabeça baixa. — Provavelmente é uma besteira minha dizer isso, mas Marco não foi bom para Soraya. Eu sei que ele está morto e tudo, e odeio que ela esteja ferida. Mas Marco não era uma boa pessoa.

Kit não sabia o que dizer. Tudo parecia inadequado. Como se ele não tivesse o direito de estar aqui, quando no fundo egocêntrico de seu coração ele não conseguia deixar de se perguntar: o que alguém diria sobre ele após sua morte?

*Eu sei que ele está morto e tudo, mas Kit estava uma bagunça. Um idiota ingênuo e egoísta cuja existência causou mais mal do que bem.*

Timidamente, Kit pousou a mão na coxa de Holden. Ele quis fazer isso como um gesto reconfortante, mas a sensação de músculos firmes sob o jeans era inegavelmente elétrica. *Reconfortante. Simpático,* Kit instruiu a si mesmo.

— Idiotas também morrem, — disse Kit. — É assim que funciona. Não há problema em sentir o que você sente por ele.

Kit era péssimo nisso, mas funcionou. Holden deu um sorriso. — Obrigado.

— Enquanto eu tenho você aqui na minha câmara de interrogatório... — Kit deixou sua mão subir alguns centímetros. — Há mais alguém com quem Bishop deveria conversar?

— Você é sem vergonha, — Holden murmurou. Definitivamente foi um elogio. — Eu acho... Alan Tanner. Eles eram companheiros de equipe, mas ele não esteve em nenhum dos eventos memoriais para os quais Soraya me arrastou. Pode não ser nada. Todo mundo lida com as coisas de maneira diferente.

Sim. Kit sabia tudo sobre isso. — Poderia não ser nada. Ou alguma coisa. Obrigado.

As sombras se aprofundaram à medida que o sol se punha atrás do campus, e pequenas luzes brilhavam no meio da multidão. Os voluntários estavam distribuindo as velas elétricas. Holden ficou de pé e se abaixou. — Vamos.

Kit permitiu que Holden o puxasse para cima. O calor permaneceu por muito tempo depois que eles se soltaram, caminhando lado a lado de volta para a multidão reunida.

As equipes de notícias apontaram câmeras para as famílias, professores e alunos. Bishop encontrou Kit e Holden no meio da multidão.

— Desculpe por ter demorado tanto, — disse Bishop, com os olhos escuros na luz fraca. — Quem é este?

Este não era o plano. Kit e Bishop deveriam evitar um ao outro na vigília. Mas Bishop devia saber o que estava fazendo.

Kit gesticulou entre os dois homens. — Bishop, este é Holden. Holden, este é Bishop.

Holden estendeu a mão. — Prazer em conhecê-lo, senhor.

Bishop parecia acostumado a ser chamado de senhor. Talvez tenha sido uma coisa arrogante de ex-policial. — Igualmente. Você conhece a família?

Holden encolheu os ombros, olhando para o lado. — Marco era namorado da minha amiga. Eu deveria voltar para ela. — Ele tocou o braço de Kit, o polegar esfregando suavemente a jaqueta de James. — Me mande uma mensagem se houver algo em que eu possa ajudar. Ou se você quiser apenas me mandar uma mensagem.

Antes que Kit pudesse responder, Holden escapuliu. A alguns grupos de pessoas de distância, ele passou um braço em volta de Soraya, que o abraçou de volta.

Sobre o que Kit parecia totalmente, completamente razoável.

— Podemos ir agora, — disse Bishop. — A menos que você queira ficar para a cerimônia das velas.

E tudo colidiu com Kit de uma vez.

Cada sussurro de tristeza, cada suspiro de culpa, vergonha e inveja injustificada que o rodeara durante toda a noite — tudo de repente ficou muito agudo. Muito real. Exceto o próprio Kit. Todas aquelas pequenas luzes, e Kit era apenas mais uma sombra.

Ele disse a Bishop uma vez que não queria nada. Ele, completamente, quis dizer aquilo. Fuga, segurança, dano. Querer estava além dele então.

— Eu quero ir embora, — Kit sussurrou agora.

Bishop apenas assentiu e partiu em direção ao estacionamento. Kit o seguiu como se estivesse amarrado, com as mãos frias enfiadas nos bolsos. Uma parte patética e vulnerável dele, queria que Bishop segurasse sua mão, porque James estava certo. Kit era ganancioso. Ele queria a certeza do toque

de Bishop – exceto que se Bishop estendesse a mão, Kit certamente se afastaria.

Sua mente clareou sob as luzes amarelas do estacionamento. Eles já estavam no carro de Bishop.

— Desculpe, — disse Kit. — Não sei o que deu em mim.

Felizmente, Bishop não se intrometeu. — Eu também não queria ficar por aqui. Você quer uma xícara de café?

Kit sorriu de alívio atordoado. — Sim, eu gostaria muito disso.

Quinze minutos depois, eles se instalaram no carro de Bishop com xícaras fumegantes de um pequeno café na mesma rua. O café estava lotado de estudantes universitários e os dois voltaram para o carro sem precisar conversar sobre o assunto. Bishop não fez nenhum movimento para ligar o motor e eles apenas ficaram ali sentados na penumbra amarela.

O calor do mocha de caramelo extra de Kit aliviou o que restava de sua tensão.

— Então, o que você descobriu? — Bishop perguntou.

Kit dobrou as pernas no assento. — Marco estava namorando uma garota chamada Soraya.

— SCPD já conversou com Soraya. — Bishop não disse isso como se estivesse dispensando Kit. Apenas compartilhando informações de maneira prática.

— Eles já conversaram com Joyce Takahashi? — Kit perguntou, e Bishop balançou a cabeça. — Aparentemente Marco traiu Soraya com ela. Soraya não sabia disso.

Bishop colocou seu café no painel e digitou notas em seu telefone. — Algo mais?

— Eles estudaram Astronomia juntos. Isso é tudo que tenho, desculpe.

— Não, é um bom começo. — Bishop olhou para cima. — Qual é a sua fonte sobre isso?

— Holden. Eu o conheci na biblioteca no mês passado e o encontrei novamente hoje. — Kit mordeu o lábio. — Eu meio que acabei dizendo a ele que estava trabalhando para você. Tudo bem?

Bishop assentiu. Ele não estava bravo — e Kit ficou excessivamente aliviado por não estar bravo. — Isso é bom. A única razão pela qual mantivemos segredo foi para que as pessoas falassem com você. Esse Holden estava claramente disposto a falar com você, quaisquer que fossem os motivos.

Esse também foi o raciocínio de Kit, mas... — Você faz isso parecer tão inapropriado — protestou Kit.

— Não se preocupe, não vou contar ao James.

— James não se importa. — Kit franziu a testa, subitamente inseguro. James estava bem com ele beijando Darius, mas James conhecia Darius. Como James se sentiria ao compartilhar com um estranho? Não que Kit precisasse se preocupar com isso. Kit não iria beijar Holden. Mesmo que Holden fosse legal, normal e divertido de conversar.

Porque esse era o problema. Holden era muito normal. Ele nunca iria querer se envolver com a vida fodida de Kit.

# 23

## As mãos de Holden coçaram.

Holden recostou-se no banco, fingindo mexer no telefone. Mais adiante, na trilha à beira-mar, uma jovem se aproximou à sua direita.

A noite varreu as trilhas costeiras com suaves sombras azuis. Cactos e árvores raquíticas obscureciam o horizonte. Não havia muita cobertura, mas não havia muitas pessoas por perto. Cânions erodidos desciam abruptamente entre as trilhas. Uma fenda a vinte metros atrás de Holden seria o lugar perfeito para matar alguém, contanto que ele pudesse mantê-lo quieto.

Holden já havia escondido o ácido, o alicate e os sacos de lixo lá embaixo. Ele tinha seus motivos para deixar que seus três primeiros corpos fossem encontrados facilmente. Victor, Timothy e Marco eram idiotas de grau A, com os quais Holden realmente não se importava – seria hipócrita da parte dele pensar que idiotas violentos mereciam morrer, afinal. O cara que Holden estava provocando se importava, então aprofundar esse caso deveria mantê-lo fisgado.

Mas o número quatro? Holden não precisava de atenção agora. Ele só precisava de catarse.

Este era um dos inúmeros planos com os quais Holden sonhava acordado há anos. Fantasiar sobre suprimentos, locais, métodos. Partir para as trilhas parecia organizado. Planejado. O impulso foi impulsivo, no entanto. Ele deveria estar na biblioteca agora. Ele tinha um teste de estatística depois de amanhã.

A vigília acabou com ele, no entanto. Ele estava lá apenas para se gabar da morte de Marco. Mergulhar na atenção indireta, tantas centenas de pessoas se reunindo e lamentando por causa de Holden. E tudo bem, ele também estava lá para dar uma outra olhada naquele detetive bastardo.

Ele só não esperava que o detetive bastardo trouxesse Kit com ele. Ou para o tal detetive bastardo continuar *tocando* e *observando* Kit.

Claro, era a prova de que Holden estava certo. O detetive se preocupava com Kit, então levar Kit seria a vingança perfeita. O interesse de Bishop por Kit foi a razão pela qual Holden notou Kit em primeiro lugar.

Isso não impediu o ciúme furioso de Holden. Dois dias depois, a energia maluca reprimida ainda o levava à distração, e mesmo brincar com os ossos dos dedos de Marco não resolvia a situação.

Bishop tirou dele o primeiro alvo de Holden. Um cara com quem Holden nem se importaria se não tivesse decidido matá-lo antes que Bishop o matasse primeiro. Foi agravante e irritante ver Bishop colocando suas patas sujas em Kit também.

Subindo a trilha, a mulher se ajoelhou para amarrar novamente o tênis de corrida. Ela não tinha ideia de que a simples ação estava prolongando sua vida, apenas por alguns momentos.

As mãos de Holden coçaram. Paciência era uma necessidade de longo prazo que incomodava no curto prazo. Holden estava na posição perfeita. Correr para pegar a mulher agora lhe daria tempo para gritar. Ele queria mandar uma mensagem para Kit. Talvez pedir uma selfie. Mas ele não conseguia nem olhar para a foto borrada do dedo médio de Kit que tirou da última vez que perguntou, porque havia desligado o telefone há uma hora.

A mulher que amarrava o sapato não se parecia em nada com Kit. Ela era curvilínea, com cabelos ruivos cacheados e rebeldes. Seu equipamento atlético era todo em lycra floral azul e rosa.

Quando Holden era mais jovem, sempre que sentia uma raiva incontrolável assim, ele costumava correr. Correndo pelas ruas e trilhas até ficar exausto. O saco de pancadas em seu quarto funcionava melhor quando seus pais não estavam em casa para se preocupar com o barulho. Praticava lacrosse, uma vez que entrou para o time no ensino médio. As pernas doloridas, suor e respirações dolorosas e ofegantes foram quase suficientes para exorcizar seu desejo de violência.

Quase. Correr sempre foi uma solução temporária, até que Holden se sentiu confiante o suficiente para perseguir seus verdadeiros objetivos.

Isso era algo com que ele sonhava naquelas corridas longas e exaustivas. Parando e esperando, até que outro corredor solitário se aproximasse demais.

Foi um clássico por um motivo.

A mulher levantou-se novamente. Ela se inclinou na cintura, esticando as panturrilhas, e então saiu em uma corrida constante. Seu cabelo saltava a cada passo mais perto de Holden.

Mas quando ela se aproximou, o entusiasmo de Holden esfriou.

Ele nunca se importou muito com a aparência de suas vítimas. Matar não era uma coisa sexual para ele. Ele não gostava da ideia de matar animais, crianças ou idosos, mas isso acontecia apenas porque parecia antidesportivo. Gênero, tamanho e raça não importavam.

Holden simplesmente não pôde deixar de pensar que essa mulher não se parecia em nada com Kit. Ele se imaginou afundando os polegares nos olhos dela e, em vez de excitação, ficou apenas desapontado por eles não serem tão verdes. Seu corpo seria muito alto, com curvas muito suaves, enquanto ela se contorcia e lutava na terra abaixo dele.

Franzindo a testa, Holden continuou mexendo no telefone desligado. Ele permaneceu no banco enquanto a mulher passava correndo. Momentos depois, ela desapareceu em uma curva da trilha.

Holden matava pessoas por diversão. Se ele não estava sentindo isso, não fazia sentido. Cada morte era um risco e, se ele fosse pego, seria muito mais difícil matar mais pessoas no futuro. Então, ele precisava ter cuidado ao satisfazer seus impulsos. Arriscar tudo por um assassinato chato seria estúpido.

Enquanto caminhava de volta ao início da trilha, Holden ligou o telefone. Não há necessidade de evitar deixar rastros hoje. Ele imediatamente abriu suas mensagens e enviou:

***Holden:*** *socorro, estou morrendo de tanto estudar para essa prova :( só uma selfie de docinho vai me salvar :( :( :(*

***Docinho da biblioteca:*** *haha, espere cinco minutos*

***Holden:*** *eu estarei morto até lá :( :( :( :( :(*

***Docinho da biblioteca:*** *lol*

A única resposta de três letras encheu Holden de uma satisfação excessiva. Ele inalou o ar fresco, salgado e sábio, saboreando a glória da noite. Haveria outras mortes. Neste momento, isso era bom o suficiente.

Então seu telefone tocou novamente com uma imagem anexada. Holden abriu com entusiasmo—

A pouca iluminação não conseguia esconder as feições marcantes e os olhos suaves e sonolentos de Kit. Ele parecia pálido, como um fantasma lindo e lânguido. Ele estava deitado na cama, a cabeça apoiada em um travesseiro e o braço de outro homem pendurado em seu peito. Os dedos embaçados de outro homem brincando com seu cabelo escuro.

O punho de Holden cerrou-se com tanta força que ele quebrou a capa do telefone.

# 24

## O strip-tease é realmente necessário?

A última mensagem de Darius ficou sem ser lida por três dias antes que o cliente finalmente respondesse.

***65e487tfrd:*** *Tenho a localização dele. O trabalho ainda está ativo? Preciso agendar outra viagem de negócios.*

***jdn267frev3:*** *Sim, obrigado pela sua paciência. Eu entendo que você deve ter muitas pessoas para matar. Para prova de óbito, você pode enviar fotos?*

Erguendo as sobrancelhas, Darius tomou outro gole de seu Syrah. Ele estava na mesa da cozinha e só abriu o laptop do trabalho para verificar as mensagens, sem esperar a resposta na noite de segunda-feira. Seu apartamento estava muito silencioso. Talvez ele devesse receber pessoas em breve.

Uma vez que ele resolveu esse problema.

Ele tinha um palpite de que esse cliente era novo na contratação de assassinos, mas isso confirmou sua avaliação. Não apenas a total falta de tato. A evidência fotográfica era um sistema terrível. Darius não era capaz de fazer falsificações perfeitas, mas se este fosse um trabalho de verdade, ele conhecia três pessoas diferentes que poderia subcontratar para fotos adulteradas.

Embora quem quer que Darius escolhesse, ele provavelmente teria que pagar os outros dois caso o cliente os contratasse para verificação.

Contudo, Darius preferia que Kit fosse alvo de um cliente incompetente. E ele preferia falsificar fotos a falsificar mãos decepadas ou

outras provas mais complicadas. Ele não contrataria alguém para esse trabalho — ele poderia fazer falsificações decentes. O suficiente para passar por uma primeira inspeção visual.

Enquanto isso, James poderia incorporar um vírus nos arquivos, para que pudessem encontrar a identidade e localização desse bastardo. O cliente podia ser inexperiente em contratar assassinos, mas era bom em encobrir rastros digitais. James não conseguiu limpar nada da troca de e-mails.

***65e487tfrd:*** *As fotos funcionarão. Você tem uma conexão segura para recebê-las?*

Darius esperava esperar mais três dias. Mas o cliente ainda estava online.

***jdn267frev3:*** *Não. Você pode deixar as fotos em um local de entrega.*

Tudo bem, isso também foi estranho. Darius quase sentiu pena do cliente. Mas certamente tornaria mais fácil agarrar quem chegasse ao ponto de entrega.

***65e487tfrd:*** *Isso deve funcionar. Deixe-me retornar para você amanhã.*

***jdn267frev3:*** *Obrigado. Desculpe pelo atraso. Não costumo fazer esse tipo de coisa.*

***65e487tfrd:*** *Não se preocupe. Recebo mais iniciantes do que você imagina. Eu cuidarei disso para você e você poderá continuar com seus negócios normalmente.*

***jdn267frev3:*** *Obrigado, cara. Você é o melhor. Existe* Yelp[8] *para assassinos? Vou deixar cinco estrelas para você.*

[8] Site ou aplicativo para reviews.

Confirmado: esse cliente era um idiota.

Esperançosamente, um idiota que logo morrerá.

---

— De quem é essa casa, afinal? — Kit perguntou, tentando esconder seu nervosismo enquanto Darius destrancava a porta. Eles estavam bem longe da cidade, com poucos vizinhos à vista. Kit confundiu a casa com um celeiro surrado antes de parar na entrada de cascalho.

James permaneceu perto do carro, revirando os olhos durante uma chamada de negócios educada.

— Não importa, — Darius disse, conduzindo Kit para dentro. Ele carregava um grande saco plástico em uma das mãos e a outra acendia faíscas brevemente com um toque no ombro de Kit. — É privado e não está vinculado a nenhum de nós.

Ele apertou um interruptor e Kit ficou surpreso ao ver que a eletricidade funcionava, iluminando uma cozinha surrada. Havia um grande espaço vazio entre os balcões onde antes ficava uma geladeira. O fogão parecia indigno de confiança. A mesa de madeira parecia bastante resistente, embora empoeirada. Darius jogou o saco plástico em cima da mesa e circulou pela sala ajustando as cortinas blackout.

Kit cutucou o balcão de azulejos, que não estava tão empoeirado quanto ele esperava, e recostou-se nele. — Ótimo. Certifique-se de fechar melhor as cortinas.

Darius apenas deu um sorriso por cima do ombro.

Mais uma vez, ele parecia um corretor de investimentos, um CFO ou um gerente de engenharia de software. Alguém profissional e adulto que

não deveria sair com garotos de dezenove anos como Kit. Ou colocar balas no cérebro das pessoas.

A camisa de botão de hoje era de um tom lilás quente, com as mangas arregaçadas até os cotovelos, como sempre. Darius tinha que estar ciente de quão excitantes eram seus antebraços. Kit nem sequer tentou desviar o olhar. E aqueles pulsos grossos – como puxar uma cortina era tão sexy?

Quando a libido de Kit aumentou tanto? Como agora que beijou Darius, ele não conseguia controlar seus pensamentos.

— Sobre o que você está pensando? — Darius perguntou, inclinando a cabeça.

Kit poderia inventar algo normal. Ou ele poderia simplesmente perguntar… — Como você consegue se aproximar furtivamente das pessoas? Você é tão gostoso, as pessoas não notam você?

Darius apenas sorriu e James zombou da porta. — Fácil. Ele apenas me pede para ficar na mesma sala e ninguém nota ele.

— Ideia interessante, — Darius disse. — Mas você está na sala agora e seu próprio namorado ainda está flertando comigo.

— Se eu não o deixar brincar, como ele pode saber o quão bom eu sou em comparação? — James deu um beijo na cabeça de Kit e se dirigiu para a janela mais próxima – repetindo a verificação de Darius nas cortinas e portas.

Kit esperava que o calor em seu rosto não fosse – não, pelo jeito que Darius estava sorrindo, o rubor de Kit era definitivamente óbvio.

Esta foi a primeira vez que os três estiveram juntos desde aquela vez no apartamento de Darius. Quando Kit beijou Darius e depois fodeu James na cama de Darius. Kit estava preocupado com o clima, mas ele meio que gostou disso. James estava tão emocionante como sempre, e Darius tinha

essa presença estabilizadora. Em vez de interromper, ele proporcionava equilíbrio.

Além disso, flertar com dois homens extremamente atraentes era uma distração bem-vinda nas tarefas do dia.

— Tem certeza de que esse cara ficará satisfeito com as fotos? — Kit perguntou. — Nunca ordenei matar ninguém antes, mas isso me parece estranho.

— Você está certo, — Darius disse, indo até a mesa. — Há situações em que as fotos funcionam, mas você não confia no pistoleiro contratado para fornecer suas próprias provas com elas. — Ele começou a tirar suprimentos do saco plástico. Pintura facial, cera para cicatrizes e esponjas. Muito mais do que Kit esperava.

— As falsificações ficarão óbvias assim que alguém as analisar adequadamente, — acrescentou James. Ele pulou no balcão e puxou Kit para mais perto, entre as coxas abertas. A borda do balcão bateu nas costas de Kit enquanto James começou a brincar com seu cabelo.

Darius os observou, nem mesmo tentando ser sutil. Seu olhar escuro desviou-se para os dedos de James roçando o pescoço sensível de Kit. — Nosso objetivo não é a perfeição. Eles só precisam parecer bons o suficiente à primeira vista quando o contato os captar.

Com outro olhar para James e Kit, Darius começou a desabotoar sua camisa lilás.

Se Kit pensou que os antebraços de Darius eram excitantes. Seus ombros eram fascinantes. A camiseta branca sem mangas grudava em seu peito, fina o suficiente para que sua pele escura aparecesse onde se estendia sobre os músculos.

— Oh, — Kit disse, lutando para se lembrar da conversa. — Isso faz sentido.

— O strip-tease é realmente necessário? — James parecia mais divertido do que irritado.

— Claro, — Darius disse inocentemente. — Não quero manchar minha linda camisa.

As mãos de James caíram para esfregar os ombros de Kit, massageando os músculos sensíveis. Seu toque era tão quente mesmo através do moletom de Kit.

Kit sentiu-se como um coelho rodeado por duas raposas. — Sim, manchar a camisa dele seria terrível.

A risada de James agitou o cabelo de Kit. Ele enganchou a perna em volta do corpo de Kit, puxando-o ainda mais para perto, e seu calcanhar provocou o pênis de Kit através de seu jeans apertado. — Você é uma aberração perfeita... Primeiro o sofá, depois a camisa de Darius... O que vem a seguir?

— O que tem o sofá? — Darius perguntou.

Kit se livrou do alcance de James antes que ele ficasse com tesão. Estar duro para esta sessão de fotos seria estranho. — Longa história. Onde você conseguiu tudo isso? Na loja de Halloween?

Darius acenou para ele com um tubo de sangue falso. — Não, peguei emprestado da minha irmã.

Kit ficou olhando. — Sua irmã? Você não contou a ela por que queria isso, certo?

— Miranda sabe que não deve fazer perguntas sobre o meu trabalho, — disse Darius, depois estremeceu. — Mas ela faz suas próprias suposições. Ela me disse para enviar fotos da convenção.

— E você disse? — James perguntou

— Para ir se foder, — Darius respondeu alegremente.

James pulou do balcão rindo. — Miranda é uma nerd total.

Isso realmente não explicava nada.

Darius encolheu os ombros, continuando a separar os suprimentos. — Miranda gosta de cosplay. Cosplay realmente sangrento. Eu costumava ajudá-la a se preparar para convenções quando éramos crianças, e foi aí que aprendi isso. Ela ainda vai às Comic Cons, mas agora a namorada dela é sua maquiadora.

— Você foi a convenções com ela? — Kit perguntou, de repente curioso.

Darius mal olhou, mas Kit ainda percebeu a cautela em seus olhos. — Não, não é minha praia. Um segundo. Esqueci algo no carro.

Assim que Darius fugiu da cozinha, Kit se virou para encarar James. — Preciso de fotos dele fazendo cosplay.

— Missão aceita. — James esfregou as mãos, parecendo que seu aniversário havia chegado mais cedo. — Eu vou caçá-las, não importa o que aconteça. Mesmo que eu tenha que contratar Bishop para ajudar.

— Perfeito. — Kit olhou para a porta e levou um dedo aos lábios. — Isso é ultrassecreto.

— Os meus lábios estão selados. — James puxou o dedo de Kit e o beijou. Leve, tentador, desapareceu antes que Kit pudesse roubar mais dele.

Porra, Kit poderia se acostumar com esses pequenos momentos. Infelizmente, quando Darius voltou, era hora de começar a trabalhar.

Darius deu um tapinha na mesa. — Vamos começar.

Kit exalou e tirou o moletom. Outra peça de roupa nova comprada com o dinheiro de James, embora Kit tenha escolhido esta pessoalmente. Preto com morcegos azuis neon. — Eu também não quero manchar isso.

James olhou abertamente. — Isso seria terrível. E a regata? Você também não querer estragá-la também.

Kit pendurou o moletom nas costas de uma cadeira. — Eu não dou a mínima para a regata.

— E o seu jeans super especial e super fofo? — James tentou.

Revirando os olhos – porque se ele estivesse agindo como ele mesmo, ele reviraria os olhos – Kit pulou na mesa onde Darius indicou. Seus tênis cor de limão balançaram acima do chão e um arrepio o percorreu.

Kit foi um hipócrita por exigir fotos hipotéticas de cosplay de Darius. Porque fotos dele mesmo deixavam Kit inquieto. Dependendo das circunstâncias. Selfies estavam ok. Outras pessoas tirando fotos não teria problema se Kit pudesse vê-las primeiro, e seria melhor se elas estivessem no telefone de Kit para que ele pudesse excluí-las.

Hoje, Kit estava prestes a quebrar todas as suas regras de autoproteção. Ele só precisava confiar em Darius para usar as fotos corretamente.

Foi a melhor solução para o problema real de alguém ordenar um ataque contra ele. Kit não tinha motivos para recusar. Ele não deveria, não poderia explicar de qualquer maneira. Explicar não era inteligente. Revelar fraquezas significava que as pessoas poderiam usar essas fraquezas contra ele.

Mesmo que Kit fosse estúpido o suficiente para explicar, ele não conseguiria. Sua garganta engasgava com a ideia de dizer isso em voz alta.

Qualquer que seja. Ele estava bem recentemente, agora que tinha James e o que quer que estivesse acontecendo com todos os seus outros melhores amigos assassinos. Kit deveria ficar bem, desde que não olhasse as fotos.

Pelo menos ele tinha o tempero perturbador da colônia de Darius. Dedos quentes tocaram o queixo de Kit e viraram seu rosto para frente e para trás.

— Por que você não pode simplesmente editar uma foto normal? — Kit perguntou, enterrando seus nervos. — Esta não é a Idade das Trevas.

Darius afastou o cabelo de Kit da testa. Seus movimentos eram cuidadosos e eficientes. Ele não demorou como James teria feito. — Editar sobre efeitos práticos é mais fácil do que começar do zero. Especialmente porque não estamos contratando.

Certo. Kit preferiria não estar aqui para isso, mas envolver mais pessoas era objetivamente ruim. Kit só precisava disso para se controlar até que terminassem. — Então, como você vai me matar?

Darius bateu na testa de Kit, apenas um fio de cabelo bem no centro. — Normalmente, eu atiraria por trás. Mas é mais fácil imitar um ferimento de entrada.

— Ah, eu gosto disso por trás. — Kit sorriu e cutucou a coxa de Darius com o dedão do pé. — Mas tudo bem, faça-me pela frente.

James apoiou-se no ombro de Darius. — Ele não é realmente tão exigente. Ele gosta de qualquer jeito que dou a ele.

Darius empurrou James para longe. — É assim mesmo?

— Sem comentários. — Kit balançou um dedo para James. — Você tem sido muito arrogante desde que deixei você ser meu namorado.

— Não, ele sempre foi arrogante, — Darius disse suavemente.

— É verdade, — disse James, sem vergonha.

Então Darius abriu a gosma de pele falsa e disse: — Feche os olhos, Kit.

As palavras *Sim, senhor* pairaram na ponta da língua de Kit. Mas flertar não foi tão fácil como sempre, então, em vez disso, ele apenas ficou quieto e obedeceu. Com os olhos fechados, ele tentou pensar em qualquer coisa, exceto no flash da câmera.

O foco intenso de Darius era claro mesmo com os olhos de Kit fechados. Havia algo muito reconfortante na sua competência, nos seus movimentos cuidadosos. Ele borrou um pouco de líquido sob os olhos de Kit e depois ao redor da boca, esfregando suavemente, deliberadamente, ao redor dos lábios. Ele passou mais tempo na testa de Kit, cobrindo o ferimento com pele falsa e camadas de tinta.

Pelo menos Kit presumia que Darius era competente. Pelo que Kit sabia, talvez ele saísse dessa parecendo um maldito palhaço. Ele pensou nisso, em vez de todas as outras fotos que tinha visto de garotos com cabelos escuros e olhos mortos.

Aqueles com olhos mortos eram mais fáceis de lembrar.

Quando Darius terminou, Kit se encontrava em um estado quase meditativo. Tanto que ele não ouviu da primeira vez–

— Kit? — Darius perguntou.

Os olhos de Kit se abriram. — Desculpe. Você terminou?

James fez uma careta do outro lado da cozinha. — Você é muito bom nisso, Darius. Isso é nojento.

— Vai servir, — Darius disse. — Tudo bem, desça. É hora da sua sessão de fotos.

Kit esperou que seus joelhos cedessem quando ele pulou da mesa, mas ele estava firme. Talvez ele estivesse preocupado por nada. Isso seria bom.

— Onde fica o estúdio? — Kit perguntou. Sua testa coçava sob a pintura.

Darius apontou. — Vamos tirar algumas aqui em cima e algumas no porão. Usarei o que funcionar melhor com a iluminação.

Ótimo. O porão. Totalmente nada assustador. — Claro. Como você quer que eu pose?

Darius acenou para ele até um grande pedaço de azulejos bege. — Deite-se de lado e tente ficar completamente mole. Vou agarrar seu ombro e colocá-lo de costas. Não se mova. Deixe-me mover você e fique onde eu coloquei você.

Isso foi mais fácil do que Kit esperava. Darius estava completamente calmo, é claro. Tudo isso fazia parte do seu trabalho. Kit confiou nisso. — Claro, — ele disse novamente, e caiu de joelhos primeiro. — Olhos abertos ou fechados?

— Espere, deixe-me tirar uma foto de vocês dois juntos primeiro, — brincou James. — Você sempre fica bem de joelhos, *babe*.

— Talvez outra hora, sem maquiagem, — disse Darius, antes de responder a Kit. — Mantenha os olhos abertos para as primeiras fotos. Olhe para baixo e para o lado. Eu direi se você precisar fechar os olhos ou mudar alguma coisa.

— Entendi, — disse Kit, e deitou-se de lado. O chão era frio, áspero e nojento sob seu ombro nu, na lateral de seu rosto. Ele respirou fundo e depois expirou. Deixar ir e relaxar foi bastante fácil. Ele não deveria dizer nada.

Darius se agachou ao lado dele. — Não fale nem mova o rosto. Apenas relaxe e deixe-me mover você. — Ele tocou o queixo de Kit. — Se sua boca

ficar aberta, deixe-a ficar aberta. Se o seu cabelo cair no seu rosto, não o assopre.

Kit não respondeu.

— Bom menino, — Darius disse.

Kit normalmente gostava de ser chamado de bom menino, exceto quando isso o enfurecia, e mesmo assim, ele ainda gostava disso. Mas ele não sentiu nenhum prazer hoje. Ele apenas relaxou enquanto a mão larga e quente de Darius cobria seu ombro.

A pressão foi suave, mas irresistível, girando-o lentamente para que sua cabeça não batesse no linóleo. Kit deixou-se mover como uma boneca de pano, a cabeça ainda caída para o lado. Seu olhar caiu em algum lugar ao redor das pernas da mesa.

— Passe-me a câmera, — disse Darius. Após movimento na visão periférica de Kit, a câmera clicou.

O que restava da ansiedade de Kit desapareceu com o som.

Darius se agachou novamente e moveu a cabeça de Kit para que ele ficasse de frente para o teto. Seus lábios se separaram, sua mandíbula frouxa. Darius ficou de pé sobre ele e a câmera clicou mais duas vezes.

— Feche seus olhos.

Kit fechou os olhos. A câmera clicou novamente na escuridão e Kit disse a si mesmo que estava bem.

# 25

## Nota para mim mesmo, você ainda está fodido.

Kit mal sentiu a mão de Darius puxando-o para ficar de pé. Ele mal ouviu a piada estúpida de James – apenas o suficiente para revirar os olhos no momento certo. Então Darius levou Kit até o porão para tirar as mesmas fotos novamente.

Desta vez, Kit deitou-se num chão de concreto ainda mais empoeirado. Uma lâmpada amarela brilhava no alto. Kit seguiu as instruções de Darius. Ele não se movia a menos que Darius o movesse. Ele olhou para a luz fraca.

Depois, Kit levantou-se sozinho. Tirar o pó das mãos deixou marcas pálidas em sua calça jeans preta.

Isso foi fácil.

— Terminamos? — Kit perguntou.

Darius estava folheando as fotos em sua câmera. — Terminamos. Você quer ver?

James puxou a câmera e fez uma careta. — Merda, Darius. Você nem as editou e elas já estão assustadoras pra caralho.

— Talvez mais tarde. Essa maquiagem coça. — Kit dirigiu-se para as escadas do porão. — A água está correndo no banheiro?

— Deveria estar, — Darius respondeu.

No andar de cima, Kit foi até a cozinha pegar toalhas de rosto e removedor de maquiagem. Ele arrancou o buraco de bala da testa antes mesmo de chegar ao banheiro. A pele falsa e a tinta úmida foram arrancadas com uma picada, uma mancha marrom, preta e vermelha grudada em seus

dedos. Kit jogou-o na pilha de esponjas usadas e encontrou o banheiro ao lado do corredor.

O banheiro era pequeno. Paredes verdes sujas e azulejos amarelados cercavam-no. Kit estava calmo, mas foi difícil trancar a porta. Por alguma razão, suas mãos tremiam.

Olhar no espelho não foi ruim. Ridículo, claro. Havia uma mancha irregular de pele nua no meio da testa, onde ele havia arrancado a pele falsa, cercada por manchas de tinta vermelha e rosa. Uma delas atingiu sua sobrancelha. Nenhum sangue falso no resto do rosto.

Kit não se parecia em nada com as fotos que encontrou anos atrás. Ele estava se preocupando por nada. Ele estava bem. Ele não estava chateado.

O removedor de maquiagem era oleoso e desagradável, mas funcionava bem. Ele esfregou a testa até a pele ficar rosada e depois usou uma toalha molhada nova para tirar o removedor também. Seu rosto estava limpo, o cabelo grudado na testa molhada. Mas ainda havia tinta e sujeira em suas mãos. Vermelho sob as unhas.

Kit abriu a torneira novamente e passou sabão nas mãos para limpá-la.

A água ficou mais quente do que ele esperava. Um encanamento muito bom para um lixo desses. Embora Kit não devesse julgar. Ele poderia estar acostumado com o estilo de vida confortável de James agora, mas ele viveu em lugares muito piores.

Kit lavou as mãos até ficarem rosadas e limpas, depois ficou ali parado, distraído, com a água escorrendo pelo pulso esquerdo. O calor estava aterrando. Algo para focar. Algo em que pensar, para que ele não precisasse pensar em mais nada.

Ele olhou para seu rosto no espelho e não sentiu nada. Apenas o calor distante da água.

Batidas altas tiraram Kit de seu torpor.

— Você está bem aí? — James chamou através da porta.

A dor incendiou o braço de Kit. Ele arrancou o braço da pia e um choque frio atingiu seu estômago. Uma mancha escaldada destacava-se de um rosa brilhante contra sua pele pálida.

Porra.

Porra, porra, porra.

— Sim, só um segundo! — Kit puxou a maçaneta para a direita. Ele testava a água a cada poucos segundos com as pontas dos dedos e, assim que esfriou o suficiente, enfiou o pulso de volta sob o riacho. Tarde demais para acalmar a pele irritada.

Porra. Ele não se machucava sem notar há anos.

— Nota para mim mesmo, — Kit murmurou para seu reflexo branco como giz. — Você ainda está fodido.

Kit não ficou chateado por posar para as fotos – mas isso não foi uma coisa boa. Ele foi levado de volta ao torpor sem emoção em que Bishop e James o encontraram pela primeira vez, quando ele vivia um dia após o outro, preso na casa do tio Ed por sua própria inércia de coração morto.

Agora, seu coração aterrorizado e acelerado era um alívio. Kit preferia ficar com medo de si mesmo do que entorpecido.

Exalando com força, Kit desligou a água e enxugou o rosto e as mãos. Seu braço quase não doía, graças à interrupção de James, e ele não achava que sua angústia transparecia em seu rosto. Provavelmente. James e Darius estavam começando a lê-lo muito bem.

Tudo bem. Kit tinha uma boa ideia de como distraí-los. E se isso fizesse Kit se sentir melhor sem o conhecimento deles? Todos ganham.

Quando Kit abriu a porta do banheiro, James já estava ali, com a mão levantada e pronto para bater.

— Por que demorou tanto? — James perguntou.

— Eu estava pensando no significado da palavra *privacidade*. — Kit entrou no espaço de James e bateu no centro do seu peito. O cheiro de James não acalmou seus nervos. Longe disso. Mas foi um tipo diferente de excitação. A distração exata que ambos precisavam. — Você conhece essa palavra?

— Nunca ouvi falar disso, — disse James sem perder o ritmo. — Eu estava preocupado. Que tipo de namorado dedicado eu seria se não verificasse você?

— Dedicado? — Kit ficou na ponta dos pés e puxou James pelo pescoço. — Por que você não prova isso? — Ele respirou, antes de se inclinar para um beijo.

Kit realmente gostava de como James era fácil. James não fez perguntas, apenas agarrou Kit pela bunda e puxou-o do chão para um ângulo melhor do beijo. As pernas de Kit envolveram James enquanto suas costas batiam contra a parede.

Ele não conseguia respirar. Ele não queria respirar. Ele só queria isso, a pressão escorregadia da língua de James desvendando sua ansiedade. Cada mordida em seus lábios aumentava sua frequência cardíaca com algo totalmente diferente do terror. O peso do corpo de James e a parede sólida atrás dele eram reconfortantes. Aterradores.

Mesmo a tosse educada a três metros de distância não poderia estragar o clima.

— Não se preocupe comigo, — Darius disse do corredor. — Eu só queria que vocês soubessem que se vocês fizerem bagunça, não vou lavar roupa de novo.

Kit caiu contra a parede, recuperando o fôlego, enquanto James dava a Darius um sorriso ofuscante.

— Eu nem sei lavar roupa, — disse James, tão suavemente que Kit não tinha certeza se ele estava mentindo ou não. — Tenho empregadas para isso.

Darius bufou. — Isso é patético. Que tipo de homem não sabe lavar roupa?

— Um homem muito rico e bonito.

A cozinha atrás de Darius era mais iluminada que o corredor, deixando Darius iluminado por trás, difícil de ler. Kit ainda sentia a fome tranquila e paciente do homem. Se Kit quisesse, ele poderia dizer a Darius para lhes dar um minuto, e Darius o faria. Sem perguntas.

Mas Kit não tinha certeza se conseguiria cuidar de James sozinho novamente. Não agora, quando James poderia notar a pele vermelha em seu braço. E porra, e se James dissesse algo absolutamente estúpido sobre o amor de novo?

A ansiedade ainda corria em suas veias, o medo de si mesmo espreitava sob sua excitação. Kit queria algo novo, algo avassalador, para trazê-lo de volta a si mesmo. Ele precisava *sentir*.

Kit apertou as pernas em volta dos quadris de James e acariciou o queixo de James com o polegar – enquanto fazia contato visual direto com Darius.

— Discutam sobre lavar roupa mais tarde, — Kit disse severamente, tentando ganhar confiança apesar do frio na barriga. — Decidam qual de vocês vai me foder primeiro, antes que eu fique entediado.

A atenção de ambos os homens instantaneamente se voltou para ele.

---

— Qual de nós vai te foder primeiro? — James repetiu, meditando. Sua afetação casual não poderia estar mais longe do calor que percorria seu corpo. Ele nem sequer olhou para Darius, embora soubesse que Darius estava observando atentamente. James virou a cabeça para beijar as pontas dos dedos de Kit. — Isso é fácil. Darius pode ficar com sua bunda, enquanto eu fico com sua boquinha suja.

A garganta de Kit contraiu-se. — Isso também funciona.

James deixou Kit cair sobre suas pernas trêmulas e o puxou. Eles se pressionaram juntos, as costas de Kit contra a frente de James, sua cabeça nem mesmo chegando aos ombros de James. Kit estava tenso até que James acariciou sua barriga através da regata fina. Passou a mão pelo peito de Kit, provocando seus mamilos. Agarrou Kit suavemente pela garganta, levantando a cabeça – exibindo-o para Darius.

— O que você acha disso, D? — James perguntou com um sorriso malicioso.

Esse ménage já estava demorando muito para acontecer e James não podia esperar mais para começar. E Darius era tão óbvio sobre querer Kit, mesmo sendo mais quieto sobre isso do que James. Ele era mais reservado por natureza.

Kit também era óbvio. James não tinha certeza do que isso significava exatamente. Se era uma paixão mútua passageira entre eles ou algo mais sério.

Bishop iria querer conversar sobre essas coisas. Certificar-se de que todos estavam na mesma página. James preferia uma estratégia mais simples: brincar e descobrir. Ele já havia se divertido com Darius antes, mas foi só isso. Diversão. Desabafo. Ambos eram mandões demais na cama para serem compatíveis.

Mas jogar Kit na cama com eles? Isso pode ser mais do que apenas diversão.

— Parece bom para mim. — Darius acendeu a luz do corredor. Ele se aproximou, claramente focado mais em Kit do que em James. Isso era justo, porque James estava totalmente concentrado na maneira como Kit prendeu a respiração quando Darius se elevou sobre ele. Kit estava preso entre os dois, e cada respiração e movimento dele repercutia em James.

Darius tocou o rosto de Kit, as pontas dos dedos roçando a mão de James na garganta de Kit, depois pressionou a ponta do dedo marrom e franco contra o lábio inferior de Kit. Brevemente, Darius encontrou os olhos de James. — Tem certeza de que está tudo bem?

— Tenho certeza que isso é excitante pra caralho, — James disse facilmente. Mas Darius sustentou o olhar, claramente não satisfeito. James suspirou dramaticamente, soltando a garganta de Kit para brincar com seus mamilos macios através do tecido. — Eu não convidaria você se não tivesse certeza. Vamos ver onde isso vai dar.

Seu lindo namorado se contorceu sob seu toque. — Vocês não vão perguntar se estou bem com isso também? — Kit exigiu.

Darius riu. James não conseguiu ver a expressão de Kit, mas seu arrepio foi palpável quando Darius se aproximou e murmurou em seu ouvido. — Eu perguntei a James porque você se excita quando eu peço permissão para usar você. Estou errado?

O pênis de James se contraiu contra Kit com o calor na voz de Darius.

— Você não está errado. — Kit parecia estrangulado. — Porra, Cristo.

James cutucou o ombro de Darius. — As camas estão feitas?

Darius balançou a cabeça. — Balcão da cozinha ou sofá da sala?

— Sala de estar. — James relutantemente soltou Kit, emocionado com a maneira como Kit balançava sem seu apoio – e a maneira como Darius imediatamente o puxou para mais perto. — Tenho preservativos e lubrificante no carro. Precisas de alguma coisa?

Darius ergueu o queixo de Kit, os olhos escuros percorrendo seu corpo. — Sim, pegue a mochila verde do banco de trás.

— É pra já. — James balançou o dedo. — Sinta-se à vontade para começar sem mim.

Eles fizeram como ele disse. James fez uma pausa primeiro para ver Darius beijar Kit. A maneira como Kit inclinou todo o corpo para o beijo foi fascinante. A maldita diferença de tamanho entre eles era hipnotizante. Era assim que Kit ficava com James também?

James precisava de mais espelhos em casa.

Mas primeiro, James tinha alguns suprimentos para buscar. Ele saiu para o carro, sentindo-se muito presunçoso com toda essa situação.

James gostava de Kit com tesão, oprimido e completamente dominado. Se Darius quisesse ajudar James com isso? Quanto mais melhor.

---

Darius geralmente não gostava de homens tão jovens quanto Kit. Tão pequenos quanto Kit. Tão fodidamente bonitos quanto Kit. Ele gostava de ser quem fodia e estar no comando, mas parte de sua satisfação vinha de ganhar submissão de homens que não estavam acostumados a serem

submissos. Exercendo controle sobre homens que controlavam suas próprias vidas. Darius gostava da maneira como eles se derretiam com a oportunidade de abrir mão desse controle.

Ele não tinha entendido por que se sentiu atraído por Kit a princípio. Um garoto branco e magro acorrentado à escadaria de Bishop. Kit parecia tudo menos no controle de sua vida, sequestrado em um massacre por dois vigilantes assassinos.

Mas o cativeiro não roubou de Kit seu autocontrole férreo. Darius nunca esperou que aquele controle fosse ainda mais delicioso envolto em uma concha vulnerável como Kit Byron. Ele praticamente podia ouvir o quão altos eram os pensamentos de Kit, chacoalhando em sua linda cabecinha.

Darius planejava prender Kit e fazê-lo *parar*.

James deve ter corrido para o carro – ele rapidamente se juntou a eles na sala de estar. Ele jogou a mochila, a camisinha e o pacote de lubrificante na mesa de centro. — Você trouxe suas cordas? — James perguntou esperançoso.

Darius caminhou atrás de Kit, tocando seus ombros e braços. Ele colocou as duas mãos pesadamente na cintura de Kit. — Sem cordas. Teremos que improvisar.

Kit estremeceu nas mãos de Darius, esticando-se para olhar para ele. — Você vai me amarrar?

— Você gostaria disso? — Darius perguntou, embora já pudesse dizer a resposta. — Posso algemar você ou usar meu cinto para amarrar seus pulsos.

— Algemas? — Os olhos de Kit se voltaram para a mochila. — Isso não me parece improvisação.

Darius encolheu os ombros. — Eu sempre trago algemas comigo.

Kit riu. — Preservativos e algemas. Um par normal de escoteiros bem aqui.

— Eu nunca fui, — disse James com altivez. — Eu não precisei preencher minhas inscrições para a faculdade. Vá para as algemas, Darius. Ele fica muito gostoso algemado.

— Kit? — Darius perguntou.

Kit gemeu. — Eu não me importo com o que você me amarra, apenas me foda já.

Darius geralmente não gostava de receber ordens, mas ele ficava feliz em obedecer. — James, tire a roupa dele para mim, — Darius disse, soltando Kit para abrir o zíper da mochila. As algemas estavam em um estojo com duas cópias da chave.

— Estou tirando a roupa dele porque quero, não porque você me disse para fazer isso, — James resmungou.

— Eu não me importo com o porquê de você estar fazendo isso, contanto que você esteja fazendo isso, — Darius disse alegremente. Ele colocou uma chave no bolso de trás e deixou a outra na mala.

Quando ele se virou com as algemas, James chegou ao ponto de descartar a regata de Kit e desafivelar a braguilha. James se ajoelhou na frente de Kit, mordendo beijos e machucando sua barriga. As mãos de Kit apertavam os ombros de James, e ele olhou para Darius com um fogo verde ardente em seus olhos.

Darius levantou as algemas. O metal tilintou. A garganta de Kit balançou, seus lábios se separaram. Ele ficou perfeitamente imóvel enquanto Darius se aproximava atrás dele e tirava as mãos dos ombros de James. Os pulsos de Kit eram tão finos e tão frágeis quanto Darius se lembrava.

Mas Darius não se lembrava da mancha avermelhada de pele na parte interna do antebraço de Kit. Ele tocou a pele pálida ao redor. — O que é isso no seu braço?

— Huh? — Kit tentou se virar e depois riu. Ele ainda estava perfeitamente relaxado nas mãos de Darius. — Oh isso. Fui desajeitado ao fazer chá esta manhã.

— Tenha mais cuidado da próxima vez, — Darius disse, enquanto colocava a primeira algema no pulso esquerdo de Kit.

Só assim, Kit enrijeceu novamente com antecipação – ou talvez com a maneira como James o estava apalpando através de sua calça jeans. Ele ficou imóvel enquanto Darius fechava a segunda algema também. Mesmo bem apertadas, as algemas eram quase grandes demais para Kit.

Darius passou os dedos ao longo da borda de metal e pele. Ele circulou para poder ver o rosto de Kit. — Você estava algemado no dia em que nos conhecemos. Lembra-se disso?

Kit resistiu contra a mão de James. Sua excitação fluiu de sua garganta até os picos rosados de seus mamilos. As algemas tilintaram atrás dele e ele encontrou os olhos de Darius. — Sim, eu me lembro. Agora faça-me lembrar disso também.

# 26

## Você gosta de ser um bom menino, Kit?

Todo o corpo de Kit zumbia de excitação. A atenção dos dois homens o manteve no lugar, prendendo-o em um nível muito mais profundo do que as algemas em seus pulsos. As algemas também eram perfeitas. Cada mordida de metal aumentava todas as outras sensações, arrastando Kit sob uma onda de medo e desejo.

Era exatamente disso que Kit precisava. Lembrando de cada vez que ele foi raptado, sequestrado, amarrado, enquanto seu pênis doía perfeitamente.

Talvez tenha sido uma merda gozar com a lembrança de estar acorrentado às escadas de Bishop. Kit não se importou. Estar fodido não era novidade. Pelo menos esse tipo de merda era divertido.

Darius manobrou Kit para o sofá, cada movimento era um comando suave e silencioso. Kit acabou ajoelhado no sofá, curvado, o peito apoiado no braço largo. Sua cabeça pendeu para fora enquanto Darius se acomodava nas almofadas atrás dele.

Kit testou as algemas enquanto Darius descia o jeans e a cueca até os quadris. Ele mal sentiu o frio da sala antes que as mãos largas e quentes de Darius massageassem sua bunda.

— Droga, você é uma coisinha, — Darius meditou. — Fale se algo for demais, ok?

— Isso vai ser difícil quando eu estiver fodendo a garganta dele, — disse James. — Pegue. — Houve um barulho de plástico – James jogando o lubrificante e a camisinha para Darius.

Darius deixou os suprimentos de lado e abriu a bunda de Kit. Seu polegar traçou o ânus sensível de Kit. — Isso é verdade. Tudo bem, se James não deixar você falar, sua palavra de segurança é arrancar o pau dele com uma mordida.

— Darius! Seu monstro! — James se ajoelhou na frente de Kit e levantou seu rosto. — Kit ama meu pau, não é, *babe*?

A mente de Kit já estava nebulosa demais para ser sarcástico. — Sim, — ele respirou, arqueando-se para empurrar sua bunda nas mãos de Darius. — Eu realmente amo seu pau.

James o recompensou com um beijo confuso. — Essa é minha putinha perfeita, — ele murmurou, levantando-se – enquanto Darius pressionava a ponta do dedo contra o ânus de Kit.

O elogio e a pressão se combinaram para fazer Kit choramingar. Então o dedo de Darius deslizou para dentro dele e sua visão ficou embaçada. Ele choramingou novamente.

— Kit, — Darius disse, sua voz severa. — Você pode apontar com um dedo para mim?

Estranho, mas Kit faria qualquer coisa que Darius pedisse agora. Ele abriu o punho direito o suficiente para esticar o dedo indicador.

— Perfeito, — Darius disse. — Estarei observando suas mãos. Se sua boca estiver cheia, basta apontar e nós verificaremos.

Certo. Isso foi inteligente. Muito responsável. Kit quase desejou que Darius não tivesse dito isso. Kit só queria deixar ir. Entregar-se, para que James e Darius pudessem fazer o que quisessem com ele.

Exceto que provavelmente a única razão pela qual ele confiava neles era que, apesar de todo o sangue em suas mãos, Darius e James eram ambos responsáveis na cama.

James passou a mão no cabelo de Kit e levantou sua cabeça, para que Kit pudesse ver a expressão no rosto de James. Voraz, completamente fixado nele. — É isso, — disse James, desafivelando o cinto com uma das mãos. — Mantenha esses lindos olhos verdes em mim.

Kit não conseguiu nem concordar com a mão de James em seu cabelo. Seus olhos se ergueram, conforme ordenado. A antecipação aumentou dentro dele. James e Darius o colocaram exatamente onde queriam. Kit não precisou fazer nada. Muito mais fácil do que deitar e posar para fotos.

*Não pense nisso*, Kit repreendeu-se.

Esquecer foi fácil quando Darius enfiou outro dedo dentro dele. Kit gemeu ao se esticar. Darius o abriu com mais firmeza do que James jamais fez. James alternava entre provocações lentas e metidas rápidas. Esse dedilhado eficiente e completo foi igualmente impressionante.

— Qual é a sensação? — Darius perguntou, sua voz enlouquecedoramente firme. — Acha que está pronto para um pouco mais?

— Sim, — Kit respirou.

Então James puxou seu pênis e passou a glande molhada nos lábios de Kit.

Kit abriu a boca, ofegante e ansioso. Mas James não avançou. Ele esfregou seu pênis quente e vermelho contra a bochecha de Kit, espalhando pré-gozo por todo ele.

— Porra, você fica gostoso assim. — Os olhos de James estavam escuros e atentos. Segurando Kit pelos cabelos, ele empurrou o rosto de Kit contra a base de seu pênis e bolas. — Eu poderia me divertir apenas transando com seu lindo rosto.

O cheiro de suor e esperma invadiu os pulmões de Kit. Ele se sentiu bêbado quando os dedos de Darius deixaram seu ânus, e algo muito maior se alinhou em seu lugar.

— Relaxe, Kit, — Darius disse, então avançou com um controle lento, perfeito e enlouquecedor.

Kit abafou seu gemido contra o pênis de James. Ele estava completamente liso e esticado, mas o tamanho de Darius ainda era esmagador. Ou talvez fosse apenas a lentidão com que ele se movia. Mesmo quando James tentava provocar Kit, ele nunca fez isso assim. Lentamente o suficiente para Kit se ajustar a cada centímetro, para se adaptar, antes que o próximo centímetro deixasse seus nervos em desordem novamente.

Quando Kit conseguiu olhar para cima novamente, James estava completamente focado no rosto de Kit, e isso também foi impressionante.

Darius acariciou as costas trêmulas de Kit, sua mão larga abrangendo-o quase completamente. — Qual é a sensação?

— Parece que há um pau na minha bunda, — Kit engasgou.

James deu um tapa com seu pau no rosto de Kit. — Seja um bom menino e responda a ele.

Porra, isso foi quente. Kit estremeceu, apertando o pênis de Darius.

Darius riu. — Você gosta de ser um bom menino, Kit?

— Cale-se. — Kit não conseguiu esconder seu rubor, não com James mantendo a cabeça erguida. Ele não queria, no entanto. Ele gostou do olhar suave e faminto nos olhos de James. — Sim, eu acho.

— Eu gosto quando você é um bom menino também, — Darius disse, finalmente saindo novamente. Apenas alguns centímetros, antes de empurrar lentamente de volta para dentro de Kit. — Eu não posso te dar o que você quer se você não me contar.

Kit não conseguia desviar o olhar de James, mas ainda estava hiperconsciente de cada respiração e movimento de Darius. Atrás dele. Dentro dele. Ele imaginou que podia sentir cada veia grossa do pênis de Darius esfregando dentro de sua bunda. — Eu quero que você me foda. Muito mais rápido que isso.

— Tem certeza? — Darius perguntou, traçando o braço de Kit. Puxando as algemas. Sua voz baixou, provocando arrepios na espinha de Kit. — Achei que você queria que assumíssemos o controle.

Kit choramingou, empurrando as algemas. A mordida de metal foi uma dor bem-vinda, acentuando o prazer que percorreu todo o seu corpo enquanto Darius começava a transar com ele para valer.

Darius dificilmente se moveu mais rápido do que antes, mas apoiou um pé no chão para se apoiar melhor. Ele puxou mais e meteu mais fundo, deixando Kit ofegante e sem fôlego.

Kit gemeu contra o pau de James, que derramou pré-gozo por todo seu rosto. Sua boca estava aberta e ele ainda se sentia vazio. Ele queria tanto o pau de James. Mas ainda mais do que isso, ele queria esperar. Ele queria deixá-los controlá-lo.

Ele queria ser bom.

Eles nem sequer tocaram no pau de Kit, e ele já estava tão perto. Seu pênis balançava, vazando, toda vez que Darius metia até o fim. Cada impulso inclinava o pênis grosso de Darius contra a próstata de Kit, e os nervos de Kit formigavam agudamente, quase prontos para derramar.

Nada doía. Tudo era perfeito.

Só que ainda não poderia estar perfeito, porque quando James finalmente deslizasse seu pau na boca aberta de Kit? *Isso* foi perfeito.

Kit fechou os lábios instintivamente, sugando a cabeça do pau de James. Ele estava mais desajeitado do que o normal, muito distraído e sobrecarregado, mas tudo bem. James gostava de Kit desleixado e desajeitado. James gostava de Kit como ele era, e Kit estava muito longe agora para menosprezar o péssimo gosto de James para garotos emo bagunceiros.

— Não me chupe, — James disse com a voz rouca. — Não faça nada. Apenas deixe-me te foder, *babe*.

Melhor ainda. Kit fechou os olhos e deixou a boca aberta. E James fez exatamente o que prometeu.

Isso. Era exatamente disso que Kit precisava. Darius lentamente o virou do avesso e James controlou com força cada respiração. Kit não sabia como ele havia superado uma crise emocional antes de passar por isso.

A verdade era que ele não tinha. Antes disso, ele simplesmente ficava entorpecido e vazio, até que partes dele desapareceram.

Kit não poderia estar vazio agora. Ele não poderia estar entorpecido. Ele não poderia ser nada além de pleno, incandescente e vivo. Ser pequeno e vulnerável nunca foi tão bom antes. Seu corpo e lábios se esticaram ao redor dos dois pênis enormes, mas o foco intenso dos homens o penetrou ainda mais fundo. Como se eles estivessem preenchendo a necessidade de atenção de Kit.

Eles continuaram conversando com ele. Darius ficava perguntando como ele se sentia, se isso era bom, embora Kit não conseguisse responder. James elogiou sua boca suja, quão perfeitos e vermelhos eram seus lábios. Como ele parecia uma putinha com esperma no rosto.

Kit simplesmente se rendeu às palavras deles. O que quer que eles pensassem que ele era, era isso que ele queria ser agora. Um bom menino. Uma putinha suja. Maravilhoso.

— Três segundos, — disse James, e enfiou o polegar entre os dentes de Kit, mantendo a boca aberta.

Com a mandíbula esticada, Kit piscou e abriu os olhos. James esperou pelo contato visual antes de deslizar cada vez mais fundo na boca de Kit – até a garganta.

Kit engasgou e engoliu impotente em torno do pênis de James. Lágrimas brotaram de seus olhos. Ele não conseguia respirar. Suas bolas se apertaram, o prazer correu elétrico por todo o seu corpo, até que... os três segundos se passaram. James retirou-se como prometido, antes que Kit pudesse chegar.

Ofegante, Kit só tinha fôlego suficiente para exigir: — Faça isso de novo.

Ele nunca tinha visto o sorriso de James tão selvagem antes. — O que você quiser, *babe*, — James ronronou. Ele deu a Kit outro momento para respirar antes de empurrar profundamente em sua garganta novamente.

Os olhos de Kit lacrimejaram quando ele engasgou com o pau de James. Quase grande demais para caber dentro dele, assim como Darius enchendo sua bunda. Os lábios de Kit se esticaram ao redor da cintura de James, e o choque o fez apertar Darius com mais força também. Ele estava completamente cheio, completamente cercado. A euforia borbulhava em sua mente nebulosa. Ele não tinha mais espaço para ansiedade em seu coração acelerado.

Cada momento doloroso e perfeito parecia durar para sempre. Quando a visão de Kit ficou embaçada, James puxou para fora – ao mesmo tempo em que Darius estendeu a mão para masturbar o pênis de Kit. Entre a mão e o pênis esmagando a próstata de Kit, Kit não se importou em tentar fazer com que isso durasse. Iluminado com oxigênio e toque, ele deu um grito estrangulado e gozou sobre a mão de Darius.

— Ele acabou de gozar? — James perguntou, dirigindo-se diretamente a Darius pela primeira vez em muito tempo.

Ainda ordenhando as últimas gotas de esperma do pau de Kit, Darius respondeu: — Sim, e ele se apertou como uma prensa.

— Deus, eu amo isso. — James deslizou a mão no cabelo de Kit novamente para ajustar o aperto. — Termine rápido. Ele fica incrível quando fica todo sensível depois de gozar.

Porra. Havia algo muito quente neles falando sobre ele assim. Como se Kit fosse um brinquedo que eles compartilhavam. Exceto que eles estavam claramente focados nele, as mãos de Darius machucando seus quadris, James deslizando seu pênis contra os lábios inchados de Kit. A boca de Kit estava aberta, sugando o ar para sua dor de garganta, enquanto Darius expulsava novos gemidos de seu corpo fodido.

— Feche os olhos, menino bonito, — disse James, com a voz tensa. Kit conhecia esse som. Isso significava que James estava prestes a gozar.

Kit fechou os olhos pouco antes da primeira onda de esperma espirrar em sua bochecha. O próximo pousou em sua boca aberta, cobrindo os dentes e o lábio inferior. Kit quase engoliu por instinto, querendo o máximo possível dentro dele. Mas em vez disso, ele ficou pendurado lá, algemado no sofá, e deixou James cobrir o resto do rosto como quisesse.

Sim, Kit preferia esse tipo de pintura facial. Sua mente estava completamente vazia e feliz, exatamente como ele queria, quando Darius estremeceu dentro dele também.

O bom tipo de vazio. Se Kit pudesse se sentir assim para sempre, seria perfeito.

O bom humor de Kit durou até o dia seguinte. O contentamento era fácil quando ele estava fodido demais para sentir qualquer outra coisa. Mas mesmo a foda mais incrível era apenas uma solução temporária. Isso durou até que James saiu para passar o dia no escritório – deixando Kit sozinho com seus pensamentos na mansão ecoante.

Seu pulso coçava sob o moletom.

Duas xícaras de café, uma tigela de mingau de aveia para tentar neutralizar o efeito neurótico da cafeína e uma terceira xícara de café misteriosamente não conseguiram acalmá-lo. Ele estava tragicamente sem gomas de maconha – algum dos dispensários locais fazia entregas? Aparentemente não. Kit ia de sala em sala, alternando entre jogos idiotas de telefone. Ele nunca esteve tão tentado a gastar todo o dinheiro que James lhe deu em moeda do jogo, apenas por uma enxurrada de doses de dopamina.

Kit não queria ficar sozinho agora. Uma simples mensagem de texto poderia trazer James de volta em vinte minutos. Darius provavelmente seria igualmente fácil. Exceto que sem a distração de um ménage algemado, eles saberiam que Kit estava chateado. Eles não eram estúpidos.

Chamar Bishop seria ainda pior. Kit estava com um humor tão estranho e frágil que acabaria desabafando ao menor questionamento.

Qualquer um deles gostaria de falar sobre os problemas de Kit. Kit não queria falar sobre seus problemas. Ele só queria uma distração, para dar tempo aos seus nervos para voltarem a um estado administrável.

Ele nem sequer considerou mandar mensagens para seus... não amigos, apenas idiotas que ele conhecia, desde seus primeiros meses em San Corvo. As pessoas com quem ele pulou no sofá antes de ir para a casa do tio Ed. Não valia a pena tentar explicar o que ele vinha fazendo desde o massacre.

Então, enviar mensagens de texto para Holden foi a única solução sensata.

Kit se sentiu mal por usar um estudante universitário tão legal e normal como um brinquedo *spinner*[9] humano para se concentrar. Mas considerando o quão interessado Holden parecia... Kit tinha a sensação de que Holden não se importaria.

Deitando-se no lado de James na cama, Kit enviou algumas mensagens.

***Kit:*** *oi*

***Kit:*** *o que você está fazendo hoje*

***Holden:*** *escute! um raio de sol parece separar as nuvens escuras do meu sofrimento :D :D :D*

***Holden:*** *Eu me algemei na biblioteca da escola. tenho um trabalho absolutamente nojento para entregar amanhã :( :(*

Kit rolou de bruços, tentando não se sentir muito desapontado. Esperar que Holden estivesse disponível sempre que Kit quisesse era bastante egocêntrico. Kit já deveria estar se sentindo mimado com os dois homens com quem ele fodeu ontem, sem fazer beicinho porque um terceiro cara não estava pronto para atender.

Tanto faz. Kit não faria disso um problema para Holden.

***Kit:*** *lol divirta-se, não morra*

***Holden:*** *espere. por que você perguntou o que eu estava fazendo?*

Kit mordeu o lábio. Ele se sentiu mal por incomodar Holden quando ele estava estudando, mas não o suficiente para resistir a responder.

---

[9] Brinquedo giratório de mãos usado para desestressar.

***Kit:*** *talvez eu quisesse sair, mas esqueci que era dia de semana. talvez neste fim de semana?*

A resposta de Holden foi quase instantânea – e nada crível.

***Holden:*** *haha, estou brincando ;) ;) ;) estou totalmente livre hoje. onde devo te buscar??*

***Kit:*** *de jeito nenhum. Não vou estragar seu trabalho, podemos sair neste fim de semana*

***Holden:*** *awww você é tão atencioso!!!*

***Holden:*** *este fim de semana é bom, mas hoje é melhor, fique comigo na biblioteca enquanto eu trabalho ;)*

***Kit:*** *não quero distrair você….*

Ok, isso foi uma mentira total. Kit realmente queria distrair Holden. Mas ele faria o possível para conter seus impulsos egoístas.

***Holden:*** *por favorzinho? :D :D sou muito bom em ser multitarefa*

***Holden:*** *não pense muito sobre isso. Apenas venha, me avise quando você estiver lá fora, eu deixo você entrar*

A próxima mensagem de Holden foi o endereço da biblioteca do campus. Em seguida, um mapa do campus da USC com um coração desenhado em torno da biblioteca específica.

Na verdade, não houve uma pergunta na última mensagem de Holden. Kit não precisava concordar ou discordar de nada. Tudo o que ele precisava fazer era aceitar o que cada um deles realmente queria. O autocontrole de Kit só foi até certo ponto, e sua necessidade de companhia superou sua culpa pelo progresso acadêmico de Holden.

***Kit:*** *kk*

***Holden:*** *;D ;D ;D*

E Kit não pôde evitar o sorriso estúpido em seu rosto enquanto trocava mensagens de texto para dizer a James: *atenção, estou pegando a Carla emprestada :)*

# 27

## Garantindo seu prêmio após uma perseguição cuidadosa

— Eu deveria estar aqui? — Kit perguntou enquanto Holden os passava pela entrada da biblioteca.

— Se você não estiver, eu é que vou ter problemas. — Holden guardou sua carteira de estudante e sorriu para Kit. — Estou feliz em aguentar a pressão por você, docinho.

— Prefiro que não aguente — disse Kit. A biblioteca em si parecia uma prisão, claramente construída durante uma tendência arquitetônica opressivamente monótona. Kit não gostou da ideia de Holden ser trancado. Ele era tão legal.

Holden apenas sorriu ainda mais. — Não se preocupe, as autoridades não vão me pegar. Sou muito rápido.

Ele olhou Kit de cima a baixo. Kit estava prestes a perguntar se havia algo em seu rosto quando Holden estendeu a mão e pegou sua mão.

O movimento foi lento o suficiente para que Kit pudesse se afastar se quisesse. Mas ele não queria. Holden não era tão calejado quanto Darius ou James, mas seus longos dedos cercaram a mão de Kit completamente. Apesar de toda a hesitação quando Holden estendeu a mão, agora que segurava Kit, seu aperto era firme. Como se ele estivesse garantindo seu prêmio após uma perseguição cuidadosa.

O calor do toque de Holden se espalhou por Kit, e ele mordeu o lábio para esconder seu sorriso estúpido.

Holden conduziu Kit para o segundo andar da biblioteca, depois para uma seção de mesas de estudo silenciosas entre as estantes. A maioria das mesas estava vazia e os poucos alunos tinham espaço de sobra para espalhar seus livros e notebooks. Holden parou na extremidade de uma mesa, onde uma mochila e uma pilha de livros estavam abandonadas.

— Isto é seu? — Kit perguntou. — Alguém poderia ter roubado.

— Então eu teria uma história triste para conseguir uma extensão deste ensaio, — disse Holden alegremente. — Além disso, não há nada importante aí. Deixei meu notebook no meu apartamento.

Kit tentou se afastar, com a intenção de se sentar à mesa diante de Holden. Mas Holden apenas apertou ainda mais, então Kit não teve escolha a não ser sentar-se na cadeira à esquerda de Holden. Holden só o soltou quando os dois estavam sentados – e puxou sua cadeira para mais perto da de Kit.

— Estou quase terminando aqui, — disse Holden, deslizando um caderno espiral para mais perto.

— Sem pressa. — Kit não queria distrair Holden. Bem, não o suficiente para sair. Mas o suficiente para se sentir um pouco mal com isso.

Holden parecia não ter problemas com a situação. Ele abriu um livro, pegou uma caneta e depois colocou a mão esquerda na coxa de Kit.

— Estou apenas tomando notas e organizando as evidências, — explicou Holden. — Vou digitar a versão final mais tarde.

— Claro. — Kit esperava que não fosse óbvio que ele não tinha escrito uma redação desde que abandonou o ensino médio, há dois anos. — Prometo que não vou olhar o que você está escrevendo.

O polegar de Holden acariciou a parte externa da coxa de Kit, quase passando por sua calça jeans, mas formigando por toda a perna de Kit. Um

sorriso presunçoso era audível em sua voz. — Olhe o quanto quiser. Eu não me importo.

— Se eu achar que você não está se concentrando, vou embora, — Kit disse severamente, mas calmamente. Ele não viu nenhum bibliotecário, mas isso não significava que eles não estivessem escondidos nos cantos.

Holden riu. Seu polegar continuou se movendo, traçando pequenos círculos. — Eu prometo que serei bom.

— Vejo que você é. — Kit recostou-se na cadeira. Depois de verificar três vezes se o telefone estava mudo, ele abriu um jogo e começou a jogar.

Isto era exatamente o que Kit estava fazendo na casa de James. Mas, por alguma razão, sentar ao lado de Holden era completamente diferente. Kit odiava a ideia de depender das pessoas, mas porra, era melhor ficar sentado sem fazer nada *com alguém* do que sozinho.

E Holden era exatamente o que Kit precisava agora. Um antídoto para a insanidade dos últimos dias. Ontem, Kit se vestiu de cadáver para que um assassino profissional pudesse encenar sua morte. Isso era muito, mesmo que Kit não fosse uma aberração que se deixava levar por fotografias.

Esta biblioteca compacta, chata e silenciosa poderia ser enlouquecedora. O sussurro das canetas e o barulho dos teclados. Os passos rápidos e ecoantes. Os rangidos das salas laterais abrindo e fechando – as portas rangendo ainda mais alto quando as pessoas tentavam movê-las lentamente.

Exceto que o toque constante de Holden manteve Kit firme em si mesmo. Focado e cada vez mais esquecido de sua promessa de não interferir nos trabalhos escolares de Holden.

Porque enquanto Holden trabalhava, virando páginas, copiando citações e sublinhando o que quer que fosse, sua mão esquerda permanecia

em Kit. Começando pela coxa de Kit e depois passando para o ombro de Kit. Depois o outro ombro, então Holden o abraçava enquanto ele trabalhava. Gradualmente, suas cadeiras se aproximam, até que a coxa de Kit se pressionava contra a de Holden.

Kit perdeu três minijogos consecutivos antes de desistir e bloquear o telefone. Enfiando as mãos nos bolsos do moletom, ele seguiu o inevitável curso natural das coisas e encostou-se em Holden.

Somente quando relaxou completamente sob o braço de Holden ele percebeu o quão tenso estava.

Holden apertou o braço oposto de Kit, então sua mão desceu, juntando-se à mão de Kit no bolso do moletom. O bolso era quase pequeno demais para ambas as mãos caberem, até que Holden cobriu as costas da mão de Kit com a palma e colocou os dedos entre os de Kit.

Kit mordeu o lábio, tentando não se contorcer muito obviamente. Abaixando a cabeça, ele meio que esperava que ninguém mais estivesse prestando atenção. Ele também meio que não se importava, contanto que Holden não o soltasse.

Que porra é essa? Desde quando ficar de mãos dadas parecia tão sacana?

O tempo todo, Holden parecia totalmente focado em seu trabalho. Sua caneta só parou de se mover quando ele puxou um livro para mais perto da referência e preencheu duas páginas inteiras de seu caderno espiral. Como se ele fosse uma espécie combo de máquina de esboços de ensaios e de enlouquecer Kit.

Vinte minutos depois, Holden largou a caneta e murmurou no ouvido de Kit: — Preciso de outro livro. Venha comigo.

— Claro, — Kit conseguiu dizer, com a garganta seca.

Holden se desembaraçou, deixando Kit de repente ciente de como o ar condicionado do prédio estava frio. Kit esperava que Holden agarrasse sua mão novamente. Em vez disso, Holden franziu a testa e procurou alguma coisa no bolso da frente. Um pedaço de papel – mas um pequeno objeto branco também caiu no chão.

— Merda! — Holden se ajoelhou e acenou para Kit parar de ajudar. — Obrigado, docinho, eu cuido disso.

— O que é isso? — Kit perguntou.

Holden se endireitou novamente com um sorriso fácil. — Um dos dados DND[10] do minha amiga. Ela os deixou na minha casa da última vez que jogamos.

Não parecia um dado — Kit não tinha visto nenhum caroço e era muito pequeno. Mas ele não tinha dado uma boa olhada e ainda estava agitado e excitado com a mera presença de Holden.

— Que amiga? — Kit perguntou, tentando parecer tranquilo. Ele era um maldito hipócrita. Aqui estava Kit, um dia depois de foder dois caras ao mesmo tempo, ainda dolorido por causa do pau de Darius, e ele estava com ciúmes de Holden jogando jogos de mesa com uma amiga.

O sorriso de Holden apenas se alargou. — Não tenha ciúmes de Soraya. Sou extremamente gay, o que significa que só gosto de meninos. Também sou extremamente exigente, o que significa que só gosto de garotos realmente fofos.

— Eu não estava com ciúmes, — Kit protestou. Provavelmente não muito crível.

— Isso é uma pena. — Holden olhou para o pedaço de papel e jogou-o sobre a mesa. — Vamos, o livro deveria estar nesta seção.

---

[10] Dungeons and Dragons.

Fervido em sua própria hipocrisia, além de uma decepção irracional por Holden não ter pegado sua mão novamente, Kit seguiu Holden até as pilhas. As prateleiras eram de metal e estavam no canto, altas o suficiente para bloquear parte da iluminação do teto. Kit fez uma breve pausa diante de uma placa que dizia em negrito vermelho: **NÃO BALANÇAR NAS ESCADAS**.

— Sobre o que é o seu trabalho, afinal? — Kit perguntou, apressando-se para alcançá-lo.

Holden estava bem no final do corredor, onde a prateleira encontrava a parede. Seus longos dedos saltavam de lombada em lombada enquanto ele inspecionava os livros à sua frente. — É para minha disciplina eletiva de sociologia. Venha ver isso.

O calor derretido em seus olhos dizia que Holden não estava pensando em livros didáticos agora.

Depois de todo o flerte e carícias, Kit esperava a armadilha. Ele queria isso. Ele ainda ficou surpreso quando Holden o empurrou contra a parede e agarrou sua boca para um beijo.

O beijo foi enganosamente doce. Cada toque foi tão gentil que Kit não percebeu o quão bem ele foi pego até que mal conseguia respirar. Até Holden já ter invadido seus pulmões, cada movimento suave era outro aperto de correntes invisíveis.

Kit não percebeu as mãos de Holden caindo em seus quadris até que Holden empurrou sua camisa alguns centímetros para cima. Não muito, apenas o suficiente para provocar a pele exposta de Kit.

Holden beijou os cantos dos lábios de Kit. — Você tem um gosto ainda melhor do que sua aparência, querido.

O carinho causou um curto-circuito no cérebro de Kit. Ofegante, Kit agarrou os braços de Holden. Ele pretendia puxar Holden, mas em vez disso apenas o segurou. O contato pele a pele foi eletrizante.

— Alguém poderia nos ver, — Kit sussurrou. Havia uma regra contra dar uns amassos na biblioteca? Kit não tinha certeza. Talvez esse tipo de coisa fosse aceitável nas universidades. Ele nunca teve motivos para verificar.

— Deixe eles. — Os polegares de Holden esfregaram a barriga nua de Kit, a suavidade de seu toque totalmente em desacordo com a intensidade de seu foco. — Uma olhada para você e eles saberão por que não consegui me controlar.

Holden se inclinou novamente. Kit mordeu o lábio em um gemido descarado enquanto Holden beijava uma linha molhada ao longo de sua mandíbula e depois em seu pescoço. Primeiro uma respiração exalada contra a pele sensível de Kit, depois a pressão dos lábios tão suave quanto a respiração. O pulso de Kit disparou com a ternura.

As mãos de Holden nunca deixaram a cintura de Kit, mas cada toque suave penetrou em cada parte do corpo de Kit. Ele já estava tão tenso com a tentação da mesa.

Kit não conseguiu conter o gemido quando os dentes de Holden roçaram seu pescoço. Holden agarrou-se com a menor pressão. Quase não sentia dor, mas Kit sabia que o hematoma no pescoço duraria.

Talvez essa ideia não devesse entusiasmar tanto Kit.

Kit olhou para o teto cinza, até que Holden deixou seu pescoço. Holden beijou os lábios de Kit novamente, envolvendo-o em doçura.

— Eu me empolguei um pouco. — Holden tocou a lateral do pescoço de Kit. — Seu namorado se importa?

A pergunta despertou Kit de seu torpor ofegante. Ele nem tinha pensado nisso. Ele não tinha pensado em James ou Darius, em qualquer outra pessoa exceto Holden, desde o momento em que Holden o agarrou.

Kit lambeu os lábios. — Ele pode ficar irritado. Ele pode gostar.

Porque James havia compartilhado muito bem com Darius na noite passada e ele estava claramente aberto à ideia de compartilhar em geral. Mas as emoções nem sempre eram racionais. As hipóteses eram uma coisa. A realidade da marca de um estranho no pescoço de Kit pode ser algo completamente diferente.

Kit era novo em toda essa coisa de relacionamento, namoro, admitir seus sentimentos. Mas ele não era novato em obsessões irracionais.

Ele tinha a sensação de que isso não seria um *problema*, no entanto.

Kit apenas encolheu os ombros sob o olhar aquecido de Holden e admitiu: — Mesmo que ele esteja irritado, resolver isso provavelmente será muito excitante.

Por apenas um instante, a atmosfera mudou. A mandíbula de Holden ficou tensa e um arrepio percorreu a nuca de Kit.

Mas Holden relaxou no momento seguinte. Sua carranca não era de raiva, apenas de preocupação. Ele deu algum espaço a Kit e ergueu o queixo de Kit com um dedo. — Se ele te causar problemas... se *alguém* te causar problemas, você me liga, ok?

— Eu ligarei, — disse Kit, e o sorriso de Holden valeu a pena. O mesmo aconteceu com a consternação de Holden quando Kit sorriu de volta e acrescentou: — Agora, você não deveria terminar essa redação?

— Você é cruel, — reclamou Holden, mas permitiu que Kit liderasse o caminho de volta para a mesa.

Esfregando o pescoço com a manga, Kit refletiu sobre a oferta de Holden. Kit mentiu tão facilmente. Se James lhe causasse problemas, Kit provavelmente tentaria desaparecer novamente. Darius e Bishop eram amigos de James antes de Kit os conhecer. E Holden não sabia que James era um assassino vingador experiente. Muito menos Darius. Um estudante universitário comum ameaçá-los era divertido, mas meio doce.

Kit preferiria que nenhum de seus rapazes entrasse em conflito real entre si. Pelo menos enquanto Kit ainda estava decidindo o que exatamente queria fazer com todos eles.

E o que ele queria que todos fizessem com ele.

Esperançosamente, os planos de Holden não incluíam mais provocações em bibliotecas semipúblicas. Kit não seria capaz de aguentar muito mais daquilo.

Mas Kit nem conseguiu voltar para a mesa. Em vez disso, ele notou um rosto familiar na mesa ao lado. Ele reconheceu o corte pixie e os amuletos do telefone dela: Joyce Takahashi. A garota da aula de astronomia de Marco Fernandez.

A garota com quem Marco traiu a namorada.

— Volte ao trabalho, — disse Kit, puxando a manga de Holden. — Eu estarei de volta em um minuto.

Ele meio que esperava que Holden insistisse em segui-lo. Mas Holden apenas piscou. — Claro querido. Não demore muito.

A atenção óbvia de Holden foi a única coisa que seguiu Kit até a mesa de Joyce.

Kit e Bishop conversaram sobre o caso algumas vezes desde a vigília. Bishop levou os arquivos para a casa de James para jantares mórbidos. Até agora, Bishop havia seguido a maioria das pistas, deixando Kit para

organizar a papelada. A única pessoa que não respondeu às tentativas de contato de Bishop foi Joyce.

Isso pareceu estranho para Kit, já que Joyce não teve problemas para falar durante a vigília. Talvez ela estivesse mais nervosa com figuras de autoridade. Kit provavelmente não deveria agir sem avisar Bishop, mas esta era uma oportunidade boa demais para deixar passar.

— Oi, — Kit disse baixinho, acenando um pouco quando ela olhou para cima. — Joyce, certo?

Joyce parecia cansada. A tela do notebook estava virada para longe de Kit, mas o caderno ao lado estava aberto em uma página com título, data e nada mais. — Certo. Desculpe, qual era o seu nome mesmo?

— Eu sou Kit. — Ele não conseguia se lembrar se realmente se apresentou a ela da última vez. Provavelmente não. — Desculpe, eu não queria incomodar você.

— Não, está tudo bem. — Joyce acenou para a página vazia do caderno. — Você está apenas interrompendo minha importante procrastinação.

Kit fez uma careta exagerada. — Oh, uau, sinto *muito mesmo*! — Ele encolheu os ombros nos bolsos do moletom. — Sério, vou deixar você em paz. Eu só queria perguntar como você está.

O sorriso desapareceu do rosto de Joyce. Seu olhar se desviou de Kit e depois voltou para ele.

— Estou bem, — disse Joyce. Então ela começou a chorar.

# 28

## Ele estava acostumado a ver Kit como vítima.

Kit tinha ainda menos experiência em lidar com pessoas chorando do que em redigir redações. Quando o rosto de Joyce se transformou em soluços, a primeira reação de Kit provavelmente deveria ter sido algo nobre e de bom coração. Ele deveria ter dito algo tranquilizador.

Se Kit tivesse um lenço de papel, ele teria oferecido um lenço de papel a Joyce. Mas Kit não tinha lenço de papel e não sabia o que dizer.

— Você está bem? — Kit perguntou, o que só fez Joyce chorar ainda mais.

Kit olhou em volta desesperadamente em busca de ajuda e basicamente apenas viu outros alunos começando a olhar. Porra. Joyce cobriu o rosto, abafando os soluços sem impedi-los, e Kit de repente reconheceu o que ela estava tentando fazer: esconder-se. Ela não queria que todas essas pessoas a vissem assim.

Isso era algo com que Kit tinha experiência. — Ei, vamos para outro lugar, ok? — Kit disse, sua voz mais baixa e menos em pânico. Ele deu-lhe um pequeno sorriso e apontou para uma das salas de reuniões ao lado. — Talvez uma dessas salas?

Joyce enxugou os olhos na manga. — Elas estão trancadas, — ela conseguiu sussurrar. — Hum, você pode olhar minhas coisas? Eu só... há um banheiro lá embaixo.

Então seus olhos se arregalaram e Kit se virou para encontrar Holden. As luzes do teto o iluminavam como um anjo da guarda descendo para

resgatar Kit – se os anjos da guarda usassem coques masculinos e mochilas penduradas no ombro.

— Pegue isto, — disse Holden, colocando um cartão em um cordão na mão de Kit. — Isso destranca a sala 203, bem ali. Vou pegar as coisas da Joyce.

Kit não sabia por que Holden tinha a chave da sala e não se importou. Joyce já havia ido em direção à sala de reuniões, então Kit correu atrás dela.

A luz da sala de reuniões acendeu automaticamente, revelando uma única mesa grande cercada por cadeiras amassadas. Joyce desabou em uma das cadeiras, ainda cobrindo o rosto.

Quando Holden apareceu um momento depois, Kit pegou a bolsa de Joyce e perguntou: — Você poderia encontrar alguns lenços de papel?

— Sim, já volto, — disse Holden, recuperando o cartão-chave antes de partir para sua nova missão.

Kit fechou a porta e se virou. Joyce parou de soluçar para olhar para ele.

— Desculpe, posso ir. — Kit colocou a bolsa de Joyce na mesa. — Sinto muito por incomodar você, vou apenas–

— Não, não. — Joyce esfregou os olhos com as mangas. — Eu queria te perguntar uma coisa, na verdade. Eu não esperava ver você aqui.

Kit caiu em outra cadeira. — Eu também não esperava ver você. Hum. Pergunte o que quiser.

Joyce piscou rapidamente e respirou fundo. — Você estava na vigília com aquele detetive, certo? Matthew Bishop.

Kit se endireitou. — Sim, eu estava lá com Bishop. É por isso... é por isso que eu queria falar com você hoje.

— Ele me deixou uma mensagem. — Joyce mexeu nos amuletos do telefone. Seus olhos ainda estavam vermelhos, mas ela parecia muito mais calma. — Ele queria me perguntar sobre Marco, mas não sei se deveria falar com ele.

Como funcionário de Bishop, Kit provavelmente deveria tentar persuadi-la. Era isso que ele pretendia fazer quando a visse hoje. Mas ele sentiu muita afinidade com Joyce naquele momento para fazer algo assim.

— Não fale com Bishop se você tem algo a esconder, — Kit disse sem rodeios. — Se há algo verdadeiro que você deseja contar a ele, ou uma pergunta para a qual deseja uma resposta verdadeira, ligue de volta para ele. É para isso que ele serve.

O olhar de Joyce ficou distante e depois voltou para Kit. — Não quero contar nada a ninguém, mas acho que preciso. Eu só... Isso continua me corroendo. Eu pensei que isso iria parar. Isso não para.

Havia uma luz feroz em seus olhos agora. Kit não podia duvidar de sua determinação. — Você deveria falar com ele, então.

— Não sei se minhas informações vão ajudar em alguma coisa, — disse Joyce. — Não quero falar com a polícia. Quer dizer, eu farei isso se for preciso. Mas eu não quero.

Kit encolheu os ombros na cadeira. — Bishop também não gosta dos policiais. Se ele puder evitar contar merdas a eles, ele o fará.

— Isso é bom. — Ela mexeu mais com os amuletos do telefone. — Você acha que se importaria de encontrá-lo comigo? Não quero ir sozinha, mas também não quero trazer ninguém que conheço.

Kit também entendeu isso. Ele tirou o telefone do bolso. — Absolutamente. Você quer que eu veja quando ele estará livre?

Quando Joyce assentiu, Kit começou a digitar.

***Kit:*** *ei, estou com Joyce Takahashi RN. ela quer falar com você. quando você está livre?*

***Bishop:*** *Está bom agora?*

***Kit:*** *?*

***Bishop*** *Estou estacionado em frente à biblioteca.*

Kit olhou para o telefone e depois para a janela que mostrava apenas um pedaço do céu e os topos dos edifícios. O dispositivo de rastreamento que ele quase esqueceu de repente pesou em seu bolso. Ele não o devolveu depois da vigília. Ele manteve isso com ele por uma estranha sensação de segurança.

Depois de ficar tão perdido por tanto tempo, havia algo reconfortante em certas pessoas serem capazes de ficar de olho nele.

Kit simplesmente não esperava que Bishop realmente usasse o dispositivo.

***Kit:*** *lol??*

***Kit:*** *perseguidor*

***Bishop:*** *James disse que você sairia sozinho.*

***Kit:*** *ele pediu para você me seguir ou você decidiu isso sozinho????*

***Bishop:*** *Joyce está livre agora?*

Graciosamente deixando passar a questão de evitar perguntas de Bishop por enquanto, Kit levantou a cabeça. — Bishop está na área. Você está livre agora?

Joyce exalou. — Sim. Sim, agora está bom. Vamos acabar logo com isso.

Enquanto Kit enviava uma mensagem sobre a resposta de Joyce, a porta se abriu, revelando Holden com uma caixa de lenços de papel. —

Desculpe por ter demorado tanto, — disse ele, entregando-os a Joyce. — Tive que bajular uma bibliotecária.

— O que quer que a missão peça. — Kit levantou-se. — Nós vamos nos encontrar com Bishop. Hum. — Parte de Kit queria convidar Holden para ir junto. Mesmo que não houvesse absolutamente nenhuma razão para isso, e provavelmente muitas razões para não fazê-lo. Kit só não queria se despedir ainda.

Holden mais uma vez resgatou Kit de tomar uma decisão difícil. — Odeio abandonar você, mas realmente deveria terminar minha redação.

— Certo, sim. Seja responsável. — Kit deu um pequeno sorriso. — Obrigado por... sim.

Os olhos de Holden se enrugaram em um sorriso de resposta. — A qualquer hora, querido.

Na verdade, ele não se inclinou e beijou a bochecha de Kit. Mas seu olhar era tão doce e caloroso que parecia que sim. Kit esperava não estar corando quando Joyce terminou de se arrumar e disse que estava pronta para ir.

Joyce não disse nada até saírem da biblioteca. Então, enquanto esperavam sob uma sombra, ela disse: — Ele deve gostar muito de você.

— O quê? — Kit disse inteligentemente.

— Holden. — Joyce se abraçou. — Ele geralmente é meio frio. Não *maldoso*. Ele simplesmente não é muito amigável.

Kit não sabia como responder. Ele não conseguia imaginar – não, ele *conseguia* imaginar Holden como frio. Houve flashes disso, agora que Kit pensou nisso. Pequenos vislumbres de aço sob a superfície fofa. Desapareceram tão rapidamente que pareciam miragens.

Antes que ele pudesse decidir o que fazer com as palavras de Joyce, o carro de Bishop parou.

— É ele, — disse Kit, e foi na frente até o carro.

Bishop saiu para cumprimentá-los, estendendo a mão para Joyce apertar. Kit ficou para trás enquanto conversavam, distraído dos pensamentos sobre Holden e de como era estranho ver Bishop assim. Bishop mal olhou para Kit, aparentemente totalmente focado em Joyce. Ele era de fala mansa e profissional. Ele tinha um ar tão acessível e não ameaçador.

Como se ele fosse uma pessoa completamente diferente do homem que algemou Kit, deixou James colocar fita adesiva na boca de Kit e manteve Kit em cativeiro por dias.

Não. Bishop era a mesma pessoa. Porque durante tudo isso, Bishop estava preocupado com o bem-estar de Kit.

Da mesma forma que agora, Bishop estava cumprindo seu chamado que lhe foi atribuído.

Kit deslizou para o banco de trás quando Joyce assumiu o banco da frente – ela iria direcionar Bishop para seu apartamento. O que deu a Kit a oportunidade de enviar uma mensagem de texto para Holden enquanto Bishop dirigia.

***Kit:*** *por que você estava com o cartão-chave da sala de reunião?*

***Holden:*** *ohhh então você percebeu isso?*

***Holden:*** *peguei assim que você concordou em me encontrar na biblioteca*

***Holden:*** *então teríamos um lugar para curtir ;)*

Kit abaixou a cabeça, certo de que seu rosto estava queimando. Ele estava incrivelmente consciente de Bishop sentado a poucos metros de distância.

***Kit:*** *por que se preocupar??? você não teve problema em me beijar entre as prateleiras!!*

A resposta seguinte foi um pouco lenta, cada segundo passando pelo coração de Kit.

***Holden:*** *hummm. eu te assustaria se dissesse que queria fazer mais do que apenas beijar você?*

— Você pode estacionar aí, — disse Joyce do banco da frente, e Bishop estacionou em uma vaga do lado de fora de um pequeno prédio de apartamentos.

Kit disparou uma resposta final para Holden – *mas que caralhos, você é o PIOR estudando* – e seguiu Bishop e Joyce para fora do carro.

É hora de descobrir que segredo Joyce precisava compartilhar.

---

— Obrigado por concordar em falar comigo, — disse Bishop, colocando seu bloco de notas e caneta sobre a mesa. — Se você terminar a qualquer momento ou precisar apenas de um minuto, me avise e podemos fazer uma pausa. — Ele tinha um gravador na pasta no chão, desligado, e um aplicativo no celular, gravando no momento. Não que ele pudesse usar a informação para algo importante – era melhor do que fazer anotações.

Bishop não era tão conhecedor de tecnologia quanto James, mas ficou feliz em aproveitar as vantagens das ferramentas que tornaram sua vida mais fácil. Como a moeda de rastreamento que Kit ainda carregava consigo.

— Obrigada. — Joyce sentou-se na cadeira em frente a Bishop. Seus olhos estavam vermelhos, mas ela parecia calma. Não tão intimada quanto

Bishop esperava, embora ela continuasse olhando para Kit, como se buscasse segurança.

Kit sentou-se entre eles, na pequena mesa da cozinha de Joyce. O apartamento era o tipo básico de moradia estudantil, com paredes implacavelmente bege e uma cozinha que mal cabia na mesa onde eles se sentavam agora. Caixas de papelão quebradas foram enfiadas atrás do sofá na sala ao lado, e Bishop não viu nenhuma das decorações que esperaria com base em seu celular cheio de amuletos.

Muito arrumado para uma mudança muito recente, mas não habitado o suficiente para que Joyce estivesse aqui há muito tempo. A parte mais estranha é que ela não parecia ter colega de quarto. Bishop não via estudantes universitários sem colegas de quarto com frequência, então Joyce ou seus pais deviam estar bem de vida.

Ou ela estava particularmente motivada para morar sozinha.

Bishop tinha a sensação de que descobriria o porquê dentro de uma hora. Havia algo estranho neste caso. Algo faltando. Os três estudantes mortos estavam conectados, mas todos com quem Bishop conversou tinham uma ideia diferente de quão próximos eles eram um do outro. Outras migalhas estranhas, como o notebook desaparecido de Marco e uma quantia incomum de dinheiro na carteira de Timothy.

Joyce não foi a primeira pessoa de Marco com quem Bishop conversou. Ela provavelmente também não seria a última. Ela era simplesmente a mais relutante.

— Desculpe, estou com muita sede, — disse Kit, levantando-se. — Vocês querem água?

— Ah, não, sou um péssima anfitriã. — Joyce também se levantou, mas sentou-se novamente quando Kit acenou para que ela se afastasse.

— Não, tudo bem, apenas me diga onde estão os copos.

— Eles estão acima do microondas. Tem água filtrada na geladeira. — Joyce exalou pesadamente e encontrou os olhos de Bishop novamente. — Ok, vamos fazer isso. Você está investigando o caso de Marco, certo?

Bishop recostou-se, com o objetivo de parecer o mais relaxado possível, para manter a atmosfera calma. — Os pais de Timothy Wellington foram quem me contratou, então estou investigando Marco e Victor no que diz respeito ao relacionamento deles com Timothy. Sou um investigador independente. Isso significa que se você me contar algo que os verdadeiros policiais precisam saber, eu contarei às pessoas certas. Qualquer outra coisa pode ficar nesta sala conosco. — Bishop deu um sorriso torto e arriscou uma piada. — Sou ex-policial por um motivo, e não é que eu ame a polícia.

Joyce sorriu de volta, depois relaxou ainda mais quando Kit colocou um copo de água ao lado dela. Kit colocou um segundo ao lado de Bishop, então agarrou o seu antes de se sentar novamente.

Bishop teria que elogiar Kit por isso mais tarde – foi inteligente usar a si mesmo como desculpa para pegar um copo d'água para Joyce. Ajudando-a sem agir de forma condescendente. Bishop não pôde deixar de ficar surpreso com o quanto a presença de Kit parecia tranquilizar Joyce.

A constatação quase tirou Bishop de seu comportamento profissional: ele não estava acostumado a ver Kit como o ajudante.

Ele estava acostumado a ver Kit como vítima.

— Seu nome surgiu como amiga de Marco, — disse Bishop. É hora de se concentrar no trabalho – não no jovem atento com um hematoma recente no pescoço. — Eu queria falar com você porque tenho conversado com todos os amigos dele. Mas pela mensagem de Kit, parece que você tem algo mais para me contar. Você quer começar com coisas pequenas ou tirar as coisas grandes do caminho?

Joyce tomou um gole de água e endireitou os ombros. — Vamos acabar logo com isso. Encontrei-me com Marco no semestre passado em uma festa. Eu sabia que era uma má ideia, porque ele tinha namorada, mas eu estava bêbada. Achei que seria apenas uma vez. Só que houve outra festa e eu estava bêbada de novo, e isso continuou acontecendo.

Bishop não gostou do rumo que isso estava tomando, mas não avançou em nenhuma direção específica. — Por quanto tempo isso continuou acontecendo?

— Até o último mês do semestre da primavera. Então, durante o verão, começamos, hum, mandar fotos um para o outro. — Joyce girou o copo de água sobre a mesa.

Kit endireitou-se e depois recostou-se novamente na cadeira. Ele agarrou seu pulso e enterrou as mãos nos bolsos do moletom, o olhar firme em Joyce, a respiração regular. Como se ele estivesse se forçando a relaxar.

Bishop pensou sobre isso, mas teve que deixar isso de lado. Seu trabalho estava concentrado em Joyce agora. — Eu sei que é mais fácil falar do que fazer, mas você não precisa ficar envergonhada. Essas fotos eram explícitas?

— Sim, — Joyce disse calmamente, depois se sacudiu e continuou com uma voz mais forte. — Não mostrei o rosto em nenhuma delas, porque estava paranoica. Só que descobri que eu não estava paranoica, porque Marco não guardava as fotos para si mesmo.

Talvez em um mundo melhor, Bishop teria ficado surpreso com isso. Ele bateu na tela do telefone algumas vezes para desligar sutilmente a gravação. Melhor apenas usar a memória dele para isso.

— Como você descobriu isso? — Bishop perguntou.

— Depois que voltei para o semestre de outono, começamos a nos encontrar novamente. Hum, uma noite, Marco lembrou que não havia mandado um e-mail para seu professor sobre alguma coisa. Ele entrou em seu e-mail no meu computador. — Joyce encolheu os ombros. — Ele se lembrou de fazer logoff depois, mas eu tinha um keylogger[11] no meu laptop, porque estava preocupado com o fato de meu antigo colega de quarto pegar minhas coisas emprestadas. Como eu disse, sou meio paranoica. Consegui obter a senha dele e fazer login.

Bishop assentiu. — O que você encontrou?

Joyce fez uma pausa para tomar outro gole de água. Quando ela continuou, ela estava calma, sua determinação a levava adiante. — Encontrei o bate-papo em grupo dele com Tim e Victor. Eles estavam falando sobre vender fotos de garotas para um idiota que conheciam. Tipo, muitas garotas. E esse outro cara estava colocando-as online.

A raiva tomou conta de Bishop, repentina e visceral.

Toda a sua força de vontade foi destinada a manter intacto o seu verniz de calma. Joyce ficaria apavorada se soubesse o quanto a mão de Bishop ansiava por sua arma. Bishop não conseguia nem olhar para Kit, porque tinha a sensação de que Kit reconheceria a sede de sangue em seus olhos.

Nenhuma evidência necessária. Não são necessários detalhes. Ele precisava se controlar, porque não era um monstro. Mas houve um momento em cada caso em que Bishop sentiu que direção a justiça tomaria, e agora, era isso.

Talvez os crimes de Marco não tivessem chegado a um nível em que Bishop precisasse matá-lo. Talvez eles tivessem. Deixando de lado a raiva de

[11] Software que se lembra das senhas e login.

Bishop, no final das contas seu julgamento não importava neste caso. Marco já estava morto.

Bishop ainda precisava descobrir se um monstro mais perigoso assombrava as sombras deste caso.

Primeiro passo, descobrir quem era esse idiota que Joyce mencionou. Porque isso parecia a coisa mais próxima de um suspeito que Bishop havia encontrado até agora neste caso.

— Você pode anotar as informações da conta e de login? — Bishop perguntou calmamente, empurrando a caneta e o caderno na direção dela. — Posso manter seu nome fora disso, mas isso pode ser algo que eu tenha que contar à polícia.

Joyce começou a escrever, mas disse: — Não tenho certeza de quanto isso lhe fará bem. Um deles havia excluído os registros do bate-papo quando entrei novamente. Provavelmente Tim ou Victor. Eles eram mais espertos que Marco. — Ela devolveu o caderno, com um sorriso inesperadamente presunçoso. — Mas posso fornecer o USB para o qual baixei o histórico da conta na primeira vez que fiz login.

Paranoica e proativa eram duas das qualidades favoritas de Bishop numa testemunha.

— Inteligente, — disse Kit.

— Você sabe alguma coisa sobre o cara para quem Marco estava vendendo as fotos? — Bishop perguntou. — O nome dele ou qualquer outra coisa sobre ele?

— Não creio que ele fosse um estudante. Acho que Marco estava com medo dele, com base na conversa que li. — Joyce mordeu o lábio. — O nome dele era Ed Addersen. Você acha que ele poderia ter matado Marco?

Bishop recostou-se, atordoado.

Do outro lado da mesa, os olhos arregalados de Kit estavam igualmente chocados. Porque a menos que houvesse dois bandidos chamados Ed Addersen em San Corvo, esse cara não poderia ter matado Marco Fernandez.

Bishop já havia atirado na cabeça dele.

# 29

## Você acha que é realmente uma coincidência?

Kit nunca tinha visto Bishop tão abalado. Talvez Bishop nunca tivesse *deixado* Kit vê-lo tão abalado. De volta ao carro, Bishop girou a chave para ligar o ar-condicionado, mas não fez nenhum movimento para sair da vaga. Ele só afivelou o cinto de segurança depois de vinte segundos do bipe insistente do sistema.

— Você matou Ed, — disse Kit. Seu pulso doía e suas mãos coçavam, e ele as enfiou nos bolsos. — Ou James matou.

— Eu matei. — Bishop olhou para longe. — O que você sabe sobre ele?

Kit colocou uma perna no assento. Ele não estava tão assustado quanto deveria estar. Falando sobre o massacre em que conheceu Bishop. Pensando nas fotos de Joyce espalhadas e vendidas contra sua vontade. Concentrar-se no caso e descobrir as peças do quebra-cabeça foi estranhamente fundamentado.

Ele gostava de ter uma maneira de ajudar. Não estava em espiralando.

Não há necessidade de arrancar a própria pele.

— Eu não sei muito sobre ele, — Kit disse com sinceridade. Ele conhecia Ed há muito tempo, mas nunca falava de negócios. — Eu fiquei na casa dele, mas um monte de gente também. Nós não conversamos muito. Ele me ofereceu cocaína algumas vezes, mas eu não uso cocaína.

— Bom, — Bishop murmurou.

Kit adoraria aceitar a aprovação, mas isso parecia desonesto. — Eu não sou bom. Só tentei uma vez e não fez nada comigo, então prefiro usar drogas que sei que gosto.

O olhar vazio e distante de Bishop voltou-se para Kit. Sua boca se contraiu como se ele estivesse reprimindo uma risada. — Tudo bem, garoto, você é muito mau e está de castigo. Você sabe mais alguma coisa sobre Ed?

Kit franziu a testa. — Ele era um DJ muito ruim.

Ambos ficaram quietos.

Do lado de fora do carro de Bishop, o pequeno complexo de apartamentos estava sereno. As árvores farfalhavam com uma leve brisa, e o tráfego na rua próxima era apenas um ruído de fundo distante.

— Isso é estranho, não é? — Kit perguntou. — Tipo, é muito estranho que você tenha matado Ed, e agora você está investigando este caso, e acontece que Ed estava envolvido com as vítimas. Você acha que é realmente uma coincidência?

Bishop suspirou e deu ré no carro. — Ainda não acho nada. Pode ser uma coincidência ou pode ser a chave de tudo. Mas desenvolver uma teoria muito cedo cega você para outras evidências. Precisamos de mais informações. Pedirei a James que investigue o que Ed poderia estar fazendo com as fotos dessas universitárias.

Kit não pôde deixar de gostar da maneira como Bishop disse *nós*. Ele preferia estar do lado de Bishop para algo assim, em vez de ser o suspeito do outro lado do interrogatório de Bishop.

— Também é estranho que não tenha havido nenhum outro assassinato, — disse Kit enquanto eles saíam para a rua. — A menos que haja outros que ninguém notou, o assassino parou depois dos três.

Bishop estava totalmente relaxado agora. De volta ao seu ambiente, após o choque da aparição do nome de Ed. — Eu não chamaria isso de estranho. É informativo. Os assassinatos pareciam estar aumentando – primeiro um suicídio falso e discreto. Depois, um claro assassinato com

mutilação pós-mortem. Depois outro assassinato com tortura pré-morte. Mas o fato de ele ter parado prova que ele não está fora de controle. Talvez ele esteja assustado com a atenção da polícia.

— Ou ele pode ter saído da cidade, — Kit apontou. — Ou ele já conseguiu o que queria.

Kit não conseguiu se livrar da sensação que teve ao olhar pela primeira vez as fotos da cena do crime. A horrível escalada. Os assassinatos não foram aleatórios. Eles eram violentos, mas não perturbados. Victor não mostrou nenhum sinal de luta, é claro. Mas os outros dois também não pareciam ter chance de lutar. O assassino manteve um controle cuidadoso sobre cada um deles, antes e depois de matá-los.

Seu único erro foi deixar os corpos à mostra e matar um grupo de amigos de forma semelhante o suficiente para se conectarem. Exceto que Kit não tinha certeza se isso era um erro.

Esse assassino queria ser encontrado? Ele precisava de atenção ou de algo mais?

Foi uma manobra deliberada ou algo necessário? Como se alguns assassinos precisassem levar troféus. Eles foram levados a documentar suas conquistas doentias, mesmo que manter essas evidências pudesse desvendar tudo.

Kit encostou a cabeça na janela, olhando para os outros carros ao seu redor. — Qual é o seu próximo passo?

— Vou pesquisar mais sobre Ed, Joyce e os outros nomes do círculo próximo das vítimas. Incluindo seu amigo Holden.

Kit olhou rapidamente e depois se recostou na janela novamente. Ele pensou naqueles pequenos lampejos de frieza que sentiu por trás do sorriso de Holden. Desapareceram tão rapidamente que Kit poderia tê-los

imaginado. — Essa é uma boa ideia. Ele não gostou da forma como Marco tratou Soraya, então faz sentido olhar para ele. Para eliminá-lo ou algo assim.

— Esperançosamente, — disse Bishop. — O que você sabe sobre Holden Radley?

Kit ficou em silêncio, desequilibrado.

Ele nem sabia o sobrenome de Holden até este momento. Tudo o que Kit sabia era como os emojis excessivos de Holden o faziam rir. O toque das mãos de Holden sob a camisa. A maneira como Holden fazia com que dar as mãos parecesse uma putaria do caralho.

— O que você sabe sobre ele? — Kit perguntou em vez de responder.

Bishop permitiu o redirecionamento. — Ele é estudante do quarto ano de medicina forense, o que significa que estaria na minha lista mesmo que não tivesse falado com você. Uma secundária em ciência da computação. A família dele é de San Diego.

— Eu não sabia dessas coisas, — admitiu Kit, tocando o hematoma em seu pescoço. — Eu gosto dele, mas nós dois sabemos que tenho o pior gosto para homens.

Para surpresa de Kit, Bishop riu. — Eu aposto que ele é um merda, mas você poderia fazer pior do que James.

— ...e Darius, — Kit acrescentou, tentando parecer casual.

Bishop diminuiu a velocidade no sinal amarelo e depois parou. Quando o sinal mudou de vermelho para verde, Bishop perguntou: — *E* Darius?

— Não é sério, provavelmente. Mas sim. — Isso não parecia verdade quando Kit disse isso – sobre não estar falando sério. Mas essa não era uma conversa que Kit precisava ter com Bishop agora.

— Não será. Darius não faz vínculos. — A mandíbula de Bishop ficou tensa. — Eu sei que não tenho o direito de dizer isso a você, mas tenha cuidado. Gosto de James e Darius, mas eles são complicados.

— Obrigado pelo conselho sobre minha vida sexual, — Kit disse docemente, só para deixar a mandíbula de Bishop tensa novamente. Delicioso. Então ele deu uma folga a Bishop e perguntou: — O que mais você descobriu sobre Holden? Alguma coisa interessante?

Bishop deu um meio sorriso ao ouvir isso. — Se eu tivesse encontrado algo interessante, não teria deixado você entrar naquela biblioteca com ele. — Seu sorriso desapareceu. — Posso ver seu pulso?

Kit congelou. Então arregaçou as mangas. Virou os dois pulsos para mostrar todos os ângulos.

— Eu derramei chá ontem, — disse Kit, sentindo-se presunçoso. Além da mancha escaldada e desbotada, não havia uma única marca.

---

— Esse é Darius? — Kit ofegou e tentou dar uma espiada na tela do telefone de James. Seu pescoço doía por causa do hematoma que James estava mordendo antes de seu telefone tocar. James ficou inesperadamente encantado com o chupão de Kit dado por Holden outro dia – mas ainda mais encantado com o aprofundamento e intensificação do hematoma. Tornando-o seu.

Aparentemente, era possível ter uma mania de compartilhar *e* ser possessivo.

E, aparentemente, Kit estava realmente interessado nisso também.

— Você quer que seja Darius? — James perguntou, sentando-se e segurando o telefone fora do alcance de Kit.

Kit mostrou a língua e caiu de volta na cama. Isso também era legal. Ele tem uma visão perfeita da fênix erguendo-se nas costas musculosas de James. — Diga a ele para vir.

Ele não obteve a resposta entusiástica que Kit esperava.

— Desculpe amor. Ele virá mais tarde, mas não para destruir sua bunda perfeita. — James digitou uma resposta e deixou o telefone de lado. Asas de fogo esticadas com cada movimento seu. — É hora de um conselho de guerra – Darius tem um encontro marcado com o cliente.

O cliente.

A pessoa anônima que queria provas fotográficas do cadáver de Kit.

---

James ansiava por brincar com o cabelo de Kit – ou apalpar sua bunda – mas Kit estava tomando uma caneca de café em seu assento no balcão oposto. Tudo o que James pôde fazer foi encostar-se na ilha da cozinha. — Estou indo, Darius. Você mesmo disse, este é um trabalho para dois homens.

— Esses dois homens seremos eu e Bishop, — Darius disse calmamente. — Só estou informando porque você está envolvido.

Os quatro – James, Kit, Darius e Bishop – estavam reunidos na cozinha de James. Darius estava do outro lado da ilha, parecendo injustamente calmo e bonito sob a cálida iluminação interior. Bishop estava ao lado de Kit, seu próprio café ainda intocado ao lado da cafeteira. Os dois ficavam bem juntos, James tinha que admitir. Não tão bem quanto Kit parecia com James, é claro. Mas Kit estava embrulhado em um suéter rosa enorme, e Bishop usava uma

de suas jaquetas bege amarrotadas habituais sobre uma camisa azul, e eles pareciam estranhamente confortáveis juntos. Como um cartão de Natal sentimental, exceto com um assassino e um pedaço de perversão.

Muito aconchegante e doméstico, considerando a agenda desta reunião.

Darius tinha ponto de encontro e data marcados para entregar as fotos adulteradas de Kit ao cliente. Daqui a quatro dias, num armazém não utilizado fora da cidade. O plano era bastante simples: uma vigilância normal mais ou menos com um final chamativo, com uma pequena complicação extra: eles precisavam que Kit identificasse o alvo, se pudesse. O que significava apenas bloquear seletivamente as comunicações na área, já que foda-se se James estava deixando Kit junto para o trabalho.

Eles poderiam discordar sobre o resto, mas Darius e Bishop certamente estavam de acordo sobre isso.

— Se você não me queria junto, você não deveria ter me contado. — James deixou sua voz subir ligeiramente. — Ou estou viajando com você ou estou seguindo você. Não pense que você pode se mudar para qualquer lugar nesta cidade sem que eu esteja observando.

Se alguém quisesse matar Kit, James iria lidar com isso. Ele poderia seguir um plano, mas esperançosamente matá-los seria necessário.

— Sem ofensa, mas isso? — Darius apontou para James. — É exatamente por isso que não quero você junto. Você é muito instável para um trabalho tão preciso.

Oh, isso foi intenso. Agora James não conseguia discutir sem parecer ainda mais instável. — Eu não sou instável. Eu apenas expresso minhas emoções. Você deveria tentar algum dia.

— James, — disse Bishop. — Darius.

Todos se viraram quando Bishop finalmente pegou seu café ao lado da cafeteira.

Kit fez beicinho por trás de sua própria caneca. — Não, não os impeça. Isso é ótimo. Vocês podem fazer uma queda de braço para resolver isso?

— Manda ver, — disse James imediatamente. Ele faria qualquer coisa por Kit fazendo beicinho.

Darius apenas levantou uma sobrancelha.

— Ou luta livre com óleo? — Kit propôs esperançosamente.

Bishop tomou um gole de café. — Isso não é necessário.

— Não se trata de necessidade, — disse Kit. — Trata-se de maneiras extremamente masculinas de resolver discussões.

James avaliou cuidadosamente sua concorrência. Sem armas, James poderia enfrentar Darius em uma luta. Se eles pudessem ter armas, James não era estúpido o suficiente para pensar que tinha uma chance. Mas luta livre com óleo? Nenhum deles tinha experiência nisso, provavelmente, então James provavelmente poderia...

— É um ponto discutível, — disse Bishop. — Eu não posso ir com Darius de qualquer maneira.

Todos se viraram para Bishop novamente.

— Com licença? — Darius perguntou.

Bishop encolheu os ombros, mal escondendo sua diversão. — O caso da SCU está muito quente agora. Não posso desaparecer por três dias.

Ah, perfeito. James sorriu para Bishop, depois para Darius.

— Cristo. — Darius esfregou a mão no rosto. O olhar de derrota era doce. — Certo, tudo bem. Mas James vai seguir o plano à risca.

Kit pousou o café, o leve movimento chamando a atenção de todos antes mesmo de ele falar. — O que você quer dizer com três dias?

— Eu começo as vigias cedo, — explicou Darius. — Gosto de saber tudo sobre a área e ter controle sobre o cenário.

— Um dia seria suficiente para isso, só que Darius sempre tem medo de que seu oponente *também* chegue cedo, — acrescentou James. Ele atravessou a cozinha, relaxando ao se aproximar e forçar os olhos de Kit para cima. Mas ele era ganancioso, então tocou o queixo de Kit e forçou seu rosto para cima ainda mais. — Não se preocupe. Não poderei ligar, mas ainda enviarei mensagens de texto com coisas maliciosas.

Kit torceu o nariz. — Oh, bom, eu estava totalmente preocupado com isso.

James gostava de pressionar Kit contra superfícies. Camas, paredes, balcões. Prendendo-o com força, ou apenas ficando na frente dele, sabendo que Kit poderia se afastar se quisesse. Porque Kit nunca quis realmente escapar.

Aparentemente, era ainda melhor com os olhos de outros homens voltados para eles. O olhar de Bishop não era menos atento que o de Darius.

James encontrou os olhos de Bishop. — Já que presumo que Darius pretendia que eu protegesse Kit, isso deixa você assumir a tarefa. Você vai quer meu quarto de hóspedes ou Kit deveria dormir na sua casa?

Porra, Bishop era bom. Sua expressão nem sequer tremeu. James ainda podia sentir o quão investido Bishop estava nos dedos de James sob o queixo de Kit.

Bishop gostava de Kit desde o início. James viu isso como uma ameaça a princípio. Ele não queria que sua presa fosse arrancada de suas garras. Mas agora James sabia exatamente como era divertido compartilhar Kit. Que James ainda poderia possuí-lo de sua maneira particular, mesmo que Kit formasse vínculos diferentes com pessoas diferentes.

Mas Bishop era ainda melhor em contenção do que Darius. Que pena.

— O que você prefere, Kit? — Bishop perguntou, indiferente e chato. — Na casa de James ou na minha?

Kit mordeu o lábio. — Sua casa provavelmente seria mais conveniente para você encontrar pessoas para o caso da SCU, certo?

Darius limpou a garganta do outro lado da sala. — Se a merda der errado, é melhor que Kit não esteja aqui.

Ele estava sendo vago, provavelmente por causa de Kit, mas pela carranca de Kit, ele entendia tão bem quanto qualquer um deles. *Se a merda der errado*, significava se Darius ou James morressem.

Kit tocou a mão de James em seu queixo. — Tenha cuidado, ok? — Ele disse suavemente. Ele saiu do alcance de James para encarar Darius também. — Eu não quero que vocês dois se machuquem por causa disso.

Muito fofo.

— Não se preocupe, — James disse alegremente. — Bem, talvez se preocupe com Darius. Se ele me irritar, posso empurrá-lo do telhado.

Darius murmurou algo que parecia muito com: — Não se eu empurrar você primeiro.

Kit revirou os olhos. — Deixa para lá. Aconteça o que acontecer, tenho certeza que você merecerá.

# 30

## Estamos namorando?

Darius normalmente só matava por dinheiro, mas colocar uma bala grátis no cérebro de James podia valer a pena para ter um pouco de paz e sossego. O homem não calava a boca desde que fecharam a porta do apartamento.

O apartamento dava para o armazém, com uma boa vista para o quintal cheio de escombros. Ambos os edifícios estavam vazios, envolvidos em uma burocracia sem fim. Questões de zoneamento e burocracia. A revisão ambiental mais diligente de todos os tempos, reiniciando com qualquer alteração em qualquer outra parte do processo.

Com um empresário extraordinariamente cooperativo puxando todos as cordas. James possuía ambas as propriedades por meio de uma subsidiária, tendo-as comprado de uma empresa de fachada incompleta *de outra pessoa*. Provavelmente o Viper está se desfazendo de ativos, com base no momento.

Havia vantagens e desvantagens em planejar crimes em locais que pudessem ser atribuídos a James. Controle versus responsabilidade.

Eles escolheram o controle desta vez. Antes de se instalarem no apartamento, eles já haviam varrido o armazém, desabilitando todas as câmeras habituais e instalando as minúsculas e indetectáveis substitutas de James. O protótipo, ele não ofereceu como parte dos serviços habituais de sua empresa. James tinha uma visão completa de todos os cantos do armazém – e acesso à maioria das câmeras de segurança nas ruas vizinhas.

O apartamento não estava mobiliado e eles viveriam em sacos de dormir pelos próximos dias. James não tinha problemas em gastar dinheiro, mas não era estúpido o suficiente para mandar entregar móveis adequados em um prédio vazio. Também não havia cortinas, então eles tiveram que se mover com cuidado ao redor da janela – mas eles haviam tapado o interior da parede externa com lonas à prova de balas.

Definitivamente era conveniente não se preocupar com interrupções enquanto Darius colocava seu rifle de longo alcance na janela.

Exceto interrupções do seu parceiro no crime.

— Estamos namorando? — James perguntou, recostando-se na cadeira de acampamento. — Você e eu.

Darius ajustou o tripé. — Não.

— Você beijou meu namorado. Nós transamos com meu namorado juntos. Todos nós jantamos na minha casa ontem à noite. — James parecia contemplativo. — Isso parece muito semelhante a namoro.

— Você é um idiota. — Darius verificou a mira e apontou a arma para a porta dos fundos do armazém. — Eu não namoro idiotas.

— Você é tão imaturo, — James disse arrogantemente. — Estou feliz por não estarmos namorando. Eu ficaria muito envergonhado.

Darius sentou-se no chão para separar sua munição. Os próximos três dias seriam longos e apertados. Embora tivessem todo o edifício à sua disposição, este apartamento tinha a melhor vista do armazém. James tinha seus computadores instalados na mesma sala e, apesar de todas as suas brincadeiras estúpidas, James estava concentrado no trabalho.

Fez sentido. James não era como Darius, matando por profissão, ou Bishop, matando por seu autoflagelante senso de justiça. Claro, James ajudava Bishop de vez em quando, mas ele só *se concentrava* quando os

trabalhos eram pessoais. Kit claramente passou pelas defesas de James. Mais do que qualquer um deles provavelmente percebeu.

James matou para vingar sua família. O que significava que Kit era da família agora.

Kit também deve ter deslizado pelas defesas de Darius. Porque Darius não tinha uma piada pronta quando James perguntou: — Você está namorando Kit?

Darius não deveria namorar Kit.

Sua carreira era mais fácil sem envolvimentos românticos. Darius disse a Kit que James nunca namorou ninguém seriamente antes, mas ele próprio não estava muito melhor.

Se um trabalho deu errado? Se Darius colaborou com o empregador ou informante errado? Se seu mentor pedisse um favor?

Na melhor das hipóteses, Darius tinha cinco planos de contingência diferentes para desaparecer completamente. Ele poderia deixar para trás tudo e todos na vida de Darius Fontaine.

Na pior das hipóteses, Darius traria problemas para casa.

Mesmo que tudo corresse bem, Darius era um péssimo parceiro. Ele desaparecia aleatoriamente durante semanas, até meses seguidos. Nenhum contato, nem mesmo uma mensagem de texto. Assim como James, Darius nunca poderia confiar em alguém que não conhecesse seu lado negro. Ele brincava em clubes e marcava encontros ocasionais. Sossegar sempre foi algo que ele imaginou para a aposentadoria.

Mas ele podia ver como isso funcionaria com Kit, mesmo com James envolvido. Especialmente com James envolvido, por mais que Darius odiasse admitir. Se ele tivesse que sair por seis meses, James estaria lá para cuidar de Kit.

— Pergunta difícil, hein? — James foi até um de seus notebooks. Seu sorriso era malicioso enquanto ele teclava.

É claro que namorar com James teria algumas desvantagens definitivas. Darius se levantou e foi até a bolsa de equipamentos aberta para verificar suas peças sobressalentes. — Não é muito difícil. Eu só não me apresso nas coisas como algumas pessoas que conheço.

Embora essa declaração tenha deixado bastante espaço para James responder uma piada, a resposta seguinte de James foi incomumente séria. — Só não brinque com ele, ok? Eu sei como você é.

Darius largou um clipe e olhou para James. Ele nem precisou dizer nada.

— Eu sei, eu sei, sou a última pessoa a falar sobre isso. Mas Kit é... — James derreteu naquela expressão atordoada e sentimental que ao mesmo tempo confundia e fazia completo sentido para Darius. — Kit é diferente.

— Não estou brincando com ele, mas não vou morar junto no primeiro encontro como algumas pessoas. — Darius encolheu os ombros e voltou ao seu inventário.

Suas esperanças de paz e tranquilidade duraram cerca de meio minuto desta vez.

— Devíamos sair para um encontro, — disse James.

— Não.

— Nós três, — James esclareceu. — Um encontro adequado. Vou levar vocês dois para a sinfonia. Vou comprar roupas novas para vocês e os divertir muito.

Darius provavelmente não conseguiria jogar James pela janela sem que ninguém percebesse. — Você sabe que eu também sou rico, certo? Não sou bilionário, mas posso pagar a porra dos ingressos para a sinfonia.

James continuou meditando. — Vou reservar um camarote particular, para que Kit possa sentar no seu colo, e vou provocá-lo até ele chorar.

Darius fez uma pausa, imaginando. A ideia era mais atraente do que a defenestração[12]. — Parece que isso vai perturbar os outros patrocinadores da sinfônica.

— Talvez.

— Vou levar uma mordaça de bola, — Darius decidiu.

Ignorando o sorriso maroto de James, Darius afundou na outra cadeira dobrável. Verificando e-mails em seu telefone, ele passou a reler mensagens recentes, passou a folhear uma galeria específica de fotos. James fez um bom trabalho fazendo Kit parecer morto, intensificando a maquiagem e alterando o tom de pele de Kit. Embora Darius soubesse que as fotos eram falsas, e isso seria óbvio com qualquer análise real, elas eram assustadoras. A maneira como Kit estava esparramado, com os olhos vazios, os braços pálidos e nus flácidos no concreto áspero...

Espere.

Darius franziu a testa e James imediatamente perguntou: — O que há de errado?

— As fotos de Kit, — Darius disse.

— Vá se foder. Fiz um ótimo trabalho.

Darius acenou para ele. — Olhe para o braço dele.

James se inclinou sobre o ombro de Darius, ficando quieto. Depois de um momento, ele expirou, vendo claramente a mesma coisa que Darius: os dois braços finos de Kit, completamente imaculados. Exceto que menos de uma hora depois que as fotos foram tiradas, havia uma leve escaldadura rosa no pulso esquerdo de Kit. Que Kit alegou ter conseguido naquela manhã.

---

[12] Ato de jogar alguém pela janela.

A prova fotográfica dizia que Kit realmente se queimou durante os poucos minutos em que Darius não estava olhando para ele. Deve ter sido quando Kit estava removendo a maquiagem – mas como? Por que Kit esconderia isso?

— Ele é um bom mentiroso, — disse James.

Kit era uma boa mentira. Um mentiroso de dezenove anos com uma recompensa pela cabeça, pulando nas sombras para se recusar a explicar. No entanto, essa recusa era sincera. Kit seria o primeiro a admitir que tinha segredos.

Porque ele confiava em Darius para não se intrometer neles. Um deles estava cometendo um erro? Ou eram ambos?

Darius desligou o telefone. — Tenho dado espaço a ele. Deus sabe, todos nós temos bagagem. Mas talvez seja hora de Kit desempacotar algumas.

Depois de um longo momento, James voltou para seus notebooks. — Kit se abrirá quando estiver pronto.

Darius não discutiu, mas não tinha tanta certeza.

---

Kit achou estranho estar de volta à casa de Bishop. Um apartamento de solteiro suburbano tão aconchegante. Kit sempre encontrava Bishop na casa de James ou Darius, ou em cafeterias públicas, desde que ele se mudou.

Talvez *mudar-se* fosse uma maneira estranha de colocar as coisas. Bishop literalmente manteve Kit cativo nesta casa. Kit provavelmente deveria pensar nisso como uma fuga.

Mas essa palavra também não parecia certa. Kit não poderia ter escapado quando a presença de Bishop nunca o abandonou. As algemas eram mais pesadas na memória de Kit do que em seus pulsos. Elas se irritavam ainda mais com seus pensamentos sem que Bishop lhe entregasse um pote de pomada.

Kit dormiu no quarto de hóspedes ontem à noite. Sem algemas desta vez, o que significava que ele poderia se tocar enquanto seus pensamentos giravam entre tantas ideias viciantes e ruins. Suas memórias se misturaram, até que Holden pressionou uma arma contra as costas de Kit e Darius segurou sua mão na biblioteca. James algemou Kit ao corrimão da escada, e Bishop recostou-se no assento da limusine e empurrou a cabeça de Kit para baixo.

Agora, Kit estava sentado à mesa da cozinha de Bishop, confortável com uma camiseta larga e jeans apertados furados. Ele se sentou na mesma cadeira em que Bishop o algemou. Desta vez, as mãos de Kit estavam livres para percorrer o tablet à sua frente. Sua tarefa era ler as entrevistas de Bishop nas últimas duas semanas. Ele deveria destacar qualquer coisa que chamasse a atenção dele, por qualquer motivo.

Kit gostava de ter algo para fazer, embora tivesse que reler cada página três vezes. Seus pensamentos continuavam vagando para James e Darius, que estavam em um local que ninguém contaria a Kit, preparando-se para confrontar... quem queria matar Kit.

O que era estranho. Kit só conhecia um homem que queria matá-lo, e esse homem nunca contrataria um assassino externo.

Esperançosamente, James e Darius encontrariam algumas respostas.

Não há muitas respostas.

Bishop colocou um prato na frente dele, contendo um sanduíche torrado. — Faça uma pausa ou coma enquanto trabalha.

— Eu não estou com fome. — Kit rolou para a próxima página.

— Tudo bem, — disse Bishop, sentando-se em frente a Kit. Ele estava lendo alguma coisa no celular, com um prato vazio à sua frente.

Uma olhada no relógio Sunburst dizia que era uma da tarde. Kit não tinha percebido que não era mais de manhã. A compreensão atingiu seu estômago com uma reviravolta dolorosa.

Maldito Bishop por estar certo. Kit considerou sofrer por orgulho, mas seu estômago roncar seria ainda mais constrangedor. Ele concordou e comeu o sanduíche enquanto lia.

Cerca de dez minutos depois, o telefone de Bishop tocou com uma ligação. Bishop saiu da sala para atender e Kit fez uma pausa para esticar as pernas e guardar os pratos. Encostado na máquina de lavar louça, Kit contemplou sua parte favorita da cozinha: a cafeteira.

Café provavelmente era uma má ideia com o nervosismo atual de Kit. Mas Bishop parecia cansado hoje, e seria uma pena preparar apenas uma caneca.

Quando ele se esticou sobre seus brinquedos para pegar as canecas, o telefone de Kit tocou. Ele colocou as canecas no balcão – sua favorita, a caneca gigante preta e dourada do Departamento de Polícia de San Corvo, além de uma caneca menor, mas intrigante, de Melhor Pau do Mundo. Kit teria que perguntar a Bishop a história por trás disso.

A mensagem de texto era de James.

***Sexy:*** *Você sente minha falta, babe?*

***Kit:*** *desculpe, telefone novo, quem é esse*

***Sexy:*** *Aww, estou fora por um dia e você já se esqueceu de mim :(*

***Sexy:*** *Vou ter que me esforçar ainda mais para refrescar sua memória quando voltar*

Kit sabia exatamente onde isso levaria. Com as bochechas esquentando, ele olhou em volta para se certificar de que Bishop não estava à vista.

***Sexy:*** *Vou te lembrar quem deixou aquela marca de mordida na parte interna da sua coxa... aquela marca de mão na sua bunda...*

***Sexy:*** *Aposto que sua bunda apertada se lembra de mim, do jeito que eu comi você ontem de manhã.*

***Sexy:*** *Você acha que se vendarmos você, você poderia me diferenciar de Darius pela sensação de nossos paus em sua bunda?*

Kit se contorceu ligeiramente no lugar, sentindo-se indecente ao ler isso na cozinha de Bishop, quando Bishop poderia entrar a qualquer momento.

Não era indecente o suficiente para impedir-se de responder a mensagem.

***Kit:*** *você teria que me dar protetores de ouvido também, ou eu reconheceria o jeito que você nunca cala a boca*

***Sexy:*** *Merda, é uma boa ideia... podemos fazer isso também??? Para que você não possa ver ou ouvir nada. Você apenas estaria esperando, imaginando como tocaríamos em nosso garoto a seguir...*

Porra. É claro que James pegaria o sarcasmo de Kit e o transformaria em algo insuportavelmente excitante. Kit não sabia o que significava o fato de estar tão ansioso por estar indefeso por aqueles homens. Kit não *queria* saber. Ele só queria aproveitar.

À sua maneira discreta.

***Kit:*** *claro, eu acho*

***Sexy:*** *Mmm, mal posso esperar para brincar com você, babe*

***Sexy:*** *Você vai ser um menino tão bom para o papai*

Cacos de gelo percorreram as veias de Kit. Sua visão escureceu nas bordas, estreitando-se na última palavra da mensagem de James. Toda a sua excitação morreu e Kit ficou oco, imóvel, todo o seu corpo quieto e distante.

Não pense. Não pense. Não pense.

Kit digitou mecanicamente.

***Kit:*** *lolol fetichista de papai é um limite rígido*

***Kit:*** *não é um fetiche vergonhoso, só não gosto disso*

***Sexy:*** *Anotado, desculpe por isso*

***Kit:*** *tudo bem lol, só não queria que você se envolvesse nisso à toa*

***Kit:*** *opa, preciso ir*

Pronto. Kit ligou o telefone, sentindo-se orgulhoso de si mesmo. Ele lidou bem com isso. Interrompeu James antes que isso aumentasse, sem deixar transparecer que não conseguia sentir as pontas dos dedos.

Kit pegou a caneca preta e dourada do SCPD e deu um passo em direção à cafeteira antes que sua visão ficasse turva.

No instante seguinte, sua bunda doeu. A mão dele também. Ele não se lembrava de ter caído, mas lá estava ele, sentado nos azulejos da cozinha, encolhido contra os armários, tremendo incontrolavelmente. Cacos de cerâmica espalhados ao seu redor.

O sangue rangia em seus ouvidos. Kit não ouviu a caneca quebrar. Ele mal ouviu uma voz vinda da sala ao lado.

Ele piscou e Bishop estava ajoelhado na frente dele.

— Você está ferido em algum lugar? — Bishop perguntou, as pontas dos dedos roçando os braços nus de Kit.

*Tenha cuidado,* Kit tentou dizer. Bishop poderia se cortar nos cacos. Mas a voz de Kit não funcionava. Ele não conseguia respirar.

Os penetrantes olhos azuis de Bishop examinaram-no. Então Bishop se levantou – só por um momento, apenas o suficiente para assustar Kit.

O calor cercou Kit antes que ele percebesse que Bishop havia se sentado à esquerda dele, um braço forte envolvendo as costas de Kit.

— Abaixe a cabeça e me escute, certo? — Bishop disse, suas palavras calmas dando a Kit algo em que se agarrar. — Apenas Respire. Eu sei que parece que você não pode, mas você pode.

Ainda tremendo, Kit moveu-se com o toque de Bishop, até que se inclinou com a cabeça entre os joelhos. Bishop esfregou as costas, círculos lentos queimando através do frio anormal de Kit. Esse toque era a única coisa real na sala.

Não pense. Não pense. Não pense nele.

— Concentre-se em mim, Kit. — A mão de Bishop subiu pela coluna de Kit, envolvendo a parte de trás de seu crânio com um aperto firme e tranquilizador. Então lentamente desceu novamente. Sua presença era tão firme que Kit tremeu. — Vamos fazer uma contagem regressiva a partir de dez. Você pode repetir depois de mim?

Kit balançou a cabeça. Sua garganta ainda não funcionava.

— Dez, — Bishop disse de qualquer maneira. Ele fez uma pausa, esperando, mas não pareceu bravo quando Kit não conseguiu repetir. — Nove.

Kit tentou dessa vez, mas a palavra travou.

— Oito, — Bishop continuou.

Desta vez, Kit conseguiu soltar um gemido lamentável.

— Isso é bom, — disse Bishop. — Sete.

— Sete, — Kit sussurrou. O gelo ainda prendia seus pulmões, mas ele murmurou o resto do caminho até chegar a zero com Bishop. E quando terminaram, Kit pôde respirar novamente.

Quando seu tremor parou, mais pequenas dores o percorreram. Sua bunda doía por sentar com muita força. E a mão dele... Kit sentou-se ao lado de Bishop e virou a mão direita. Um corte raso se estendeu pela palma da mão e seu pulso esquerdo estava manchado de sangue no local onde ele se agarrou.

— Opa, — disse Kit. Ele tinha uma vontade ridícula e histérica de rir. Mas felizmente ele ainda estava mudo e frio demais para isso.

— Fique aí, — disse Bishop, levantando-se.

O coração de Kit disparou. Ele estendeu a mão, mas impediu-se de agarrar a perna de Bishop com a mão ensanguentada. — Onde você está indo?

— Dois passos a esquerda, para pegar a caixa de primeiros socorros embaixo da pia, — respondeu Bishop.

— Oh. Acho que isso é permitido.

Kit ficou quieto, pensando em desculpas enquanto Bishop limpava e envolvia a mão em gaze. O antisséptico doeu, mas as mãos grandes de Bishop eram muito cuidadosas. Kit queria se concentrar nisso, na doçura estonteante e perigosa daquele toque.

Mas Bishop teria perguntas. Kit precisava de respostas.

*Só estou preocupado com James e Darius,* decidiu Kit, enquanto Bishop encontrava uma vassoura. *Ou algo nas entrevistas do caso me chateou. A mãe de Timothy falando sobre ele. Isso foi triste.*

Bishop varreu a caneca quebrada. Então ele fez Kit se mover alguns metros para verificar se havia mais cerâmica atrás dele. Ele não fez Kit se

levantar, o que foi bom. Kit ainda não tinha certeza se seus joelhos funcionavam.

Então Bishop sentou-se no chão novamente, desta vez na frente de Kit. Tão perto que seus pés quase se tocaram. E todas as desculpas de Kit desmoronaram com as próximas palavras de Bishop:

— Eu vi a mensagem que James mandou para você.

# 31

## O silêncio não funciona como antes

Porra, porra, porra. Kit não deve ter o telefone bloqueado antes de começar a entrar em pânico. Ele abraçou os joelhos com mais força. — O que James me mandou por mensagem não é da sua conta.

Muito estridente. Muito defensivo. Responder assim era praticamente agitar uma bandeira vermelha para atrair as perguntas de Bishop. Mas Kit ainda estava em pânico demais para reunir seus escudos habituais.

Bishop também não estava calmo o suficiente. Havia uma pitada de raiva em sua resposta. — É da minha conta quando ele te dá um ataque de pânico no chão da minha cozinha.

Espere, Bishop estava culpando James por isso? Kit não conseguiu se defender, mas isso não era justo. — James não fez nada de errado. Não é culpa dele.

— Ele não sabe o que essa palavra desencadeia em você? — Bishop perguntou, sua raiva desaparecendo ou escondida.

O estômago de Kit revirou, mas sua voz mal tremeu. — Eu também não sabia. Não é tão ruim, de qualquer maneira. É apenas o contexto.

Ele estava na internet há mais de cinco minutos. Ele tinha visto a palavra *papai* era usada como piada. Como um fetiche. Como título para pornografia, Kit nunca clicou. Kit não iria julgar, ele apenas sabia que não estava interessado nisso, e ninguém com quem ele ficou havia usado a palavra com ele pessoalmente antes.

A repulsa doentia foi tão repentina, tão avassaladora que Kit não conseguiu reprimi-la. Ele ainda não conseguia esconder o quão chateado estava.

Bishop recostou-se, ficando mais confortável no piso. — Mas você não está surpreso.

Kit se encolheu ainda mais. Bishop não iria deixá-lo sozinho sem respostas hoje. E Kit estava demasiado exausto, demasiado vulnerável, para se proteger do gentil interrogatório.

— Eu sei que você está com medo de falar, — Bishop continuou cuidadosamente. Inescapavelmente. — Mas o silêncio não funciona como antes, não é?

Kit quis desviar o olhar, mas não conseguiu. Parte dele queria desistir. Para derramar tudo. Para quebrar o muro que ele construiu quando pediu a Smith uma nova identidade.

Isso seria ruim. Mas talvez compartilhar algo fosse bom. Apenas o suficiente para tirar Bishop do seu pé. Apenas o suficiente para explicar a caneca quebrada.

Apenas uma verdade que Kit carregava perto do coração, como uma costela substituída por um serrote.

Kit respirou fundo e encontrou os olhos de Bishop. — Papai nunca me machucou. Ele nunca me tocou. Não é como você está pensando.

Bishop relaxou e Kit o odiou por isso.

As pessoas que aprenderam a verdade sempre pensaram que papai o tocou, mas, meu Deus. Talvez fosse mais fácil conviver com isso. Ele não se culparia por não perceber antes.

— Papai fodeu *outras* crianças.

E de repente Kit ficou feliz por Bishop estar aqui. Nem James, nem Darius. Porque a raiva de Bishop foi silenciosa. Ele empalideceu, mas não recuou. Ele não recuou e não avançou. Ele apenas perguntou, em voz baixa e áspera: — Kit, onde está seu pai agora?

Apenas uma frase e papai estava na lista de Bishop. Se ao menos tudo tivesse sido tão fácil naquela época. Kit não teria que suportar a ordem da denúncia.

Tarde demais agora. O pensamento ainda era bom.

— Ele está na prisão, — Kit disse simplesmente, encobrindo tudo o que era necessário para esse resultado. — O sistema funcionou.

— Isso é bom, — disse Bishop. Ainda quieto, ainda com raiva. — Eu sei que você não quer que eu saiba seu nome. Mas eu adoraria saber o dele.

A risada de Kit surpreendeu os dois. — Eu prometo, se eu precisasse de um vigilante, eu contrataria você.

Depois de um momento, Bishop também deu um meio sorriso. — Se importa se eu cobrar isso de você?

Kit não queria pensar em Bishop e papai ao mesmo tempo. Ele estendeu a mão de qualquer maneira. — Promessa de mindinho.

— Promessa de mindinho, — Bishop disse solenemente, entrelaçando seu dedo mindinho ao de Kit.

O leve toque foi reconfortante. Foi tentador o suficiente para que Kit perguntasse: — Você poderia sentar ao meu lado por um minuto?

Um perfeito cavalheiro, Bishop até lhe deu uma desculpa. — Claro. O chão está muito frio. — Ele se sentou ao lado de Kit, passando um braço em volta de seus ombros.

Aconchegar-se contra Bishop parecia completamente natural. O cheiro de sabonete, a solidez de seu corpo contra o de Kit, era exatamente o que Kit

precisava para se firmar. Alguns minutos disso e Kit ficaria bem. Como uma espécie de vampiro carinhoso, alimentando-se através do simples contato físico até recuperar as forças.

Bishop suspirou. — Já, hein?

— O quê? — Kit perguntou.

— Você já está colocando seus escudos de volta, — disse Bishop. — Acho que não vou conseguir mais nenhuma informação sua hoje.

— Bom palpite. — Kit se aconchegou mais perto, sua coxa pressionada contra a de Bishop. O calor era mais intenso onde os jeans de Kit estavam rasgados. — Você é um ótimo detetive.

— Poderia ser melhor.

— Por que você faz isso? — Kit perguntou. — Procurando respostas. Escavando.

Bishop relaxou, e essa era a única razão pela qual Kit sabia que ele estava tenso em primeiro lugar. O relaxamento forçado era familiar. — Mesma razão pela qual deixei a polícia.

Hipocritamente, Kit queria mais detalhes. Como se ele pudesse compensar o abandono de fragmentos de seu próprio passado roubando o de Bishop. — Diga-me.

— Meu parceiro era um homem chamado Archie Calvin, — Bishop respondeu, já envergonhando as meias verdades de Kit. — Ele era um veterano na polícia, mas ficou feliz em ser o mentor do novo garoto. Trabalhávamos bem juntos.

Kit apoiou mais seu peso contra Bishop. Desta vez ele sentiu Bishop ficar tenso e sentiu um conforto perverso por não ser o único chateado na sala. Exceto que, simultaneamente, ele não queria que nada de ruim acontecesse a Bishop nesta história.

Mesmo que claramente já tivesse acontecido.

— Eu amei meu trabalho durante anos, — disse Bishop. — Archie me ensinou como ser policial. Ele me apoiava sempre que era promovido e era o primeiro a me dar tapinhas nas costas sempre que ganhava prêmios.

— Você ganhou muitos prêmios? — Kit perguntou.

Bishop bufou. — Uma quantia embaraçosa. Alguns caras podem ter ficado ressentidos, mas Archie não. Ele tinha seu lugar na equipe. Eu estava crescendo no meu.

O silêncio se seguiu. Kit pegou uma folha do livro de Bishop e esperou pacientemente.

— Então descobri que ele estava abusando de sua autoridade em seus turnos solo, — disse Bishop finalmente. — Certa noite, eu estava de folga e encontrei Archie do lado de fora de um clube. Ele estava com uma garota bêbada e isso não parecia certo. Ela estava muito fora de si. Ela estava tentando fugir.

O estômago de Kit se revirou. — Porra, Bishop.

— Ela tinha vinte anos e Archie a deixou com medo de que ele a jogasse na prisão por ter uma identidade falsa. Mas Archie poderia fazer isso desaparecer, contanto que ela...

Kit não precisava que Bishop terminasse essa frase. Ele tocou a perna de Bishop, um gesto inadequado de conforto. — Ela te contou isso?

— O próprio Archie me contou, — disse Bishop, com a voz áspera. — Ele não achou que eu teria problemas com isso. Eu era um dos caras. Parte do clube. Ele nem sequer pensou que estava fazendo algo errado. Ele tinha o poder, então por que não usá-lo? Não era um crime para Archie. Era uma vantagem do trabalho.

— Foda-se, — Kit murmurou, doente e furioso.

Bishop encolheu os ombros contra ele, relaxando novamente. — É egoísta, mas essa é a principal razão pela qual o denunciei. Não para proteger as pessoas, mas para proteger minha própria imagem. Porque me recusei a ser o tipo de homem que toleraria isso.

— Isso não parece egoísta para mim. Você ainda arriscou perder muito ao denunciá-lo. — Kit entendia isso muito melhor do que a maioria das pessoas.

— Nada que importe no final. — Bishop deu uma risada sem humor. — Quer saber a verdadeira medida de uma organização? Torne-se inconveniente para eles.

Sua raiva era mais difícil de esconder agora. Claramente, Bishop odiava o SCPD como um todo ainda mais do que odiava seu ex-parceiro.

— Fiz Archie ser condenado, mas foi mais difícil do que deveria, — disse Bishop. — Muitos caras legais tentaram ficar no meu caminho porque estavam muito preocupados com minha carreira ou com o que isso significava para a comunidade. Não havia como consertar o veneno por dentro, então saí.

— Para você poder se tornar um detetive particular vigilante, — disse Kit.

— Linha moral bastante específica, eu sei. — Bishop esfregou o ombro de Kit lentamente, como se não estivesse realmente pensando nisso. — Houve um momento em que pensei que Archie iria sair em liberdade. Eu não poderia viver sabendo que ele estava por aí machucando pessoas mais vulneráveis. Decidi que se não conseguisse colocá-lo na prisão, eu o mataria.

— Faz sentido para mim. — Kit mordeu o lábio. — No entanto, já estabelecemos que sou um juiz de caráter muito específico.

Bishop riu novamente, desta vez mais calorosamente. — Você é melhor do que eu pensava, garoto.

— Sim, eu simplesmente saio com o tipo *certo* de assassino. — Kit cutucou a coxa de Bishop, em vez de agarrá-la novamente como ele queria. — Sério, hum. Obrigado por compartilhar. Você não precisava. Mas gosto de entender você melhor.

Mais uma vez, a hipocrisia. Quão fodido era que essa história horrível ajudou Kit a sair do pânico?

Ou talvez fosse apenas a presença de Bishop, calorosa e reconfortante ao lado dele, não importando as circunstâncias.

Bishop esfregou o braço de Kit novamente, como se não tivesse percebido como o toque formigou nos nervos de Kit. — Algum dia você se sentirá seguro o suficiente para me contar o resto da sua história, — disse Bishop calmamente. — Você é forte, garoto. Mas não há problema em se quebrar às vezes.

Kit girou sob o braço de Bishop, procurando pena no rosto de Bishop. Ele não encontrou nenhuma. Apenas a barba por fazer de sempre e o interesse intenso de sempre. Como se Kit fosse um quebra-cabeça. Kit já havia confundido esse interesse com atração antes, na noite em que não conseguiu seduzir...

Os olhos de Bishop caíram para os lábios de Kit. Talvez Kit não estivesse enganado, afinal.

— Você estava fazendo café? — Bishop se libertou e ficou de pé. — Vou pegar outra caneca.

Bishop não pôde evitar. Ele não estava preparado para deixar as perguntas passarem, especialmente quando essas perguntas se enredavam com todos os instintos protetores de seu corpo. A própria existência de Kit exigia respostas. O encontro na cena do crime. A identidade falsa indetectável. O não uso de seu social. O ataque que Darius e James estavam enfrentando neste exato momento.

No papel, Kit estava desconfiado pra caralho. Mas os instintos de Bishop lhe disseram que Kit era a vítima.

Mesmo que Kit rejeitasse cruelmente esse rótulo.

Bishop teve que agir com cuidado, para evitar pressionar demais Kit por uma questão de curiosidade profissional. Ele acomodou Kit na cozinha com uma xícara de café fresco e depois levou o notebook para a sala de estar.

Curiosidade profissional. Bishop zombou silenciosamente. Não houve nada de profissional naquele último momento com o braço em volta de Kit. Por um segundo terrível e maravilhoso, Bishop confundiu a vulnerabilidade de Kit com um tipo diferente de carência.

Talvez nem tenha sido um erro. Talvez Kit realmente quisesse beijá-lo.

Bishop não poderia oferecer-lhe esse tipo de conforto. Principalmente agora, conhecendo esse novo pedaço do passado de Kit. Bishop estava certo quando Kit se deitou em sua cama. Ele não podia tocar em Kit. Não enquanto o garoto ainda estivesse tão claramente frágil. Não antes de Bishop saber que tocá-lo não o quebraria como a caneca quebrada no chão da cozinha.

Não importa o quanto Bishop desejasse espiar pelas frestas. Ele precisava saber que não estava se aproveitando de Kit, assim como Archie abusava do poder de seu distintivo.

Bishop não podia tocar em Kit, mas poderia aproximar-se de outra forma.

Seus arquivos de Kit estavam escondidos em uma pasta protegida por senha, separada de seus casos profissionais. Hoje, Bishop abriu o arquivo de antecedentes. O documento era muito esparso e ele hesitou antes de digitar: *Segundo o sujeito, o pai do sujeito está preso.*

*De acordo com o sujeito, o pai do sujeito é um estuprador de crianças.*

Bishop salvou e fechou o arquivo de plano de fundo e depois abriu seu documento de estratégia. Esta era uma série de anotações mais confusa, com os pensamentos aleatórios de Bishop preservados para o caso de algo despertar uma ideia mais tarde. Vários ângulos que podem gerar respostas parciais.

A maioria era muito extrema. Bishop não tinha nenhuma evidência, ou mesmo qualquer suspeita, de Kit cometer crimes graves – além daqueles em que ele estava implicado graças a Bishop, James e Darius. Embora os amigos do SCPD de Bishop pudessem analisar o DNA de Kit no banco de dados criminal para uma correspondência familiar, isso envolveria pedir um favor muito grande. Chamando muita atenção para Kit.

Bishop já havia verificado as impressões digitais de Kit. Sem combinações.

Ele não estava disposto a fazer algo desesperado, como perguntar diretamente a Kit. Em vez disso, ele apenas digitou: *Pesquise registros de agressores sexuais em CA e NV – atualmente encarcerados, com filhos na idade certa.*

Esse era um projeto enorme e Bishop precisava de mais detalhes para restringi-lo. Ele nem tinha certeza sobre o estado ainda. Ele poderia esperar pelos detalhes. Deixando de lado seu interesse profissional, a situação não era urgente.

As coisas seriam diferentes se Kit não tivesse dito que seu pai estava na prisão.

Bishop não podia se permitir pensar nisso. Ele não conseguia pensar em quantas maneiras um homem poderia machucar uma criança sem tocá-la.

Exalando, Bishop desviou os olhos do notebook. A visão de Kit à mesa da cozinha foi calmante. Kit debruçava-se sobre as pastas dos casos, extasiado. Mesmo exausto por causa do ataque de pânico, ele parecia melhor do que quando Bishop o conheceu.

Havia algo muito estranho nos maneirismos de Kit quando Bishop o sequestrou. Como se Kit estivesse agindo como um ser humano. Como se os cantos mais dolorosos de sua alma estivessem silenciados.

Hoje foi uma coisa boa. Kit se sentiu seguro o suficiente para perder o controle na frente de Bishop.

Outra ideia fez cócegas. Bishop digitou mais uma nota no documento de estratégia antes de fechar a pasta.

*Investigue quaisquer associados encarcerados de Ed Addersen*

# 32

## A única escolha

Darius estava cochilando quando o cliente – agora o alvo – chegou. Ele e James se revezaram tirando sonecas de três horas, e Darius fechou os olhos às 16h. Ele estava bem acordado assim que James disse: — Darius.

— Status? — Darius perguntou, já se movendo da cadeira de acampamento para a janela.

James se agachou ao lado de seus monitores, colado às telas enquanto guardava uma arma sob a jaqueta. — Sem pressa. Solteiro, branco, cabelos escuros. Boné de beisebol verde e jaqueta de couro marrom. Não tenho 100% de certeza de que ele é nosso cara, mas esta é a terceira vez que ele dá a volta no quarteirão.

— Ele ainda está na frente?

— Sim.

Darius começou a verificar seu equipamento. — Ótimo. Sabíamos que ele era um amador.

— Sério, ele parece tão superficial. Talvez este não seja o nosso cara. — James entregou um fone de ouvido a Darius. — Ou talvez ele esteja tentando nos induzir a uma falsa sensação de segurança.

Darius deixou o fone de lado. Ele não precisava disso até que James saísse da sala. Darius odiava essa parte do plano, mas fazia sentido colocar alguém no chão caso o alvo tomasse uma saída que Darius não pudesse cobrir.

— Ele sabia o suficiente para me contratar, — disse Darius. — Ele claramente nunca contratou um assassino antes e provavelmente nunca

organizou uma entrega antes. Mas ele está familiarizado com o negócio. Meu palpite é que ele apenas trabalhou em um ângulo diferente. Inteligência ou tecnologia? Finanças? Gestão de clientes?

Darius trabalhava principalmente sozinho, mas a sua operação mental era maior. Menos exigente.

— Então, onde estão seus parceiros? — James perguntou. — Por que ele está trabalhando sozinho desta vez?

— Descobriremos quando o seguirmos para casa. — Darius examinou o pátio do armazém. Já passava das 17h, um horário ruim para a ótica. O sol do final de outubro só se poria dentro de uma hora, mas as sombras continuariam mudando. — Onde está nosso cara?

— Ainda brincando lá na frente.

Darius saiu da janela para espiar as telas de James. O homem de chapéu verde encostou-se na lateral do ponto de ônibus.

James entregou um tablet. — Aqui, você pode levar isso para a sua janela. Deslize para alternar entre a rua e o interior.

— Você já conseguiu uma foto nítida? — Darius não conseguia distinguir o rosto do cara.

— Ainda não. — James colocou uma mochila por cima do ombro. — Vou enviá-lo para Kit assim que o tiver. Ah, lá vamos nós. Recebi a foto e nosso garoto está em movimento.

— Siga o plano, — Darius ordenou. — Não vamos matá-lo.

O aceno alegre de James não foi tranquilizador. — Não, a menos que seja necessário.

O telefone de Kit tocou ao mesmo tempo que o de Bishop. Uma mensagem fotográfica de James. Kit lutou para desbloquear o telefone enquanto Bishop pausava o filme de tubarão que estavam assistindo.

— Eu disse a ele para enviar para mim, — Bishop resmungou do outro lado do sofá.

— E eu disse a ele para enviar para mim, — Kit rebateu, igualmente presunçoso e nervoso. Uma foto de James só poderia significar uma coisa.

Bem, pode ser uma foto de pau. Provavelmente não, já que também foi enviada para Bishop. Era pelo menos duas vezes mais provável que fosse uma foto do misterioso cliente que queria a vida de Kit.

Bishop queria que a foto fosse enviada para seu telefone porque queria limitar a conexão de Kit com qualquer crime. Isso era fofo, mas foi como trancar a porta do celeiro depois que os cavalos escaparam, cruzaram os limites do condado e galoparam em um navio para navegar pelo oceano.

Kit se aninhou no canto do sofá enquanto abria a mensagem – e congelou.

*Por que ele?*

Abaixo do boné de beisebol verde esfarrapado havia um rosto que Kit só vira algumas vezes. Smith. O homem de quem Kit conseguiu sua identidade falsa. O homem que o ajudou a criar o papel de Kit Byron.

Kit não sabia o nome verdadeiro de Smith. Ele simplesmente se passou por Smith. Se era um nome falso claramente óbvio ou uma referência às suas habilidades de criação tecnológica, Kit não tinha ideia. Ele simplesmente conhecia Smith como o cara da informática do papai. A escolha óbvia – a única escolha – quando Kit queria começar de novo.

Mas Smith não tinha motivos para querer Kit morto. A menos que ele estivesse trabalhando para outra pessoa agora? Mas a própria vida de Smith

estaria perdida se as pessoas erradas descobrissem que ele ajudou Kit a se esconder.

— Você o reconhece? — Bishop perguntou.

Kit saiu de seu torpor. Porra. Bishop tinha aquele olhar irritante e conhecedor. Kit ficou quieto por muito tempo para fingir que não sabia de nada.

— Já o vi antes, mas não sei o nome dele. — Kit digitou isso na mensagem do grupo com James também. — Acho que foi em uma festa no ano passado. Talvez. Estou tentando lembrar mais.

Alguém notou que Kit estava desaparecido? Smith estava pensando em ajudar Kit?

Os dois deles mais Ed Addersen eram os únicos que conheciam a identidade atual de Kit. Agora que Ed estava morto, eram apenas Smith e Kit. Se Kit morresse, ninguém seria capaz de delatar Smith.

Se Smith morresse, ninguém do passado de Kit saberia seu novo nome.

— Onde foi a festa? — Bishop perguntou.

— San Corvo? Eu acho? — Kit franziu a testa, fingindo pensar, enquanto trocava uma mensagem privada com James.

***Kit:*** *o que quer que faça, não deixe ele escapar*

***Sexy:*** *entendido, babe ;)*

---

O pátio do armazém estava repleto de sombras. James esperou até que o alvo entrasse no armazém para disparar atrás de uma montanha de canos enferrujados. Ele se agachou ali, a vinte metros da porta dos fundos do armazém. Toda a sua energia se concentrou em um estado de prontidão.

Uma calma enganosa. Darius e Bishop o chamavam de impetuoso, mas James também sabia esperar por sua presa.

— Em posição, — James murmurou. Quase inaudível, mas o fone de ouvido captou.

— A costa ainda está limpa, — Darius respondeu pelas comunicações.

James não iria matar o alvo. Realmente. Ele concordou com Darius e Bishop que eles precisavam descobrir se esse cara estava trabalhando sozinho. Por mais que gostasse de foder com Darius, James seguiria o plano. Ele tinha certeza absoluta disso enquanto observava a tela do tablet, acompanhando cada movimento do alvo.

O armazém era uma caverna empoeirada e mal iluminada. Um único conjunto de pegadas levava de uma porta lateral até uma mesa no meio da sala. Depois, voltava para a porta lateral – marcando o caminho de Darius enquanto ele colocava a isca.

Tirar o pó do resto de suas pegadas enquanto instalavam câmeras extras tinha sido irritante. Mas James não queria depender das câmeras que já instalou na última vez que usou o armazém para crimes extracurriculares.

O esforço valeu a pena, porque a má iluminação já não era um obstáculo. James passou facilmente entre diferentes ângulos, cada câmera mostrando imagens nítidas do alvo se aproximando da mesa. Ele poderia ampliar o pescoço mal barbeado do homem ou os remendos gastos em sua jaqueta de couro. O alvo era de meia-idade. Branco com cabelo castanho escuro. Características suaves e sobrancelhas irregulares. James o odiou à primeira vista.

Sobre a mesa havia uma caixa de sapatos aberta. Na caixa de sapatos havia uma tela simples com um pen drive inserido. O alvo seria capaz de ver as fotos antes de retirá-las.

Se ele fosse esperto, desativaria o software de rastreamento que James incorporou na unidade. O software era apenas uma medida do tipo "e se", caso tivessem sorte com a incompetência do alvo.

James e Darius não contavam com sorte, no entanto. O plano principal era segui-lo para casa através da rede CCTV da cidade. Eles poderiam desenvolver seus próximos passos assim que tivessem sua identidade e endereço.

O alvo definiu um dispositivo no tablet. Algo como um telefone. Ele bateu nele com os dedos enluvados, esperou dez segundos e então pegou a tela.

James não conseguia ver a tela ou a tela do telefone do alvo em nenhum dos ângulos de sua câmera. Mas ele sabia o que estava na tela. As fotos que ele retocou para Darius: o corpo de Kit, pálido e manchado de sangue, esparramado como uma boneca quebrada.

O que o alvo pensou agora ao olhar as fotos? Ele estava satisfeito? Feliz? Ele sentiu algum arrependimento ou culpa?

Ou será que ele não sentiu nada além do reconhecimento monótono de uma tarefa concluída?

James balançou os ombros e contou a respiração, tentando manter a calma. Ele já havia feito essas perguntas muitas vezes antes, perguntando-se como os inimigos de sua família se sentiriam quando souberam que o trabalho estava concluído. O Rei Rato, quem quer que fosse. Eles planejaram matar as meninas também ou Crystal e Iris foram apenas danos colaterais?

Eles nunca voltariam para acabar com James.

O alvo apenas folheou as fotos por alguns momentos. Então ele removeu a unidade – e quebrou-a.

— Que porra é essa, — James respirou.

O alvo colocou a tela e o pen drive quebrado no chão e pisou em ambos com o calcanhar. A adrenalina de James aumentou com cada estalo cruel. As câmeras não captaram o som. Mas James podia ouvir o vidro quebrando normalmente, no armazém a vinte metros de distância.

Recuando, o alvo respirou profundamente. Então ele grampeou seu telefone.

Alguns segundos depois, a voz de Darius estalou no fone de ouvido. — A segunda metade do pagamento acabou de ser processada.

— Sério, que porra é essa, — James repetiu. O estratagema funcionou – porque o alvo não levaria as fotos falsas de volta para análise? James mal podia esperar para invadir a casa desse cara e ver como ele vivia. Ele também deixava a cerveja esquentar na despensa?

Como alguém tão incompetente conseguiu contratar Darius para um ataque?

O alvo tocou seu telefone novamente e o tablet de James apagou.

— Porra, — James murmurou, tocando na tela. Então ele apertou um botão. Nenhuma resposta. — Darius, estou cego aqui.

Nenhuma resposta.

Ao redor, todas as outras luzes à vista estavam apagadas.

Ah, porra. James largou o tablet em silêncio e sacou a arma.

Ele não teve tempo de verificar seu telefone. O tablet e o fone de ouvido com defeito eram todas as evidências de que ele precisava. James não tinha ideia de como, mas o alvo incompetente acabara de desativar todos os dispositivos elétricos da área.

A rede de câmeras de James era inútil.

Desativar a segurança soou incrivelmente alto nos ouvidos ecoantes de James. Ele contornou os canos enferrujados até avistar a porta dos fundos do

armazém. O beco do lado direito também era visível através da cerca de arame. Mas James não tinha visibilidade para a esquerda, então ele só tinha que torcer para que Darius tivesse esse ângulo coberto.

Um movimento pelas sombras do armazém. Com o chapéu puxado para baixo sobre os olhos, o alvo saiu correndo e virou-se para a esquerda de James.

*O que quer que faça, não o deixe escapar,* disse Kit.

Dada a escolha entre seguir o plano de Darius e fazer o que seu namorado pediu?

Não havia escolha alguma.

James moveu-se com precisão treinada. O recuo estremeceu em seus braços e o silenciador reduziu o tiro a um pequeno *estalo*. Do outro lado do pátio, o alvo voou e depois caiu.

Quando James alcançou o corpo, ele teve que conter uma risada. A boa notícia era que Darius não ficaria chateado com ele.

Porque a bala de James perfurou o coração do homem, enquanto a bala de Darius atingiu seu crânio.

# 33

## Eu sou o fantasma agora.

Depois de horas sem nenhuma atualização, Kit ficou tão nervoso que Bishop colocou uma vassoura em suas mãos e disse-lhe para varrer o chão. Canalizar sua energia para a tarefa física mundana ajudou, mesmo que Kit fosse tão ruim em varrer que Bishop teve que detê-lo e mostrar-lhe como fazê-lo.

Havia um ritmo a seguir. Houve progresso, removendo a sujeira e a poeira. Todos os detritos não eram visíveis quando se espalharam pelo chão, mas se transformaram em uma pequena montanha quando Kit os reuniu. A maior parte da poeira escondia-se nos cantos. Atrás das cadeiras.

*Eu deveria pedir a Bishop para me ajudar a mover o sofá.*

Quando um carro finalmente parou na garagem de Bishop, Kit largou a vassoura e correu para a porta da frente.

Bishop o pegou pelo braço. — Deixe-me verificar quem está lá. — Ele olhou para os pés de Kit. — Além disso, não corra de meias.

Kit concordou apenas porque seria mais rápido do que lutar. Bishop ainda o segurou enquanto ele espiava pelo olho mágico.

— São eles. — Bishop soltou Kit. — Eles estão bem.

O alívio atingiu Kit quando Bishop abriu a porta. Então Kit bateu na parede, instantaneamente cercado por um corpo sólido e quente. O beijo forte de James abafou o suspiro de Kit, e mãos ásperas o seguraram no lugar pelos pulsos.

James mergulhou fundo na boca de Kit, como se estivesse tão desesperado por segurança quanto Kit.

Os pulmões de Kit queimaram quando James se afastou. — Você está bem.

— Você está preocupado comigo? — James soltou os pulsos de Kit para acariciar seu pescoço. — Isso é muito excitante.

— É claro que eu estava preocupado, idiota. — Kit empurrou e James gentilmente se deixou levar. — Onde está Darius?

— Bem aqui, — Darius disse por trás do ombro de James, parecendo divertido.

Kit se desvencilhou do aperto de James e inspecionou seus dois... amantes? Namorados? Sequestradores com benefícios?

Ambos pareciam normais demais. James estava com uma camiseta e jeans de grife. Darius estava com sua camisa e calça de sempre. O único sinal visível de que tinham acabado de ficar de tocaia era a intensidade que ardia nos olhos de James. O cansaço quase imperceptível no rosto de Darius.

— Eu também estava preocupado com você, — Kit disse calmamente. Parecia uma confissão.

Darius entrou no espaço de Kit. — Bom, — ele murmurou e se inclinou.

Em vez de empurrar Kit contra a parede, Darius o segurou no lugar com um leve toque em seu ombro. O beijo deles foi constante e lento. Igualmente desgastante, mas totalmente diferente. Kit inalou, fechando os olhos, e deixou Darius acalmá-lo.

Não precisava disso. Lábios macios e barba por fazer, dedos usados tão gentis através da manga de Kit. Cada toque perfeitamente equilibrado acalma a ansiedade de Kit e é muito melhor do que as tarefas domésticas.

— O que aconteceu? — Kit perguntou quando Darius o deixou ir.

Do outro lado do saguão, Bishop estava com os braços cruzados. Se ele tinha alguma opinião sobre Kit beijar James e Darius, ele não mostrou.

James acenou com o dedo para Bishop. — Não fique bravo comigo, mas o alvo está morto.

Morto.

A palavra balançou através Kit. Ele não tinha ideia de como deveria reagir, mas tudo o que sentiu foi um alívio crescente. Seu corpo ficou mais leve como se as correntes tivessem caído de todos os membros.

A carranca de Bishop parecia mais decepcionada do que furiosa. — Você o matou?

— Nós dois o matamos, — disse Darius. — Ele era um idiota descuidado, mas tinha tecnologia melhor do que nós.

James fez uma careta. — Ele matou minhas câmeras. Não tínhamos chance de rastreá-lo. Darius e eu tivemos uma chance, e nós dois aproveitamos.

— Acabou, — Kit disse atordoado.

— Como diabos, acabou. — Todos se viraram para olhar para Bishop – mas o único foco de Bishop estava em Kit. — Quem era ele?

O pavor afundou no estômago de Kit.

James se colocou entre eles, irritado. — Interrogue-o depois de limparmos, ok? Ainda precisamos destruir o corpo e Kit está claramente exausto.

— Kit reconheceu o homem na foto que você enviou, — retrucou Bishop. — Agora esse homem está morto. Não vou fingir que estou triste com isso, mas quero saber quem ele era.

Darius tocou o ombro de Kit novamente. — Eu não vou forçar você a dizer nada. Mas eu também gostaria de saber.

Kit se afastou para ter espaço para olhar para todos eles. Assim ele teve espaço para respirar. Então ele estava mais perto da porta. Todos os três

homens o observaram atentamente. Cada um desses três homens aterrorizou Kit na primeira vez que se conheceram. Em um momento ou outro, ele pensou que qualquer um deles poderia matá-lo.

Agora, dois deles mataram *por* ele. A revelação foi cortada por um novo tipo de terror. Kit nunca havia exercido tanto poder antes. — Primeiro, conte-me o que aconteceu com a entrega.

Enquanto Darius relatava os acontecimentos do dia anterior, Kit assentiu. O que deixou Darius e James perplexos fazia todo o sentido para ele.

Smith era uma pessoa de tecnologia. A má estratégia fazia sentido. Ele não sujava as próprias mãos e não sabia como tomar cuidado. Quanto a olhar as fotos do cadáver de Kit, mas deixá-las para trás?

— Ninguém mais sabia que ele queria me matar, — disse Kit quando Darius terminou. — Ele precisava manter as coisas assim, então não podia se dar ao luxo de possuir nenhuma evidência.

— Como você sabe disso? — Bishop exigiu. — Quem era ele?

Kit enterrou as mãos nos bolsos traseiros, para evitar que tremessem. — O nome dele era Smith, mas isso não ajudará vocês a encontrá-lo. Ele já era um fantasma antes de vocês matá-lo.

Uma risada irrompeu pela sala. Maníaca, afiada.

Cortou a garganta de Kit e ele percebeu que era dele. — Smith fez minha identidade. Presumo que ele ordenou o ataque porque se arrependeu.

Darius praguejou baixinho. — No que você está envolvido, garoto?

— Nada. Não mais. — Kit riu novamente. O alívio cortou profundamente suas defesas. — Smith era a única pessoa no mundo que sabia que eu me tornei Kit Byron. Agora ele está morto. Isso significa que agora eu sou o fantasma.

Com a visão turva, Kit cambaleou para o lado. Ele caiu contra a parede e depois contra um corpo quente e sólido.

Darius segurou-o de pé e alguém disse alguma coisa. Uma conversa inteira que Kit não conseguiu processar, muito sobrecarregado pela terrível liberdade.

Smith tinha sido o ingresso de Kit para fora da esfera da influência de papai. Não, não era um ingresso. Uma ponte. E agora a ponte foi queimada. Kit estava livre, desde que não olhasse muito de perto para as águas escuras atrás dele.

Kit tropeçou quando Darius o empurrou em direção à porta da frente. — Desculpe. O que está acontecendo?

O braço de Darius era forte atrás das costas de Kit. — James e Bishop estão cuidando da limpeza. Vou levar você de volta para a casa de James.

— Obrigado. — Kit encostou-se nele. — Desculpe.

Ele não tinha certeza sobre quem estava se desculpando. Ele estava grato por Darius não ter perguntado.

Mais do que isso, Kit estava grato por Darius ter sido quem o trouxe de volta. Ele não conseguiria lidar com a intensidade de James ou com as perguntas de Bishop agora. Darius era quem ele precisava.

No carro, a adrenalina de Kit disparou rapidamente. Ele não percebeu que estava adormecendo até já estar acordando. A noite já havia caído quando Darius parou na garagem de James, e foi sua voz baixa que tirou Kit do sono.

— Estamos aqui. — Darius tocou a coxa de Kit quando viu que Kit estava acordado. — Parecia que você precisava de uma soneca.

A luz do carro iluminou os dois, um santuário dourado na escuridão. A ternura no toque de Darius foi tão avassaladora que Kit não conseguiu

responder. Ele apenas se levantou da cadeira, alcançou o pescoço de Darius e puxou-o para um beijo.

Darius imediatamente assumiu o controle, exatamente como Kit queria.

O calor percorreu as veias de Kit. Lutando para desapertar o cinto de segurança, ele murmurou durante o beijo: — Empurre seu assento para trás.

— Muito bom cochilo, hein? — Darius perguntou, parecendo divertido. Mas ele desligou o carro, empurrou o banco para trás e desafivelou o cinto de segurança a tempo de Kit passar por cima do console.

O joelho de Kit bateu na porta e seu tornozelo ficou brevemente preso no cinto de segurança. Ele não se importava com o quão idiota e desajeitado ele parecia, no entanto. Ele estava desesperado demais para mais disso: as mãos de Darius, quentes e duras em seus quadris, puxando-o para perto. Quando eles se esfregaram, ambos exalaram.

— Eu não sou James, — Darius disse, sua voz áspera. — Você não pode me distrair com sexo.

Kit esfregou-se no colo de Darius. — Você tem certeza sobre isso?

O aperto de Darius aumentou, mantendo Kit completamente imóvel. O controle físico casual era estimulante e aterrador ao mesmo tempo. — Eu também não sou Bishop. Não preciso de cada detalhe da sua vida para saber quem você é agora. Então, vou fazer apenas uma pergunta. — Suas mãos deslizam para baixo da camiseta de Kit. — Esse incidente vai morder nossa bunda?

*Agora, quem está usando o sexo como distração?* Kit estremeceu com o calor. — Não. Realmente acabou.

As unhas curtas de Darius arranharam as costas de Kit. — Estou confiando em você nisso.

— Eu também tenho uma pergunta. Você não precisa responder. — Kit passou os braços em volta dos ombros de Darius. — O que você quer de mim?

— Isso depende do que você quer me dar, — Darius disse com um sorriso.

— E se eu quisesse que sejamos namorados? — Kit inclinou a cabeça enquanto Darius congelou. — E se eu quisesse me tornar oficial nas redes sociais? E se eu quisesse colocar um anel no seu dedo grande e sexy?

Seu santuário dourado e apertado ficou em silêncio. Então Darius riu. — Você me pegou aí, Encrenca. Estou em uma situação ruim na minha carreira para criar raízes.

Kit mergulhou para um beijo quase imperceptível. — Eu também não quero raízes. Não sei o quão sério isso é. Mas eu meio que gosto do que temos feito. Quero que continuemos fazendo isso, seja o que for.

Darius colocou as mãos sobre as coxas de Kit. — Transando?

— É mais do que isso, certo? — Kit se encolheu ao ver o quanto ele parecia carente. Porra, há dois meses ele teria se estrangulado antes de dizer algo assim. — Quero dizer, não somos como namorados. Mas não achei que estávamos apenas transando.

— James perguntou se estávamos namorando, — disse Darius.

— Você e eu? — Kit perguntou. Ele imaginou que James iria arrancar a bandagem de comunicação, mesmo para os outros relacionamentos de Kit. — Ou você e ele?

Darius riu. — Ele perguntou as duas coisas, porque ele é um idiota. Mas ele quis dizer eu e você.

Kit traçou padrões ociosos na nuca de Darius. — James gosta de rótulos. Eu realmente não me importo tanto. Contanto que você seja…

Porra. Kit mordeu o lábio. Darius apenas disse que não queria falar sério. E esta foi uma conversa tão insana e juvenil quando, poucas horas atrás, Darius atirou em um homem.

— Ei. — Darius traçou o lábio inferior de Kit, seus olhos escuros atentos. De perto, cada poro de sua pele escura e brilhante era visível. A leve cicatriz em sua mandíbula. A barba por fazer sombreando suas bochechas. — Contanto que eu seja o quê?

Se Kit fosse assustar Darius, ele poderia muito bem fazê-lo corretamente. — Contanto que você seja meu.

Em vez de recuar, Darius sorriu. — Eu não me importo com esse rótulo. Desde que seja uma troca justo. — Ele traçou o lábio inferior de Kit novamente enquanto sua outra mão brincava sob a cintura de Kit. — Você já é meu, não é?

— Sim, — Kit respirou. De repente, isso pareceu muito mais sério do que qualquer um deles queria admitir. Tudo bem. Kit também não era como James. Ele era paciente e estava totalmente disposto a voltar a distrair a todos com sexo. — Falando em troca justo, você mata por dinheiro, certo? E você matou alguém por mim hoje.

— Isso é verdade, — Darius disse. — Não conte a James, mas minha bala definitivamente atingiu primeiro.

— Não direi uma palavra. Mas o problema é que não tenho dinheiro suficiente para pagar seus serviços. — Kit murmurou no ouvido de Darius: — Existe alguma outra maneira de retribuir?

Darius gemeu e puxou Kit pelos cabelos. Suavemente, mas claramente assumindo o controle. — Posso pensar em algumas maneiras.

Ele empurrou dois dedos contra os lábios de Kit. Kit obedientemente abriu a boca, vibrando de expectativa. Lutando contra seu instinto natural,

Kit não fez nada depois disso. Apenas segurou os dedos de Darius na boca, esperando o próximo pedido.

— Bom garoto. — O elogio e o sorriso de Darius foram a melhor recompensa. — Você pode chupá-los para mim?

Os dedos de Darius eram grandes, com gosto principalmente de volante de couro. Kit os trabalhou corretamente com a língua, chupando-os até que tudo o que sentiu foi o próprio Darius. A tarefa foi difícil devido à forma como Darius continuou explorando. Ele tocou o céu da boca de Kit, deslizando próximo à sua língua. Kit engasgou uma vez, quando Darius esfregou a parte de trás da língua. Então Darius fez isso de novo, e o pênis de Kit se esticou contra sua calça jeans.

— Você parece obsceno assim, — Darius comentou, em voz baixa. — Tão lindo pra caralho.

Mais calor percorreu as veias de Kit e ele gemeu entre os dedos de Darius. Cuspe umedeceu os cantos esticados de seus lábios.

— Uma putinha tão linda. Você gosta disso, não é? — O que quer que Darius tenha visto nos olhos atordoados de luxúria de Kit deve ter sido uma confirmação, porque ele sorriu avidamente. — Você pode guardar seus segredos, mas não pode esconder isso, pode?

Kit apenas gemeu de novo e franziu as bochechas, chupando os dedos de Darius com ainda mais força. Não foi suficiente. Ele se inclinou para frente enquanto Darius se afastava de seus lábios, tentando pegá-los novamente. Mas Darius o segurou no lugar com a mesma mão, espalhando saliva na bochecha de Kit.

— Você se importaria de sair do carro? — Darius perguntou.

Kit aninhou-se no aperto de Darius. — Por quê?

— Porque eu não gosto das minhas chances de deixar seu jeans abaixado nesta posição.

Ok, sim. Isso era justo. Eles cambalearam para fora do carro, e o ar frio da noite chocou o corpo aquecido de Kit até que Darius o pressionou de cara contra a porta. Então todo Kit sentiu o calor novamente.

Kit apoiou os antebraços no vidro. O cascalho se moveu sob seus pés. Eles estavam na garagem de James, cercados por árvores farfalhantes, sem vizinhos à vista. O carro ficou escuro e as luzes da casa mal os alcançaram.

Os braços de Darius envolveram Kit. Ele beijou a nuca de Kit enquanto abria a braguilha do jeans apertado de Kit.

— Espere, — disse Kit, com o último resquício de consciência que lhe restava. — James tem câmeras de segurança.

Darius fez uma pausa, com a respiração quente no ouvido de Kit. — Eu não me importo de dar um show para James. Mas podemos parar se você quiser.

Em qualquer outra noite, Kit teria dito para parar. Mas, para seu próprio choque silencioso, ele concordou com isso. Ele confiou em James e Darius para matar Smith por ele. Ele poderia confiar neles com imagens simples de câmera.

A respiração de Kit engatou. — Eu também não me importo.

— Bom, — Darius disse, e passou a mão ao redor do pênis de Kit.

# 34

## Eu não quero que você pense.

Kit choramingava a cada movimento áspero e perfeito. A mão de Darius estava escorregadia com a própria saliva de Kit, e seu corpo moldado contra o de Kit. A sensação do pênis de Darius queimando contra sua bunda era quase melhor do que a mão acariciando-o.

Eles não tinham lubrificante. Darius não desabotoou a braguilha da calça. Ele nem estava se movendo contra Kit, apenas cobrindo-o, segurando Kit no lugar entre seu corpo e o carro. De alguma forma, era tão íntimo como se Darius estivesse realmente enterrado no ânus de Kit.

— Diga-me o que você está pensando agora, — Darius murmurou contra a orelha de Kit. Ele empurrou mais baixo, rolando as bolas de Kit na palma da mão.

— Eu não posso, — Kit engasgou.

Dedos quentes e duros pressionaram atrás das bolas de Kit. Empurrado para o ponto sensível como um gatilho. — Por que você não pode?

Kit arqueou-se contra Darius, os joelhos enfraquecendo. — Porque não estou pensando.

— Perfeito. Não quero que você pense. — Darius beijou a lateral do pescoço de Kit. — Você não precisa tomar decisões. Você não precisa se esconder. Apenas seja bom para mim.

— Porra, — Kit respirou.

Darius mordeu seu ombro e a dor se transformou em prazer glorioso. Kit flutuou impotente na balança. Todas as sensações mundanas

desapareceram. Suor grudado sob suas roupas. Quase um desmaio exausto de motor. A calça jeans de Kit apertou quando ele abriu as pernas o suficiente para a mão de Darius.

Cada sensação física era remotamente comparada à maravilhosa abstração do prazer de Kit.

— Você está perto? — Darius perguntou, e Kit só conseguiu gemer. Ele estava perto o suficiente para que fosse uma boa coisa Darius murmurar: — Goze para mim, Kit.

Porque Kit queria ser bom, mas não conseguia se conter. Ele gozou com tanta força que sua visão ficou turva. Como se Darius estivesse arrancando o orgasmo de sua alma.

Nada estava errado. Nada existia exceto o abrigo da intimidade.

Darius beijou o pescoço de Kit novamente. Apenas um beijo, sem dentes, mas mesmo assim perfurou as veias de Kit. Ele colocou o pênis sensível e amolecido de Kit em sua cueca e depois recuou. Na sua ausência, o frio da noite despertou Kit.

Kit virou-se e apoiou-se na porta do carro para manter o equilíbrio. Darius estava a menos de meio metro de distância, mas era longe demais. Seus ombros eram largos o suficiente para que Kit não pudesse ver a casa de James atrás dele.

— Sua vez, — disse Kit.

— Minha vez, — Darius concordou, e desafivelou o cinto. — De joelhos, garoto.

As pernas de Kit dobraram-se sob ele antes que o pedido fosse totalmente processado. O cascalho ardia em sua calça jeans e logo começaria a doer. Mas pelo calor nos olhos de Darius, Kit não ficaria aqui por muito tempo.

Ele esperou, sua antecipação de algo sonolento após seu próprio orgasmo. Seu desespero se transformou em conforto. Para sua gratidão. Quando Darius tirou seu pênis da calça, Kit se inclinou para frente.

— Pare, — Darius disse, e Kit congelou. O sorriso de Darius brilhou na escuridão. — Abra a boca e não se mova.

Ah, porra. Isso foi excitante.

Kit sentou-se sobre os calcanhares e abriu a boca. Darius olhou para ele por um momento e então começou a se acariciar. A mente de Kit ficou felizmente quieta novamente.

Algum dia Kit teria que adorar adequadamente o pênis de Darius. Era lindo, escuro e grosso, chamando a atenção. Isso também era bom, saber que ele estava exatamente onde Darius o queria. Darius estava se divertindo ao ver Kit de joelhos. E ele estava prestes a marcar Kit como seu.

As câmeras não conseguiriam um ângulo claro disso. O corpo de Darius estava no caminho. Mas o pênis de Kit se mexeu ao pensar em James assistindo a filmagem depois.

— Feche os olhos, — Darius rangeu os dentes. Ele apoiou uma mão na lateral do carro, acima da cabeça de Kit.

Kit queria ver Darius chegar, mas queria ainda mais ser bom para Darius. Ele fechou os olhos pouco antes da primeira onda de esperma pousar em seu lábio inferior. Darius gemeu enquanto pintava o rosto de Kit com esperma. A maior parte pousou perto da boca de Kit, saboreando cada respiração dele. A última ejaculada estourou na bochecha de Kit. Escorria lentamente por sua bochecha.

Respirações fortes encheram a noite. Os olhos de Kit permaneceram fechados enquanto dedos quentes e pegajosos encontraram seu rosto

novamente. Darius raspou o esperma da bochecha de Kit e limpou-o na língua de Kit.

Kit engasgou, surpreso. Depois lambeu o resto do dedo de Darius.

Eles se limparam juntos em um dos chuveiros de hóspedes de James. Qualquer esperança que Kit tivesse de mais uma rodada foi frustrada por sua própria sonolência. Darius apenas o enxugou e beijou o topo da cabeça de Kit. Quando desceram novamente ao primeiro andar, Kit se aninhou no sofá e Darius começou a preparar o jantar.

Seus telefones tocaram ao mesmo tempo. Kit o agarrou da mesa de centro. — James está voltando.

— Isso foi rápido. Bom. — Darius veio da cozinha. — Antes que eu esqueça, eu tinha algo para você.

Kit se animou e estendeu a mão.

Darius pegou seu pulso e colocou uma pulseira de couro preto em volta dele. — Isso é confortável?

A pulseira se encaixou perfeitamente. Confortável o suficiente para não se mover muito, mas solta o suficiente para não irritar. Melhor ainda, não era couro preto liso como Kit supôs a princípio. Um arco-íris de pegadas circundava seu pulso.

— É perfeito. — Kit olhou para cima com desconfiança. — Este é um dispositivo de rastreamento?

Darius riu sem vergonha. — Deixe-me mostrar como funciona. Existem sensores de pressão sob o couro. — Ele se sentou ao lado de Kit e se inclinou para frente para bater o pulso na mesa de centro. — Toque duas vezes seguidas. Espere um segundo. Em seguida, toque novamente. Tente.

Deus. Este foi o terceiro dispositivo de rastreamento no corpo de Kit – e ele gostou. Ele nunca pensou que a vigilância pudesse ser tão

reconfortante, não quando valorizava tão desesperadamente a sua privacidade. Mas ele queria que Darius soubesse onde ele estava a cada momento, assim como James e Bishop.

Kit desdobrou as pernas para poder imitar os movimentos de Darius. Dois toques, espere, um toque. Na terceira batida, o telefone de Darius tocou agudamente.

Darius desligou o alarme. — Você pode usar isso se estiver em apuros. Deve ser difícil de fazer em caso de acidente, mas é fácil se você precisar.

— Você acha que vou precisar disso?

— Eu não sou paranoico. Apenas preparado. — Darius bagunçou o cabelo de Kit e depois voltou para a cozinha.

O telefone de Kit tocou novamente. Hiperconsciente do novo peso em seu pulso, Kit abriu a nova mensagem.

***Holden:*** *ei, docinho ;) meu amigo vai dar uma grande festa na próxima semana. Quer ser meu par?*

---

Pressionando o telefone contra o peito, Holden caiu de volta na cama e esperou. A paciência era uma de suas poucas virtudes, ainda mais admirável porque às vezes ele lutava tanto por ela. Mas hoje era fácil. Ele enviou um convite ao seu querido e, até que ele respondesse, Holden se deleitaria com uma doce expectativa.

Seu apartamento ficava em um dos bairros mais ruins fora do campus. Barato o suficiente para que ele pudesse escapar sem ter um colega de quarto. E talvez o mais importante? Estes apartamentos antigos eram alguns

dos únicos edifícios na área metropolitana de San Corvo que não tinham atualizado recentemente os seus sistemas de segurança.

O que significava que nenhuma das câmeras pertencia à San Corvo Security. Holden conhecia todos os pontos cegos para entrar e sair do prédio sem ser detectado.

Holden não sabia nada sobre o CEO da San Corvo Security quando escolheu o local, é claro. James Zhou – bilionário, assassino, ladrão de mortes e, o pior de tudo, namorando o amado de Holden.

Tudo isso surgiu mais tarde. Na época, Holden sabia a diferença entre câmeras boas e câmeras ruins. Todo o resto foi um acidente feliz.

Destinado.

Holden nunca acreditou em destino. Ele acreditava na humanidade confusa e na fome. Mas talvez houvesse um toque de magia orientadora no universo, afinal.

Talvez não. No final, isso não importava. Destino ou acidente, Kit pertencia a Holden.

Mesmo que Kit ainda não soubesse.

Na verdade, talvez Kit já soubesse. A maneira como Kit se agarrou a ele durante o beijo na biblioteca. A maneira como Kit deixou Holden marcá-lo. Nada tão intensamente doce poderia ser unilateral.

Logo, não haveria dúvidas sobre a quem Kit realmente pertencia. Holden só precisava ser paciente. Felizmente, ele conhecia bem o controle de suas obsessões. Mesmo que suas obsessões habituais envolvessem um pouco mais de sangue.

Ele virou a cabeça no travesseiro e olhou para a porta do espaço onde guardava os ossos dos dedos de Marco. Eles pararam de entretê-lo semanas atrás. Ele deveria se livrar deles discretamente em breve.

O telefone de Holden tocou em seu coração. Paciência recompensada. Ele se levantou e sentou-se nos travesseiros, saboreando a resposta exata que precisava.

***Querido:*** *sim*

Holden estava pronto para responder, porque não tinha intenção de jogar jogos bobos de cronometragem com seu querido e não tinha aversão a parecer muito ansioso. Mas antes que pudesse regar a conversa com emojis comemorativos, Kit mandou uma mensagem novamente.

***Querido:*** *hum, exceto, ok, isso pode ser estranho*

***Querido:*** *James também pode vir?*

***Querido:*** *ainda seria um encontro*

***Querido:*** *um encontro para você e eu, claro. só com James também lá*

***Querido:*** *James está nervoso por eu chegar perto do campus quando eles ainda não pegaram o assassino*

Holden olhou fixamente até que a tela escureceu automaticamente. Então sua cabeça bateu contra a parede e ele olhou para o teto.

O namorado de Kit iria atrapalhar o encontro deles... por causa dos crimes não resolvidos de Holden?

Holden retirou todas as coisas positivas que já havia pensado sobre o destino.

Seu telefone tocou novamente.

***Querido:*** *desculpe. claro que é uma má ideia. podemos ir para outro lugar outro dia?*

Não, não, não. A culpa surgiu em Holden, tão intensa que ele poderia engasgar. Seu silêncio perturbou Kit — um crime pior que um assassinato.

***Holden:*** *James pode vir! quanto mais melhor :D*

***Holden:*** *vou te enviar os detalhes ~*

**Digitar as mensagens doeu fisicamente, no fundo do peito de Holden. Mas a dor valeu a pena pela resposta aliviada de Kit. Holden deleitou-se com o resto da conversa. Kit pode estar namorando outras pessoas, mas agora, cada simples mensagem de texto o aproximava de Holden.**

Além disso, trazer James tornaria o plano de Holden ainda mais poético.

---

— Tem certeza de que vai ficar bem? — Kit perguntou, enganchando o tornozelo no de James. — Não creio que sirvam champanhe e caviar neste tipo de festa.

James revirou os olhos. — Por favor. Tenho ido a festas de fraternidade desde antes de você nascer.

Kit riu e encostou-se no ombro direito de James. Eles estavam no banco de trás de um dos carros de James, com Carla dirigindo do outro lado da divisória. Sem limusine desta vez. Conseguir um motorista para uma festa da faculdade já era excessivo.

Não é uma festa de fraternidade, de acordo com Holden. O amigo dele morava em uma república, seja lá o que fosse.

— Estou animado para conhecer melhor esse garoto Holden, — disse James. —Principalmente, porque só sei que ele gosta de morder quase tanto quanto eu, e Bishop não gosta dele.

Kit deu descarga no primeiro ponto. — Bishop não gosta da maioria das pessoas.

— Verdade. Uma jogada inteligente me convidando em vez disso. Além disso, todos os universitários sentiriam o cheiro do ex-policial nele.

Sim. Kit contou a Holden uma pequena mentira.

James não insistiu em ir ao encontro deles. Essa foi ideia de Kit. Não porque Kit se sentisse inseguro, mas pelo contrário. Com Smith morto, não houve mais ataques contra ele. Ninguém do passado de Kit sabia que ele estava em San Corvo.

Kit se sentia perigosamente seguro. Ele não estava acostumado com isso e não confiava em seu próprio julgamento quando se sentia tão confortável. Trazer James junto parecia inteligente.

— O quanto você gosta desse cara? — James perguntou do nada. Os semáforos e as luzes da cidade dançavam em seu rosto, mas seus olhos estavam escuros e fixos em Kit.

— Muito, — Kit respondeu finalmente. Ele quase perguntou se estava tudo bem, mas se conteve. Seu relacionamento com James era seguro o suficiente para que ele tivesse certeza de que James não ficaria bravo.

James pegou a mão esquerda de Kit e começou a brincar com os dedos. Os toques casuais foram aterradores. Íntimos. — Você gosta dele o suficiente para manter segredos dele?

Os lábios de Kit se separaram, em silêncio.

James acariciou seu pulso em seguida, deslizando lentamente a pulseira de rastreamento de Darius ao longo da pele de Kit. — Ou você gosta dele o suficiente para lhe contar segredos?

— Não vou colocar vocês em perigo, — disse Kit calmamente.

— Eu sei que você não vai. — James entrelaçou os dedos e apertou. Seu aperto era quente, mesmo quando o coração de Kit esfriou. — Mas podemos cuidar de nós mesmos. Holden pode?

Kit não conseguiu responder.

# 35

## Menino travesso.

A música ecoava pela casa à frente deles e o pavor circulou dentro do estômago de Kit. Ele desejou que James não tivesse dito nada no carro. Mas Kit também não podia culpar James por isso.

Esse era o problema. James tinha um argumento válido. Kit estava namorando um serial killer movido por vingança e um assassino profissional. Enquanto talvez flertasse com um detetive particular de assassinato.

— Porra, vou parecer um velho pervertido assustador aqui, — James murmurou.

— Sim, você vai. — Kit encostou-se nele. — Mas está tudo bem, porque você é *meu* velho pervertido assustador.

Trazer um estudante universitário comum para a vida de Kit foi, na melhor das hipóteses, irresponsável. Na pior das hipóteses, mortal. Kit ansiava pela vida normal que ele poderia fingir viver quando estava com Holden – mas Kit não podia mais ignorar seu próprio egoísmo.

Apesar de tudo, quando a porta da casa se abriu para a forma esguia de Holden, todo o pavor de Kit se transformou em borboletas. As luzes da festa de arco-íris dançavam atrás dele, deslizando sobre sua blusa branca folgada e seus braços nus e musculosos. Seu cabelo estava preso em seu coque habitual, e a mancha escura ao redor dos olhos poderia ser delineador.

Não tanto delineador quanto Kit usava esta noite. E a blusa de malha preta de Kit era muito mais justa que a de Holden.

Holden pareceu gostar tanto quanto James quando Kit desceu as escadas mais cedo.

— Olá, docinho. — Holden olhou Kit de cima a baixo e sorriu para James. — Suponho que não há chance de você nos deixar sozinhos? Prometo levá-lo para casa à meia-noite.

O sorriso de resposta de James foi perverso. — Sem chance. Kit não tem intenção de estar em casa à meia-noite.

Kit suspirou dramaticamente. — Culpado da acusação.

— Menino travesso, — Holden repreendeu, depois tocou o queixo de Kit. Um momento de contato visual ardente, antes de Holden dar uma leve provocação de beijo nos lábios de Kit.

Kit se conteve ao se inclinar para frente enquanto Holden se afastava. — Estamos bloqueando a porta, — Kit apontou.

— É, nós somos. — Holden gesticulou para que eles entrassem. — Deixe-me pegar uma bebida para vocês dois.

A música ficou mais alta quando eles entraram na casa. James colocou a mão na bunda de Kit e apertou. — Não se importe comigo. Não vou atrapalhar você. — Ele apertou com mais força, o suficiente para arrastar a calça jeans de Kit sobre seu pênis. — Kit vai me contar tudo mais tarde de qualquer maneira.

Holden sorriu por cima do ombro. — Devo me comportar da melhor maneira ou da pior?

Kit revirou os olhos e mostrou o dedo para os dois.

Aparentemente, uma república era uma casa muito grande, com muitas pessoas dentro. Mais ou menos como a casa do tio Ed, só que com mais estudantes universitários e menos heroína. Além disso, Ed poderia ter atirado em qualquer um que colocasse música pop tão animada em sua casa.

Holden os conduziu a uma sala com um balcão de madeira servindo de bar. Duas mulheres presidiam, uma delas preparando bebidas para a multidão à sua frente, a outra colocando mais... *alguma coisa* na enorme tigela de ponche. Holden passou direto pelo bar até os refrigeradores e entregou a Kit uma lata de cerveja gelada.

— E se eu quisesse o suco da selva? — Kit perguntou.

Holden encolheu os ombros e pegou uma cerveja para si. — Você queria uma cerveja.

Kit torceu o nariz. — Ok, claro. Você ainda poderia ter perguntado.

— Pode haver qualquer coisa naquela tigela. — Holden abriu sua própria cerveja. — É melhor pegar uma lata nova para saber que não foi adulterada.

— Estou começando a gostar de você, — James comentou, e Holden ergueu sua lata para brindar.

— Não é justo se unir a mim. Vocês podem voltar a discutir? — Kit reclamou, embora seu coração não estivesse muito entusiasmado com a brincadeira. Quanto mais James e Holden iniciavam uma conversa normal e brincalhona, com todos os empurrões e puxões de ciúme, mais Kit temia o quanto ele queria isso.

Tocando o cotovelo de Kit, Holden apontou a cabeça em direção a uma porta. — Vamos, docinho.

James ficou na sala, mexendo em seu telefone, enquanto Holden conduzia Kit para dentro da casa. A própria imagem de um namorado casual – exceto que Kit apostaria seu jeans apertado furado favorito que James estava abrindo seu aplicativo de rastreamento.

E Kit era uma aberração total, ficando todo aquecido e confuso com isso.

Holden fez uma pausa no corredor. — Ei, pergunta. — Eles ainda mal estavam à vista de James, dependendo do fluxo de estudantes universitários trôpegos e risonhos entre eles. O olhar de Holden traçou Kit como uma mão errante. — Posso beijar você?

As borboletas quentes de Kit foram incineradas em algo muito mais quente. Ele lambeu os lábios, chamando intencionalmente a atenção de Holden, e disse: — Por favor.

Por que se namorar Holden era uma má ideia?

Kit precisava aproveitar ao máximo o que pudesse conseguir.

Holden empurrou Kit contra a parede. Erguendo a cerveja, ele acariciou o queixo de Kit com os nós dos dedos frios e úmidos. Uma gota de condensação desceu pela garganta de Kit enquanto Holden cobria os lábios.

Kit gemeu durante o beijo, dividido entre as sensações de calor e frio. A outra mão de Holden estava tão quente escorregando pelo braço de Kit. A lata de cerveja de Kit enrugou levemente em seu aperto enquanto Holden acariciava seu pulso e dedos. Então Holden agarrou a mão de Kit, com cerveja e tudo, e pressionou-a contra a parede.

No momento em que Holden se afastou, Kit estava sem fôlego.

— Quer ir para a pista de dança ou subir as escadas? — Holden murmurou.

Dançar era definitivamente um não. — O que há lá em cima?

O sorriso de Holden se alargou. — Algum lugar tranquilo, para que possamos... conversar.

Todo o corpo de Kit zumbiu, atraído magneticamente em direção a Holden. Ele tomou um gole de cerveja e o líquido frio apenas intensificou o calor, em contraste. — Lá em cima parece bom.

Holden deslizou um braço em volta da cintura de Kit e o conduziu escada acima.

Eles desviaram para um quarto coberto de pôsteres de mulheres nuas. Kit quase protestou contra a decoração era desagradável – não havia nada de errado com outras pessoas gostarem de mulheres, Kit simplesmente não conseguia se identificar.

Mas Holden mal o apalpou contra a porta do armário antes de pescar um pacote de seis limonadas fortes em uma mini geladeira. — Meu amigo me deixou esconder isso aqui. Vamos, estamos indo para o telhado.

O telhado era ao mesmo tempo menor e mais impressionante do que Kit esperava. Menor, porque o pátio da cobertura era usado principalmente como depósito, com pilhas de móveis quebrados e outras tralhas. Mais porque a vista do céu noturno de San Corvo era de tirar o fôlego.

Holden largou o pacote e encostou-se na grade. Kit se inclinou ao lado dele, sem tocá-lo.

— Obrigado por ser legal com a companhia de James, — disse Kit. — Eu sei que não é realmente normal.

— Ser poli[13] é normal, — destacou Holden. — Não estou acostumado e fiquei com ciúmes pra caramba por um minuto, mas é normal.

A correção surpreendeu Kit. Ok, sim. Namorar várias pessoas pode ser a coisa mais normal na vida amorosa de Kit.

— Só por um minuto? — Kit perguntou curioso.

— Dê-me um pouco de dignidade, ok? — Holden cutucou o ombro de Kit. — De qualquer forma, entendo por que ele estava preocupado, com todo o assassino à solta.

Kit derrubou a cerveja. Quase não sobrou nada. — Ele é muito protetor.

[13] Poliamor. Quando uma pessoa ama mais de uma pessoa ao mesmo tempo e mantém relações com elas.

Deus. Isso parecia tão insuficiente. James atirou em um homem por Kit.

Mas Kit nunca poderia dizer isso a Holden.

— Como vai o caso, afinal? — Holden perguntou. — Aquele detetive ainda está investigando ele?

— Bishop ainda está trabalhando nisso. — Kit não deveria estar falando sobre isso com ninguém além de Bishop, mas ele poderia manter os detalhes vagos. Além disso, Holden estava lá quando Kit conversou com Joyce. — Pelo menos ninguém mais morreu. A menos que ele tenha se mudado para outro lugar.

— Ele? — Holden perguntou.

— Acho que estou fazendo uma suposição.

Holden pegou a lata vazia de Kit e jogou-a em uma lixeira próxima. — Um pouco estranho que ele tenha parado, não é? Fiz um curso sobre perfis criminais no semestre passado, e os serial killers tendem a piorar, a menos que algo os interrompa.

Kit se aproximou de Holden, diminuindo a diferença entre seus braços nus. — Não necessariamente.

— O que você quer dizer?

Kit ergueu os olhos, mas na penumbra dos postes de luz próximos, ele não conseguiu ler a expressão de Holden. Tudo o que ele viu foi um pouco de brilho no delineador de Holden. — O problema de traçar perfis de assassinos é que tudo se baseia em um tipo de assassino. Do tipo que foi pego.

Holden inclinou a cabeça para trás. — Sabe, esse é um ponto fantástico. Como você entrou nesse tipo de coisa, afinal? Bishop tipo... colocou um anúncio de procura-se ajudante?

O que era uma pergunta totalmente normal. Mas, de repente, a exaustão atingiu Kit. Ele se abraçou, balançando ligeiramente no lugar com a horrível compreensão.

Ele não poderia fazer isso.

Kit já tinha muitos segredos para guardar. Ele não poderia se disfarçar de humano normal para Holden, acima de tudo. E Kit recusou-se a arrastar Holden para o submundo assassino.

— Você está bem? — Holden se moveu na frente de Kit. Sua sombra bloqueou as estrelas.

— Não, — Kit sussurrou. — Holden, é uma merda fazer isso agora. Nós não deveríamos nos ver.

Holden congelou. — O que você está dizendo?

Kit se abraçou com mais força para não estender a mão egoisticamente. — Eu não sou bom para você.

— Você está terminando comigo. — Holden deu um passo para trás e esfregou a mão no rosto. — Porra. Eu não esperava isso. Porra, isso é estranho.

A tontura tomou conta de Kit. — Desculpe.

Tardiamente, Kit lembrou que romper com um homem que ele mal conhecia em um local remoto e isolado era uma má ideia. Mas Holden não parecia zangado. Pelo contrário, ele parecia chocado. Como se fosse ele quem estivesse machucando Kit, e não o contrário.

— Não, querido, não se desculpe. — Holden entrou novamente no espaço pessoal de Kit, e Kit não conseguia se lembrar de quando ele se aproximou. — Eu só preciso que você saiba que nada disso é vingança por você ter terminado comigo, ok?

Kit não entendeu. — O quê? — Ele perguntou, ou tentou. Sua voz parecia muito pegajosa e baixa em sua garganta.

— Eu não sou esse tipo de cara. — O sorriso de Holden estava mais frio do que Kit jamais tinha visto. — Sou um tipo de cara muito diferente. Mas não estou bravo porque você me largou. Não se trata disso.

A voz de Holden ecoou e diminuiu, como se viesse de longe. Kit mal ouviu sua própria pergunta. — Sobre o que você está falando?

Dedos quentes traçaram a pele úmida de Kit, e palavras amorosas penetraram na consciência turva de Kit.

— Querido, querido. Já te droguei há dez minutos.

# 36

## Desejo tão claro e perigoso

Kit não entendeu a princípio. Mas Holden olhou para ele com um desejo tão claro e perigoso.

Drogado.

Holden o drogou.

Era por isso que a cabeça de Kit estava girando.

— Por quê? — Kit perguntou, a droga silenciando seu choque. Ele pegou o telefone, mas seu bolso estava vazio. Onde estava o telefone dele?

— Shhh, está tudo bem. — Holden agarrou as mãos de Kit, presas entre elas. — Você não precisa do seu telefone.

O aperto de Holden era suave. Quase acariciando os dedos de Kit. Mas seu aperto gentil poderia muito bem ser algemas de aço. Kit estava fraco demais para lutar. Ele estava fraco demais para pensar com clareza.

O bracelete. Kit precisava bater no bracelete e Darius o ajudaria. Mas Kit não conseguia mover as mãos.

Kit não conseguia nem manter os olhos abertos. A escuridão tomou conta dele e os doces murmúrios de Holden se transformaram em silêncio.

---

Holden queria protelar. O momento foi perfeito – céu limpo acima e a música distante apenas enfatizava a solidão perfeita do telhado. O corpo pequeno e perfeito de Kit derreteu completamente nos braços de Holden.

Mas o plano exigia que Holden agisse rapidamente. Ele só se permitiu roçar o cabelo macio de Kit enquanto acariciava seu querido.

Ele já havia deixado o telefone de Kit no quarto do amigo. Pegar o telefone foi fácil, pela forma linda como Kit respondeu ao beijo. Ele se jogou totalmente nisso, completamente absorvido. Tirar o telefone do bolso foi tão fácil quanto colocar a droga na cerveja.

Agora, aquilo foi uma correria. Assumindo o controle de Kit bem na frente de James Zhou. A única coisa melhor seria se aquele maldito detetive também estivesse lá. Holden sorriu acima da cabeça caída de Kit.

James se lembraria daquele momento pelo resto da vida.

Holden encontrou um objeto estranho no bolso de Kit. Uma moeda preta pesada com borda de aço. Holden não tinha certeza do que era, o que era preocupante. Por segurança, ele colocou-a no próprio bolso. Ele se livraria disso ao sair.

Relutantemente, Holden colocou Kit no chão, apoiando-o contra a grade. Ele teve que limpar algumas evidências antes de levar Kit pelos fundos. Antes de calçar as luvas, Holden acariciou a garganta delgada de Kit novamente.

As aulas de medicina forense de Holden nunca falavam sobre como os momentos tranquilos de um crime poderiam ser lindos.

O pulso de Kit estava tão doce e constante. Cada respiração sua estava inteiramente sob o controle de Holden. A luz fraca suavizou suas feições, e Holden imaginou que Kit ficaria assim depois do sexo. Fodido e sonolento, vulnerável e flexível. Isso só seria melhor se Kit estivesse acordado, observando Holden com aqueles lindos olhos verdes.

Talvez Kit sorrisse suavemente, apenas para Holden.

Se ao menos Holden pudesse ter toda a atenção de Kit o tempo todo. Se ao menos Kit não esperasse que Holden compartilhasse. Holden não culpou Kit, no entanto. Não era culpa de Kit ser tão perfeito, de tantas pessoas o quererem.

Holden nem culpou Kit por terminar com ele hoje. É claro que Kit ainda não entendia Holden, porque Holden tinha que esconder muitos segredos dele.

Tudo acabou agora. Não há mais segredos. Não há mais engano.

E apenas um último assassinato.

---

— Isso é tudo que tenho hoje, — disse Bishop. — Me desculpem, não tenho mais novidades para vocês.

Ele sentou-se numa poltrona de couro e o Sr. e a Sra. Wellington dividiam o sofá à sua frente. Bishop costumava encontrá-los no quarto de hotel, mas há algumas semanas eles alugaram esta casa para ficar em San Corvo até que o assassinato do filho fosse resolvido.

Infelizmente, estava começando a parecer que eles ficariam aqui por um tempo.

Sr. Wellington balançou a cabeça. — Não se desculpe. Você já fez muito por nós. Para Tim…

Seu rosto se contraiu e sua esposa deslizou o braço atrás dele.

Bishop desviou o olhar para lhes dar um pouco de privacidade. Ele odiava essas conversas. As atualizações sem notícias. Famílias decepcionantes nunca ficavam fáceis. Era quase pior quando eles estavam entendendo assim. Bishop sabia como lidar com os irritados.

É claro que Bishop teve mais progresso no caso da SCU do que foi capaz de compartilhar com os Wellington. Na maioria de seus trabalhos, Bishop não assassinou acidentalmente seus principais suspeitos.

— Sério, Matthew, não sei onde estaríamos sem você, — disse a Sra. Wellington. — Só o fato de a polícia estar levando Timothy a sério agora é muito importante para nós.

Sr. Wellington assentiu e levantou-se. — Não sei onde estaríamos agora se não tivéssemos ouvido seu nome.

Reunindo suas coisas, Bishop fez uma pausa. — Onde você ouviu meu nome, afinal? Recebo a maioria dos meus clientes do estado.

— Um dos amigos de Timothy, não é? — Sr. Wellington cutucou a esposa. — Nos deu um cartão de visita.

Sra. Wellington contemplou enquanto ajeitava o vestido. — Sim, nós o encontramos no café do campus, quando você estava me comprando aquele café com leite horrível.

— Depois que você gritou com o chefe de polícia, sim, — disse o Sr. Wellington disse com aprovação.

— Fui firme com ele. Você tem que ser firme com essas pessoas. — Sra. Wellington estalou os dedos. — Holden!

A atenção de Bishop se aguçou.

— Holden Radley, esse era o nome dele. — Sra. Wellington sorriu. — Um garoto tão legal.

A inquietação percorreu a nuca de Bishop. O instinto repentino e inegável de que algo estava errado. Por que um estudante universitário normal estaria distribuindo o cartão de visita do Bishop?

Poucas semanas antes daquele estudante universitário normal começar a namorar o… antes de Holden começar a namorar Kit?

Bishop despediu-se de seus clientes com um sorriso tranquilizador e depois fugiu para casa no piloto automático. A tranquila rua suburbana estava vazia e escura. Bishop jogou sua pasta no carro e estava ligando para James no viva-voz antes mesmo de fechar a porta do carro.

James respondeu imediatamente, meio gritando por cima da música. — O que está errado?

— Onde está Kit agora? — Bishop exigiu, abrindo seu aplicativo de rastreamento.

— Ele está em um quarto no segundo andar. — A música ficou mais baixa e a voz de James ficou mais clara. — Estou surpreso que eles tenham chegado tão longe. Holden parecia querer foder Kit bem no bar. Talvez eu faça isso quando eles terminarem.

O círculo de carregamento girou em torno do aplicativo de rastreamento enquanto James falava. Então piscou em vermelho e um anúncio apareceu:

*Dispositivo desconectado*

— James, — Bishop disse bruscamente, ligando o carro. — Fique de olho nele agora. Algo está errado.

— É pra já. — A voz de James gelou. — Ligue para Darius.

A música ficou mais alta e depois foi interrompida quando James desligou. Bishop pisou no acelerador e mal hesitou antes de virar à esquerda no próximo cruzamento.

Virar à direita era o caminho mais rápido para o campus, mas sua casa não ficava longe. O instinto disse a Bishop que ele iria querer mais algumas armas para isso.

A mente de James disparou, mas ele se forçou a se mover com cuidado. Música e risadas pulsavam na escuridão. Este era um ambiente desconhecido, repleto de pessoas desconhecidas. Ele não ajudaria Kit entrando em pânico.

Mesmo que todos os seus nervos gritassem alarme. Mesmo que seus pulmões se contraíssem, as paredes sujas fechando-se ao seu redor como se ele não estivesse em uma república lotada. Ele estava enrolado em um armário, sufocando sob os casacos de inverno, enquanto todos que ele amava morriam.

James sacudiu as lembranças enquanto subia a escada. Ele queria uma arma, mas a garrafa em sua mão funcionaria como arma se ele precisasse. Vidro quebrado pode causar muitos danos.

O segundo andar da república era mais silencioso. Não houve nenhum barulho atrás da porta do quarto para onde o aplicativo de rastreamento de James o levou. James exalou, preparando-se – então chutou a porta.

Uma garota no corredor gritou: — Que porra é essa, cara?

James a ignorou, concentrado inteiramente... no quarto vazio e silencioso. Cartazes de estrelas pornôs escritos nas paredes. Roupas espalhadas pela cama desfeita. Um bongo quebrado estava ao lado de um bongo intacto em cima do frigobar.

O celular de Kit estava na mesa de cabeceira. Mas o próprio Kit não estava à vista.

Kit nunca deixaria seu telefone de propósito.

O pânico de James se cristalizou em algo mais agudo, mais frio. Ele não deveria ter tirado os olhos de Kit. Isso foi culpa dele. Mas ele iria se despedaçar de culpa mais tarde. Agora, ele tinha apenas dois objetivos.

Encontrar o namorado dele e matar Holden Radley.

James enfiou o telefone de Kit no bolso da jaqueta e tirou seu próprio telefone para enviar uma mensagem de voz para Bishop e Darius.

---

Darius ainda estava ao telefone com Bishop quando o áudio de James chegou. Ele ouviu junto com o eco do lado de Bishop, claro através de seu fone de ouvido.

— Kit não está com o telefone. Estou revistando a casa. Venham aqui agora.

James tinha aquele tom de voz que deixava Darius nervoso. Levar aquela energia furiosa e pessoal para o trabalho era perigoso.

Darius empurrou seu próprio medo para o fundo, para fora do caminho, onde não pudesse tropeçar nele. Ele reprimiu seu alívio também – estar preparado para isso era bom, mas Darius desconfiava tanto das emoções positivas quanto das negativas. Qualquer uma delas poderia atrasá-lo.

O telefone de Darius tocou novamente com uma mensagem informando o endereço.

— Você acha que esse garoto, Holden, é o responsável? — Perguntou Darius, colocando uma arma no coldre lateral. Bishop e James pareciam certos de que Holden Radley era o culpado. Darius confiava no julgamento deles, mas não gostava de fazer suposições.

Poderia ser um dos inimigos de Darius. Um dos inimigos de James. Porra, isso poderia estar relacionado ao ataque que Kit jurou que não era mais um problema. O que significaria que a culpa era de Darius por acreditar em Kit.

Darius não conseguia pensar nisso agora. O arrependimento era um luxo. Ele mandou uma mensagem de texto para sua irmã com uma frase em código – não, um sinal de evacuação. Apenas uma nota para estar preparada: *Ei, pode ser tarde na próxima semana.*

Apenas no caso de a ameaça não se limitar a Kit.

— Acho que quero ter uma conversa com ele, — Bishop disse em resposta. — Estou quase na minha casa. Você vai encontrar James?

Darius colocou outra arma no coldre do outro lado e depois trocou os aplicativos do telefone. — Não. Porque Kit não está mais nesta festa.

— O quê? — Bishop exigiu.

— Eu te ligo de volta. — Darius pegou as chaves e foi até a porta.

Ele manteve metade de sua atenção nos arredores, a outra metade nos ícones piscantes na tela do telefone. O rastreador da pulseira movia-se de forma constante, seguindo o limite de velocidade. Parando nos sinais, e abrandando com trânsito ocasional.

O complexo de apartamentos estava quase vazio. Seus vizinhos não eram um grupo aventureiro de fim de noite. Darius ainda esperou até estar em segurança em seu carro, onde ninguém pudesse ouvi-lo, para ligar de volta para Bishop – desta vez, acrescentando James à ligação também.

— Não se preocupe com a casa, — Darius disse sem preâmbulos. Ele saiu de sua vaga de estacionamento. — Kit está em um veículo, seguindo para o norte ao longo da Cypress.

Houve uma pausa, antes de James dizer: — Você está rastreando meu namorado?

— Estou rastreando *meu* namorado, — Darius disse facilmente – só percebendo seu erro quando já era tarde demais.

James deve estar realmente preocupado. Ele não percebeu isso por dois segundos inteiros. — Namorado? — James brincou, embora sua tensão ainda vibrasse no telefone. — Vou contar a Kit que você disse isso.

Bishop interrompeu. — Diga a Kit o que você quiser, assim que *o encontrarmos*. Darius, onde ele está agora?

Darius fez um cálculo rápido. — Saindo da Cypress, a oeste na Gearing. Bishop, você é o mais próximo. James, câmeras.

— Entendi, — James disse, e Darius teve que reprimir sua preocupação novamente. James estava muito assustado com o desaparecimento de Kit para se irritar com Darius dando-lhe ordens.

— Estou saindo agora, — disse Bishop. — Darius, você pode compartilhar sua tela?

Darius fez isso com alguns movimentos rápidos. A ligação caiu em silêncio e Darius desejou que James contasse algumas piadas. Que dissesse algo chocantemente inapropriado.

Qualquer coisa para tornar mais fácil afastar o medo.

---

Quando Bishop entrou no estacionamento, apenas quatorze minutos se passaram desde que ele percebeu que o rastreador falhou.

O poste de luz mais próximo piscava a cada dez segundos, espalhando sombras nesta extremidade do estacionamento. Muita luz brilhava na enorme farmácia 24 horas que dominava o shopping, mas as sombras ainda pareciam mais fortes.

Vários outros carros estavam parados perto da farmácia. Nas sombras, havia apenas dois. O carro do Bishop e o do seu alvo.

Bishop exalou e fechou a porta do carro. Seu alvo esperava a uma fileira de distância, um sedã escuro e brilhante ocupando duas vagas de estacionamento diferentes.

— Estou de olho em você, — disse James no fone de ouvido de Bishop. — Local bastante público para um tiroteio.

— Você deveria esperar por reforços, — acrescentou Darius.

Se Bishop pensasse que estaria prestes a participar de um tiroteio no estacionamento de uma farmácia, ele ouviria Darius. Mas o estômago de Bishop afundou com o movimento atrás das janelas do sedã. Havia pessoas lá dentro – muitas pessoas.

— Eu não preciso de reforços, — disse Bishop enquanto quatro jovens seminuas saíam do sedã.

A motorista estava sóbria e perto de acabar com essa merda. Ela tentou encurralar suas amigas bêbados até a farmácia – mas foi surpreendida pela loira com uma minissaia brilhante. Minissaia Brilhante passou os braços em volta do pescoço da motorista e deu um beijo em sua bochecha.

Bishop praguejou baixinho.

Ao redor do pulso de Minissaia Brilhante havia uma pulseira preta e arco-íris. Exatamente como Darius descreveu.

— Bem, porra, — disse James, vigiando o CCTV.

— Situação? — Darius perguntou.

— Ele está à nossa frente. — Bishop tirou uma foto da placa do sedã. Seus pensamentos correram e se debateram ao mesmo tempo, colidindo uns contra os outros. — Kit não está aqui. Outra pessoa está usando a pulseira de rastreamento.

O silêncio está do outro lado da linha.

— Vou questionar as meninas. Vocês dois, me encontrem na minha casa. — Medo e determinação guerrearam no coração de Bishop. — Holden é mais inteligente do que eu pensava. Precisamos de um plano. Ou ainda temos tempo ou…

Darius terminou o que Bishop não conseguiu dizer: — Ou já é tarde demais.

Dezesseis minutos agora. Quem sabia quanta vantagem Holden tinha antes de Bishop perceber que havia um problema. Ou Kit ainda estava vivo ou já estava morto.

— Temos tempo, — James disse, e Bishop quis acreditar nele.

Porque tudo em que ele conseguia pensar era em sentar-se no chão da cozinha. Kit encostado nele. Pedaços despedaçados de seu passado se espalhando ao redor deles. Vulnerabilidade oferecida como um presente.

Bishop quase beijou Kit lá. Neste momento, sozinho sob a luz bruxuleante da rua, Bishop desejou ter cedido.

# 37

## Não consigo pensar direito sobre você.

A escuridão rasgou. Kit flutuou dentro de si, preso entre o nada e o medo. Ele ainda não conseguia abrir os olhos. Se ele abrisse os olhos, algo ruim aconteceria.

Se ele continuasse dormindo, não precisava ter medo.

Mas a escuridão não conseguiu proteger Kit de todo o resto. A consciência atravessou a tensão em seus ombros. Ligações puxavam os pulsos de Kit para trás das costas. Mais amarras apertaram seus tornozelos.

O tecido enrolado irritava sua pele, onde a blusa de malha subia sob as costelas.

Kit estava deitado de lado, no que parecia ser um colchão vazio. Exceto sua bochecha pressionada contra um travesseiro, úmida sob a boca. Havia algo estranhamente familiar em seu entorno.

Contusões leves doíam em volta dos ombros e joelhos. Não tantos quanto Kit esperava. Nada doía por dentro e as roupas de Kit estavam intactas, mas a náusea embrulhou seu estômago ao pensar nisso. Ele deveria estar aliviado por seu sequestrador não tê-lo estuprado enquanto ele dormia?

O homem poderia ter feito qualquer coisa.

Passos ecoaram pela sala, viajando de um lado para outro. Vai e volta. O sequestrador de Kit estava no quarto com ele.

Holden.

Holden o drogou e sequestrou. Esse fato sacudiu todo o corpo de Kit, pontas afiadas tirando sangue onde quer que fossem atingidas. Fechar os olhos não afastou a dor, afinal.

Kit abriu os olhos e se encolheu diante da luz.

Então seus olhos se ajustaram e ele estremeceu novamente. Holden andava pela sala, de cabeça baixa, um leão espreitando com um moletom folgado da SCU.

O quarto era um esconderijo comum no porão. Um sofá contra uma parede. Uma geladeira contra outra, desligada. Um tapete felpudo e chutado, formando uma pilha amarrotada, fora do caminho. Prateleiras de metal, com seu conteúdo vasculhado e espalhado.

Ordinário. Exceto que Kit conhecia este quarto. Este era o porão do tio Ed. Mas esta cama não deveria estar aqui. Essa cama deveria estar lá em cima, no quarto de hóspedes onde Kit dormia.

A realidade onírica envolveu Kit como uma rede. Amarrou-o com mais força do que as algemas em seus pulsos ou a corrente que amarrava seus tornozelos aos pés da cama.

Kit estava de volta ao ponto de partida.

Por que Holden o trouxe aqui?

Do outro lado da sala, Holden encontrou os olhos de Kit. Ele parou e um sorriso quebrou a máscara vazia de seu rosto. — Querido. Você está acordado.

Kit engoliu em seco, com a garganta seca demais para responder, mesmo sabendo o que dizer.

Holden pegou algo nas prateleiras de metal. Uma arma elegante e escura. Ele a largou novamente, estremeceu e se aproximou da cama com as mãos vazias. — Sinto muito, Kit. Eu não queria que fosse assim.

Cada músculo do corpo de Kit ficou tenso, preparando-se para uma luta inútil. Mas Holden se ajoelhou ao lado da cama, mais perto do nível dos olhos, sem tentar tocá-lo.

A pergunta de Kit foi pouco mais que um sussurro: — Por que estou aqui, Holden?

— Sinto muito, — disse Holden novamente. — Eu não consigo pensar direito sobre você. Eu quero você demais.

Aquele olhar nos olhos de Holden era familiar. Fome, necessidade, um momento antes de se beijarem na biblioteca. No momento seguinte, quando o sangue de Kit cantou de desejo.

Agora, apenas o pânico corria nas veias de Kit. Punhos puxando contra suas amarras, Kit encontrou sua voz. — Não estou perguntando por que você me levou. Por que estou *aqui*, Holden? — Os olhos de Kit queimaram. — Por que estamos neste porão? Por que a porra da minha cama está aqui?

Holden piscou, balançando sobre os calcanhares. — Esta é a sua cama?

— Não se faça de bobo, — Kit cuspiu, meio comando e meio apelo. — Me diga quem você é. — Kit tentou sentar-se, mas a corrente em volta dos tornozelos o desequilibrou. — Quem mais está aqui?

A testa de Holden franziu-se com algo parecido com preocupação. — Ninguém mais está aqui, querido. Somos só você e eu. — Ele estendeu a mão e então fez uma pausa, seus dedos a poucos centímetros do rosto gelado de Kit. — Desculpe. Se eu soubesse que este lugar iria te chatear, eu teria levado você para outro lugar.

— Você não quer me chatear, — Kit repetiu, inexpressivo.

Holden acenou com a cabeça, como se isso fosse normal, não uma loucura. — Só trouxe você aqui porque a casa está vazia. A polícia limpou a cena do crime semanas atrás. Trouxe esta cama para baixo porque a maioria

das outras estava coberta de sangue. — Ele suspirou. — E suponho que seja poético. Este é o primeiro lugar que vi você.

Impossível.

Kit se lembraria de Holden em uma das festas do tio Ed, certo?

— Não me lembro disso. — Kit se sentiu muito pequeno e indefeso, deitado conversando com Holden. Mas pelo menos Holden estava ouvindo. Talvez Kit pudesse escapar dessa situação. — Posso sentar?

Holden se levantou. — Posso te ajudar.

— Eu não preciso de ajuda. — Kit se preparou para Holden tentar de qualquer maneira.

Mas Holden manteve distância, observando enquanto Kit se empurrava desajeitadamente de bunda e depois recuava para se apoiar na parede. A pressão doía em seus ombros e ele teve que dobrar os pés para o lado.

O coração de Kit caiu. O movimento deixou duas coisas claras. A moeda de rastreamento de Bishop sumiu de seu bolso e a pulseira de Darius sumiu de seu pulso. Holden já havia pegado o telefone na festa.

Seus homens o encontrariam. Kit tinha certeza disso. A questão era se eles o encontrariam antes ou depois de Holden matá-lo.

Holden não disse nada sobre matá-lo, mas Kit não era estúpido. Havia apenas alguns motivos para drogar alguém, sequestrá-lo e acorrentá-lo a uma cama.

O final tornava-se óbvio quando a vítima conseguia reconhecer e identificar seu sequestrador.

— Quando você me viu pela primeira vez? — Kit perguntou.

Holden sentou-se na beira da cama. — Eu estava lá fora. Eu estava seguindo Ed e vi Bishop levar você embora. Sua mão ficou tensa, agarrando o colchão. — Eu mal vi você. Eu era tão míope.

Kit lutou para segui-lo. — Você estava seguindo Ed? Ed Addersen?

— Ele seria minha primeira morte. Bishop o roubou de mim. — Holden olhou para cima, os olhos vermelhos sob a mancha de delineador. — Fiquei furioso, mas não me importo mais com ele. Agora eu tenho...

Agora Holden tinha Kit.

— Por que você queria matar Ed? — Kit perguntou. As peças começaram a se encaixar. — Joyce nos contou que estava vendendo pornografia de vingança. Você o matou por isso?

— Eu não me importei com isso. — Holden encolheu os ombros. — Quer dizer, isso tornou tudo mais fácil. Ed era uma escória e ninguém sentiria falta dele. Mas eu queria matá-lo porque ele ocupou minha vaga uma vez, quando visitou Timothy no semestre passado.

O silêncio caiu, antes de Kit cair na gargalhada.

A histeria caiu sobre ele e Kit só pôde se render. Cada chiado ofegante puxava seus pulsos contra as algemas. Seus olhos arderam. Ele não conseguia respirar. Ele não conseguia parar.

Holden ficou de pé, pairando sobre a histeria de Kit. — Querido, querido. Não fique chateado. Respire, querido.

Porra. Isso era tão estúpido.

Holden não era parente de papai, Smith ou tio Ed. O puro acaso jogou Kit no caminho de Holden e os arrastou para este momento. Kit iria morrer neste porão, embaixo da mesma casa onde passou tantos meses, perdido em sua névoa de drogas e depressão.

Como se ele nunca tivesse escapado de seu passado, afinal.

Uma parte doente e cruel de Kit esperava que papai descobrisse o que aconteceu esta noite. Esperava que isso o deixasse louco.

Holden se ajoelhou na cama, mas parou novamente antes de tocar em Kit. O ar esquentou entre eles e a risada de Kit se transformou em suspiros. Kit fechou os olhos antes de começar a chorar. Era horrível como parte de Kit ansiava que Holden diminuísse a distância.

Como Kit precisava dos braços de Holden ao seu redor.

— Eu terminei com você porque você era normal. — Kit não conseguia enxugar os olhos com as mãos amarradas nas costas. Ele olhou para cima, tentando ler o rosto de Holden. — Apenas um estudante universitário normal. Eu não queria que você se envolvesse comigo. Quem é você realmente?

Holden estendeu a mão. Parou. Quando Kit não se encolheu, ele esfregou o polegar sob o olho esquerdo de Kit. Depois, o olho direito de Kit. Seu toque ardia quente através da umidade.

— Sou um estudante universitário normal. — Holden lambeu as lágrimas de Kit do polegar, os olhos se fechando de prazer. — Eu só queria matar pessoas desde os cinco anos de idade.

— Você vai me matar, — disse Kit, porque gostava de ser claro.

— Sim, — disse Holden. — Eu tenho que matar.

Kit quase riu de novo. Que absurdo discutir sua própria morte com seu futuro assassino.

Eles se sentaram juntos no colchão nu como se estivessem trocando segredos em uma festa do pijama. O tipo de festa do pijama em que o convidado tinha as mãos e os pés amarrados e o anfitrião mantinha uma arma do outro lado da sala.

Mas não havia nada de absurdo na intensidade dos olhos de Holden.

A memória queimou na garganta de Kit. Ele nunca teve essa conversa com o primeiro homem que quis matá-lo.

Não. O estômago de Kit revirou, algo dentro dele se rebelou com a comparação. Holden era diferente. Holden tinha que ser diferente. Certo?

As diferenças importavam, quando Holden ainda iria matá-lo?

Holden tocou o ombro de Kit. O calor de sua mão derramou-se pela pele nua de Kit. — No que você está pensando, querido?

Kit estremeceu. — Você realmente quer saber?

O sorriso de Holden estava tão brilhante como sempre. — Eu quero saber tudo sobre você.

Um sorriso tão lindo. Olhos castanhos tão magnéticos. Holden era diferente agora – não fingia ser normal. Mas ainda havia vestígios claros do homem que Kit pensava conhecer.

— O que aconteceu com você? — Kit perguntou. — O que o tornou assim?

Holden sentou-se na cama. Os sessenta centímetros extras de espaço não pareciam nada quando seu olhar percorreu cada centímetro de Kit. — Você está ganhando tempo, meu adorável anjo?

— Isso seria inteligente, não seria? — Kit murmurou, e Holden teve a ousadia de rir. — Quanto tempo nós temos?

— Eu não sei, — disse Holden. — Depende de quão inteligente é o seu detetive e de quão bem eu evitei as câmeras de James.

Porra. O coração de Kit afundou. Holden fez sua pesquisa. — Não quero falar sobre eles.

Foi a coisa certa a dizer. Um sorriso selvagem se espalhou pelo rosto de Holden. — Nada aconteceu para me deixar assim. Minha família é tão legal e normal que é insuportável.

Kit não estava ganhando tempo. Ele queria saber como ele entendeu Holden tão errado. E de alguma forma, o som da voz de Holden era reconfortante. Acalmando a dor terrível de estar de volta a esta casa.

Sim, Holden o trouxe aqui. Mas Holden não sabia.

Kit acreditava que Holden não sabia.

— Mamãe me encontrou decapitando meus brinquedos quando eu tinha cinco anos, — continuou Holden. — Ela não gritou nem nada, mas eu sabia que estava em perigo.

— Como se ela fosse machucar você? — Kit perguntou.

Holden balançou a cabeça. — Não esse tipo de perigo. Tipo, perigo existencial. A parte de mim que queria machucar as pessoas... eu sabia instintivamente que se mamãe e papai vissem essa parte de mim, eles tentariam me consertar.

— Então você se esconde.

— Eles fizeram tudo certo. — Holden se moveu e Kit se encolheu – mas Holden estava pulando no chão. Ele andava enquanto falava. — Eles me inscreveram em sessões com uma terapeuta simpática e competente, e ela me ensinou como me esconder. Ela não percebeu que era isso que estava fazendo, mas eu pude me adaptar e responder de acordo com suas reações. Aprendi como me comportar para que ela dissesse aos meus pais que eu era normal.

— Normal, — Kit repetiu.

Holden bateu em sua cabeça. — Mantive tudo aqui, esperando, até estar pronto.

— Então Bishop matou Ed antes de você, — disse Kit, então ficou tenso. Talvez ele não devesse ter mencionado nenhum desses nomes.

Mas Holden simplesmente parou de andar e pareceu contemplativo. — Você conhecia Ed?

— Por muito pouco.

— Você está triste por ele estar morto?

Oh. Aqui estava a parte em que Kit também não era normal. — Não.

— Não quero que você fique triste, — disse Holden, com tanta seriedade que Kit acreditaria nele sem as correntes em volta dos pulsos.

Deus, Kit estava fodido. Talvez ele acreditasse em Holden de qualquer maneira.

Holden voltou a andar. Cada volta o aproximava da arma na prateleira. — Talvez seja o destino que Ed ocupou minha vaga no estacionamento. Esse era o seu propósito. Ele me levou até você.

— A biblioteca. — A cabeça de Kit girou novamente. — Não nos conhecemos por acaso.

— Eu estava apenas seguindo você para chegar até Bishop no início. Mas então você falou comigo. — Holden parou bem ao lado da arma, mas seus olhos estavam em Kit o tempo todo. — Você olhou para mim. Não sei por que, mas você é a pessoa mais fascinante que já conheci.

Kit exalou. Ele não queria morrer. Ele também não queria que Holden o matasse. Esses fatos estavam ligados, mas separados.

Esses fatos não eram absolutos. Morrer nunca foi o maior medo de Kit.

— Você realmente quer me matar? — Kit perguntou, depois deu uma risada vazia. — Eu sei que você precisa. Eu sei demais. Mesmo se você me matar, você estará fodido quando meus rapazes chegarem aqui. — Kit estremeceu. Porra. Ele não conseguia pensar neles agora. — Mas você *quer* me matar?

Holden abandonou a prateleira e a arma para atravessar o porão sujo. Alguns passos longos o colocaram de volta na cama. Kit deslizou para o lado enquanto o colchão se movia – e Holden o pegou pelo braço. Segurando-o contra a parede.

A respiração de Holden roçou os lábios de Kit. As pontas dos dedos dele roçaram a garganta de Kit. — Sim, amor, eu quero matar você. Você já é tão perfeito. Não consigo nem imaginar o quão lindo você será, sangrando e finalmente meu.

Kit engoliu em seco sob o toque de Holden. As fitas de seda da devoção de Holden estavam mais apertadas do que qualquer corrente. — Diga-me.

Os dedos de Holden tremeram contra o pulso de Kit. A sala estava escura. — Eu quero ser seu dono. Possuir você. Quero ter você de uma maneira que ninguém mais poderá ter. Quero tocar em pedaços seus que ninguém mais tocou.

O pulso de Kit acelerou. Não inteiramente por medo, mas por uma esperança distorcida. — Apenas eu?

Holden inclinou a cabeça, a centímetros dos lábios de Kit. — O que você quer dizer?

— Se eu não estivesse aqui esta noite, — disse Kit. — Se eu tivesse desistido da festa. Você teria levado outra pessoa?

— Não, — disse Holden, mas Kit ainda não havia terminado.

Cada palavra saiu tão afiada que a garganta de Kit doeu. — Não qualquer um. Você teria escolhido outro garoto de cabelo escuro. Talvez até uma menina, se ela fosse magra o suficiente ou tivesse os olhos certos.

O maior e mais culpado medo de Kit era ser substituído.

Holden recuou. — Que porra é essa? Como um substituto? — Ele passou as duas mãos no cabelo de Kit, prendendo-o no lugar. — Querido,

querido. Ninguém poderia tomar o seu lugar. Ninguém nunca. Quase matei uma mulher na trilha semana passada, sabia?

Kit riu sem fôlego. — Como diabos eu poderia saber disso?

— Eu parei. Porque eu não iria gostar. — Holden pressionou a testa contra a de Kit. Suas mãos eram tão gentis. — Porque não adianta matar ninguém agora, se eu não estiver matando você.

A ternura era avassaladora. Kit estremeceu nas mãos de Holden, meio desejando que suas mãos estivessem livres para que ele pudesse tocar Holden de volta.

Meio grato por ele estar amarrado, para não esquecer onde estava. O que ele estava fazendo.

— Eu não posso compartilhar você, Kit, — Holden sussurrou. — Eu simplesmente não posso. Pensei em roubar você, mas não podemos desaparecer para sempre. Seus malditos namorados vão nos encontrar. Esta é a única maneira de manter você.

Holden estava certo. James, Darius e Bishop os encontrariam eventualmente, por onde quer que Holden corresse. Por mais inteligente que fosse, por mais bem preparado que fosse, Holden ainda não seria páreo para o resto dos homens de Kit se o alcançassem.

Kit queria tanto os três que mal conseguia respirar, mas apesar de tudo, ele queria Holden tanto quanto.

Talvez houvesse um caminho para isso. Uma rota estreita e traiçoeira para sobreviver com cada pedaço do seu coração. E se Kit falhasse? Pelo menos ele poderia morrer em seus próprios termos. Contanto que Holden concordasse.

— Se você vai me matar, — Kit disse calmamente, — eu tenho um pedido.

— Qual é, querido?

Kit respirou fundo e encontrou os olhos de Holden. — Faça-me sofrer.

# 38

## Uma obra-prima arruinada

Holden se afastou. — Não. — Ele sentou-se no colchão, com força. — Você não sentirá nada. Não vai doer.

Kit se enrolou lamentavelmente contra a parede. Suas pernas dobradas em direção ao pé da cama e seus ombros curvados para a frente da maneira como Holden amarrou as mãos atrás dele. Cada osso de pássaro dos ombros de Kit se projetava sob sua pele macia.

Etéreo, divino, mas tão maravilhosamente humano. Os hematomas só aumentaram a perfeição de Kit. O cabelo escuro desgrenhado. O delineador borrado. Kit era uma obra-prima arruinada.

Kit era perfeito. Holden ansiava por destruí-lo.

No entanto, Holden também não suportava machucar Kit.

Holden poderia abrigar ambas as necessidades contraditórias em sua mente. Ele poderia proteger seu querido enquanto o despedaçava – até que Kit o capturou com aqueles grandes olhos verdes e pediu para sofrer.

— É isso que eu quero, — disse Kit, com a voz rouca. — Torture-me enquanto estou acordado para sentir isso. Você pode quebrar minhas cordas vocais primeiro, se estiver preocupado comigo gritando.

A dor martelou nas costelas de Holden. — Kit, amor.

Kit sorriu horrivelmente. — Mate-me lentamente. Coloque tudo para fora. Quero ver meus próprios ossos quebrados, Holden. Não quero apenas meu sangue em suas mãos. Quero que pingue dos seus braços até os cotovelos.

Cada fantasia se transformou em punhais com as palavras de Kit.

Foi isso que atraiu Holden para Kit em primeiro lugar. Essa estranheza convincente. A alma brilhante de Kit estava repleta de veias de escuridão.

— Há uma grande caixa de ferramentas em um dos armários da cozinha, — disse Kit. — A menos que a polícia a tenha levado. Deve haver uma pistola de pregos. Você já usou uma pistola de pregos, Holden?

— Não, — Holden sussurrou.

— É fácil. — Kit inclinou a cabeça para trás contra a parede, expondo as linhas nítidas de sua garganta. — Eu queria que você me pregasse naquele telhado da república, então talvez você pudesse pregar pedaços de mim na parede. Uma mão aqui. Um órgão ali.

— Não. — Holden cambaleou para trás. Tudo estava muito quente. Ele arrancou o moletom, mas ainda estava muito quente apenas com a regata solta. Cada movimento seu era uma energia espasmódica, abortada e furiosa, querendo andar pela sala, querendo correr, exceto que ele não conseguia desviar o olhar de Kit. — Não, não, não.

— Deixe evidências, — Kit rosnou. — Inunde esta porra de quarto com meu sangue. E então jogue meu corpo em ácido ou em um picador de madeira. Não sei como encontrar um picador de madeira, então você estará sozinho nisso.

Sozinho. As palavras ecoaram. Sozinho. Sozinho. Sozinho

Holden nunca se sentiu louco até conhecer Kit.

Ele sempre soube que não era normal. As coisas que o faziam feliz não eram o que a maioria das crianças sonhava. Mas isso nunca o incomodou antes. Holden só está preocupado em escorregar. Ser descoberto. Ser consertado, como se estivesse quebrado.

Isso foi muito mais difícil. Holden não sabia como sobreviver em um mundo onde se importava com alguém.

Apagar Kit resolveria tudo. Exceto que Kit ainda estava aqui, ainda vivo, dizendo coisas horríveis.

— Eu não quero que você sofra, — Holden retrucou.

— Eu não quero morrer! — O peito de Kit se ergueu sob a malha amarrotada. — Mas se você vai me matar, quero que saiba exatamente o que está fazendo. Quero que nós dois estejamos lá a cada maldito segundo. Nada de fingir que é bondade, misericórdia ou amor. — Kit lambeu os lábios. — Se você vai me matar, você tem que fazer isso direito.

O silêncio caiu entre eles. Kit olhou, como se fosse ele quem estivesse no controle, e não aquele amarrado no colchão nu. O coração de Holden lutou contra a camisa de força de suas costelas.

Holden nunca quis matar Kit. Esse era o maldito problema.

— Não sei o que fazer, — disse Holden calmamente.

O sorriso afiado desapareceu do rosto de Kit. Seus olhos suavizaram. — Você poderia desamarrar minhas mãos?

O corpo de Holden se moveu sem a contribuição de seu cérebro. Ele se arrastou para o colchão, hesitando ao se aproximar de Kit. Mas Kit não se afastou dele. Kit estava flexível e quente quando Holden o afastou da parede e desfez as algemas.

Aço, forrado com couro e forro de pele sintética, para manter Kit contido sem machucá-lo. Holden os colocou de lado.

Ele pretendia desatar os tornozelos de Kit em seguida, mas antes que pudesse se mover, Kit tocou seu rosto.

— Você está bem. — Kit enxugou as lágrimas do rosto de Holden. — Nós dois estamos bem.

Holden não tinha certeza sobre isso. Mas com os dedos de Kit macios contra seu rosto, a respiração de Kit suave contra seus lábios, Holden queria fingir.

Ele deixou Kit puxá-lo para baixo, até que eles se deitassem lado a lado no colchão. A cabeça de Kit estava apoiada em seu ombro. Nenhum deles fez qualquer movimento para libertar os tornozelos de Kit.

— Qual era o seu plano para depois que você me matasse? — Kit perguntou, traçando padrões no peito de Holden.

— Eu não tinha um plano. — Holden queria agarrar a mão de Kit. Ele provavelmente não deveria. — Eu poderia ter me matado. Mas poderia ter deixado seu namorado fazer isso.

— Qual dos meus namorados? — Kit perguntou.

— Quem fosse mais rápido.

— A última vez que James e Darius atiraram em um homem, houve um empate, — disse Kit, com naturalidade. Então ele riu. — Porra, não acredito que estou te contando isso.

Holden também não conseguia acreditar. Assim, ele quase podia acreditar que eram um casal normal. Bem, não normal. Mas o tipo de casal que se comunicava sobre assassinatos e coisas assim. — Eles provavelmente ainda vão me matar.

Kit encolheu os ombros contra ele e depois sentou-se. Ele olhou para baixo. Acariciou o rosto de Holden novamente. — Você queria um pedaço de mim que ninguém nunca tocou.

Holden se apoiou em um cotovelo. Ele se sentiu estranhamente relaxado, embora o relógio estivesse correndo em direção a um prazo desconhecido. Cada momento era um momento mais próximo dos

namorados de Kit derrubando a porta. Mas agora, Holden tinha este espaço, este momento, só para ele.

— Eu quero cada pedaço de você, querido, — disse Holden.

Kit exalou. — Então eu vou te dar algo pior do que morrer. Vou te contar a verdade sobre meu passado.

# 39

## Eu também pensava que minha família fosse normal.

Kit nunca havia contado essa história desde o início. Ele só contou a partir do final – a parte que ele conhecia. Outras pessoas desenterraram as peças anteriores, destruindo a infância de Kit para encontrar os ossos irregulares dela.

Mas Kit se sentia seguro aqui, sentado ao lado de Holden no colchão nu, os tornozelos ainda algemados ao estribo. Holden observou cada respiração sua com intensa devoção.

Terror e euforia se misturaram e depois desapareceram. Kit ainda não havia despencado. Ele simplesmente flutuava na calma surreal.

Kit acreditava que Holden não o mataria agora. Provavelmente. Quanto tempo se passou desde que Holden o tirou da festa? Quanto tempo restava antes que os rapazes os encontrassem?

Se Kit fosse falar, ele precisava terminar rápido. Se Bishop ouvisse alguma coisa sobre isso, ele tentaria ajudar. Kit recusava-se a aceitar a ideia.

— Eu também pensava que minha família fosse normal, — disse Kit. — Minha mãe foi embora antes que eu pudesse me lembrar dela, mas meu pai era ótimo na coisa de pai solteiro. Ele trabalhava em casa, então estava sempre lá. Sempre me senti sortudo por ele estar sempre por perto.

Holden sentou-se. — Sua mãe só o deixou?

Kit encolheu os ombros. — Ninguém jamais provou o contrário.

— Porra, — Holden murmurou baixinho.

— Papai era ótimo, — Kit disse novamente. Porque isso era importante. Não era verdade, mas era importante. — Ele fazia todas as coisas difíceis de pai, como acampamentos e parques temáticos. Ele era treinador voluntário em três esportes diferentes antes de perceber que eu odiava todos eles e parar de me inscrever.

Quando a garganta de Kit se apertou, Holden tocou seu ombro. Hesitante no início, depois esfregando mais profundamente quando Kit se inclinou para o toque.

— As pequenas coisas também, — continuou Kit. — Ele estava sempre lá para passar um tempo comigo. Eu fazia minha lição de casa com ele no escritório de sua casa, a menos que houvesse uma ligação que eu não pudesse ouvir. Ele fotografou tudo. Aniversários, feriados, dias normais e estúpidos.

Uma disparo clicou na cabeça de Kit. Tão alto e nítido que Kit quase acreditou que era real.

Antes que as câmeras digitais ficassem boas o suficiente, papai desenvolveu seu próprio filme. Ele tinha seu próprio quarto escuro. Kit não era autorizado a entrar porque papai disse que os produtos químicos faziam mal a ele.

— Um dia, quando eu tinha quatorze anos, ele recebeu uma ligação e teve que sair de casa às pressas, — sussurrou Kit. — Encontrei o notebook sobressalente dele desbloqueado.

— Espere, — disse Holden de repente.

Kit não entendeu, pronto para chorar com a interrupção. Se ele parasse, nunca terminaria isso e, por alguma estranha razão, precisava que Holden soubesse.

O toque de Holden desceu pelos braços nus de Kit. Ele gentilmente aliviou as mãos de Kit de suas garras. Só então Kit sentiu a dor das próprias unhas.

Holden acariciou as costas das mãos de Kit. — Vou desamarrar seus tornozelos.

— É mais fácil se eu não puder correr, — admitiu Kit.

Holden se inclinou para frente. Sem hesitação desta vez, ele beijou suavemente a testa de Kit. — Eu sei que você não vai fugir.

Cada toque manteve Kit no presente enquanto Holden tirava as algemas dos tornozelos. Dedos longos deslizaram entre as meias e os jeans de Kit, verificando se havia escoriações. Esfregando ao lado das que Holden encontrou. Holden segurou os pés de Kit por um segundo, seu toque quente mesmo através dos sapatos de lona de Kit. Então Holden recostou-se na parede.

Kit esticou as pernas. Rolou os tornozelos para frente e para trás. Porra, Holden estava certo. Kit não poderia estar preso a isso. Ele sentou-se contra a parede também, sem tocar Holden.

— Havia muitas coisas que eu não tinha permissão de ver. Principalmente relacionado ao trabalho do papai, que nem sempre era legal. Mas o notebook não era para trabalho. Ele o mantinha trancado sempre que alguém estava em casa. Eu estava curioso. — As mãos de Kit espalmadas sobre o colchão nu. Em vez de se curvar, ele respirou fundo e relaxadamente. — O disco rígido estava cheio de fotos de meninos mortos. Algumas garotas também. Eles tinham cabelos escuros e pele clara, e olhos verdes quando papai conseguia encontrá-los.

— Substitutos, — Holden murmurou.

Kit assentiu bruscamente. Seus olhos arderam. — Eu nem percebi o quão parecidos eles eram no início. As fotos eram tão... Não eram... as crianças não estavam mortas em todas as fotos. Ainda não.

Havia vídeos também, mas Kit não assistiu nenhum deles. Os investigadores pediram-lhe que olhasse algumas imagens estáticas mais tarde, com tudo o que era horrível bloqueado, para ver se Kit reconhecia algum objeto ou peça de roupa que o identificasse. Kit não podia mais ajudar, no entanto.

— Papai estuprou e matou crianças que se pareciam comigo, — Kit disse calmamente. — *Porque* elas se pareciam comigo. Porque ele fantasiou em fazer tudo isso comigo, mas se ele realmente me matasse, a fantasia acabaria.

E isso foi o suficiente. Isso manteve os impulsos do papai sob controle. Todas as outras crianças morreram em vez de Kit, e Kit sobreviveu a todos os malditos acampamentos.

Todas as manhãs, antes da escola, papai dizia: — Amo você, filho.

E todas as manhãs, Kit respondia: — Também amo você.

As mãos de Holden se cerraram em punhos, os nós dos dedos brancos contra os joelhos. — Droga. Eu pensei que eu estava fodido.

Uma risada fraca brotou de Kit. Ele enxugou os olhos e riu ainda mais, não choroso, mas também sem *chorar*.

Até Holden levantar o queixo com dedos gentis. — Ei Kit. Onde está seu pai agora?

— Prisão. — Kit enxugou os olhos novamente e não conseguiu sorrir. — Levei o laptop para a polícia. As evidências foram esmagadoras. Papai não lutou contra as acusações e ponto final.

— Foi isso? — Holden acariciou suavemente a bochecha de Kit. — De alguma forma, duvido.

Entrevistas. Terapia. Testemunhar. Mais terapia. Kit finalmente escapou para dois guardiões temporários no Arizona e tentou ser normal até completar dezoito anos.

Então ele conseguiu a identidade falsa de Smith e desapareceu. Ele pensou que estava fugindo – mas escapar parecia muito com desistir, quando ele acabou morando com o tio Ed de qualquer maneira.

Kit não conseguia explicar mais nada agora, no entanto. Isso já era bastante difícil.

Holden continuou acariciando o cabelo de Kit. — Eu quero matar seu pai. Se estiver tudo bem para você.

As palavras eram tão suaves, tão doces. Fechando os olhos, Kit inclinou-se para o toque. — Não sei se está tudo bem. Avisarei você quando descobrir.

— Eu realmente quero matá-lo. — Holden beijou o topo da cabeça de Kit e puxou-o para mais perto. — Mas eu prefiro estar aqui com você.

A ternura percorreu a corrente sanguínea de Kit. Porque Holden parecia exatamente o mesmo agora que antes da terrível história de Kit. Kit nunca teve isso antes. Sempre que ele contava a alguém, eles o tratavam de maneira diferente. Com pena. Horror. Curiosidade lúgubre.

Sempre houve uma diferença antes e depois de alguém saber dos substitutos mortos. Antes e depois de alguém descobrir que o pai de Kit estava obcecado em transar com ele.

Exceto com Holden. Porque Holden não se importava com ninguém nem com nada, exceto Kit.

Todas as emoções fodidas e exaustas de Kit se transformaram em uma carência que o consumia. Holden o queria. Só ele. Com uma devoção tão forte que se tornou assassina – e então superou o desejo de matar.

Holden o queria tanto o suficiente para matá-lo, mas mais. Kit precisava disso, com os pedaços mais egoístas de sua alma despedaçada.

— Ele deveria só ter me matado, — Kit sussurrou.

Holden apertou os ombros de Kit. — Está tudo bem se você pensa isso, mas não posso concordar. Se ele matasse você, eu não teria você aqui. — Holden deu um sorriso torto. — Eu mataria qualquer um por mais um minuto com você, se achasse que você ficaria bem com isso.

Então o sorriso de Holden desapareceu.

— O que está errado? — Kit perguntou.

Holden deu um tapinha no braço de Kit. — Estou me sentindo um pouco obsessivo agora. Meu telefone está na cozinha. Suba e ligue para seus rapazes.

O ar esfriou quando Holden se livrou das mãos de Kit.

— O quê? — Kit exigiu. Ele saiu do colchão atrás de Holden, quase caindo – exceto que Holden estava bem ali, segurando-o pelo cotovelo. — Você não pode simplesmente me deixar ir assim.

Holden riu. — Querido, você diz as coisas mais doces. Não torne isso mais difícil para mim.

— Vá se foder. — Kit fez uma careta. — Você me sequestrou! Posso tornar isso tão difícil quanto eu quiser.

Holden levantou as mãos em sinal de rendição. — Ok, tudo bem, me faça sofrer. Mas você provavelmente quer ligar para seus namorados. Não me importo se eles estão chateados, mas sei que você está.

Kit sentiu-se vazio na respiração seguinte. Holden estava certo. Kit precisava, queria, e se importava com James, Darius e até mesmo do irritante Bishop.

A ideia de eles se preocuparem com ele deixava Kit doente, mesmo que Kit ansiasse por essa preocupação, por essa proteção.

— Tudo bem, — disse Kit. — Mas vou levar a arma comigo.

— Tudo bem, — disse Holden alegremente.

Muito alegremente. Kit estreitou os olhos. — O que você vai fazer se eu subir?

Holden estava alegre agora. Ele não queria mais assassinar Kit. Ou pelo menos ele queria matar Kit menos do que não queria matar Kit. Mas o estresse da noite estava claramente gravado sob os olhos vermelhos de Holden. Seu sorriso não era muito sensato.

— Não tenho ideia, — respondeu Holden, o que não foi bom o suficiente.

Kit ainda não sabia o que queria fazer com Holden, mas queria fazer alguma coisa. Ele só precisava de tempo para descobrir o quê, sem que Holden fizesse algo drástico.

— Deite-se na cama. — Kit avançou para o espaço de Holden, enquanto o olhar de Holden esquentava. Tocando o centro do peito de Holden, Kit disse: — Vou amarrar você.

— Ok. — Holden mordeu o lábio e exalou. Seus ombros caíram e ele recuou. — Eu prefiro o contrário, mas você pode me amarrar quando quiser.

Holden estava nervoso. Tudo bem, Kit não precisava tranquilizá-lo. Holden o drogou e sequestrou, o que o colocou em uma situação um pouco mais profunda do que os outros caras de Kit que apenas o sequestraram, sem drogar.

Justo era justo. Kit estava bem com Holden um pouco nervoso.

— Move-se. — Kit cutucou Holden no peito e Holden se moveu obedientemente.

Seguindo a orientação de Kit, Holden deitou-se no colchão, com as mãos na cabeceira da cama. Kit se ajoelhou na beira da cama, à direita de Holden, e prendeu a primeira algema no pulso direito de Holden. Os ossos de Holden eram maiores que os de Kit, e a algema tinha que fechar no buraco mais largo.

Holden era forte o suficiente para lutar contra Kit. Isso seria tão fácil. Mas ele ficou imóvel, rendendo-se.

— Você comprou isso só para mim? — Kit perguntou, traçando a pele de Holden ao longo do couro e do aço.

— Sim. — Holden se mexeu no colchão. Ele parecia querer devorar Kit, mas permaneceu onde estava. — Eu não daria a você nada que eu tivesse usado em outra pessoa.

— Que cavalheiro, — Kit murmurou.

Enquanto Holden ria, Kit enrolou a curta corrente de conexão nas barras da cabeceira da cama. Então Kit montou no peito de Holden para alcançar seu outro pulso, e a risada foi interrompida em uma respiração engatada. Holden permaneceu completamente imóvel entre as coxas de Kit enquanto Kit terminava de acorrentá-lo à cabeceira da cama.

Kit deslizou para baixo o suficiente para olhar Holden nos olhos. Apoiou uma mão no peito de Holden e com a outra traçou a leve barba por fazer ao longo da mandíbula de Holden. A sala escureceu ao redor deles, e Holden estava dourado.

— Eu os matei, — disse Holden, atento ao rosto de Kit. — Victor, Tim e Marco. Eles eram pessoas más, mas eu não me importava com isso. Não foi por isso que os matei.

As pontas dos dedos de Kit vagaram pelos lábios de Holden. Ele pressionou até sentir a umidade da língua de Holden. Então ele se retirou. — Você queria a atenção de Bishop. Você escolheu vítimas idiotas porque sabia que isso era a coisa de Bishop.

Holden assentiu.

Bishop provavelmente teria algumas perguntas sobre como um estudante universitário assassino descobriu seu trabalho de justiça vigilante. Mas esse era o problema de Bishop – Kit deixaria isso para ele.

— Você chamou a atenção de Bishop. Mas você também chamou minha atenção. — Kit se inclinou mais perto, o cabelo caindo sobre o rosto. — Deus, Holden. Você poderia simplesmente ter me convidado para sair.

— Sério? — Holden riu, o hálito quente contra os lábios de Kit. — Para ser justo, você me largou por *não* ser um assassino.

— Vá se foder, — Kit ronronou e selou os lábios.

Holden iniciou o beijo, todo o seu corpo arqueando em direção a Kit. A corrente e a cabeceira chacoalharam, e Kit despejou cada grama de medo, alívio e necessidade. Holden não podia tocá-lo – mas não precisava. Kit sentiu Holden já impresso dentro dele, mais uma marca indelével em sua alma.

Quando Kit se afastou, os olhos de Holden estavam vermelhos, mas seu sorriso era brilhante. — O que você quiser fazer comigo, tudo bem.

Tocando seus próprios lábios, Kit deslizou do corpo de Holden. Em vez de responder, ele disse: — Estique as pernas. Vou acorrentar seus tornozelos também.

Kit sabia o que queria agora. Mas ele não estava mais sozinho. Ele também tinha outras pessoas para prestar contas.

Outras pessoas que ele amava.

Então, sob o olhar constante de Holden, Kit pegou o moletom da SCU e o vestiu. Ainda quente devido ao calor do corpo de Holden, macio sobre sua regata de malha. Então ele pegou a arma da prateleira, verificou se havia algo perigoso no resto do porão e subiu as escadas.

Ao chegar ao andar térreo, Kit não sentiu a familiaridade nauseante que esperava. Nada parecia do jeito que ele lembrava. Todos os corpos haviam sido limpos e pedaços de fita adesiva ainda flutuavam nas portas.

Kit também estava diferente. Ele sentia coisas agora. Às vezes isso era ruim, porque às vezes a vida doía. Mas valeu a pena, quando todo o resto poderia ser tão bom.

As cortinas da cozinha haviam desaparecido e a sala estava iluminada. A manhã brilhou lá fora.

Os rapazes do Kit devem estar frenéticos.

O telefone de Holden foi fácil de encontrar, bem na mesa da cozinha. Mas quando Kit tentou desbloqueá-lo, a tela permaneceu em branco.

Kit apertou o botão liga/desliga. Um ícone de bateria vazia piscou antes da tela escurecer novamente.

— Você está brincando comigo, — Kit gemeu.

Tanta coisa para ligar para sua localização. Não que Kit se lembrasse do número de telefone de outra pessoa; ele planejava ligar para seu próprio número e torcer para que James tivesse pegado seu telefone. Um plano muito bom, Kit pensou.

Provavelmente havia um carregador em algum lugar. Talvez. Mas a bateria de Kit estava tão descarregada quanto o telefone. A exaustão

suavizou seus reflexos. O moletom de Holden estava tão quente em volta dele.

Kit descarregou a arma com rapidez e facilidade e afundou-se em uma cadeira com visão clara de todas as portas.

Seu desespero diminuiu, deixando Kit à deriva em uma clareza estranha e calma. Ele estava sozinho com seus pensamentos pela primeira vez em muito tempo. Talvez desde a última vez que esteve aqui. Mas seus pensamentos não eram mais tão ruins.

Kit sobreviveu à sua infância feliz. Dezenas de outras crianças não — todos os sósias que Kit nunca conheceu, com cabelos tão escuros e olhos tão assustados. Substitutos que sofreram e morreram no lugar de Kit.

Mas Kit não teve culpa por sobreviver. Talvez Kit mereça ser feliz. Talvez fosse bom que as pessoas o amassem.

Esse pensamento manteve Kit no lugar até que, do outro lado da cozinha, a porta lateral se abriu.

# 40

## Colapso

Kit nunca tinha visto Bishop tão abatido antes. As sombras aguçaram seus penetrantes olhos azuis, como se seu olhar pudesse matar ainda mais rápido do que a arma em sua mão. Essa habilidade mortal era reconfortante. Suavizante.

Bishop parou na porta.

— Está tudo bem, — disse Kit.

— Onde ele está? — Bishop perguntou, ainda examinando a sala vazia. Sua arma apontada para o chão. Seu olhar parou na arma sobre a mesa.

— Holden está contido, — disse Kit em vez de responder, porque precisava controlar os próximos minutos.

De repente, o déjà vu veio. Ele e Bishop estavam de volta à mesma cozinha em que se conheceram. O sangue foi removido, mas isso apenas expôs a sujeira por baixo. Os alicerces quebrados de suas vidas.

Kit levantou-se da mesa muito mais lentamente do que Bishop quando se conheceram. Deixou a arma descarregada sobre a mesa, em vez de apontá-la. — Está tudo bem, — Kit repetiu. — Estou bem.

A composição de Bishop foi destruída. Ele atravessou a sala em três passadas. E isso parecia ter acontecido antes, só que nunca: Bishop deslizou uma mão enluvada suavemente pela bochecha de Kit. A outra ainda segurava a arma enquanto eles se beijavam.

Mais uma vez, Kit ficou imóvel e Bishop o fez sentir algo. Desta vez não era terror, mas não menos intenso. Cada arranhão na barba por fazer, cada movimento devorador dava vida a Kit. Couro, suor e café expresso

amargo encheram os pulmões de Kit. Seus nervos cantavam sob cada toque da luva de Bishop.

Bishop se afastou. Seus olhos percorreram o rosto de Kit, como se Kit também fosse uma sala desconhecida para procurar por perigo. Kit sabia exatamente o que Bishop iria dizer antes de dizer: — Sinto muito.

— Seu idiota, — Kit respirou.

Antes que Kit pudesse enfiar o pedido de desculpas de volta na garganta de Bishop, uma porta rangeu em outro lugar da casa. Bishop recuou, colocando uma distância saudável entre eles antes que James entrasse correndo.

Mesmo com sua raiva de Bishop, o coração de Kit pulou dolorosamente. James não havia trocado de roupa desde que se separaram, um coldre estava amarrado sobre a camisa amarrotada. Fogo frio queimou em seus olhos escuros e depois brilhou quando viu Kit.

James não perdeu tempo examinando a sala como Bishop. Ele guardou a arma no coldre e passou por Bishop. Toques ternos e frenéticos voaram pelos ombros de Kit. No rosto dele. Seus pulsos. As mãos de James estavam nuas, sem couro entre elas, e cada toque seu era beijado como fogo suave.

— Você está machucado? — James exigiu. — Ele tocou em você, porra? Diga-me onde você está ferido.

— Não estou ferido, — disse Kit, com a voz instável. Ele agarrou as mãos de James, mantendo-o imóvel. — Eu não estou ferido. Está tudo bem. Eu estou bem aqui.

Kit puxou James para baixo, e James afundou em um beijo que queimou como um afogamento.

Era isso que Kit temia na primeira vez que James disse que amava Kit. Essa necessidade, esse medo, de que se Kit amasse alguém, essa pessoa

poderia ser arrancada. Que se alguém o amasse de volta, ele nunca poderia simplesmente desaparecer novamente.

Isto era exatamente o que Kit temia, mas ele não temia mais.

Kit quebrou o beijo e James o abraçou. Seu rosto pressionado contra a garganta de Kit e suas mãos torcidas no moletom de Holden.

Provavelmente ainda não tinha percebido que era o moletom de Holden, e Kit não iria apontar isso.

— Limpei os dois andares, — Darius disse do outro lado da sala. Foi então que Kit percebeu que Darius havia chegado. — Sozinho, porque alguém mal podia esperar.

Kit virou-se para encarar Darius e Bishop sem se libertar das mãos de James. Darius olhou Kit de cima a baixo e depois assentiu levemente. A calma fria e profissional foi um alívio. Kit só conseguia lidar com alguns colapsos emocionais de uma só vez.

Pela primeira vez, James não retrucou Darius. Ele apenas agarrou os ombros de Kit, segurando-o perto.

— Onde está Holden? — Darius perguntou.

— Espere, — disse Kit. — Precisamos conversar primeiro.

Bishop engatilhou a arma e acenou com a cabeça em direção à porta fechada. — Há um porão.

O ar frio substituiu o toque de James enquanto James e Darius se moviam ao mesmo tempo. Kit praguejou e disparou na frente deles, batendo-os na porta apenas porque eles recuaram, não querendo machucá-los.

— Espere, — Kit repetiu, mais incisivo. Abraçando o moletom de Holden por cima da regata de malha, ele se sentiu minúsculo, ridículo e

exausto demais para dizer qualquer coisa além do que queria. — Por favor, não o mate.

— Claro, — James disse facilmente. — Podemos torturá-lo primeiro.

Kit olhou furioso. — James.

A mandíbula de James ficou tensa. — Eu não vou deixá-lo ir.

— Eu sei que não podemos deixá-lo ir. — Kit respirou fundo, tentando colocar as palavras em uma ordem que não parecesse insana. — Não sei exatamente o que fazer com Holden. Mas não quero matá-lo ou machucá-lo.

James deu um passo à frente, o rosto suave de preocupação, a mão firme na arma. — *Babe*, você está exausto. Você não está pensando direito. Esse cara sequestrou você.

Bishop colocou a mão no ombro de James. Quando James se livrou dele, Bishop simplesmente o agarrou novamente, e desta vez James ficou. Mas as palavras de Bishop foram igualmente duras. — Holden matou os outros estudantes da SCU, não foi? O que ele pretendia fazer com você?

— Holden não queria me matar. — Kit levantou as mãos, suspirando com o quão estúpido ele parecia. — Eu não sou um idiota. Sim, ele planejou me matar. Mas ele não quis.

Atrás dos outros dois, Darius lançou a Kit um olhar pensativo. Eles já haviam tido a mesma conversa antes. — Mova-se para que você não fique de costas para a porta, Kit.

Kit ficou onde estava. — Eu sei que isso parece loucura, mas Holden não vai me machucar. E eu… — Aquela pequena chama de normalidade na tempestade. Adoração perturbada inalterada pela escuridão. — Eu preciso dele.

James gemeu. — *Babe*, eu te amo, mas isso é uma besteira séria sobre a síndrome de Estocolmo.

— Não é assim que funciona, — Darius murmurou atrás dele.

Os nervos de Kit estavam tensos. Ele precisava fazê-los entender. — Eu sei que estou fodido da cabeça, mas isso não é culpa de Holden. Isso não é culpa de vocês, embora eu já tenha sido sequestrado por cada um de vocês.

— Eu nunca sequestrei você, — protestou James.

Kit abriu os braços. — Você ajudou Bishop a me algemar nesta mesma sala!

A boca de James se abriu. Então fechou. — Ok, isso é justo. Mas quando Darius sequestrou você?

Certo. Eles nunca compartilharam todo aquele incidente de "sequestro à mão armada para enfatizar a segurança pessoal" com o resto dos caras. Darius deu um passo para trás, estranhamente nervoso.

— Não se preocupe com isso. — Kit descartou a pergunta. — A questão é que eu sei que estou pedindo muito. Especialmente do Bishop. Mas estou perguntando de qualquer maneira.

Darius confiaria em Kit. James cederia para deixar Kit feliz. Bishop era aquele que Kit não tinha certeza sobre como conquistar. Por um lado, Holden era a solução para o caso atual de Bishop. O assassino de três universitários de merda. Mais do que isso, Kit sempre teve dúvidas sobre as intenções de Bishop.

Pelo menos até cinco minutos atrás, quando Bishop o beijou.

— A primeira vez que nos conhecemos, você perguntou se eu queria morrer, — Kit disse suavemente. — Você se lembra de como eu respondi?

— Você disse que não queria nada, — Bishop respondeu, igualmente calmo.

Kit inalou. Sujeira, água sanitária, os ecos da morte. Esse momento foi um ponto de inflexão brilhante no meio de um massacre – e este foi o resultado. — Eu quero muitas coisas agora. Holden é uma delas.

Quando Bishop desviou o olhar, Kit sabia que havia vencido.

— Estarei conversando com Holden antes de concordar com qualquer coisa, — disse Bishop. — Se ele fizer um movimento errado, vou colocar uma bala na cabeça dele.

— Tudo bem, — disse Kit, finalmente se afastando do porão. — Ele não deve ser capaz de se mover, já que eu o acorrentei à cama.

Darius apertou o ombro de Kit, uma pressão breve e constante, antes de abrir a porta. — Talvez James devesse ficar aqui em cima.

— Sem chance, porra — James retrucou. Mas ele parou para dar um beijo na testa de Kit antes de seguir Darius para baixo.

Kit ficou ali, sem saber o que dizer a Bishop, mas querendo dizer alguma coisa. Mas Bishop acenou para que ele avançasse e Kit desceu cuidadosamente a escada frágil.

Ele queria um banho. Um cochilo. Um maldito café da manhã. Ele precisava ter certeza de que seus namorados não se matassem primeiro.

Holden estava exatamente onde Kit o deixou. Pulso e tornozelo algemados, sua forma longa e musculosa esticada na cama. Sua camisa subia até a cintura onde Kit a havia mexido. Holden ficou deitado em silêncio, seu rosto era uma máscara fria olhando para James e Darius – até que Kit cruzou sua linha de visão.

— Querido, — disse Holden, seu rosto se iluminando.

— Não fale com ele, — James ordenou.

Holden ficou quieto, mas não tirou os olhos de Kit.

— Eu já disse minha parte. — Kit encostou-se na parede de onde podia observar todos. — Você tem que falar com eles agora, Holden.

— Tudo bem, anjo. — O sorriso de Holden desapareceu quando ele se virou para os outros homens. — Com quem estarei negociando?

Darius começou a inspecionar a sala. Bishop cutucou James e, depois de alguma comunicação sem palavras, James recuou para se juntar a Kit contra a parede. Ele puxou Kit para debaixo do braço, envolvendo-o com um calor reconfortante. Kit caiu no abraço quando Bishop começou o interrogatório.

— Tive tempo de investigar você enquanto James liderava a busca, — Bishop começou. — Seus álibis são inteligentes, mas você matou Victor Wang, Timothy Wellington e Marco Fernandez, não foi?

— Eu matei, — disse Holden calmamente.

— Por quê? — Bishop perguntou, com igual calma.

— Para chamar sua atenção. — Holden encolheu os ombros desajeitadamente nas algemas. — Eu realmente queria matar Ed e fiquei chateado porque você o matou primeiro. Foi também por isso que comecei a seguir Kit, porque o vi com você. — O olhar de Holden se voltou para Kit. Ele não pareceu intimado, apesar de estar amarrado a uma cama cercado por homens armados. — Fiquei surpreso que você demorou tanto para me encontrar. Talvez você tenha se distraído, assim como eu.

Bishop fez uma pausa antes de sua próxima pergunta. — Você pegou Kit para se vingar de mim?

— Eu parei de me preocupar com você há muito tempo, — Holden respondeu sério. — Peguei Kit porque estou apaixonado por ele e tenho péssimos mecanismos para lidar com isso.

— Você planejou matá-lo? — Bishop perguntou.

As correntes chacoalharam quando Holden mudou. — Sim.

Bishop também demorou antes da próxima pergunta. — O que fez você mudar de ideia?

James acariciou o cabelo de Kit. Kit não percebeu que estava ficando tenso até relaxar sob o toque reconfortante.

— Nós conversamos, — disse Holden.

Então Bishop fez a pergunta exata que Kit não queria que fosse respondida: — Sobre o que vocês falaram?

A preocupação de Kit foi em vão. Holden apenas sorriu para Bishop. — Isso é confidencial. Você terá que perguntar a Kit.

É claro que Holden seria possessivo com os segredos de Kit, assim como o resto dele. O pensamento aqueceu Kit mesmo em meio à exaustão. Deus, ele estava fodido.

Felizmente, Bishop abandonou essa linha de questionamento. — Diga-me por que eu não deveria matar você.

— Kit ficaria triste. — Holden se mexeu na cama, o colchão rangendo. — Essa é provavelmente a única razão.

Sua resposta pairou pesadamente no porão. A escolha era clara: lógica versus emoção insana. Mas Kit de repente soube, no fundo, qual seria o resultado. Bishop não era mais resistente às emoções do que o resto deles. Havia sangue sob suas unhas também.

— Tudo bem, — disse Bishop.

Holden não se moveu, mesmo quando Kit relaxou sob o braço reconfortante de James.

— Você não está livre para ir, — esclareceu Bishop. — Mas não vamos matar você. Supondo que todos nós concordemos.

— Concordo, — disse Darius. Ele apontou para James. — Não arraste isso. Todos sabemos que você foi pego por Kit e ele está dormindo em pé de cansaço. Vamos acabar logo com isso.

James apertou Kit e beijou o topo de sua cabeça. — Tudo bem. Concordo. Sempre podemos mudar de ideia mais tarde.

Kit fechou os olhos, derretendo-se ao lado de James. Ele realmente poderia adormecer em pé se ficasse aqui por muito mais tempo. — Obrigado.

Quando ele abriu os olhos novamente, Kit encontrou o olhar de Holden. Um leve sorriso foi o único reconhecimento de Holden pelo adiamento.

— Vou levar Kit para casa, — anunciou James. — Vocês lidam com essa bagunça.

Darius acenou para ele se afastar. — Não se preocupe, sabemos como sequestrar pessoas.

---

— Sinto muito, — disse James assim que os dois entraram em seu carro. Ele enfiou a chave na ignição, mas não a girou. Mover-se novamente era muito difícil agora que ele havia parado. Ele esteve correndo por pura necessidade noite e dia. — Isso foi minha culpa.

Kit se virou no banco do passageiro. — Por que você me deixou sozinho com ele?

Seus olhos estavam tão brilhantes, a testa franzida como se ele estivesse preocupado com James. O que era outra coisa que James estava estragando.

Kit já tinha o suficiente para lidar, sem o peso do complexo de culpa de James.

— Eu fui complacente. — As mãos de James apertaram o volante. Ele as forçou a se soltarem. — Eu fui descuidado. Achei que você estava seguro com um rastreador no seu telefone – quão idiota foi isso?

Deus, ele precisava parar de falar. Ele não deveria forçar Kit a trabalhar nos contra-argumentos. A vida era um risco. A segurança completa era uma ilusão.

James não conseguia se enganar pensando que apenas ser cuidadoso o suficiente teria salvado sua família do Rei Rato – se esse fosse o culpado e não outra pista falsa. James não podia fingir que, se o sistema de segurança deles fosse bom o suficiente, James poderia levar Kit para casa para a mãe interrogar. Que Crystal teria todos os gatos que ela sempre quis, e talvez ela começasse a enviar fotos para Kit e também para James.

Mas agora que a noite havia acabado, agora que ele não estava focado em trazer Kit de volta, James não conseguia evitar a espiral.

Por muito tempo, sua vida girou em torno de uma única tragédia. Ele moldou seu presente e futuro em torno de seu passado sangrento. Até agora. James nunca pensou que pudesse ficar tão assustado por alguém novo.

Em vez de discutir, Kit encolheu os ombros no banco do passageiro. — Eu sabia que você me encontraria de qualquer maneira. Mas se você ainda estiver preocupado, talvez pudesse me colocar um chip como um gato.

James olhou, instantaneamente arrancado de sua reflexão. — Que porra é essa.

— Eu estou brincando. Provavelmente. — Kit deu um tapinha no rosto de James. — Não posso impedir você de se culpar, mas não espere que eu concorde com você.

Apesar de tudo, James sorriu. — Você é uma aberração, querido. Vamos lá, vamos te levar para casa. Você precisa tirar uma soneca e eu preciso encontrar um moletom melhor para você.

Kit dedilhou a gola do moletom da SCU. — Achei que você não tivesse notado.

— É claro que notei, porra, — disse James, e ligou o carro.

# 41

## Orientação de Colega de Quarto Homicida

Dois dias depois, o novo colega de quarto de Darius mudou-se para sua casa.

Darius não estava ansioso pelo acordo, mas era a única solução que fazia sentido. Eles precisavam supervisionar Holden, e Darius estava entre empregos agora. Ele também era o menos propenso a matar o novo namorado assassino de Kit sem um bom motivo.

Claro, Darius ainda estava perfeitamente feliz em matar Holden por um bom motivo. Só tinha que ser uma razão boa o suficiente para que Kit entendesse.

— Haverá regras básicas, — disse Darius, cruzando os braços. Ele ficou no centro da sala de estar, sentindo-se absurdamente como um diretor de escola olhando para Holden.

Um diretor disciplinando o delinquente mais quieto e perigoso da escola. Holden parou de fingir ser normal perto deles. Seus olhos frios e vigilantes seriam alarmantes se não lembrassem tanto Darius de seu mentor. Porra, Holden lembrava Darius de si mesmo em um trabalho. Quão cansativo seria viver toda a sua vida assim.

Embora Holden tinha pelo menos uma fraqueza.

Kit esparramou-se no sofá, com um pé apoiado nas almofadas e o outro pendurado no chão. Ele estava quase recuperado do sequestro mais recente – ainda cansado, mas sem efeitos persistentes das drogas. De certa forma, ele parecia ainda mais forte do que naquela noite. Havia uma certeza nova e brilhante nele.

Às vezes, Darius entendia como Bishop se sentia, querendo desvendar os segredos de Kit.

Kit ergueu um dedo, iniciando as regras básicas. — Primeiro, não mate ninguém sem permissão.

— Sem permissão, — repetiu Holden, levantando uma sobrancelha.

— Você sabe o que eu quero dizer! — A mão de Kit congelou no ar e depois caiu de volta no sofá. Ele suspirou. — Tudo bem, sim, é exatamente isso que quero dizer.

A expressão de Holden aqueceu. — Deus, eu te amo.

Enquanto Kit cobria o rosto avermelhado, Darius assumiu a Orientação de Colega de Quarto Homicida. — Você não sairá deste apartamento exceto para suas aulas e seus estágio.

— Meu o quê? — Holden perguntou, ainda olhando para Kit.

Este era um desenvolvimento que Darius *estava* ansioso. — Você tem uma excelente oportunidade de estágio na San Corvo Security.

Holden olhou para isso. — Deixe-me adivinhar. Não estarei na sala de correspondência.

Darius sorriu. — Você estará sob a supervisão direta do CEO.

— Bem, — disse Holden. — Esse será um teste interessante para a contenção de James.

Certamente seria. Darius já estava pensando em desculpas para passar no escritório e assistir. Kit sugeriu levar pipoca.

— Você vai se divertir! — Kit disse alegremente. — O escritório de James é legal!

Falando no diabo... James se inclinou do quarto de hóspedes no corredor. Suas mangas estavam arregaçadas até os cotovelos, expondo as resistentes luvas de trabalho que cobriam suas mãos. Ele parecia melhor hoje

também, lançando-se no projeto de liberdade condicional com uma alegria cruel. Darius nunca admitiria o quão aliviado estava ao ver James sorrindo novamente, depois de quão assombrado ele parecia na noite em que Kit desapareceu.

— Você, venha aqui, — James latiu para Holden. — Preciso mostrar os lugares que explodirão se você tocá-los.

Kit sentou-se em um assento adequado e deu um tapinha no braço de Holden. — Ele está brincando sobre as explosões.

Só porque Darius vetou explosivos no apartamento dele. — Provavelmente são lasers, — disse Darius. — Fique feliz por ele estar apontando as armadilhas. Ele queria que você descobrisse tentando abrir uma janela.

Holden pegou a mão de Kit e segurou-a por um momento. Seu rosto virou para baixo, suavizando, como se Kit fosse o único na sala. Então, sem olhar novamente para Darius, ele saiu pelo corredor.

Kit gemeu e enterrou o rosto nas mãos. — Puta merda!

Darius caiu no sofá ao lado de Kit. — Lamentando aquela regra de "não beijar por um mês"?

— Pareceu uma boa ideia na época, — queixou-se Kit. Ele apoiou a cabeça no braço de Darius. — Tecnicamente, terminei com ele por ser normal, então recomeçar o relacionamento fazia sentido.

Darius bufou. — Porque fazer sentido tem sido uma prioridade em seus relacionamentos.

— Cale a boca, — Kit murmurou, envolvendo o braço de Darius como um macaco agarrado. — Sabe o que realmente não faz sentido? Por que James mora tão longe da cidade?

Enquanto isso, Darius passou toda a sua vida adulta fazendo coisas sensatas. Não se apegue muito. Ele tinha planos de emergência para proteger a irmã e os pais, se necessário, mas cada nova conexão representava um novo risco. Nenhuma precaução no mundo poderia garantir que Darius não traria problemas para casa depois de um trabalho. Supondo que qualquer parceiro em potencial pudesse aceitar o sangue nas mãos de Darius em primeiro lugar.

Exceto que Kit já era um problema.

Darius deslizou a mão sobre a coxa de Kit. Pedaços de jeans e pele nua e quente alternavam-se sob a palma da mão. — Você não gosta de ficar tão longe do seu estudante loiro assassino?

Kit se contorceu sob seu toque. — Eu não gosto apenas de loiros.

— Que alivio. Fico horrível de peruca. — Maldita Miranda arrastando-o para o cosplay. Melhor mudar de assunto antes que Kit fizesse perguntas – Darius admitiria o assassinato antes de admitir isso. — Vamos falar sobre imóveis depois que o Loiro estiver em liberdade condicional.

Uma desculpa sensata. Se Kit reconhecesse que estava se esquivando da pergunta, ele teve a gentileza de deixar Darius escapar impune.

Talvez Kit também estivesse preocupado. Ainda agarrado ao braço de Darius, ele suspirou. — Estou fazendo a coisa certa? Isso pode funcionar?

Darius virou-se parcialmente. O corredor estava vazio. Ele pressionou os lábios contra o topo da cabeça de Kit, uma promessa silenciosa de um beijo.

— Eu não acredito em destino ou poderes superiores, — Darius disse calmamente. — Mas eu acredito em padrões. Momentum. Aceleração. As pessoas que estão faltando alguma coisa serão atraídas para o que precisam.

Você é algo especial, Problema. Assim que você desembarcou em San Corvo, era inevitável que nós quatro fôssemos atraídos para o seu lado.

— Especial nem sempre é uma coisa boa, — Kit murmurou.

— Nunca me preocupei muito com o bem.

A forma leve de Kit nunca pareceu tão sólida contra ele. — Quatro, hein.

A risada de Darius ressoou através de ambos. — Sim, ele é um bastardo teimoso.

— Vocês são todos bastardos teimosos. — Kit se desvencilhou apenas para deslizar no colo de Darius. Ele brincou com as abas do colarinho de Darius. — Que bom que eu também sou.

Kit se inclinou e Darius teria ficado perfeitamente contente em beijá-lo sem fôlego no silêncio. Mas uma voz indignada ecoou no corredor–

— Estou contendo nosso prisioneiro de forma responsável e vocês estão se beijando no sofá como adolescentes?

E de alguma forma, isso tornou o beijo ainda melhor.

---

O calor desceu pelas costas de Kit ao som da voz de James. — Para ser justo, — Kit engasgou quando os lábios macios de Darius fizeram cócegas sob seu queixo, — Eu *sou* um adolescente.

— E somos homens muito maus. — James se inclinou sobre o ombro de Darius e nas costas do sofá. Seu polegar roçou os lábios macios de Kit. O toque manteve Kit no lugar tão firmemente quanto o aperto de Darius em sua bunda, e permaneceu enquanto James desviava seu olhar faminto. — Pensando bem, continue.

— Não estava esperando sua permissão, — Darius murmurou na garganta de Kit, cada palavra um estrondo delicioso e provocador.

Os quadris de Kit estremeceram com a sensação – e James recuou o suficiente para que Kit pudesse encontrar os olhos de Holden do outro lado da sala.

Holden encostou-se na porta. A vigilância predatória era nova, mas não surpreendente. Ele não estava mais fingindo ser normal. Ele também não estava descontrolado e desesperado. Apenas observando, atento, enquanto Darius lentamente tirava a camisa de Kit por cima de sua cabeça.

Coberto por nada além de calos, movendo as mãos da cintura para cima, Kit se sentiu exposto. Visto. Absolutamente imundo. Ele iria vazar através de seus jeans apertado se os mantivesse por muito mais tempo.

— Ele não fica lindo no colo de Darius? — James perguntou a Holden. Não muito casualmente.

Um pequeno sorriso aqueceu o rosto de Holden. Só para Kit, como se os outros dois não existissem. — Kit é sempre lindo.

— Você está certo sobre isso. — O sorriso de James se alargou. — Que pena essa regra de "olhe, mas não toque", hein.

— Ah, então posso olhar? — Holden perguntou, enquanto Kit se arqueava contra Darius.

Porra, aquelas mãos enormes eram tão boas espalmando sua bunda. Melhor ainda com cada sensação intensificada pelos homens observando do outro lado da sala.

Exceto que Kit era ganancioso. Ele queria que James e Holden o observassem, mas também queria mais deles.

— Eu só disse que não beijaria você por um mês. — Kit se contorceu quando Darius desabotoou a braguilha. — Eu nunca disse nada sobre sexo. Ugh, cale a boca, — Kit acrescentou ao ouvir a risada silenciosa de Darius.

— Sério? — Holden entrou mais fundo na sala de estar. Mais perto, mais perto.

Perto o suficiente para que Darius ficasse tenso sob as coxas de Kit. Os três se acomodaram tão facilmente juntos, deixando de lado os ataques de James e Darius. Adicionar Holden à mistura era perigoso, e Kit ansiava e temia a colisão iminente. A doce e aguda conflagração.

Holden desviou e caiu na poltrona próxima. — Acho que vou apenas assistir. — Seu sorriso brilhou. — Você queria recomeçar nosso relacionamento, então vamos fazer isso direito. Eu não vou te foder até que você me beije.

A boca de Kit caiu aberta. — Você está falando sério?

Darius riu, toda a tensão se dissipou. — Você é sem vergonha, garoto.

Uma sombra quente caiu sobre Kit. Porra, ele não tinha notado James chegando tão perto dele. — Uma viciada em pau tão gananciosa, — James murmurou, passando a mão no cabelo de Kit. Ele puxou, puxando Kit para trás em um arco mais profundo – e expondo-o melhor na frente de Holden. — Você está bem com o público, Darius?

Darius rolou o mamilo de Kit entre o polegar e o indicador. — Estou surpreso que você esteja bem com isso.

— Não me incomoda. — Ainda segurando o cabelo de Kit, James brincou com o outro mamilo de Kit. — Eu também te odeio, mas isso não me impede de foder minha linda putinha com você.

Cada palavra se misturava com a estimulação enlouquecedora e desigual, expulsando todos os pensamentos desnecessários da cabeça de Kit.

— Não te incomoda, — Kit repetiu sem fôlego. — É a porra deu m eufemismo. Você começa a odiar as pessoas.

— Exceto você, *babe*. — James puxou a cabeça de Kit para trás o suficiente para poder beijar a testa de Kit de cabeça para baixo. Sua respiração era elétrica. — Nunca você.

Kit se contorceu novamente – o que aparentemente foi suficiente para Darius. — Levante-se, garoto. Vou pegar o lubrificante. — Darius empurrou dois dedos entre os lábios de Kit, provocando sua língua. — Eu quero sua boca hoje, mas James pode prepará-lo enquanto você me chupa.

— Você não está no comando, — James protestou enquanto Kit mamava nos dedos de Darius. — Não é só você que decide como vamos foder com ele.

Darius ergueu uma sobrancelha. — Qual foi sua ideia?

Com um suspiro, James apoiou a testa no ombro de Kit. — Sim, tudo bem, eu queria a bunda dele hoje. E eu não o vi chupar você, então...

Eles estavam conversando sobre Kit, perto dele. Não para ele, como eles decidiriam destruí-lo hoje. No entanto, com cada palavra e gesto, o foco deles era claro. Tão intenso quanto o olhar de Holden da poltrona próxima.

Kit saiu do colo de Darius e sentou-se na outra ponta do sofá, os membros desajeitados com as pesadas correntes do olhar de Holden. Quando Darius saiu e James se ajoelhou para tirar os sapatos, Kit disse a Holden: — Você não precisa ficar.

Holden se inclinou para frente, os cotovelos apoiados nos joelhos. — Você quer que eu saia?

— Não. Eu apenas pensei que você poderia estar...

— Com ciúmes? — Holden sorriu. — Definitivamente estou com ciúmes. Mas de uma forma meio excitante. Além do mais. — Quando ele se

recostou, a protuberância em sua calça jeans era óbvia. Ele não fez nenhum movimento para se tocar. — Eu não preciso tocar em você para saber que você é meu.

James deixou as meias e os sapatos de Kit de lado. — Continue se iludindo, idiota.

Antes que Kit pudesse intervir, James o agarrou num beijo voraz, marcando-o de dentro para fora com o calor de sua respiração. De alguma forma, era tudo verdade. Kit pertencia a James. Ele pertencia a Holden. Ele pertencia a Darius, que voltou para a multidão atrás de Kit.

— Grande progresso ao despi-lo, — comentou Darius. Ele cuidou do resto sozinho, deslizando a cueca e o jeans de Kit para baixo.

Kit não se sentiu exposto, estranhamente. Ele se sentiu coberto. Cercado. Seguro. Porque ele poderia pertencer a esses três homens, mas cada um deles pertencia a ele também. Não importa o que ele soubesse sobre eles. Não importa o que eles soubessem sobre ele. Enquanto Darius o puxava para o sofá, o passado e o futuro não importavam. Este momento foi o mais gloriosamente importante do mundo.

Afundando-se no confortável sofá cinza, Kit se ajoelhou ao lado de Darius. O sofá afundou ainda mais atrás dele quando James se sentou, e no meio da sala, o aperto de Holden na poltrona aumentou.

Diretamente na frente dele, Darius desabotoou a braguilha e tirou seu pênis.

Puta merda. Kit já tinha o visto antes e sabia exatamente como era a sensação de tê-lo em sua bunda. O pau glorioso e aveludado de Darius ainda era muito para ser confrontado. Pré-gozo enfeitado como uma pérola coroando a cabeça escura.

— Não tenha muitas esperanças, — alertou Kit, envolvendo a mão na base grossa. O perfume masculino era estonteante. — Eu não irei fodendo você com uma garganta profunda..

— Claro. — Darius desembaraçou o cabelo de Kit e então apertou suavemente sua nuca. — Trabalharemos nisso outra hora.

O pensamento percorreu todo o corpo de Kit enquanto ele saboreava Darius. Outra hora parecia bom, treinar e praticar sob a orientação constante de Darius. Hoje não, porém, porque apenas interpretar Darius exigia muita concentração, uma vez que James enfiou seu primeiro dedo molhado na bunda de Kit.

— Como você ainda está tão fodidamente apertado, menino bonito? — James bombeou devagar, mas profundamente, quase retirando o dedo todas as vezes antes de empurrar de volta com um som sujo. — Quanto teríamos que te foder para te alargar?

Kit adoraria descobrir, mas sua única resposta foi um gemido agudo ao redor do pênis de Darius. Qualquer pensamento de fazer uma performance fugiu de sua mente com o segundo dedo de James. Tudo o que ele pôde fazer foi ofegar pelo nariz, com as mãos trabalhando e a boca aberta, enquanto Darius o guiava pelos cabelos.

A julgar pela respiração acelerada de Darius, pelos movimentos mal contidos na boca de Kit, Darius não se importou com a bagunça. Se ele se importava com a narração constante e suja de James, ele também não disse nada sobre isso.

Holden permaneceu em silêncio, mas Kit estava hiperconsciente da atenção traçando cada gota de suor em seu corpo nu.

— Estou perto, — Darius grunhiu, quando a mandíbula de Kit doeu. — Dê um tapinha se não quiser engolir.

As mãos de Kit paralisaram-se com medo de fazer qualquer movimento que pudesse ser confundido com um tapa. Suas bochechas ficaram vazias quando Darius o arrastou mais fundo, e o comprimento quente e pesado pulsou entre seus lábios.

Darius estremeceu. Seu gemido sem palavras percorreu profundamente o corpo de Kit, tão satisfatório que o esperma que inundava a boca de Kit era quase doce. Kit engoliu em seco, perseguindo cada gota que pudesse alcançar, até que Darius o puxou para cima.

— Esse é um bom menino, — Darius murmurou, com as pálpebras pesadas. — Vire-se agora.

Inúmeras mãos fortes o empurraram, cada uma ferindo lindamente a alma de Kit. Ele acabou deitado de costas, James ajoelhado entre suas coxas. Ainda quase todo vestido, a camisa de botão amarrotada e as mangas arregaçadas até os cotovelos.

James se inclinou para frente, cobrindo Kit com um beijo profundo e manchado de porra. Então ele pressionou os pulsos de Kit na almofada acima de sua cabeça. — Mantenha-os aí para mim.

Kit se contorceu. Assentiu. Porra, James sabia exatamente o que ele queria. O que ele precisava. Ele se concentrou em manter as mãos no lugar enquanto James subia os quadris e os alinhava.

James deslizou em Kit com um impulso lento. Kit engasgou, sem fôlego, como se não houvesse espaço suficiente para seus pulmões. Ele esperava nunca se acostumar com essa pressão avassaladora. A devoção queimou nos olhos escuros de James.

Quando James se moveu, as mãos de Kit voaram por vontade própria. Ele as bateu de volta com dificuldade, agarrando-se à ordem. Então um movimento pela sala atraiu sua atenção atordoada. Darius estava sentado na poltrona, atento e apenas um pouco desgrenhado.

E Holden era uma sombra dourada acima de Kit. Então ajoelhando-se ao lado dele. Sem um único olhar para James, Holden prendeu suavemente as mãos de Kit na almofada.

— É assim que devemos começar, certo? — Holden disse, sua voz é áspera. — De mãos dadas?

— Romântico pra caralho, — disse James, e levantou os quadris de Kit mais alto.

Kit nem tentou responder. Ele apenas choramingou na próxima investida de James – e apertou as mãos de Holden. Cada foda violenta colidia com a ternura, um ciclo de feedback de choques crescentes.

Talvez Darius estivesse certo sobre padrões. Momentum. Esses homens e Kit deveriam ficar juntos e era assim que deveriam começar.

# 42

## Kit era gananciоso.

— Muito obrigado, — disse Kit, saltando do carro. — Estarei de volta em tipo... quinze minutos. Talvez.

No banco do passageiro, a expressão de Carla era difícil de ler por trás dos óculos de sol de aro rosa. Talvez um pouco esgotada. — Sem pressa.

Com a sacola de presente brilhante a tiracolo, Kit caminhou até a porta da frente de Bishop. Ele se recusou a ficar nervoso com essa conversa. Isso era normal e Kit tinha o direito de falar o que pensava.

Só que quando apertou a campainha, ocorreu a Kit que Bishop talvez não estivesse em casa. O que significava que Kit teria que reunir coragem novamente algum outro dia. Talvez ele devesse ter avisado Bishop que estava vindo. Pegar Bishop de surpresa pareceu inteligente no início. Não dê tempo para ele se preparar. Mas se ele não estivesse em casa...

A porta se abriu, revelando o cabelo despenteado e os olhos cautelosos de Bishop. — Está tudo bem?

— Melhor que nunca. — Kit sorriu. — Eu dirigi aqui com Carla. É a primeira vez que dirijo para fora do bairro de James.

— Como está a pressão arterial de Carla? — Bishop recuou para que Kit pudesse entrar. — E a de James? Estou surpreso que ele tenha perdido você de vista.

Carla passou a viagem inteira pisando no chão, como se houvesse um segundo freio do lado do passageiro.

— Carla está bem e James não me perdeu de vista. Ele nos seguiu em outro carro.

Bishop espiou pela porta antes de fechá-la. — Então, temos cerca de cinco minutos antes que ele invada minha casa.

— Já é tempo suficiente. — Kit ofereceu a sacola de presente brilhante. — Aqui, eu trouxe uma coisa para você.

Na fração de segundo entre Bishop pegar a sacola e remover seu conteúdo, Kit percebeu que deveria ter pegado lenço de papel também. Embrulhar melhor o presente. Deixá-lo mais bonito.

Huh. Talvez Kit estivesse nervoso, afinal. — Eu queria substituir aquela que quebrei.

Virando a caneca, Bishop observou todos os ângulos. O fundo pastel da flor. As letras maiúsculas do arco-íris pastel soletrando ACAB[14].

Bishop riu. Grande, brilhante, um instante de pura alegria que Kit iria valorizar.

— Não está errada. — Bishop colocou a caneca e a sacola na mesa de centro. — Obrigado, essa é muito melhor do que aquela que você quebrou.

Kit empoleirou-se no braço do sofá. — Eu esperava que você gostasse.

— Eu amei. — O sorriso de Bishop desapareceu quando ele observou Kit com a mesma intensidade. — Mas você não é sutil, garoto. O que você quer?

Aí estava. — Não estou tentando ser sutil. Nós precisamos conversar.

Bishop esperou, maldito seja, vigilante e quieto. Forçando Kit a continuar sozinho.

— Você me beijou. — Kit apontou firmemente para o rosto de Bishop. — Não se desculpe novamente.

---

[14] All Cops Are Bastards. Tradução: todos os policiais são bastardos.

Um suspiro suavizou os ombros de Bishop. Uma briga teria sido preferível à gentileza em seus olhos. — Não me arrependo, mas foi um erro.

— Por quê? — Kit exigiu. Assim como ele quis exigir na primeira vez que Bishop recusou, só que agora ele entendia isso. Bishop tinha essas linhas morais específicas, e Kit não sabia o que realmente queria naquela época. As coisas eram diferentes agora, no entanto. Kit era diferente. — Você obviamente me quer.

James estava certo. Kit era ganancioso. Ele já tinha James, Darius e Holden, mas também queria Bishop. Bishop também o queria, então qual era o problema? Bishop não queria compartilhar? A coisa do poliamor era um problema?

— Você é irresistível, Kit, — Bishop admitiu. Suave, como uma confissão.

Como sombras escondendo facas. — Mas você ainda vai resistir.

— Se vamos manter Holden por perto, um de nós precisa ter a cabeça limpa, — disse Bishop. — James e Darius já estão enrolados em seu dedo mindinho. Eles farão o que você quiser.

Kit pulou do sofá porque precisava se mover. As pontas dos dedos dele bateram juntas antes de enfiá-las nos bolsos. — Você está me fazendo escolher entre você e Holden? Isso é um ultimato?

Bishop saiu do caminho de Kit, mas não muito longe. Dando-lhe espaço sem recuar. — Não é um ultimato. É um limite.

Bem, porra. Kit não poderia argumentar contra isso.

Ele não *queria* discutir, e essa compreensão atrasou Kit. O fez pensar novamente. Ele queria Bishop – queria mais beijos que quebrassem a alma – mas não assim. Não cautelosos e relutantes.

Não sobrecarregados pela culpa. Porque Kit sentiu mais do que apenas reservas em relação a Holden. Esse limite provavelmente era verdade, mas também constituía uma máscara útil.

Bishop não era o único que sabia mexer em cicatrizes.

Kit parou no parapeito da janela. Traçando os buracos dos pregos. — Você me manteve em cativeiro aqui. Você fechou as janelas com tábuas e me acorrentou à cama todas as noites.

Bishop permaneceu em silêncio.

Kit recostou-se no parapeito da janela e esfregou o pulso. — Não é a pior coisa que você já fez e não é a pior coisa que já aconteceu comigo. Evite-me por qualquer motivo que quiser, mas não por culpa. Não é necessário.

Depois de um longo momento, Bishop suspirou novamente. — Garoto, você tem um péssimo gosto para homens. Minha resposta não vai mudar.

Não foi uma rendição, mas tudo bem. Kit também poderia ser paciente. — Você vai me deixar continuar trabalhando para você, certo?

Bishop relaxou. — Claro. Você resolveu meu último caso. Da maneira mais estúpida possível, mas você resolveu.

— Sou um talento natural. — Kit sorriu abertamente e então se virou na direção da batida na porta. — Provavelmente é James. Vai fazer café para nós?

Bishop agarrou Kit pelo ombro e apontou-o para a cozinha. — Palavra-chave, *provavelmente*. Você faz o café e eu abro a porta.

O toque breve e protetor permaneceu na pele de Kit. Em vez de ir para a cozinha, encostou-se no corrimão da escada. Ele queria aproveitar o calor do olhar de James depois de passar tanto tempo separados. Quase meia hora.

As pessoas que estão faltando alguma coisa serão atraídas pelo que precisam, e Kit precisava de muitas coisas. Proteção. Atenção. Estabilidade. Toque. Amor. Poder. Ele não estava em guerra, mas reuniu um exército.

Kit nasceu como presa. Mas ele nunca se sentiu mais seguro do que agora, cercado por seus predadores.

---

**As más ideias sensuais de Kit e sua turma continuam no livro 2, Viper's Cage. Você pode ler capítulos semanais no Patreon ou Kindle Vella via vashacrow.com/viperscage .**

**Ou junte-se ao boletim informativo de Vasha em vashacrow.com/news para ter certeza de não perder o lançamento completo do livro 2. Você também receberá uma cópia gratuita de Kidnapped Ever After, um conto de sequestro da MMM. Porque ei, quem não ama o sequestro MMM?**

# VASHA CROW

Havia várias coisas que eu não sabia quando comecei a escrever Killers Mine, em agosto de 2022. Primeiro, quanto tempo a história iria durar. Acontece que levar cinco homens para a cama demora um pouco, especialmente quando alguns são mais teimosos do que outros.

Mais importante ainda, eu não tinha ideia de que Kit e seus meninos atrairiam leitores tão entusiasmados e leais ao longo do caminho. O suporte para cada episódio semanal significou muito para mim e é a razão pela qual este livro existe hoje.

Obrigado também àqueles que (gentilmente) exigiram que eu publicasse Killers Mine como um livro não seriado. Eu também agradeço vocês ;)

Alquimista
Dos Livros



# Killers MINE

Vasha Crow

**EQUIPE DE REVISÃO**
Rev. Inicial: Fox
Rev. Final: Vitty
Formatação: Nephrus